

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE**

SONIA MARIA KÖNZGEN MEINCKE

**A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI
ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM**

**FLORIANÓPOLIS
2007**

SONIA MARIA KÖNZGEN MEINCKE

**A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI
ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Enfermagem - Área de Concentração: Filosofia, Saúde e Sociedade.

Linha de Pesquisa: O cuidado e o processo de viver, ser saudável e adoecer

Orientadora: Profa. Dra. Telma Elisa Carraro

**FLORIANÓPOLIS
2007**

© *Copyright* 2007 – Sonia Maria Könzgen Meincke.

Ficha Catalográfica

M224c Meincke, Sonia Maria Könzgen
A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem [tese] / Sonia Maria Könzgen Meincke — Florianópolis (SC): UFSC/PEN, 2007.
275.

Inclui bibliografia.
Possui Quadro e Figura.

1. Paternidade – Adolescente. 2. Família – Cuidado de Enfermagem. I. Autor.

CDD – 306.874 22

Catalogado na fonte por Lidyani Mangrich dos Passos – CRB14/697 – ACB439.

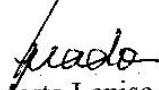
SONIA MARIA KONZGEN MEINCKE

**A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DE PAI
ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE
ENFERMAGEM**

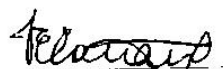
Esta TESE foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do Título de:


DOUTOR EM ENFERMAGEM


e aprovada em 29 de junho de 2007, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Área de Concentração: **Filosofia, Saúde e Sociedade.**

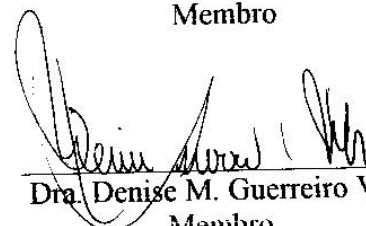

Dra. Marta Lenise do Prado
Coordenadora do Programa

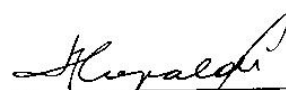
Banca Examinadora:


Dra. Telma Elisa Carraro
Presidente


Dra. Aurea Christina de Paula Corrêa
Membro


Dra. Eda Schwartz
Membro


Dra. Denise M. Guerreiro V. da Silva
Membro


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
Membro

Dra. Vera Radünz
Membro Suplente

Dra. Rita Maria Heck
Membro Suplente

Dedico este trabalho à honra e glória do meu Senhor todo poderoso, o qual permitiu que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a **Deus** por conseguir alcançar, finalizar mais esta trajetória em minha vida. As dificuldades e limitações que enfrentei, Ele tornou-as fortalezas para que eu não esmorecesse e permitiu que emergissem em meu ser forças que acreditava não possuir. Obrigada, **Senhor**, pois em todos os momentos de angústia e nas horas de tribulação, foste meu suporte!

À Professora Doutora **Telma Elisa Carraro**, minha amada orientadora que, na sua sábia humildade, soube me conduzir nos caminhos desta jornada com muita competência, amabilidade, tranqüilidade e espírito cristão, a fim de que chegássemos a esta tese. Serei sempre grata também pelo seu carinho, aconchego e cuidado. Que Deus te ilumine cada vez mais!

Aos meus pais, **Udo** e **Edi**, que com sua humildade souberam me conduzir na trajetória do conhecimento, sendo sempre um castelo forte, um estímulo para a busca do aperfeiçoamento; e por acreditarem nos meus sonhos.

Ao meu marido, **Celso**, por aceitar minha decisão de realizar esta qualificação, apoiá-la e compartilhá-la, apesar dela representar períodos de ausência/presença ao seu lado, de nossos filhos e de nossas famílias. Obrigada pelo teu amor e por partilhar comigo esse momento, que também é nosso!

Aos meus amados filhos, **Débora** e **Gustavo**, obrigada por entenderem as minhas ausências, nesta fase da vida de vocês. Esta conquista também tem uma contribuição muito significativa de cada um, com suas características singulares. **Débora**, minha companheira de todas as horas de sufoco nas jornadas em Florianópolis, sempre pronta e me proporcionando os subsídios necessários. **Gustavo**, apesar de parecer distante, sensibilizou-me com sua atenção, cuidado e conforto, principalmente na fase final desta trajetória. Meu terno e eterno carinho e agradecimento a vocês!

Aos **membros de minha família extensa**, agradeço o apoio, a compreensão, bem como a torcida para a finalização desta tese. Meu eterno carinho a Sirlei, Carlos, Greice, Manoela e Márcio. Vocês são especiais! Ao Sívio Meincke,

minha eterna gratidão por todo apoio recebido e disposição dispensada no final desta caminhada.

Ao **“grupo” de terapia**, em especial a Gleci, Neiva e Ane Elise. Sou grata a Deus, por vocês fazerem parte de minha vida e por terem compartilhado esta caminhada.

Ao **grupo de casais da Igreja São João – Igreja Evangélica Confissão Luterana do Brasil**, de Pelotas, que compartilharam comigo e o Celso esta caminhada, proporcionando apoio, energia e fé frente a esta qualificação, em especial a Corina e Darci, a Ivone e Hugo e a Rosângela e Ronald, os meus mais sinceros agradecimentos.

A **Marilú**, minha enfermeira e companheira de longa data, colega e acima de tudo amiga que posso contar em todas as horas. Agradeço o carinho, o apoio e o compartilhar no decorrer desta caminhada.

A **Rosani**, amiga que soube me proporcionar carinho e tranquilidade, especialmente, nos momentos finais deste vôo, no qual as turbulências foram fortes.

À Professora **Francisca**, companheira de vários anos de disciplina, agradeço o carinho e o apoio dispensado para a efetivação deste estudo.

Aos **demais amigos(as)** que, na sua singularidade, souberam me apoiar durante esta caminhada meus agradecimentos.

Aos **docentes do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem** da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), agradeço o acolhimento e o partilhar da construção do saber.

Aos **integrantes do Grupo de Pesquisa Cuidando e Confortando – C&C (UFSC)** sou grata pelo cuidado e o partilhar, bem como os momentos de conforto, especialmente a Professora Dr^a. Vera Radünz e as doutorandas Terezinha e Viviane. E meu carinho especial à bolsista Ariane.

À **CAPES/PQI**, o meu reconhecimento pelo apoio financeiro no fomento deste estudo.

Aos **colegas do Departamento de Enfermagem** da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia (FEO), da Universidade Federal de Pelotas por proporcionarem meu afastamento para efetivar este estudo, agradeço a

consideração.

Aos servidores técnico-administrativos da PEN-USFC, pela acolhida, atenção e carinho dispensados durante esta trajetória, em especial ao Sr. **Jorge**. E mais especificamente a **Claudia**, por toda a solicitude efetivada durante esta qualificação, bem como todo o apoio logístico no seu final. Obrigada!

Aos **servidores técnico-administrativos** da UFPEL – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e da FEO, agradeço a atenção dispensada em todos os momentos desta caminhada.

As **colegas da turma de Doutorado**, pelo compartilhar durante esta etapa de nossas vidas, em especial a Adriane e Geani por nossas reflexões e transcendências durante esta jornada. Meu carinho também a Nalú, Mila, Eliana (Preta), Raimunda, Rose, Luzia, Albertina, Celina, Lurdinha e Zídia.

A **Lúcia**, minha secretária, por tentar compensar junto à minha família a minha ausência, bem como por seu cuidado para comigo, meu reconhecimento.

Aos **membros da banca**, por aceitarem o convite para avaliarem meu trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

Aos **pais adolescentes e suas famílias**, por compartilharem suas histórias de vida, sem os quais não seria possível a efetivação deste estudo e esta qualificação, **meu sincero muito obrigado**.

P A I

Os pais podem dar alegria e satisfação para um filho,
Mas não há como lhes dar felicidade.

Os pais podem aliviar sofrimentos enchendo-os de presentes,
Mas não há como comprar felicidade.

Os pais podem ser muito bem-sucedidos e felizes,
Mas não há como lhes emprestar felicidade.

Mas os pais podem aos filhos
Dar muito amor, carinho,
Ensinar tolerância, solidariedade e cidadania,
Exigir reciprocidade, disciplina e religiosidade,
Reforçar a ética e a preservação da terra.

Pois é de tudo isso que se compõe a auto-estima.
É sobre auto-estima que repousa a alma,
E é nesta paz que reside a felicidade.

Içami Tiba

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **A construção da paternidade na família do pai adolescente**: contribuição para o cuidado de enfermagem, 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 275 p.

Linha de Pesquisa: O cuidado e o processo de viver, ser saudável e adoecer

Orientadora: Profa. Dra. Telma Elisa Carraro

RESUMO

Este estudo versa sobre o adolescente do sexo masculino, um ser humano em plena fase de mudanças e transformações, ou seja, enfrentando uma metamorfose entre a infância e a idade adulta e, conjuntamente, vivenciando a paternidade nessa etapa do desenvolvimento humano. A paternidade está emergindo como foco de interesse dos pesquisadores, uma vez que os estudos sobre a temática são recentes, no Brasil, surgindo nos anos de 1970. Já a paternidade na adolescência é mais contemporânea, razão pela qual são encontrados escassos estudos, quando comparados com os que abordam a maternidade nessa etapa da vida. Esta tese objetivou *compreender a construção da paternidade nas famílias do pai adolescente*. A fundamentação teórica deste trabalho está ancorada na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, da qual emerge a valorização de compreender o ser humano, a partir de seu contexto baseado nas interações dos processos proximais que desenvolve na família, ao longo das gerações, bem como com outros contextos. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida no Município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul – Brasil, com famílias de pai adolescente nas suas três gerações, ou seja, com o pai adolescente, seus pais/mães e seus avós. Para percorrer os preceitos éticos, o projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido aprovado. O referencial metodológico está embasado nas entrevistas narrativas e proposta de análise de Schütze, sendo utilizadas para a coleta de dados as entrevistas narrativas, genogramas e ecomapas. Da análise do conhecimento emergiram as dimensões: valores e sentimentos expressos pelas famílias com a paternidade, bem como a legitimação e a reflexão da paternidade na adolescência, nas famílias; a partir dessa análise foram ordenados os recortes das histórias narradas e, posteriormente, traçadas comparações entre as histórias das famílias. O evento da paternidade/maternidade para os pais adolescentes deste estudo era uma incógnita em suas vidas, no entanto, o enfrentaram, apesar das dificuldades e obstáculos. Os posicionamentos assumidos pelos mesmos oscilaram em grau, natureza e intensidade e estão embasados na história familiar da co-construção da paternidade. Desse modo, o sentir-se pai variou desde a notícia da gravidez, até o sentir-se pai após o nascimento da filha. Ao comparar as trajetórias das famílias, evidencia-se que elas proporcionaram a vivência da paternidade e a sua constante co-construção. Os resultados desvendam alternativas de como esse processo acontece a partir do saber empírico das famílias que o vivenciam através das gerações. E reforçam a valorização da figura do homem grávido, em especial o homem-adolescente e do homem que é pai, estimulando a inclusão do mesmo como participante em todas as fases do ciclo gravídico-puerperal. Cuidar do pai adolescente na família significa inseri-lo no desenvolvimento dos cuidados prestados ao(a) filho(a) e à

namorada/mãe de seu(sua) filho(a). Dessa maneira, foi confirmado o pressuposto de que a família é uma co-constutora de valores e sentimentos que influenciam na construção da paternidade. O embasamento proposto pela Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano nesta tese comprovou ser uma possibilidade viável que ofereceu sustentação necessária para efetivá-la.

Palavras-chave: paternidade, adolescência, família, cuidados de enfermagem

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **The Construction of Fatherhood in the Family of the Adolescent Father: Contribution to Nursing Care**, 2007. Dissertation (Ph.D in Nursing) – Nursing Post-Graduate Course, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis. 275 p.

Advisor: Prof. Dr. Telma Elisa Carraro

ABSTRACT

This study addresses the issue of the male adolescent, a human being in the middle of a phase of changes and transformation, that is to say, someone who is facing a metamorphosis between childhood and adulthood and at the same time experiencing fatherhood in this stage of human development. Fatherhood has emerged as a focus of interest for researchers, once the studies about this matter in Brazil are recent, having started in 1970. Fatherhood in adolescence, however, is more contemporary, the reason why studies in this subject are scarce when compared to those that approach motherhood in this stage of life. This dissertation aimed at *understanding the construction of fatherhood in the adolescent father's families*. The theoretical framework of this study is grounded on Urie Bronfenbrenner's Bioecologic Human Development Approach, which increases the relevance of the comprehension of the human being from its context based on the interactions of the proximal processes that develop in the family along generations, as well as with other contexts. This is a qualitative research, developed in the municipality of Pelotas, in Rio Grande do Sul state - Brazil, with families of adolescent fathers along three generations, that is, with the adolescent father, his parents and his grandparents. The project was sent to the Ethics Committee of Federal University of Santa Catarina, in order to act upon the ethic precepts, being approved by that committee. The methodological referential is based on narrative interviews and Schütze's analysis proposal. The data collection consisted of narrative interviews, genograms and ecomaps. The dimensions of the subject matter emerged from the analyses of the knowledge: values and feelings about the fatherhood expressed by the families, as well as the legitimation and the reflection of fatherhood in adolescence in the families. The profiles of the narrated histories were ordered from this analysis, and then, comparisons between the families' histories were made. The fatherhood/motherhood event for the adolescent fathers of this study was incognito in their lives. Nevertheless, they faced it in spite of the difficulties and obstacles. The attitudes assumed by the adolescent fathers oscillated in degree, nature and intensity and are based on the family history and on the co-construction of fatherhood. Thus, the feeling of being a father varied from the moment of hearing about the pregnancy until the feeling of being a father after the birth of the child. By comparing the families' courses it became evident that they provided the experience of fatherhood and its constant co-construction. The results unveil alternatives to how this process takes place based on the empiric knowledge of the families who experienced it through generations. Besides, these results reinforce the valuation of the figure of the pregnant man, specially the adolescent-man and the man who is a father, stimulating his inclusion in all the stages of the gravidic-puerperal cycle. Taking care of the adolescent-father in the family means to insert him in the development of the care given to the child and to the girlfriend/mother of his child.

This way, the presupposed idea that the family is a co-constructor of values and feelings that influence the construction of fatherhood was confirmed. The theoretical framework proposed by the Bioecologic Human Development Approach used in this dissertation proved to be a feasible possibility which provided the needed support to make it achievable.

Key words: fatherhood, adolescence, family, nursing care

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **La construcción de la paternidad en la familia del padre adolescente: contribución para el cuidado de enfermería**, 2007. Tesis (Doctorado en Enfermería) – Curso de Posgrado en Enfermería, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 275 p.

Orientadora: Profesora Dra. Telma Elisa Carraro

RESUMEN

Este estudio trata sobre el adolescente de sexo masculino, un ser humano en plena fase de cambios y transformaciones, o sea, enfrentando una metamorfosis entre la infancia y la edad adulta y, conjuntamente, vivenciando la paternidad en esa etapa del desarrollo humano. La paternidad está emergiendo como foco de interés de los investigadores, una vez que los estudios sobre la temática son recientes en el Brasil, surgiendo en los años 1970. Ya la paternidad en la adolescencia es más contemporánea, razón por la cual son encontrados escasos estudios, comparados con los que abordaron la maternidad en esa etapa de la vida. Esta tesis busca *comprender la construcción de la paternidad en las familias del padre adolescente*. La fundamentación teórica de este trabajo está anclada en el Abordaje Bioecológico del Desarrollo Humano de Urie Bronfenbrenner, del cual emerge la valorización y comprensión del ser humano, a partir de su contexto basado en las interacciones de los procesos proximales que envuelve a la familia, a lo largo de las generaciones, bien como con otros contextos. Se trata de una investigación de naturaleza cualitativa, desarrollada en el Municipio de Pelotas, en el estado de Río Grande del Sur – Brasil, con las tres generaciones del padre adolescente, o sea, con el padre adolescente, sus padres/madres y sus abuelos. Para recorrer los preceptos éticos, el proyecto fue encaminado para el Comité de Ética de la Universidade Federal de Santa Catarina - Universidad Federal de Santa Catarina, siendo aprobado. El referencial metodológico está basado en las entrevistas narrativas y propuesta de análisis de Schütze, siendo utilizadas para la recolección de información las entrevistas narrativas, genogramas y ecomapas. Del análisis del conocimiento emergieron las dimensiones: valores y sentimientos expresados por las familias con la paternidad, bien como la legitimación y la reflexión de la paternidad en la adolescencia en las familias; a partir de ese análisis fueron ordenados los recortes de las historias narradas y, posteriormente, trazadas comparaciones entre las historias de las familias. El evento de la paternidad/maternidad para los padres adolescentes de este estudio era una incógnita en sus vidas, no obstante, lo enfrentaban, a pesar de las dificultades y obstáculos. Los posicionamientos asumidos por los mismos oscilaban en grado, naturaleza e intensidad y están basados en la historia familiar de la co-construcción de la paternidad. De ese modo, el sentirse padre varió desde la noticia de la gravidez, hasta el sentirse padre después del nacimiento del(de la) hijo(a). Al comparar las trayectorias de las familias, se evidencia que ellas proporcionaron la vivencia de la paternidad y su constante co-construcción. Los resultados develan alternativas de como ese proceso acontece a partir del saber empírico de las familias que lo vivencian a través de las generaciones. Y refuerzan la valorización de la figura del hombre grávido, en especial el hombre-adolescente y del hombre que es padre, estimulando la inclusión

del mismo como participante en todas las fases del ciclo gravídico-puerperal. Cuidar del padre adolescente en la familia significa insertarlo en el desarrollo de los cuidados prestados al(la) hijo(a) y a la enamorada/madre de su hijo(a). De esa manera, fue confirmado el presupuesto de que la familia es una co-constructora de valores y sentimientos que influyen en la construcción de la paternidad. Las bases propuestas por el Abordaje Bioecológica del Desarrollo Humano en esta tesis comprobaron ser una posibilidad viable que ofreció la sustentación necesaria para ejecutarla.

Palabras-clave: paternidad, adolescencia, familia, cuidados de enfermería

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interação entre os ambientes da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner	73
Figura 2: A construção da paternidade na família do pai adolescente baseada na abordagem bioecológica de Bronfenbrenner	74
Figura 3: Diagramação da análise de entrevista narrativa, baseada em Schütze (1977, 1983) e Jovchelovitch e Bauer (2002).....	90
Figura 4: Genograma da Família Azul	97
Figura 5: Genograma da Família Verde.....	102
Figura 6: Genograma da Família Vermelha	105
Figura 7: Trajetórias coletivas da construção da paternidade nas famílias dos pais adolescentes	234
Figura 8: Ecomapa da Família Azul	237
Figura 9: Ecomapa da Família Verde.....	240
Figura 10: Ecomapa da Família Vermelha.....	243
Figura 11: Trajetórias coletivas das famílias, baseadas na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner	245

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Configuração de relacionamentos.....	87
Quadro 2: Dimensões não-indexadas baseadas em Schütze (1977).....	112

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	15
LISTA DE QUADROS	16
1 INICIANDO A CONTAR UMA HISTÓRIA	18
2 APRESENTANDO ENREDOS	23
2.1 Enredos que relatam a paternidade	23
2.2 Enredos que narram a adolescência.....	34
2.3 Enredos que falam sobre a paternidade na adolescência	40
2.4 Enredos que expõem a respeito da família	44
3 TRANSITANDO POR UM ENREDO SISTÊMICO: ABORDAGEM BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE URIE BRONFENBRENNER	52
4 OPERACIONALIZANDO O ESTUDO: PERCURSOS TRAÇADOS PARA CONSTRUIR UMA HISTÓRIA	76
4.1 Contexto das narrativas.....	76
4.2 Seleção dos narradores.....	77
4.3 Ética permeando as histórias	77
4.4 Informantes das histórias.....	78
4.5 Na busca das histórias	79
4.6 Escuta das histórias.....	80
4.6.1 Entrevista Narrativa	81
4.6.2 Genograma e ecomapa.....	84
4.7 Análise das narrativas e a construção da história.....	88
5 APRESENTANDO AS HISTÓRIAS DOS PAIS ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS.....	96
5.1 Ordenando os acontecimentos das histórias: as proposições indexadas	96
5.1.1 Família Azul.....	96
5.1.2 Família Verde	101
5.1.3 Família Vermelha	105
5.2 Analisando o conhecimento produzido a partir das histórias: as proposições não-indexadas	111
5.2.1 Apresentando as Dimensões Descritivas das Histórias.....	112
5.2.2 Apresentando as Dimensões Argumentativas das histórias.....	187
5.3 Agrupando e comparando.....	221
5.4 Comparando as histórias no contexto	229
5.4.1 Comparando as histórias embasadas na abordagem bioecológica	231
5.4.2 Comparando as histórias: uma relação com os ecomapas	235
6 FINALIZANDO A HISTÓRIA E APONTANDO POSSIBILIDADES PARA O CUIDADO	247
REFERÊNCIAS.....	251
APÊNDICES.....	266
ANEXOS	273

1 INICIANDO A CONTAR UMA HISTÓRIA

Tudo posso naquele que me fortalece.

Filipense 4.13

A paternidade é um tema que vem emergindo e inquietando estudiosos a realizarem investigações sobre esse fenômeno, uma vez que a grande maioria dos pesquisadores direciona o olhar à maternidade. Esse fato pode ser evidenciado na produção acadêmica sobre a paternidade, a qual é escassa, quase “invisível”, quando comparada à quantidade de trabalhos referentes à maternidade. Orlandi e Toneli (2005, p. 258) complementam que os pais também são “invisíveis para diversos programas públicos de saúde”.

A escassez de trabalhos abordando a paternidade pode ser devido à cultura e organização da sociedade brasileira contemporânea. Esta enfatiza e valoriza a ideologia da participação materna no cuidado dos filhos (espaço privado) e o pai (espaço público), geralmente está mais distante do contexto familiar, executando o papel de provedor financeiro da família. No entanto, na atualidade, o papel de provedor do lar como exclusivo da figura masculina está sendo modificado, pois existem muitos contextos familiares nos quais a figura feminina constitui-se como única provedora.

Orlandi e Toneli (2005, p. 258), ao comentarem o papel de cuidadora da figura feminina, fortalecem a afirmativa: “na definição de mãe é estabelecido um estreitamento entre a maternidade e a noção de cuidados de ‘maternagem’”¹. Essa concepção da maternidade da mulher, segundo as autoras, constitui “a não-paternidade do homem”. No entanto, muito sutilmente está ocorrendo uma inquietação dos estudiosos, a qual é recente, pois a paternidade, segundo Orlandi e Toneli (2005), começou a emergir nos estudos, a partir dos anos de 1970, no Brasil.

¹ Maternagem são os cuidados prestados pela mãe aos filhos, os quais vão além da higiene corporal, alimentação. Englobam tudo o que uma mãe pode realizar, contribuindo para que o filho possa tornar-se sujeito (SALES, 2006).

Schneider et al (1997) enfocam que, nas sociedades ocidentais as concepções encontram-se fortemente arraigadas na idéia de que o amor e o cuidado pelos filhos são basicamente responsabilidades femininas, enquanto o homem deve ficar mais distante.

O cuidado que emerge na família² traz consigo um contexto no qual a criança interage/aprende/desenvolve valores e sentimentos desde pequena, desse modo aprendendo conceitos. A maturidade independe da idade, mas depende do meio familiar e sociocultural no qual a criança/adolescente vive.

Apesar das mudanças ocorridas nas famílias brasileiras em sua estrutura e organização, ela continua sendo “o principal agente socializador da criança e responsável pelo atendimento de todas as suas necessidades básicas, bem como pela formação dos referenciais de vida que lhe possibilitarão enfrentar o mundo” (MARCON, 1998, p. 2).

A formação da identidade que o adolescente possui tem como base um referencial de mundo aprendido na família, que foi/é construído/propagado entre as gerações. Ao vivenciar o início da adolescência, esse referencial geralmente começa a ser questionado, bem como seus valores. O adolescente defronta-se, então, com outras referências, experimentando novas situações na convivência com amigos, dando forma à sua identidade.

Ao falar do reconhecimento da importância da presença paterna para o estabelecimento da identidade, Prado (1989, p. 1) destaca que ela é fundamental para a identidade sexual dos(as) meninos(as), no entanto se desenvolve por “caminhos diferentes: nos meninos, por um processo de identificação com as posturas e condutas do pai, nas meninas por este constituir-se em seu primeiro objeto de amor heterossexual”.

As diferentes compreensões sociais sobre o homem e a mulher são elaboradas de diversas formas, de acordo com a sociedade e o período histórico. Esse processo social de construção da identidade de gênero de homem e mulher, internalizando funções diferentes, é incorporado de tal forma, que passa a ser considerado “natural”, havendo uma tendência a tornar comum a intimidade feminina e o afastamento masculino do processo de cuidar. Enquanto as relações sociais

² Família, neste estudo, engloba o conceito de Wright e Leahey (2002) como um grupo de pessoas no qual seus membros dizem fazer parte dela, podendo essas pessoas ser ou não ligadas por consangüinidade e aliança.

femininas são pautadas na intimidade, as relações masculinas a excluem.

No entanto, vejo que, atualmente, a grande maioria dos pais está se tornando mais interativa e participava das atividades e do processo de cuidar de seus filhos(as) no contexto familiar, exercitando e co-construindo a paternidade.

Dessa maneira, a paternidade é construída e exercida conforme o contexto social e familiar, bem como a visão de mundo que os(as) meninos(as) vivenciaram/vivenciam. O pai é uma figura importante, o qual vem desenvolvendo “novas formas de paternar” e envolvendo-se mais com o cuidado dos(as) filhos(as). Para tanto, é necessário desenvolver novos olhares para a paternidade, e em especial para a paternidade na adolescência, através das gerações nas famílias.

Quando a paternidade ocorre na adolescência, para que essa vivência transcorra da forma mais natural possível, é indispensável o suporte/apoio familiar, conforme as necessidades do pai adolescente, bem como de sua namorada/companheira.

Ao procurar estudos evidenciando a paternidade na adolescência, enfatizo que encontrei dificuldades, devido à escassez de trabalhos enfocando a temática, tendo em vista que ela é mais contemporânea do que estudos que enfoquem simplesmente a paternidade. Razão pela qual, quando comparada com a maternidade na adolescência encontramos pouca literatura abordando o tema.

Ao falar da paternidade na adolescência, Levandowski (2001, p. 206) coloca: “parece que a paternidade adolescente não existe como objeto de pesquisa no meio acadêmico brasileiro”. O estudo sobre a paternidade adolescente tem sido relegado a uma posição de menor destaque em relação ao da maternidade. O que pode ser comprovado nos trabalhos dessa autora.

A ênfase dada ao papel da mãe é mais significativa do que ao do pai, o que pode ser evidenciado no estado da arte da temática e mais especificamente quando a paternidade ocorre na adolescência.

Medrado e Lyra (1999) fortalecem essa afirmativa pois, ao realizarem análise de pesquisas sobre sexualidade e reprodução na adolescência, salientam que as abordagens têm privilegiado populações e vivências femininas, sendo o tema mais recorrente a gravidez na adolescência, na perspectiva da adolescente e de seu filho, deixando ausente a abordagem masculina.

Estudo realizado por Pinto e Azevedo (1986, p. 78) sobre a gravidez na adolescência, ao pontuar a paternidade na adolescência, salientam que os pais dos

bebês ou companheiros quase sempre permanecem à margem do processo. Ainda afirma que “o pai é um personagem invisível”, pois é o grande ausente do processo, ou porque efetivamente não participa das conseqüências do seu ato³ ou porque os pesquisadores não têm demonstrado interesse por ele. Corroborando Parseval (1986, p. 9) que a paternidade “parece ser, realmente, terra incógnita dentro do campo coberto pelas ciências humanas”.

Não existe na língua portuguesa, uma palavra que designe o homem em estado de espera do nascimento de uma criança, não existe homem grávido (TRINDADE, 1997). Mas é possível ao homem o gestar conjuntamente. Em alemão e em inglês existe essa designação. Em inglês existe o termo *expectant father*. Na língua alemã, há termos distintos para o “ser pai”, *vaterschaft*, e o “estado de pai”, *vaterstand* (PARSEVAL, 1986, p. 11-12) (grifos do autor).

Vista sob esse aspecto, a própria linguagem da área da saúde também faz restrições, no que se refere à figura paterna. Se, para as mulheres, existem termos indicando a primeira gravidez, o primeiro nascimento, o décimo nascimento, para o pai não existe sequer um termo ou expressão que se refira ao pai à espera do nascimento do filho e, muito menos, um termo indicando a ordem desse nascimento, em sua experiência de ser pai (PARSEVAL, 1986, p. 12).

Esses fatos influenciam o cuidado ou des(cuidado) para com os seres humanos que vivenciam essa situação de limiaridade entre o não ser e o ser pai. Assim, é premente que o olhar do profissional de saúde em geral, e da enfermagem, especificamente, se volte para esses adolescentes, incluindo-os no processo do cuidar.

O pai adolescente necessita ser visto na sua plenitude e em constante processo de desenvolvimento e amadurecimento. É importante salientar que nem todos os adolescentes vivenciarão igualmente esse período, numa mesma sociedade. O modo como ocorrerão as experiências irá variar de acordo com o contexto familiar, e a inserção social do adolescente.

As inquietações com a temática da paternidade na adolescência vêm acompanhando minha trajetória de estudo na área e têm sido intensificadas na prática docente e assistencial. Em conjunto com os acadêmicos da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas, na disciplina

³ Significando não assumir o papel de pai e/ou não paternar.

Enfermagem na Saúde da Mulher, em uma unidade sanitária de um bairro periférico do Município de Pelotas-RS, presto cuidados a uma população de, aproximadamente, 100 gestantes no Programa de Pré-Natal, no turno da manhã. Essas gestantes não estão restritas apenas à área de abrangência dessa unidade.

Na pesquisa desenvolvida junto a adolescentes grávidas e suas famílias, em minha dissertação de mestrado, abordei o cuidado realizado a esses seres humanos, embasada numa abordagem cultural. Naquele estudo, o conceito de família contemplava o companheiro da adolescente, o pai de seu filho, como parte integrante dessa unidade. No entanto, não foi possível abranger esse contato, uma vez que ele se encontrava ausente do contexto, porque não havia assumido a paternidade ou residia em outra cidade. Essa ausência-presente foi detectada como um problema, fator que, para aquelas adolescentes, era mais significativo do que a gestação precoce (MEINCKE, 1999).

Essa ausência-presente foi um dos fatores que me motivaram a dar continuidade à temática, sob outro olhar e na perspectiva da propagação da paternidade na família do adolescente.

Nessa vertente, estudar a paternidade na adolescência significa conhecer o pai adolescente, e suas experiências com a paternidade, a fim de dar suporte às decisões e às ações dos profissionais da área da saúde com relação ao cuidado com aqueles que vivenciam o mencionado fenômeno.

Assim sendo, este estudo está ancorado na abordagem ecológica do desenvolvimento humano, na qual o “ser humano-família” é um ser que age e interage modificando a si e o contexto. Para tanto, elaborei o seguinte pressuposto:

A família é uma co-construtora de valores e sentimentos que influenciam na construção da paternidade.

A partir desse pressuposto, formulei a seguinte questão norteadora:

Como é construída a paternidade nas famílias do pai adolescente?

E estabeleci como objetivo para esta tese:

Compreender a construção da paternidade nas famílias do pai adolescente.

2 APRESENTANDO ENREDOS

A paternidade, quer do pai ou da mãe,
é a mais difícil tarefa
que os seres humanos têm para executar.
Pois pessoas, diferentemente dos outros animais,
não nascem sabendo como serem pais.
Muitos de nós lutam do princípio ao fim.
Karl Menninger

O presente estudo possui como foco central a paternidade, da qual emerge a paternidade na adolescência, tendo como pano de fundo a família. Para tanto, busco aprofundar no estado da arte os discursos sobre a paternidade, a adolescência, a paternidade na adolescência e a família.

2.1 Enredos que relatam a paternidade

Ao iniciar a abordagem do tema "paternidade", procuro seu significado em Ferreira (2004, p. 1476, 1506), que o define como “qualidade ou condição de pai; relação de parentesco que vincula o pai ao seu(s) filho(s)”. No que se refere ao pai, o autor o descreve como “homem que deu ser a outro; homem que tem um ou mais filhos; genitor; progenitor”.

Sigo a caminhada, aproveitando para buscar e desvendar um pouco da história da paternidade, e encontro Jacques Dupuis, historiador, antropólogo e etnólogo que estudou a história da paternidade. Ressalta Dupuis (1989) que as sociedades humanas não “podiam ver relação entre o ato sexual e a procriação” (p.83). Sendo que “a descoberta da paternidade foi uma tomada de consciência muito lenta” (p. 95), não tendo provocado brusca revolução social. Foi no período neolítico, por volta de cinco mil a.C. quando “os egípcios e os indo-europeus tomaram consciência do papel do pai na criação” (p. 2).

Dessa forma, Dupuis (1989, p. 9) coloca que foi no período neolítico, quando

o homem começou a manter os animais em cativeiro, que começou a observar e refletir sobre a procriação dos animais e descobrir a paternidade. Ressalta o autor que o homem, ao matar os machos, evidenciou que as fêmeas se tornavam estéreis, realizando reflexões a partir dessas experiências, as quais foram progressivamente constituindo a idéia de paternidade.

Essa observação proporcionou evidenciar que havia vínculos entre a relação sexual e a reprodução, e que o macho participava de alguma forma, desse processo, permitindo inferir que as relações sexuais dos humanos também levavam a procriação. A partir de então, conforme Dupuis (1989), o homem começa a relacionar a sua participação na reprodução e conseqüentemente a paternidade.

Ao referir-se à igualdade dos sexos na procriação, Parseval (1986, p. 167) salienta que “não existe nenhuma desigualdade entre homens e mulheres na procriação”, uma vez que “a diferença e as supostas vantagens de um sexo em relação a outro, em quaisquer sentidos que se manifeste, são construídas, frutos de fatores ideológicos e culturais”.

Desse modo, a paternidade é construída e exercida conforme a cultura, contexto familiar e visão de mundo nos quais o homem esteja inserido. Vasconcelos (1998, p. 41) enfatiza que “ninguém nasce *mãe* ou *pai*, só nos constituímos como tal pela possibilidade da reciprocidade de alguém que se constitua como *filho*” (grifos do autor). A paternidade é “um processo contínuo de estruturas, desequilíbrios e reestruturas” que ocorre por meio de um “processo dialético de fusão e diferenciação” entre pai e filho, no qual ambos buscam continuamente a (re)construção de suas próprias identidades (VASCONCELOS, 1998, p. 44).

Ao reportar-se à identidade, Scott (2005, p. 29) destaca que “é um processo complexo e contingente suscetível a transformações”. Destaca, ainda, Vasconcelos, ao referir-se à identidade de qualquer pessoa (1998, p. 41, 43) que este “é um processo de eterna construção”, tendo em vista que:

A dialética está na provisoriedade, na transformação contínua e, portanto, na permanente possibilidade de se ser diferente. [...] Um ser humano só se torna *pai* (e constrói a identidade de pai) ao reconhecer em outrem a condição de *filho* (construindo por ele ou com ele tal identidade) (grifos do autor).

Complementa, ainda, Parseval (1986, p. 43) que a paternidade, como a

maternidade, “não repousa em um dado ‘natural’. A fisiologia, o sexo, a idade, etc., são apenas parâmetros reelaborados e reinterpretados nesse cadinho que é o sistema simbólico de representações ativo no seio desta ou daquela sociedade”.

A família é a célula *mater* da sociedade. Romanelli (2003, p. 79) considera que ela possui papel importante na “transmissão de princípios ordenadores de conduta que, em grande parte, estão incrustados em aspectos subjetivos, inclusive no que diz respeito à constituição de gênero”.

Dessa maneira, destaca Gomes (1998, p. 175) que “o exercício da paternidade está intimamente relacionado a questões de gênero como fios que se entrelaçam formando uma trama”. O desempenho dos papéis sexuais é culturalmente construído. Ressalta, ainda, o autor que:

na relação de gênero – paternidade, há mão e contramão. Se, de um lado, a definição dos papéis de gênero influencia o exercício da paternidade, de outro, o modelo que se tem de paternidade pode servir de referência para a construção de identidade de gênero, mais comumente a masculina. Dentro desta dialética, o ser homem serve de referência para o ser pai, e vice-versa (p. 180).

Assim sendo, Chodorow (1979, p.71) coloca que “a identidade de gênero masculino de um menino precisa surgir para substituir sua identificação primária com a mãe. Essa identificação masculina geralmente é baseada na identificação com o pai ou outros homens adultos”. No entanto, ainda adverte a autora que “o pai é relativamente mais distante do que a mãe” e que “raramente desempenha um papel maior na criação” (p. 72). Ressalta Chodorow (1979) que, como o pai desempenha suas atividades de trabalho e vida social longe de casa, diferente da mãe, ele é relativamente inacessível para o filho, pois desenvolve suas atividades masculinas longe do contexto em que o filho vive grande parte de sua vida.

A identificação do gênero masculino do menino, segundo enfatiza Chodorow (1979, p. 72), é uma identificação “posicional” com o papel masculino de seu pai ou não claramente definida, ao invés de uma identificação “pessoal”, a qual surge de um relacionamento real com seu pai. Segundo a autora (p. 73), são quatro os componentes para a obtenção de gênero masculino:

primeiro, a masculinidade se torna e permanece uma questão problemática para um menino. Segundo, envolve a negação do vínculo ou do relacionamento, principalmente daquele que os meninos

consideram como dependência ou necessidade de outro, o que leva a discriminar o outro. Terceiro, envolve a repressão e a desvalorização da feminilidade tanto no nível psicológico quanto cultural. Finalmente a identificação com seu pai, normalmente, não desenvolve num contexto de relacionamento afetivo satisfatório, mas consiste na tentativa de interiorizar e aprender componentes de um papel não compreensível de imediato.

Chodorow ainda adverte (1979, p. 17) que a formação de identidade de gênero é diferente para meninos e meninas, pois esta ocorre num contexto progressivo de relacionamento. “As mães tendem a vivenciar suas filhas como mais parecidas com elas, e delas inseparáveis”, fazendo com que as meninas “ao se identificarem como femininas”, constituam a experiência de apego com o processo de formação da identidade de gênero feminino. “A identidade de gênero masculino de um menino precisa surgir para substituir sua identificação primária com a mãe. Essa identificação masculina geralmente é baseada na identificação com o pai ou outros homens adultos” (p.71).

Complementa Gilligan (1982, p. 18), “as mães vivenciam seus filhos como o contrário masculino” e, no momento em que os meninos se definem como masculinos, “separam suas mães de si mesmos, assim diminuindo ‘o seu amor primário e o sendo de vínculo empático’”. Esse fato dá início ao processo de identidade de gênero masculino, estando intimamente ligado à separação e à individualização, sendo a separação da mãe essencial para o desenvolvimento da masculinidade.

Desse modo, a construção de identidade de gênero nas crianças é vivenciada diferentemente por ambos os sexos, sendo que as relações sociais femininas são pautadas na intimidade e as relações masculinas excluem a mesma.

No entanto, ainda hoje, existe uma dificuldade muito grande na vivência da paternidade, em razão de nossa cultura dar ênfase à participação da mulher na educação dos filhos. Santos (2004, p. 5), ao fazer um estudo sobre a construção da identidade paterna, escolheu algumas revistas que enfocam a temática da infância para fazer sua análise. Nesse estudo, percebe que a ênfase dos textos das revistas é dada às representações de maternidade, havendo destaque para reportagens com mães, enquanto que há apenas uma reportagem com um pai e uma menção a outro.

Nessa reportagem, é destacada a fala de um pai que faz o seguinte comentário: “a participação do pai é muito importante para a segurança da criança, mas, na minha opinião, a mãe é muito mais importante na vida do filho, mãe não só a mulher”.

Ao falar sobre o papel da mulher, Trindade (1997, p. 19) salienta que a nossa concepção sócio-cultural baseia-se na procriação e nos cuidados com os filhos, os quais advêm e estão fundamentados nos princípios biológicos da gravidez e amamentação. Contudo, ainda após o período da amamentação, a mulher continua sendo a principal cuidadora.

Acrescenta Romanelli (2003, p. 80-81) que, embora “os cuidados e a socialização resultem de elaborações culturais” baseadas nos aspectos biológicos da maternidade, esses encargos são atribuição materna ou de mulheres. A ocupação dos pais com a prole pode ocorrer, só que essa “participação é secundária, a não ser em situações específicas”.

Destaca ainda Trindade (1997, p. 19) que, no momento em que a mãe “se ausenta por motivos de trabalho fora de casa, há uma figura substituta, geralmente também do sexo feminino”. Essa figura feminina continuará a socialização de meninos e meninas. Corroborando Durham (1983, p. 16) “que o cuidado com as crianças e sua socialização são sempre da competência feminina, e os homens apenas intervêm de forma auxiliar ou complementar”.

Carraro (1999, p. 30) enfatiza que “a mulher, desde a origem da civilização atua, de uma ou de outra forma, junto ao seio familiar, com enfoques mais ou menos importantes, porém sempre articulando sua família e proporcionando a educação e o bem-estar de seus filhos”, influenciando dessa forma na construção da paternidade dos mesmos.

O que se percebe, então, é a expectativa social e a exigência da presença constante da mãe, que necessita estar junto dos filhos, e por outro lado o pai, absorvido no seu trabalho e indiferente. Essas idéias evidenciam e reforçam a ausência paterna de maneira a enfatizar a presença materna nos cuidados para com os filhos.

Ao falar da presença/ausência materna e paterna, Silveira (1998, p. 115) destaca:

a mãe ensina o amor da presença. O pai, o amor da ausência. São sentimentos complementares, nunca excludentes. O amor da ausência é tão fundamental quanto o da presença. [...] Pelo amor de mãe você é aprendiz. Pelo amor de pai, você é mestre. O primeiro lhe

traz vantagens. O segundo, exigências.

Dessa maneira, na família/sociedade, a figura da mãe é culturalmente definida como a responsável pelos cuidados e pela perpetuação da espécie, pois é a mulher que está gerando, criando, cuidando, socializando os filhos e propagando o aporte cultural. Ao homem cabe o papel, também culturalmente definido, de mantenedor da família, saindo para trabalhar e trazendo os recursos para a sobrevivência dela.

Por outro lado, na atualidade, a mulher extrapola a esfera do privado, indo ao público, em busca de sustento ou de satisfação pessoal, procurando suprir as necessidades de sua família, mesmo que isso lhe impute sobrecarga (CARRARO, 1999).

Ao se reportarem ao exercício da sexualidade e à decisão reprodutiva compartilhados por homens e mulheres, destacam Brandão e Heilborn (2006, p.1424) que “a gestão da contracepção continua a ser encargo feminino, ainda bastante submetido à capacidade de autodeterminação e de negociação com o parceiro”. Por conseguinte, recai sobre a mulher, milenarmente, a responsabilidade de se cuidar na atividade sexual para engravidar ou não, pois o fenômeno da gravidez ocorrerá nela. No entanto, desde a IV Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), realizada no Cairo em 1994, já se enfatizava a importância do homem ser inserido e participar do planejamento familiar, como também sendo responsável pela sua prole.

Ao reportar-se ao evento da paternidade, Tiba (2005, p. 80) destaca que “o homem não tem como saber se é pai ou não, pois ele não apresenta nenhum preparo hormonal nem mudanças corporais para ser pai. O homem continua biologicamente como reprodutor e disseminador do seu sêmen”. Complementa ainda o autor que “o homem espalha seus genes pelo universo, mas quem garante a sua perpetuação é a mulher”. Sendo que “o reconhecimento da paternidade faz parte da evolução da humanidade”.

Apesar de a relação sexual entre indivíduos heterossexuais envolver um homem e uma mulher, a possibilidade de uma gravidez, planejada ou não, na maioria das vezes, é deixada sob a responsabilidade feminina. Esse fenômeno é

corroborado não só pelo senso comum, como também pela literatura especializada, que tem se dedicado mais à maternidade do que a paternidade.

Em pesquisa realizada no Index Medicus®, relativa ao período de 1930 a 1990, Reis e Zioni (1993) identificaram que, a partir de 1980, é que começam a aparecer estudos relativos à paternidade.

Em função de a mulher estar saindo do universo privado para atuar no público, percebe-se que os homens estão se envolvendo mais com os filhos, geralmente estreitando mais os vínculos e aumentando a socialização, e exercendo de diferentes formas a paternidade. Muzio (1998, p.172-173), ao refletir sobre formas de exercer a paternidade, encontrou várias em sua revisão de literatura, fazendo destaque às seguintes: pai tradicional, pai com manifestações de mudança e o pai não tradicional.

Pai tradicional assume o papel tradicional de masculinidade e fica expropriado de uma paternidade terna, próxima e implicada. As responsabilidades que assume: [...] dar permissões; prover alimentos; por 'pulso firme'; impor castigos, disciplinar e ocasionalmente brincar e compartilhar de passeios familiares. **Pai com manifestações de mudança** recupera alguns elementos expropriados, como a ternura e algumas responsabilidades que fundamentalmente assume; incluem as do pai tradicional, acrescento-se: banhar a criança, ocasionalmente alimentá-la, fazer tarefas escolares, buscá-la na escola, atendê-la quando está enferma. **Pai não tradicional** recupera uma paternidade próxima e empática, que descobre o desfrute dos filhos, que compartilha igualmente de funções com a mãe. A função paterna inclui uma gama de responsabilidades que se compartilham de forma complementar e/ou suplementar. [...] A paternidade não se constitui, nesse caso, de um padrão único de comportamento.

Destaca, ainda, a autora que a forma de pai não tradicional sofre influência de algumas variáveis – “idade, zona de residência (urbana ou rural), personalidade e grau de relação amorosa com a parceira (casados) definem essas diferenças” (MUZIO, 1998, p. 173).

Fein (1978), ao falar do papel do pai, resgata os papéis que os homens têm adotado, os quais vão desde o tradicional, o moderno, até o emergente. O pai **tradicional** se refere aos pais que centram suas atividades no trabalho e não se envolvem no cuidado dos filhos. Já os pais que desempenham um papel **moderno** estão mais envolvidos com os filhos, no que tange ao desenvolvimento dos mesmos.

Por outro lado, o papel de **pai emergente** se reporta ao pai que participa e divide as atividades de cuidados dos filhos com a sua companheira.

A partir dessa maneira de exercer a paternidade, seja na forma de **pai não tradicional** e/ou no papel de **pai emergente**, percebe-se o homem/pai compartilhando o processo de nascimento do(a) filho(a). A participação do pai no nascimento da criança traz importantes contribuições e questões ao exercício dos direitos reprodutivos de homens e mulheres no nosso país, bem como ao exercício e à concretude da paternidade. A escolha do apoio do pai da criança ou de uma pessoa significativa para a mulher, durante o trabalho de parto e o parto, faz parte das propostas de humanização do cuidado (BRASIL, 2001). A presença de acompanhante possibilita segurança emocional, trazendo-lhe benefícios à sua saúde e à do bebê.

Ao comentar sobre a entrada dos pais na sala de parto, Carvalho (2003, p. 390) destaca que essa oportunidade surgiu “com o objetivo da recuperação da afetividade, da valorização da mulher e do resgate da referência familiar, perdidos na passagem do parto domiciliar para a assistência hospitalar”. Dessa maneira, o homem/pai participa mais ativamente e interage com a mulher no processo de nascimento.

Ao falar da reação do homem no processo de nascimento, This (1987, p. 96) destacava que “o nascimento se anuncia e é vivido num clima emocional que varia segundo o tempo e os indivíduos; cada homem reage à sua maneira”. Ramires (1997) salienta que os homens só estão excluídos do ato de gestar e amamentar. No entanto, à medida que inserimos e proporcionamos ao pai ser partícipe em todos os momentos do processo de gravidez, parto e puerpério, ele passa a ser um sujeito co-participante, uma vez que conjuntamente compartilha esses eventos em termos de afeto, emoção, carinho, entre outros. Dessa maneira, auxilia, apóia a mãe e seu/sua filho(a) e, geralmente, acaba fortalecendo os laços entre eles.

A importância do parceiro durante a gestação e nascimento dos(as) filhos(as), é abordada por Freitas, Coelho, Silva (2007, p. 138), os quais enfatizam que a relação influencia profundamente “o bem-estar da mulher na gestação e após o nascimento dos(as) filhos(as)”. Essa influência se daria seja “pela sua presença, aceitação e prazer de estar junto, seja pela sua ausência, resistência e negação da responsabilidade como pai”. Assim sendo, completam os autores que, quando a participação do homem é efetiva, na gravidez e após o parto, são evidenciados

sentimentos significativos para todos os envolvidos no processo.

Ao reportarem-se aos sentimentos paternos, destacam Gomes e Resende (2004, p. 124) que “é no âmago de cada homem, e na teia de relações que eles estabelecem com o complexo-pai (o pai real ou imaginário) que é possível a construção e reconstrução da subjetividade de pai”. O pai, conforme Corneau (1991, p. 27), “é o primeiro outro, que a criança encontra fora do ventre de sua mãe bastante indistinto para o recém-nascido, o pai encarna inicialmente a não mãe e dá forma a tudo que não seja ela”. Segundo o autor, “o pai ajuda a construir uma estrutura interna”. E essa presença irá facilitar à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade e a construção de identidade.

De acordo com Vasconcelos (1998, p. 42), a identidade de cada pessoa passa por construções de origem social, tendo em vista que “o ser humano se produz e se (re)conhece nas relações física e psicológica com outros seres humanos”.

Há um movimento de constantes alterações de valores, práticas e papéis que os seres humanos desempenham, em um número considerável de sociedades. Uma das características mais evidentes da Modernidade, ressalta Biasoli-Alves (2000, p. 233), “está na oposição entre presente e passado, com uma procura acentuada do novo e conseqüente rejeição do antigo”.

Desse modo, a paternidade, necessita ser vista a partir de uma perspectiva cultural e histórica. E cada ser humano tem sua maneira própria de desempenhá-la. Apóio-me em Simone de Beauvoir (1980, p.9), quando afirma que “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Então, parafraseando Beauvoir, afirmo: Não se nasce homem! Torna-se homem.

Por conseguinte, “ninguém nasce mãe ou pai, só nos constituímos” frente aos valores e sentimentos transmitidos no aporte cultural, bem como nas experiências vivenciadas ao longo da vida e “na possibilidade e reciprocidade de alguém que se constitua como filho”. Conseqüentemente, a paternidade é um processo de constante (re)construção (VASCONCELOS, 1998, p. 41).

Acredito que a paternidade seja dependente da visão de mundo dos seres humanos. Assim sendo, é exercida conforme a cultura na qual o homem está inserido, bem como o meio familiar. A paternidade está permeada de significações e vivências, a qual é uma busca por sua construção contínua, plural e aberta.

Essa busca pela paternidade é marcada por transformações e mudanças na

vida do “ser humano-homem”. Tendo em vista que ele não foi criado para exercê-la, como o foi o “ser humano-mulher” para a maternidade (SILVEIRA, 1998). Então, percebe-se que ele, o homem-pai, está abandonando o equilíbrio anterior de sua vida, dedicada, na maioria das vezes, apenas ao trabalho e lazer, e buscando novas formas do exercício do papel de pai.

Assim sendo, vejo que os homens estão sendo levados, gradualmente, a iniciarem e aprofundarem as reflexões relativas à sua participação no processo gravídico-puerperal da sua companheira/esposa, no cuidado e educação dos filhos e no compartilhamento das atividades domésticas. Por conseguinte, o ciclo histórico mostra que esses movimentos estão em processo de (re)construção, e com certeza atestam que terão implicações sociais mais amplas.

Salientam Hennigen e Guareschi (2002, p. 52) que “as mudanças socioeconômicas e culturais que foram se consolidando na segunda metade do século XX provocaram alterações nas condições femininas e masculinas”, as quais desencadearam “a necessidade de se buscar diferentes compreensões sobre as relações pessoais e nas novas configurações familiares”. E, nesse contexto, o feminismo abriu espaço para discussão e investigação, como um movimento de reivindicação de igualdade de direitos sociais.

O feminismo, ao questionar as posições femininas e masculinas e as relações de gênero, contribuiu para desestabilizar a representação ‘tradicional’ da masculinidade e da paternidade, possibilitando a circulação de novas significações e incentivando a busca de novas compreensões sobre a constituição subjetiva (HENNIGEN E GUARESCHI, 2002, p.48).

Desse modo, ao direcionar o olhar para a paternidade, é salutar que seja dentro do contexto da família, da comunidade, da cultura e da história, em virtude das diferentes visões de mundo que os homens vêm vivenciando. Também elas estão sofrendo modificações/alterações, o que influencia na paternidade com o desenrolar do tempo.

Fonseca et al (1998, p. 189) colocam que “a participação mais afetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado para com a criança, vem sendo comumente denominada de ‘nova paternidade’”. Os estudos de Abreu e Souza (1999), Castelain-Meunier (1993), Montgomery (1998) e Fonseca et al (1998)

evidenciam que está em efervescência uma nova paternidade.

Castelain-Meunier (1993, p. 12-37) ressalta que a paternidade é um dos aspectos da evolução cultural. Se a paternidade “muda, é pelo esforço de adaptação dos homens à sociedade contemporânea”, mas também pela reação na esfera doméstica e por ajustes no modo de vida masculino em relação e em interação com a mulher. A paternidade moderna se fortificou na esfera doméstica:

A paternidade e a maternidade contemporâneas inscrevem-se no contexto social, cultural e ideológico. É a própria concepção de educação dada às crianças, baseada na igualdade entre os sexos, que se torna um dos pontos de referência dos papéis parentais. De fato, a paternidade contemporânea não pode ser concebida independente da lição de parentalidade que queremos dar às crianças. Ela constitui o motor da relação homem-mulher (CASTELAIN-MEUNIER, 1993, p. 47).

Enfocam Abreu e Souza (1999, p. 35) que está se construindo e (re)construindo em nossa cultura um novo homem chamado de “Novo Pai”, constituído sobre “a ausência e o silêncio que foi deixado por uma geração de homens que se identificam como pessoas que não se interessaram em estar ligados afetivamente a seus filhos”.

Esse comportamento de “novo pai”, de acordo com as autoras, é classificado como “paternidade moderna ou contemporânea”, em virtude do homem estar deixando de lado o papel rígido de provedor e partilhando mais com a mulher os afazeres e prazeres domésticos, bem como o cuidado com os filhos. Percebo que esse novo homem está perdendo a imagem de pai provedor e ganhando a de pai participativo.

Assim sendo, salienta Castelain-Meunier (1993, p. 96-97) que a paternidade contemporânea é complexa e se caracteriza “por uma perda de legitimidade da paternidade tradicional; um reajustamento do papel na interação com a mulher e o filho; uma ambivalência inerente ao novo contexto que constitui a partilha”. Complementa a autora: “Não se nasce pai moderno. Torna-se pai moderno. Lançando desafios à sociedade, a si mesmo, à mulher e à criança” (CASTELAIN-MEUNIER (1993, p.123).

Dessa maneira, esse processo de transformações vivenciado pelo homem na construção e no exercício da paternidade e ainda mais atrelado à adolescência

evoca, também, mais um processo de construção, ou seja, o da paternidade na adolescência. Percebo-a, do mesmo modo, como uma busca na construção de identidade para o homem/adolescente, bem como sua família.

Ao visitar o estado da arte nos discursos de paternidade, sinto necessidade de buscar subsídios na literatura sobre adolescência, tendo em vista o entrelaçamento das temáticas, e depreender daí a questão da paternidade na adolescência.

2.2 Enredos que narram a adolescência

Ao iniciar a reflexão sobre adolescência, destaco que o termo tem sua raiz etimológica derivada do latim *adolescere* (*ad*: a, para a + *olescere*: crescer), significando a condição ou processo de crescimento (ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 89).

A adolescência, tal como é concebida atualmente, constitui uma nova visão no processo socio-histórico, pois, de acordo com Àriès (1981, p. 10), a criança “mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude”. Afirma, ainda, Àriès (1981, p.41), que “até o século XVIII a adolescência foi confundida com a infância”.

No século XVIII, ocorreram mudanças socioeconômicas, as quais exigiram um período de formação do cidadão, determinando o surgimento das escolas e do exército. Iniciou-se, então, a separação entre crianças de diferentes idades e nasceu o conceito de adolescência, como um período que se situa entre a infância e a fase adulta (REIS; ZIONI, 1993).

Entretanto, somente a partir do final do século XVIII, que a adolescência foi vista como uma etapa distinta do desenvolvimento (ÀRIÈS, 1981; GROSSMAN, 1998). Àriès (1981, p.10) coloca que “a sociedade via mal a criança e pior ainda ao adolescente [...]”.

O livro *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, segundo Àriès (1981, p.36), comenta sobre as “idades da vida” ou “idades do homem”, as quais eram “formas comuns de conceber a biologia humana” na Idade Média. A primeira idade era a infância ou **enfant**, que começava no nascimento e durava até os sete anos. A

segunda idade se estenderia dos sete aos quatorze anos e chamava-se **pueritia**. A terceira idade era chamada de adolescência, porque a pessoa seria bastante grande para procriar. Nessa idade, o indivíduo cresceria em toda a grandeza que lhe fosse devida pela natureza. Ela terminaria no vigésimo primeiro ano, mas poderia durar até os 28 anos, podendo ser estendida até os 30-35 anos. Seguia-se a juventude, idade em que a pessoa estaria na plenitude de suas forças, as quais possuía para ajudar a si mesma bem como aos outros. Essa idade duraria até os 50 anos. Por último a velhice, idade em que os sentidos já não estariam tão bons.

O conceito da adolescência é bastante recente, estando relacionado ao processo de industrialização, urbanização e modernização, próprio das sociedades ocidentais contemporâneas. O universal interesse pelo estudo da adolescência, na atualidade, advém tanto da explosão demográfica do pós-guerra, que teve como consequência imediata o significativo crescimento percentual da população jovem no mundo, como da ampliação da faixa etária com as características da adolescência (OSÓRIO, 1989).

Já Oliveira e Egry (1997, p. 12) destacam que a adolescência, conforme a concepção predominante nos anos de 1990, era identificada como um fenômeno universal, resultante de uma “visão unívoca e a-histórica dos adolescentes definidos e identificados em função de seus atributos com ênfase no caráter teleológico do desenvolvimento humano que se completaria na idade adulta”. No entanto, as autoras defendem a compreensão da adolescência como um “*constructo* social”, uma fase do desenvolvimento humano que necessita ser entendida como um conceito de caráter histórico-social, plural e em permanente evolução, sendo permeado pela classe social, religião, raça, e gênero.

De acordo com Zagonel (1998, p. 61), a adolescência, “é uma etapa de metamorfose”, momento no qual “a criança começa a transformar-se em adulto, de quem se exigirá uma nova interação com o mundo e que receberá novas exigências do ambiente que a cerca”.

A adolescência, segundo Tiba (2004, p. 5), “é um período de crescimento que se inicia com a puberdade e termina quando se atinge a maioridade”. Nessa fase do desenvolvimento humano, “o corpo cresce, novas funções sexuais surgem, a mente se desenvolve, o ambiente se modifica, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transforma”.

A adolescência, transição da infância para a vida adulta, conforme Ventura e

Corrêa (2006, p. 1505), é um fato biológico universal, reconhecido e ritualizado em diversas sociedades. No entanto, “os procedimentos simbólicos, discursivos e práticos de que as sociedades lançam mão para nomear e abordar esta etapa da vida não são homogêneos”.

Para se pensar em adolescência, Dias e Aquino (2006) enfatizam que é necessário considerar, de modo especial, os aspectos psicológicos e socioculturais, ponderando também sobre o cenário no qual o jovem está inserido. Dessa maneira, a adolescência deve ser pensada em três dimensões: biológica, psicológica e sociocultural. Acrescenta Günther (1999), a adolescência começa na biologia e termina na cultura.

Desse modo, para a compreensão da adolescência é necessário ter um olhar voltado para o biológico, o social e o cultural, considerando também a característica psicológica e a maturidade psicossocial dos jovens. Ou seja, o ser humano precisa ser visto na sua plenitude e em constante processo de desenvolvimento e amadurecimento.

Ainda, destacam Ventura e Corrêa (2006, 1505), ao comentarem sobre adolescência em outros contextos culturais, que

a transição entre infância e vida adulta era (e ainda é) um período relativamente curto, após o qual moças e rapazes estão habilitados a casar, procriar e fazer tudo mais o que aos adultos é permitido. Na “tradição moderna”, o conhecimento biomédico e a educação têm produzido desde o século XIX uma ampliação gradativa deste período da vida, levando à invenção de uma terminologia específica – adolescência.

O fenômeno da adolescência é um processo de mudança e, segundo Chagas (2002), não existe um consenso determinando o período exato de duração da adolescência.

No entanto, o critério mais utilizado para identificar essa etapa da vida humana tem sido o cronológico, e a *World Healthy Organization - WHO* (2004), baseando-se também em critérios biológicos, psíquicos e sociais, fixou o período entre os 10 e os 19 anos, sendo aceito pela maioria dos autores. A adolescência ficou subdividida em duas fases: adolescência inicial, dos 10 aos 14 anos, e a adolescência propriamente dita, dos 15 aos 19 anos.

Já o Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasil (1990, p. 1), Lei n.º 8.069, considera criança “a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade”.

Desse modo, a “experiência de adolecer” é vivenciada por todos e “para entrar na vida adulta ninguém escapa à adolescência, por mais diversos que sejam os modos de vivê-la”. O processo de adolecer, assim como o nascer, envelhecer e morrer, se dá em condições de existência que vão além das diferenças individuais, sendo marcado pelo tempo e contexto de acordo com as suas necessidades, sejam elas individuais ou familiares (RAMOS, 2001, p. 11). Complementa, ainda, a autora que:

O processo de adolecer possui componentes genéticos, biológicos, conhecimentos e valores construídos ao longo das experiências da vida. [...] As marcas sociais desse processo fundam-se na história familiar e de socialização, nas relações de igualdade/desigualdades vividas em torno das categorias de gênero, classes sociais e etnia, no partilhamento de preceitos de moralidade e hierarquizações, entre outros tantos elementos que dão contorno à subjetividade humana (RAMOS, 2001, p. 14).

A principal tarefa, nesse período de desenvolvimento, é a construção da identidade. Osório (1989, p. 53) enfatiza que o sentimento de identidade é “a noção que cada ser humano tem de si mesmo como alguém distinto e separado dos demais”. E que esse sentimento seria a interação de três vínculos: espacial, temporal e social. O vínculo de integração espacial é o “conhecimento por parte do indivíduo de ser entidade separada e distinta das outras”; vínculo temporal é “a capacidade de uma pessoa sentir-se a mesma em meio às mudanças que ocorrem dentro e fora de si” e o vínculo social versa sobre “a resultante dos vetores de identificações prévias levadas a efeito até um determinado momento evolutivo do ser humano”.

Campos (1996) complementa que a busca da identidade no grupo de amigos é relatada como um comportamento defensivo, pois o(a) jovem procura a uniformidade, garantindo segurança e estima pessoal. O espírito de grupo proporciona uma superidentificação, na qual todos se identificam com cada um. A ligação que é estabelecida com o grupo adquire uma importância tal, que transfere

ao grupo grande parte da dependência, a qual era mantida com os pais e a estrutura familiar. O grupo é um reforço para a sua identidade. Esse grupo interage entre si e também, ao interagir com o meio, sofre mudanças.

Vasconcelos (1998, p. 41-42) destaca que “a identidade de qualquer pessoa é um processo em eterna construção”, ou seja, em constante transformação e com a possibilidade de ser diferente. Razão pela qual a autora considera a construção de uma identidade como “resultante das múltiplas interações vividas, o que faz com que outros sujeitos também sejam co-construtores de tal identidade”. Dessa forma, entendendo a identidade como um processo em permanente construção, “não existe uma identidade pronta, inalterável”.

As representações, valores e comportamentos que modelam a construção de gênero vão se consolidando no decorrer da adolescência, sendo duas centrais na transmissão desses valores: a família e o grupo de pares (HEILBORN et al, 2002).

O meio social sofre mudanças, pois é dinâmico, e foi na década de 60 que ocorreu o marco de transformação da cultura sexual. E, a partir da década de 70, aconteceram mudanças no campo da moral sexual, deixando, muitas vezes, os seres humanos perdidos, sem saber o que pensar, ou como agir (OLIVEIRA, 1995).

Salienta Gauderer (1996, p. 45) que “o sexo não é visto como algo normal e saudável e, acima de tudo, agradável, prazeroso, livre e lúdico”. Complementando, o autor refere que a sociedade continua conivente com essa postura dicotômica, pois ainda não chegou a termo com a simples realidade de fazer sexo pelo prazer, sem que a reprodução esteja envolvida.

Ao comentarem sobre as regras do relacionamento afetivo-sexual entre jovens, destacam Brandão e Heilborn (2006, p. 1422-1423) que estas se alteraram muito nas últimas décadas.

Os relacionamentos juvenis guardam uma esfera própria de autonomia do casal, mas também se constituem em estreita interdependência com os ditames parentais de ambos os jovens. [...] Problematizar tal experiência à luz do processo de individualização juvenil permite fugir do círculo vicioso que domina o debate público do tema. Relativizar o argumento da desinformação e valorizar o papel fundamental que a vivência da sexualidade exerce na construção social do jovem permitem captar regras sócio-culturais que condicionam o fenômeno. É particularmente na esfera da sexualidade que os jovens ensaiam formas de autonomização em relação aos pais.

Sexualidade, segundo Laplanche e Pontalis (1985, p. 619), é um fenômeno composto por atividades que resultam em prazer, não só buscado no “funcionamento do aparelho genital, mas em toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica” (respiração, fome, função de excreção, entre outros). A sexualidade, de acordo com Oliveira (1995), não está restrita apenas ao ato sexual, mas inclui toda uma gama de situações vividas em busca do prazer.

Já Mandú (2001) destaca que o termo “sexualidade” teve sua origem no século XX, correspondendo a um conjunto de valores e práticas corporais que foram legitimados na história da humanidade. Complementa D'Alessandro (2005, p. 1) que:

a sexualidade na espécie humana se constitui do conjunto de fenômenos bio-psico-sócio-espirituais decorrentes do fato dessa espécie ser constituída de indivíduos machos e fêmeas, aos quais está atribuído um papel determinado na geração de novos indivíduos e que lhes confere certas características distintas.

O exercício da sexualidade na adolescência, segundo Brandão e Heilborn (2006, p. 1422), privilegia a “aquisição gradativa de liberdade e autonomia, mesmo sob o teto parental”. No entanto, “a gravidez pode integrar esse percurso, porque a interiorização das normas de contracepção e seu subsequente controle são ainda incipientes” (p. 1424).

O(a) adolescente, conforme Ramos (2001), necessita ser compreendido a partir de sua inserção no meio social em que vive e, na diversidade que se apresenta nesse contexto, inclui-se a família como elemento formador e a escola como socializador e também formador.

O contexto social no qual está inserido esse ser humano em desenvolvimento, de acordo com Preto (2001, p. 223) “exige mudanças estruturais e renegociação de papéis nas famílias”. As demandas adolescentes de maior autonomia e independência tendem a precipitar mudanças nos relacionamentos entre as gerações.

A maneira como o adolescente vê a família e sua estrutura vai interferir no modo de construção de sua identidade, bem como na vivência da maternidade/paternidade na adolescência.

2.3 Enredos que falam sobre a paternidade na adolescência

O ser humano, nessa fase do desenvolvimento – a adolescência, ao buscar o sexo, possui, geralmente, carência de informação sobre a sua sexualidade e acaba exercitando-a de maneira insegura. Por conseguinte, os(as) jovens estão expostos à paternidade/maternidade indesejada, tornando-se pais/mães precocemente, além da exposição às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

A ocorrência da gravidez desencadeia, ou não, a construção e o exercício da paternidade, que é algo complexo e multifacetado. Segundo Corrêa (2005), seu exercício não ocorre de maneira uniforme na história. Se refletirmos sobre essa questão no contexto da adolescência, veremos que sua complexidade é potencializada.

A vivência da paternidade, em especial na adolescência, é resultado das condições de vida e de apoios encontrados no meio familiar e social, os quais estão baseados em valores, sentimentos, crenças e práticas incorporadas, ao longo das gerações, nesse contexto (CORRÊA, 2005). O ser humano precisa ser visto na sua plenitude e em constante processo de desenvolvimento e amadurecimento.

Por conseguinte, no que se refere ao desenvolvimento de qualquer identidade ou papel social, a paternidade é considerada por Vasconcelos (1998, p. 43) como um papel social. Sendo considerada um processo em constante construção, que se dá através das interações estabelecidas entre os indivíduos e, particularmente, com aqueles com quem se possui um “maior vínculo afetivo”. Esse processo de construção da identidade, da subjetividade e da representação de paternidade ocorre em contextos históricos, culturais e afetivos, com marcas e significados próprios de cada geração.

Esse processo de transformações da adolescência, atrelado ao da paternidade, evoca outra construção, ou seja, a paternidade na adolescência, a qual é uma busca de identidade para o homem/adolescente, bem como para sua família.

Reis (1997) salienta que as mudanças ocorridas, nos anos de 1960, determinaram o início de uma nova perspectiva no enfoque da questão da maternidade adolescente e evidenciaram uma nova tendência, pois abarcaram a totalidade cultural dos adolescentes, passando a incluir os gêneros masculino e feminino, não mais se limitando exclusivamente à mulher. No entanto, foi apenas na década de 80, em textos de saúde pública, que se começou a mencionar a figura do

pai adolescente, apesar de discretamente.

Ao abordar a paternidade na adolescência, é relevante discuti-la na vertente da família como um sistema. Ao reportar-se à família como um sistema, Maldonado (2005, p. 28-29) ressalta que ele é organizado, possuindo estrutura, canais de comunicação e elementos característicos. Dessa maneira, qualquer alteração ocorrida em uma das partes do sistema irá atingir o todo. Por conseguinte, o processo da paternidade/maternidade é uma experiência que pertence à família, bem como o nascimento da criança será uma experiência familiar.

Logo, toda a família vivencia o processo da paternidade/maternidade na adolescência⁴, de acordo com a abordagem sistêmica. Desse modo, então, o evento vivenciado por um adolescente que irá tornar-se, ou é pai adolescente, será também experimentado por toda a sua família, mesmo que muitas vezes não tenha consciência disso. Por conseguinte, percebo que a família tem um papel no desenvolvimento da sexualidade saudável e da paternidade/criança.

Ao focar a paternidade na adolescência, percebe-se que a temática é pouco abordada, relegando o pai adolescente a um segundo plano, pois as atenções, geralmente, são voltadas à adolescente grávida e não ao pai adolescente (MEINCKE, 1999; BRANDÃO; HEILBORN, 2006; RADTKE, 2005; ORLANDI; TONELI, 2005; CORRÊA, 2005).

É notória a importância que o pai possui frente ao adolescente, ao exercer sua função/interação a fim de que o filho perceba-o como uma referência. Sendo assim, Trindade e Bruns (1998) destacam que a presença de um modelo de atuação paterna auxilia o rapaz na sua vivência como pai, oferecendo-lhe um parâmetro de como agir. Então, a família é um forte elo para essa interação e conscientização desse papel, através das comunicações subjetivas e aporte cultural na construção de identidade.

Assim sendo, esse processo de construção de identidade, da subjetividade e da representação de ser pai é constituído em contextos históricos, culturais e afetivos específicos, com suas marcas e significados, formando redes sociais⁵ que podem variar de geração para geração.

⁴ Neste estudo, reporto-me à paternidade na adolescência como um processo, além de que não está dissociada da maternidade, tendo em vista a interlocução com a mãe da criança, no caso deste estudo, adolescente. Dessa forma, utilizo o termo "processo de paternidade/maternidade na adolescência".

⁵ Bronfenbrenner (1996, p. 65) destaca que as redes sociais são sistemas de interação seqüencial, e para que estas ocorram "é necessário um mínimo de três pessoas".

A construção de uma identidade pessoal e do desenvolvimento, de acordo com Silveira (1998, p. 42), não pode prescindir da atividade da consciência, e esta é uma construção subjetiva do saber, de “saber o que se sabe”. A construção de uma identidade “será sempre resultante das múltiplas interações vividas, o que faz com que outros sujeitos também sejam co-construtores” da identidade.

Mioto (1998, p. 23) coloca que a identidade pode ser entendida como um sentimento de uniformidade e continuidade que perpassa o indivíduo durante sua vida. Ela se constrói através de um complexo processo inconsciente, que tem seu lugar tanto no interior do indivíduo, como fora dele. Ao mesmo tempo, ela os sintetiza. Como processo, Erikson (1987) salienta que ela vai se transformando e implica numa crescente diferenciação do indivíduo em relação aos outros que lhe são significativos, ampliando cada vez mais a consciência de si e dos outros.

Apoiada em Silveira (1998), considero que essa construção de identidade não é estática, mas está sempre ela própria num processo contínuo de (des)construção e (re)construção, razão pela qual vejo a paternidade e a maternidade na adolescência como movimentos contínuos, intimamente relacionados com a identidade.

Ao abordar a paternidade na adolescência, Corrêa (2005, p 35) destaca a importância de serem estabelecidas as conexões com o contexto:

relevando sua historicidade, influências e espaços coletivos que interferem na construção de sua identidade de adolescentes, em seus comportamentos, valores, percepções e modos sociais e peculiares de encaminhar a vida e lidar com a sexualidade.

Dizem ainda Brandão e Heilborn (2006, p. 1428-9) que “a discussão sobre sexualidade e reprodução na juventude não pode ocorrer isolada do contexto sociocultural” tendo em vista que “modela as relações sociais nas quais os jovens estão inseridos. Sem considerar as relações intergeracionais que têm na família expressão particular e as relações com os pares, nas quais a iniciação afetivo-sexual ocorre”.

Afirma Fonseca (1997, p. 16) que “a paternidade adolescente constitui-se em uma problemática psicossocial, [...] pelo descaso a que vem sendo relegada pelas sociedades brasileira e internacional”.

No que se refere aos estudos internacionais, Corrêa (2005) realizou um levantamento nas bases de dados ADOLEC e LILACS sobre a produção do tema paternidade na adolescência, no período de 1999 a 2004, constando uma produção reduzida, tendo encontrado quatorze trabalhos produzidos. Levandowski e Piccinini (2004, p. 53), bem como Fonseca (1997), realizaram consulta na base de dados *PsycLit* da *American Psychological Association (APA)*. Levandowski (2001, p. 196) realizaram levantamento dos dados nos resumos de artigos publicados no período de 1990 a 1999, utilizando os descritores *adolescent father*, *teenage father*, *adolescent fatherhood*, *teenage fatherhood*, *adolescentparent* e *teenage parent*. Ressaltam os autores que encontraram 68 resumos e que a maioria dos estudos foi realizada nas décadas de 70 e 80, possuindo enfoques social e ético. Já Fonseca (1997, p. 17) destaca que, com a utilização do descritor *adolescent fathers*, localizou 78 artigos de revistas e 13 livros que tratam do tema pai.

Reis (1997) salienta que foi a partir de 1980 o período no qual começaram a emergir preocupações relativas à figura do pai adolescente, sendo este detectado em textos da área de saúde pública, no entanto, com uma presença tímida. Complementa Soane (2002, p. 8): “a paternidade tem sido coberta pelo silêncio, que timidamente vem se transformando em sussurro”. Salienta ainda Cabral (2002, p. 181) que a literatura “silencia completamente sobre a realidade da gravidez na adolescência a partir do ponto de vista masculino”.

Fonseca (1997, p. 10-12), ao abordar a paternidade adolescente, considerou-a como “um **não lugar** na sociedade brasileira”, decorrente “de: 1) o filho ser percebido, em nossa sociedade, como “sendo da mãe”, e 2) o(a) adolescente ser, principalmente, reconhecido(a) no papel de filho(a)” (grifo do autor).

Embora os pais adolescentes sejam considerados por alguns autores como ausentes, por não assumir a paternidade, encontrei autores, como Corrêa (2005), Radtke (2005), Cabral (2003), Cabral (2002), Trindade e Menandro (2002), Levandowski e Piccinini (2002), Trindade e Bruns (1998), Fonseca (1997), Trindade (1997), que constataram nem sempre ser este o padrão.

Outro aspecto relevante a ser abordado na paternidade na adolescência é a identificação do pai adolescente com seu progenitor, bem como com o seu avô, visto que a construção da paternidade é cultural, e propagada pelas gerações.

Desse modo, o pai adolescente é entendido como o ser humano do sexo masculino que participa do processo de gravidez da adolescente, como o pai de seu

filho. Esse pai adolescente é cheio de pluralidades, vivenciando a transição da infância para a idade adulta. É seu namorado ou companheiro, mas nem sempre coabita com ela (MEINCKE, 1999, p. 51).

Já o pai adolescente contemporâneo, de acordo com Radtke (2005, p. 85), “está sujeito e é movido por transformações socioculturais que permitem (re)significar seu papel no contexto da paternidade”. Nesse contexto, destaco a família e seus integrantes como agentes relevantes para a construção e vivência da paternidade/maternidade na adolescência.

2.4 Enredos que expõem a respeito da família

Ao abordar família, procuro sua etimologia e encontro que o termo é originado de *famulus*, significando “o escravo doméstico”, que surgiu em Roma. Conforme Áriès (1981, p. 95-96), designava “o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem”.

A expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob o seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre eles.

Posteriormente, a família, passou a ser “mencionada como *agnati* e *cognati* que significam, respectivamente, parentes paternos e maternos, ou seja, o conjunto de consangüíneos e que, ainda hoje, designam a constituição de família” (CORRÊA, 2005, p. 22).

Salienta Áriès (1981, p. 10) que a família, na Idade Média, “tinha como missão – sentida por todos – a conservação dos bens, a prática comum do ofício, a ajuda mútua quotidiana [...] ela não tinha função afetiva”. Ainda salienta o autor que o amor poderia estar presente, em alguns casos desde o noivado, mas geralmente ele ocorria depois do casamento e era alimentado pela vida em comum.

Já Levi-Strauss (1966, p.309) coloca que a “família é uma união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem e seus filhos, constitui fenômeno universal, presente em todo e qualquer tipo de sociedade”.

A família é uma unidade composta por seres humanos, unidos por laços consangüíneos, de adoção, interesse ou afetividade, interage no decorrer do processo de crescimento e desenvolvimento, trazendo consigo valores e sentimentos aprendidos e que fazem parte de seu patrimônio cultural.

Falar em família é um tanto difícil. Segundo Nitschke (1999, p. 41), “é mergulhar em águas de diferentes e variados significados para as pessoas, dependendo do local onde vivem, de sua cultura e, também, de sua orientação religiosa e filosófica, entre outros aspectos”.

Sob a vertente da abordagem sistêmica, a família é considerada um sistema organizado e dinâmico, tendo em vista que nenhum sistema permanece estático, uma vez que todos os sistemas que envolvem pessoas são dinâmicos. De acordo com Minuchin (1982), as pessoas são subsistemas dentro de uma família.

“A família é um sistema interpessoal formado por seres humanos que interagem por vários motivos, tais como: afetividade e reprodução, dentro de um processo histórico de vida” (MEINCKE, 1999, p. 48).

Desse modo, considerando a família um sistema, Wright e Leahey (2002) comparam-na com um móbile, e dessa forma trazem uma analogia para com a mesma. Ao observá-lo suspenso no ar, vemos que ele é composto de várias peças que se movem delicadamente. O todo está em equilíbrio, pois a movimentação é uniforme, umas peças se movem mais rapidamente que as outras. Uma brisa que toca um segmento do móbile influencia imediatamente o movimento de cada peça, de algumas mais do que de outras. E após algum tempo, o móbile retorna seu movimento balanceado, mas não necessariamente na mesma direção de antes da brisa. Dessa maneira, assim como o móbile, a família é um todo composto de vários membros. Uma mudança em um dos seus integrantes afeta todo o grupo. Destacam Galera e Luis (2002) que a família tem habilidades para criar um balanceamento entre mudanças e estabilidades.

A família, de acordo com Minuchin, P.; Colapinto; Minuchin, S. (1999 p. 22-24) é “um tipo especial de sistema com estruturas, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança” (p. 22). Ao referirem-se às estruturas das famílias, destacam que estas são “padrões de interação recorrentes e previsíveis” (p. 23), os quais refletem “as filiações, tensões e hierarquia nas sociedades humanas” (p. 23), as quais têm significado para os comportamentos e os relacionamentos. “Os padrões que organizam a hierarquia de poder aparecem em

toda família. Eles definem os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento dos seus membros”. No entanto, “a maioria dos padrões familiares é [...] desenvolvida com o tempo no próprio contexto familiar” (p. 24). Complementam, ainda, os autores que tanto esses padrões podem potencializar para a harmonia como para o conflito e podem ser desafiados à medida que ocorre o desenvolvimento dos seus membros.

Existem muitos sistemas dentro da família, tendo em vista esta ser considerada um sistema complexo, sendo que “a idade e gênero criam subsistemas familiares”, bem como outros fatores. “Os adultos têm funções e relacionamentos que os separam de seus filhos”, já os adolescentes formam um sistema com interesses especiais, sendo que os homens são uma unidade e as mulheres outra (MINUCHIN, P.; COLAPINTO; MINUCHIN, S, 1999, p. 25).

A família, de acordo com Amazonas, Damasceno e Terto (2003), é o principal agente da socialização e reprodução de padrões culturais no indivíduo. Dessa maneira, segundo Szymanski (2006, p. 27), o mundo familiar mostra-se “numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo”.

Ao falar dos valores, Alvim (2005, p. 1) destaca que vivemos num período de transição:

onde as quebras de valores tradicionais provocam uma organização, nos meios micro e macro socioculturais. As transições no meio microssocial referem-se à família: tarefas, valores e tradições que a ela se vinculam; ao macrossocial seriam as questões éticas, políticas e morais da sociedade. Assim, instaura-se uma busca na redefinição dos papéis homem/mulher na sociedade (macro) e nos papéis pai/mãe na família (micro), acompanhada de incertezas, inquietações, angústias, etc.

Ainda referindo-se aos valores, destaca Gouveia (2003, p. 433) que “as pessoas não diferem devido aos seus valores específicos, mas em função da prioridade que dão a alguns valores”.

Salienta Ramos (2001) que a família necessita ser aprendida, de acordo com sua historicidade e permanente transformação, envolvendo finalidades, estruturas, conformações e significados diversos, bem como compromissos mútuos, interações, desempenho de papéis, propagação de cultura, práticas, valores e modos de vida.

Afirma a autora que o contexto familiar é fundamental nas experiências de crescimento, desenvolvimento e construção de identidade do(a) adolescente. Sendo necessário vislumbrar esse contexto como um processo dinâmico, em que histórias de vida e projetos individuais são construídos.

Dessa forma, Minuchin (1982, p. 52) salienta a capacidade de adaptação da família, ao longo dos tempos, sendo que ela passou por mudanças que correspondiam às mudanças da sociedade, assumindo ou renunciando a “funções de proteção e socialização de seus membros em resposta às necessidades da cultura”. As funções da família atendem a dois diferentes objetivos, sendo um interno, que é “a proteção psicossocial de seus membros”, ou seja, o cuidado com os seus integrantes; e um outro externo, que é “a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura”.

Ao comentar sobre a família, Romanelli (2003, p. 85) destaca-a como um:

espaço privilegiado de vivência de afetos, que incluem relacionamentos íntimos, a expressão de emoções e sentimentos permanece subordinada à identidade de gênero de cada um dos componentes, o que tende a dificultar a expressão da afetividade paterna.

A reprodução da espécie, a criação e a socialização dos filhos e a transmissão do patrimônio cultural são elementos que podem estar inclusos no processo de familiarização, produzindo uma cultura de significados através das gerações, nas famílias.

O ciclo de vida familiar é abordado por Carter e McGoldrick (2001, p. 9), a partir da visão em termos de relacionamento intergeracional. Considerando o sistema geracional como abrangendo três ou quatro gerações em movimento através do tempo, enfatizam que o relacionamento com os pais, irmãos e outros membros da família passam por estágios, à medida que a pessoa se move ao longo do ciclo da vida, como o que acontece nos relacionamentos progenitor-filho e conjugal. A família é vista como um sistema, movendo-se através do tempo. Possuindo propriedades diferentes de todos outros sistemas, ela é mais do que a soma de suas partes. Assim sendo, o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. A família é “uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços

emocionais e uma história compartilhada” (MINUCHIN, P., COLAPINTO E MINUCHIN, S., 1999, p. 22).

As famílias, de acordo com Rocha, Tassitano e Santana (2001, p. 41), “representam um sistema dinâmico, e por isso, em constante transformação”. Ao abordá-las, os profissionais necessitam considerá-las “em movimento e na diversidade de modelos que se apresentam, já que cada um pode estar caracterizado por situações e necessidades”.

A Enfermagem, quando cuida da família, interage com a mesma no próprio ambiente onde são construídos os significados. Essa interação favorece uma troca de saberes, da qual a(o) enfermeira⁶(o) e a família saem enriquecidos(as). Esses seres humanos interagem nesse processo, pois trazem consigo diferentes valores e sentimentos.

Ao buscar a conceituação de família, encontrei Mioto (1998, p. 21), que a concebe como:

um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção de seus membros, e se encontra dialeticamente articulado com a estrutura social na qual está inserido. Ao adotar tal definição não está sendo ignorada a dificuldade de estabelecer um conceito único de família. [...] De acordo com os estudos sistêmicos a família constitui-se como um sistema aberto. O grupo familiar deve ser visto como um todo através do qual seus membros ou subsistemas se encontram dinamicamente articulados e em interação com os outros sistemas.

Ao realizar suas considerações sobre família, Biasoli-Alves (1999, p. 65), salienta que

é uma unidade dinâmica, uma organização complexa segundo relações de parentesco, inserida num contexto social mais amplo e em constante interação com ele, lugar das relações mais íntimas e constitutivas da identidade pessoal, grupo capaz de manter gerações diferentes numa convivência diuturna, com habilidade e competência para dar forma e significado às interações entre seus membros, que tem uma história e cria uma história, vista frequentemente, como célula inicial e principal da sociedade.

⁶ Apoiando-me em Pereira e Silva (1997) utilizo os gêneros masculino e feminino pela necessidade de construir uma visão de mundo menos masculina, mas não exclusivamente feminina, na busca de um ponto em comum, para que ambos estejam no mesmo patamar. Apesar da enfermagem ser uma profissão majoritariamente feminina.

Carraro (2001, p. 26) corrobora as falas de Miotto (1998, p. 21) e Biasoli-Alves (1999, p. 65), ao afirmar que “o ser humano se relaciona com outros seres humanos, individualmente ou em grupos, e na sociedade como um todo. Um dos grupos que o ser humano participa é a família”. Por outro lado, a autora, no que se refere às questões de parentescos e laços sanguíneos, amplia a concepção de família, “entendida como um grupo de pessoas que se percebe como tal e partilha um meio ambiente familiar”.

Schwartz (2002, p. 41), ao conceituar família, salienta que é:

uma unidade básica da sociedade universal sendo um grupo social primário o qual está estreitamente entrelaçado nas relações. A família possui um contexto específico e privilegiado de interações constituindo-se num sistema de conexões que são microssistemas com vários outros sistemas.

A família, célula *mater* da sociedade, é o local onde os integrantes estabelecem relações/interações, propagam valores e sentimentos através das gerações, em seu contexto ou fora dele. As relações que se estabelecem entre os membros de uma família acontecem como um processo circular de *feedback*, em que cada membro pode ser visto como início e fim desse processo. A interação que ocorre entre esses membros é de maneira organizada e de acordo com os padrões de relacionamento específicos, em cada família (MIOTO, 1998, p. 22).

Cada família possui ciclos comportamentais, os quais são governados por um sistema de crenças composto de uma combinação de atitudes, suposições básicas, expectativas, preconceitos, convicções e crenças trazidas para a família nuclear por cada progenitor de sua família de origem (PAPP, 1992, p. 27).

O ciclo vida de uma família é um fenômeno complexo. Conforme enfatizam Carter e McGoldrick (2001, p. 144), “ele é uma espiral da evolução familiar, na medida em que as gerações avançam no tempo em seu desenvolvimento do nascimento à morte”. Isso pode ser complementado pela afirmação de Wright e Leahey (2002, p. 95) de que “o ciclo vital se refere à trajetória típica que a maioria das famílias percorre”.

O ciclo vital possui “eventos típicos” que se associam à entrada e saída dos membros da família. Por exemplo, “a maioria das famílias experimenta eventos de nascimento, educação das crianças, saída dos filhos de casa, aposentadoria e

morte”. Salientam, ainda, Wright e Leahey (2002, p. 95) que esses eventos geram mudanças que necessitam de reorganização de papéis e regras familiares. Registram também, ao falar da história do desenvolvimento da família, que ela é extremamente rica.

Vários autores abordam esse ciclo vital. No entanto, irei destacar o ciclo vital da família com base em Carter e McGoldrick (2001), os quais abordaram o impacto do estresse transgeracional e as transições do desenvolvimento familiar. Os autores delinearam seis estágios do ciclo vital da família norte-americana de classe média, os quais são descritos da seguinte maneira: 1) saindo de casa – jovens solteiros; 2) a união da família pelo casamento – novo casal; 3) famílias com filhos pequenos; 4) famílias com adolescentes; 5) lançando os filhos e seguindo em frente; e 6) famílias no estágio tardio da vida. Sendo que o ciclo vital que está mais entrelaçado com o presente estudo é o estágio 4, sobre o qual farei uma breve explanação (CARTER; MCGOLDICK, 2001, p. 17).

O ciclo de vida da família com adolescentes, segundo as autoras, introduz uma nova época, a adolescência, pois “assinala uma nova definição dos filhos dentro da família e dos papéis dos pais em relação aos seus filhos”. Sendo o princípio-chave do processo emocional de transição o aumento da flexibilidade das fronteiras familiares, para incluir a independência dos filhos e a fragilidade dos avós. E como mudanças de segunda ordem no *status* familiar, para prosseguir desenvolvimentalmente: 1) a modificação nos relacionamentos progenitor/filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema; 2) reenfocar-se nas questões conjugais de meia-idade e de carreira; 3) começar a mudar no sentido de cuidar da geração mais velha. (CARTER; MCGOLDICK, 2001, p. 20).

Ao comentar sobre os vínculos, no ciclo vital famílias com adolescentes, destacam Wright e Leahey (2002) que todos os membros da família continuam a ter relacionamentos no âmbito familiar, sendo que os adolescentes se envolvem mais com os amigos do que com os membros da família.

As evidências teórica, prática e investigacional do significado que a família dá para o bem-estar e a saúde de seus membros, bem como a influência sobre a doença, obrigam as(os) enfermeiras(os) a considerarem o cuidado centrado na família como parte integrante da prática de enfermagem. Assim sendo, a Enfermagem tem o compromisso e a obrigação de incluir as famílias nos cuidados

de saúde e esse cuidado pode ser alcançado somente com responsabilidade e respeito (WRIGTH; LEAHEY, 2002).

A família não é só considerada receptora, mas uma atuante no cuidado. Nessa perspectiva, Carraro (2001, p.26) salienta que é necessário conhecer a família e o ambiente familiar. Enfatiza ainda que, “junto ao ser humano e sua família, a enfermagem atua mobilizando o meio ambiente a fim de proporcionar condições favoráveis à saúde”.

No que se refere à história da enfermagem familiar, Wrigth e Leahey (2002) salientam que ela já existia, mas nem sempre com essa denominação, pois a Enfermagem se originou nas casas dos pacientes, sendo os membros da família envolvidos, e ela prestava serviços centrados na família. Embora presentes em toda a história da humanidade, as organizações familiares vêm se modificando ao longo do tempo, principalmente no século passado, quando as estruturas socioeconômicas iniciaram um processo de mudança, com vínculos afetivos estabelecidos de formas diferentes.

A adolescência, etapa do desenvolvimento humano que representa a metamorfose entre a infância e a idade adulta, é um momento especial em que o ser humano vivencia mudanças e transformações as quais ele compartilha com a família e seu grupo de iguais. Dessa maneira, vivenciar a adolescência e entrelaçá-la à paternidade é vislumbrá-la como um processo complexo e multifacetado, experimentado no contexto familiar. A vivência do papel de pai adolescente encontra-se fortemente arraigada no sistema de valores e sentimentos da família, os quais são (re)construídos e (re)passados ao longo das gerações entre seus integrantes.

3 TRANSITANDO POR UM ENREDO SISTÊMICO: ABORDAGEM BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE URIE BRONFENBRENNER

A verdadeira viagem do descobrimento
não consiste em buscar novas paisagens,
mas novos olhares.
Marcel Proust

Este estudo está ancorado na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, que serviu para subsidiar, auxiliar e validar as construções de paternidade propagadas nas famílias através de suas gerações, proporcionando apoio para responder à questão de pesquisa deste estudo.

Este referencial também é conhecido como: Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano; Teoria dos Sistemas Ecológicos; Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano; Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano. Ele foi escolhido em virtude de considerar o ser humano (Pessoa) e a família, com seus valores e práticas, em interação com outros seres humanos e ambientes (Contexto), durante o ciclo do desenvolvimento humano (Processo) através das gerações (Tempo). Seres humanos estes que são considerados como parte integrante e totalizante e em processo de transformação mútua.

No estudo da ecologia do desenvolvimento humano, são destacados três pontos de acordo com Bronfenbrenner (1996, p. 18): primeiro – que “a pessoa em desenvolvimento não é considerada uma tábua rasa, sobre a qual o meio ambiente provoca impacto”, mas como um ser humano em crescimento dinâmico, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura; segundo: “o meio ambiente também exerce sua influência, exigindo um processo de acomodação mútua” – a interação entre o ser humano e o meio ambiente é considerada como bidirecional, ou seja, caracterizada por reciprocidade; e, por último, que:

o meio ambiente considerado relevante para os processos desenvolvimentais não se limita a um ambiente único, imediato, mas inclui as interconexões entre esses ambientes, assim como as

influências externas oriundas de meios mais amplos.

O ponto relevante dessa abordagem é que proporciona estudar o desenvolvimento do indivíduo (pessoa) no seu contexto ecológico, ou seja, nos contextos no qual vive/convive. Os contextos bem como as gerações (tempo) afetam e são afetadas ao longo do desenvolvimento, através da estabilidade e da mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos.

A teoria ecológica do desenvolvimento humano, segundo Narvaz e Koller (2004, p. 62), é “uma teoria contextualista e interacionista”, que destaca os processos ocorrendo sempre dentro de contextos, através de interações em diversos níveis de diferentes sistemas. Segundo esse modelo, existe “uma constante interação entre os aspectos da natureza e o ambiente”, nos quais “os aspectos hereditários da pessoa influenciam e são influenciados pelo ambiente”.

Enfatizam, ainda, os autores que essa teoria parece fazer menção à história da humanidade, quando se refere às possibilidades de que as mudanças ocorram também através de gerações e ao longo da história. Enfatizam que essa teoria evidencia uma preocupação com os aspectos desenvolvimentais da pessoa, mais do que com mudanças e desenvolvimento da cultura. No entanto, demonstra “consideração aos aspectos culturais, socioculturais e mesmo políticos nos delineamentos de pesquisa propostos pelo modelo” (NARVAZ; KOLLER, 2004, p. 63).

Urie Bronfenbrenner nasceu em 29 de abril de 1917, em Moscou, num momento de profundas transformações tanto sociais como políticas. Foi para os Estados Unidos ainda criança, onde se radicou. Esse psicólogo russo que trouxe contribuição para a área do desenvolvimento humano faleceu em 25 de setembro de 2005.

Seu pai era um médico neuropatologista, Ph.D em zoologia e naturalista de campo. Urie foi criado nas instalações de uma instituição estadual para informantes de sofrimento psíquico, na qual seu pai trabalhava e residia com a família. Os conhecimentos adquiridos do pai e o ambiente de sua infância foram o terreno biológico e social que influenciaram seu pensamento. Desde cedo, seu pai alertou para o funcionamento da natureza, apontando a interdependência entre os organismos vivos e seu ambiente. O desejo de modificar, desenvolver e implementar

políticas públicas que pudessem contribuir para a melhoria de vida das crianças e das famílias era uma preocupação de Bronfenbrenner, no estudo científico do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1996).

Ele se formou em Psicologia pela Universidade de Cornell (ALVES, 1997). Bronfenbrenner “reuniu as idéias da teoria ecológica e da teoria de campo de Kurt Lewin (1935) para formular as idéias de seu livro *A Ecologia do Desenvolvimento Humano*” (KLEIN; WHITE, 1996, p. 226). Salientam ainda Narvaz e Koller (2004) que Bronfenbrenner foi influenciado pelas idéias de Dilthey, George Mead e Kurt Lewin, entre outros. A primeira exposição sistemática e compreensiva do modelo ecológico do desenvolvimento humano surgiu em 1970, o qual foi publicado apenas em 1979, sendo traduzido e publicado no Brasil em 1996.

O modelo de Bronfenbrenner tem a visão de que as pessoas se desenvolvem dentro de um sistema de relações/interações, sendo afetadas por múltiplos níveis do ambiente, desde o mais próximo (microssistema) até o ambiente do qual talvez nunca participe (exossistema/macrossistema). A perspectiva ecológica é considerada por Molinari, Silva e Crepaldi (2005, p. 18) como “os diversos sistemas interdependentes (família, grupos comunidade e sociedade em geral) influenciando no desenvolvimento da criança procurando compreender as interações entre a criança e o ambiente nos vários contextos”.

Ao reportar-me à etimologia da palavra “sistema”, ressalto que ela é grega e deriva-se de *synhistanai*, significando “colocar junto”. Segundo Capra (2001, p. 39), “sistema” passou a significar:

um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes, e ‘pensamento sistêmico’ a compreensão de um fenômeno dentro de um contexto de um todo maior. Entender as coisas sistemicamente significa, literalmente, colocá-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações.

Um sistema pode ser o indivíduo, a família ou mesmo a sociedade. Cada sistema pode se constituir de subsistemas e estar inserido em outros sistemas maiores (GALERA; LUIS, 2002, p. 142). O indivíduo, ou seja, o ser humano (pessoa), de acordo com Minuchin, P.; Colapinto e Minuchin, S. (1999 p. 22-26):

é a menor unidade do sistema familiar – uma entidade separada, mas uma peça do todo. Na estrutura da abordagem sistêmica entende-se

que cada pessoa contribui para a formação de padrões familiares, mas também é evidente que a personalidade e o comportamento são moldados pelo que a família espera e permite. [...] A família é um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços emocionais e uma história compartilhada.

O modelo de Bronfenbrenner possui uma abordagem sistêmica e é um dos principais referenciais teóricos que está sendo utilizado para o estudo do desenvolvimento humano. Dentre eles, saliento: Alves et al. (1999); Azevedo (2000); Biasoli-Alves (2000); Pearson (2001); Franco e Bastos (2002); Bhering e De Nez (2002); Mathiese, Herrera, M. O. e Herrera, I. R. (2004); Molinari, Silva e Crepaldi (2005); Goldberg, Yunes e Freitas (2005); e estudos com populações que vivenciam situações de risco: Alves et al (1999), Schwartz (2002), Alves (2004), Koller (2004). Acrescento que a Enfermagem também está iniciando a utilizar esse referencial em seus estudos, dos quais destaco: Silva (2006) e Schwartz (2002).

No que se refere aos estudos na área do desenvolvimento humano no Brasil, Koller (2004) organizou e publicou uma coletânea de trabalhos efetivados por psicólogos, com esse referencial. Nessa obra, ela traz uma discussão do modelo bioecológico, com uma análise crítica do mesmo, trazendo também os pontos críticos abordados por Bronfenbrenner e seus seguidores ao longo de seus estudos, além de apresentar as pesquisas realizadas por psicólogos brasileiros.

Bronfenbrenner fez várias críticas nas suas proposições originais da teoria dos sistemas ecológicos, sendo a principal a que centrava o foco no contexto, em detrimento da pessoa. Após ter realizado uma revisão, surgiu a segunda fase da sua obra, o modelo que amplia os seus principais componentes. Foi evidenciado o surgimento da inclusão de novos elementos e de articulações em interações mais dinâmicas, resgatando os aspectos da Pessoa, dos Processos e do Tempo (NARVAZ; KOLLER, 2004).

O texto original de Bronfenbrenner (1996) foi ampliado e revisado, algumas vezes apenas pelo autor e outras em parceria. Dentre essas versões estão: Bronfenbrenner (1994); Bronfenbrenner e Ceci (1994); Bronfenbrenner e Morris (1998); Bronfenbrenner e Evans (2000), e Bronfenbrenner (2004). Fato este que levou à

inclusão de novos elementos e de articulações em interações mais dinâmicas, que resgatam os aspectos da Pessoa, dos Processos e do Tempo, surgindo então o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. Apesar da ampliação dos conceitos, ainda destacam Narvaz e Koller (2004) que os pressupostos originais não foram negados ou descartados.

Essas reformulações e ampliações atribuíram aos *processos* a posição central, na qual as diferentes formas de interação entre as pessoas não são mais vistas como apenas função do *ambiente*, mas como função do *processo*, o qual é definido na relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento (NARVAZ; KOLLER, 2004). Complementam as autoras que os principais mecanismos do desenvolvimento são os processos proximais.

O novo modelo bioecológico possui propriedades que envolvem quatro componentes principais e as relações dinâmicas e interativas entre eles são designadas como PPTC (Processo, Pessoa, Tempo e o Contexto) (BONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Assim sendo, passo a seguir a esboçá-los mais detalhadamente.

PROCESSO – “O núcleo do modelo é o processo”, sendo que esse conceito foi sendo desenvolvido ao longo da obra de Bronfenbrenner. Dentre esses trabalhos saliento Bronfenbrenner (1979); Bonfenbrenner e Morris (1998); Bonfenbrenner e Evans (2000) e Bonfenbrenner (2004).

O processo, “este constructo engloba formas particulares de interação entre organismo e ambiente”, ou seja, os processos proximais que ocorrem ao longo do tempo. Estes são os mecanismos primários de produção do desenvolvimento humano, o qual poderá variar de acordo com as características da pessoa em desenvolvimento, com os contextos ambientais desde os mais remotos até os imediatos, bem como com o período de tempo nos quais os processos proximais acontecem (BONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 994).

O conceito de processo proximal tem um significado específico e suas propriedades necessitam ser explicitadas, uma vez que cinco aspectos são especialmente importantes.

- 1) para o desenvolvimento ocorrer, a pessoa deve se engajar em uma atividade;
- 2) para ser efetiva, a interação deve acontecer “em uma base regular, ao longo de um período de tempo”;
- 3) as atividades devem continuar o tempo suficiente para tornar-se crescentemente

mais complexas, meras repetições não funcionam. 4) Processos proximais efetivos desenvolvimentalmente não são unidirecionais; deve haver influência em ambas as direções. No caso de interação interpessoal, isso significa que as iniciativas não vêm de um lado apenas, deve haver algum grau de reciprocidade na troca. 5) processos proximais não são limitados com as pessoas eles também envolvem interação com objetos e símbolos (BONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996-997).

Para a interação ocorrer com os processos proximais e os objetos e símbolos no ambiente imediato, estes necessitam estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (BONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

A partir dessa premissa da valorização dos processos através de suas interações, considero que favorecem o conhecimento das relações, representações, fantasias, temores, valores, desejos, crenças, dentre outros. Dessa maneira, vejo a abordagem sistêmica como uma via de mão dupla, uma vez que todos os elementos que compõem a família permitem a interação através do processo. Por conseguinte no contexto deste trabalho, todos vivenciaram/vivenciam/vivenciarão a paternidade e a construção da mesma.

Reporto-me ainda às propriedades do modelo bioecológico, que envolve os quatro elementos essenciais e as relações dinâmicas e interativas entre eles. Sendo o ponto central do modelo o processo, o qual engloba formas particulares de interação entre organismos e ambiente, os chamados **processos proximais**, os quais ocorrem ao longo das gerações, sendo os produtores do desenvolvimento humano. “Entretanto o poder de tais *processos* para influenciar o desenvolvimento é presumido”, podendo variar em função das características da *pessoa* em desenvolvimento, dos *contextos ambientais* desde os mais remotos aos imediatos e os períodos de *tempo* nos quais os processos proximais ocorrem (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 994) (grifo dos autores).

Desde o início da vida, bem como ao longo do desenvolvimento humano, ocorrem interações duradouras no ambiente imediato, por meio dos **processos proximais** que envolvem “uma transferência de energia entre o ser humano em desenvolvimento e as pessoas, objetos, e símbolos no ambiente imediato” (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p. 118). Complementam ainda os mesmos

autores que a “transferência pode estar em qualquer direção”, ou seja, “da pessoa em desenvolvimento para características do ambiente, de características do ambiente para a pessoa em desenvolvimento, ou em ambas as direções, separadamente ou simultaneamente” (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p. 118).

Salientam Santana e Koller (2004, p. 112) que processo é definido “como a interação recíproca ocorrida nas díades⁷ desenvolvimentais, formadas pela pessoa em estudo e seus diferentes objetos de interação que incluem pessoas símbolos e objetos”.

Bronfenbrenner e Ceci (1994, p. 572) destacam alguns exemplos de processos proximais que são fundamentados “nas atividades de pai com filho, criança com criança, grupo ou jogo solitário, leitura, aprendizagem de novas habilidades, resolução de problemas, desempenhar tarefas difíceis e adquirir novos conhecimentos e experiências”.

Bronfenbrenner e Ceci (1994, p. 584) realizaram uma metáfora com os processos proximais, colocando que, “se os processos proximais são os motores do desenvolvimento, são as características da pessoa e do contexto que oferecem o combustível necessário e fazem a maior parte da condução”.

Complementam os autores que os processos proximais são considerados “os motores principais do desenvolvimento efetivo, mas como todos os motores eles não podem produzir o seu próprio combustível, nem são capazes de se auto-governarem”. Dessa maneira, “são as características da pessoa e do contexto que oferecem o combustível necessário e fazem a maior parte da condução” (BRONFENBRENNER; CECI, 1994, p. 572-584).

Para tanto, complementam Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 996) que a fonte de energia dos processos é

forma, poder, conteúdo e direção dos processos proximais efetivando o desenvolvimento variam sistematicamente como uma função conjunta das características da pessoa em desenvolvimento; do ambiente – tanto imediato como mais remoto no qual os processos estão acontecendo; a natureza dos resultados desenvolvimentais sob consideração; e as continuidades sociais e mudanças ocorrendo ao longo do

⁷ É um sistema de duas pessoas, no qual predomina as relações recíprocas. (Bronfenbrenner, 1996, p. 6). Ocorre quando uma pessoa em um ambiente presta atenção às atividades de uma outra, ou participa gerando uma relação. A presença de uma relação em ambas as direções estabelece a existência de uma **díade**.

tempo pela vida toda e o período histórico durante o qual a pessoa tem vivido.

Assim sendo, o estudo do processo no modelo bioecológico dá voz à relevância da atribuição dos significados pela pessoa em desenvolvimento às suas diversas experiências. Significados estes conferidos aos diversos aspectos do contexto no qual ocorre o desenvolvimento, influenciando a maneira como a pessoa age e/ou reage a esse ambiente (SANTANA; KOLLER, 2004).

Dessa maneira, a paternidade é vivida/vivenciada e construída pelas pessoas através das interações nos processos proximais ao longo do tempo, ou seja, através e nas gerações, nos mais diversos contextos.

PESSOA – é compreendida como um ser biopsicológico que tem sua afetividade derivada da capacidade para influenciar o aparecimento e o funcionamento dos processos proximais futuros.

De acordo com o modelo bioecológico, há distinção a três domínios de características da pessoa que exercem influência sobre os processos proximais, os quais são assinalados como influentes para moldar o curso do desenvolvimento, uma vez que são capazes de afetar a direção e a força dos processos proximais ao longo da vida, a saber: as disposições, os recursos e as demandas. As disposições podem estabelecer processos proximais em um determinado domínio desenvolvimental e continuar a sustentá-los. Os “recursos bioecológicos da capacidade, experiência, conhecimento e habilidade são exigidos para o efetivo funcionamento dos processos proximais num determinado estágio do desenvolvimento”. Já as características das demandas convidam ou desencorajam reações do ambiente, podendo fomentar ou corromper as operações dos processos proximais. “A diferenciação dessas três formas leva a combinação delas em padrões de estrutura de pessoa que pode posteriormente justificar diferenças na direção e força dos processos proximais resultantes e seus efeitos desenvolvimentais” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 995)..

O termo desenvolvimento reporta à “estabilidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos ao longo da vida e através das

gerações”, ou melhor, “é uma função de forças emanando de situações múltiplas a partir das relações entre estas relações” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 995, 1016). Por conseguinte, saliento que o desenvolvimento humano, através das gerações e envolvimento nas interações, favorece a vivência e a construção ou não da paternidade nos diferentes processos e contextos familiares.

Complementa Bronfenbrenner (1994, p. 1644) que o “desenvolvimento humano se destaca através dos processos de interação recíproca progressivamente mais complexos entre um ativo e biopsicológico organismo humano em evolução e as pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente imediato”.

Essas interações através dos processos proximais ocorrem, no cotidiano, por meio do desempenho de diferentes papéis e atividades, ou seja, todos os indivíduos que compõem a família interagem durante o desenvolvimento com o bisavô/bisavó, avô/avó, pai/mãe e filho(a), os quais vivenciam (interagem com) a paternidade e transmitem-lhes valores, práticas e papéis. É através das interações que as atividades e papéis dos pais se atrelam com as dos(as) filhos(as), constituindo díades, tétrades, entre outros, com os demais componentes da família, e assim se constrói a paternidade.

Salientam Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 996) que “os processos efetivos desenvolvimentais não são unidirecionais, deve haver influência em ambas as direções”. Significando que as interações interpessoais não surgem apenas de um lado, necessitando de algum grau de reciprocidade.

À medida que vai ocorrendo o desenvolvimento da pessoa, suas capacidades desenvolvimentais aumentam em nível e alcance. Para os processos proximais serem efetivos, “devem também tornar-se mais extensos e complexos”, a fim de poderem prover a realização dos potenciais em evolução (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 997).

No entanto ressaltam, ainda, os autores que os efeitos dos processos proximais variam, dependendo do resultado desenvolvimental, ou seja, diferentes caminhos podem levar a resultados distintos: disfunção *versus* competência.

A competência é a aquisição demonstrada e o posterior desenvolvimento de conhecimento, habilidade, ou capacidade para administrar e dirigir o próprio comportamento da pessoa por situações e domínios desenvolvimentos. O resultado pode acontecer em qualquer domínio – intelectual, físico, socioemocional, motivacional, ou artístico – tanto por si só, ou em combinação com um ou mais outras esferas de atividade (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p. 118).

Percebo a disfunção, de acordo com a definição dos autores, como falta de competência, tendo em vista que se “refere à manifestação recorrente de dificuldades na manutenção do controle e integração de comportamento ao longo de situações e domínios diferentes de desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 1002).

Quando ocorre disfunção, o impacto desta no desenvolvimento da pessoa será maior em ambientes desfavoráveis ou desorganizados, pois nesses ambientes suas manifestações são mais frequentes e severas (BRONFENBRENNER; MORRIS 1998, p. 1002). A competência e a disfunção exercem influência na qualidade dos processos proximais.

Dessa maneira, o desenvolvimento humano dos pais, geralmente, influenciará nas características desenvolvimentais dos filhos e vice-versa, tendo em vista as interações que ocorrem durante os processos proximais e no desempenho dos papéis. Os pais, na maioria das vezes, são vistos como modelo pelos filhos, conseqüentemente, esse fato também poderá influenciar no exercício da paternidade, baseando-se nas interações que o filho possui principalmente com o pai e avô, bem como os demais membros da família que poderão influenciar no seu desenvolvimento.

A dicotomia entre competência e disfunção é questionada, uma vez que: “se os processos proximais realmente são os motores do desenvolvimento, quais são as diferenças entre aqueles que produzem disfunção versus competência?”. Então, um novo construto surge, a *exposição*, a qual “se refere à extensão de contato mantida entre a pessoa em desenvolvimento e o processo proximal no qual essa pessoa se empenha”. A exposição varia ao longo das seguintes dimensões: duração, frequência, interrupção, *timing* da interação e intensidade da exposição (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000, p. 118).

Desse modo, vejo que a exposição das pessoas, com o exercício da paternidade, resultará na competência ou disfunção no papel de pai, nas interações durante os processos proximais, de acordo com as dimensões acima referenciadas. Assim sendo, as exposições auxiliam nas competências para a construção e o exercício efetivo da paternidade.

Para resultados de competência, enfatizam Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1004) que os processos proximais não somente levam a maiores níveis de funcionamento desenvolvimental, mas também servem para reduzir e agir como um

*buffer*⁸ contra os efeitos de ambientes em desvantagem ou corrompidos.

As características da pessoa no modelo bioecológico, de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 996), aparecem duas vezes, primeiramente como um dos quatro elementos influenciando “a forma, poder, conteúdo e direção dos processos proximais”, e novamente como:

[...] ‘resultados desenvolvimentais’, ou seja, qualidades da pessoa em desenvolvimento que emergem em um ponto posterior no tempo como resultado da junção, interativa, mutuamente reforçando efeitos dos quatro principais componentes antecedentes do modelo. Em resumo, no modelo bioecológico, as características da pessoa funcionam tanto como produtor indireto e como produto do desenvolvimento.

Klein e White (1996, p. 226), ao comentarem a visão de Bronfenbrenner sobre o indivíduo, ressaltam que ele “vê o indivíduo como estando dentro de um microssistema (papel e relações), um mesossistema (inter-relações entre dois ou mais ambientes), um exossistema (ambientes externos que não incluem a pessoa), e um macrossistema (cultura)”.

Dessa forma, a Abordagem Ecológica de Bronfenbrenner discute o desenvolvimento humano através da interação dinâmica de quatro níveis (contextos): o microssistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema.

CONTEXTO – O meio ambiente ecológico, de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1013), “é concebido como um conjunto de estruturas aninhadas, cada uma dentro da outra como um conjunto de bonecas russas”. É nesse sentido que Azevedo (2000, p. 2) afirma: “a realidade familiar, a realidade social e econômica e a cultura estão organizadas como um todo articulado e como um sistema, composto por diferentes subsistemas que se articulam entre si de maneira dinâmica”.

Essa interação entre ambientes, influenciando e sendo influenciados pelas pessoas e pelo tempo, nos diferentes níveis, permitem que nas fronteiras permeáveis ocorram interações.

O **microssistema**, segundo Bronfenbrenner (1994, 1996), é uma dimensão

⁸ Reduz danos e protege contra as dificuldades.

que permite a interação face a face entre as pessoas.

Microsistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experimentadas pela pessoa em desenvolvimento, em dado local face a face com características físicas, sociais e simbólicas particulares, que convidam, permitem ou inibem o engajamento que é sustentado por interações progressivamente mais complexas, a atividade, no ambiente imediato (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 1013).

Os três elementos do microsistema que são levados em consideração nos estudos de desenvolvimento humano são: “atividade, papel e relação”, constituindo-se nos “elementos ou blocos construtores do microsistema”. No microsistema, as transações de papel e as atividades ocorrem dentro de um mesmo ambiente. Complementa o autor que “a criação e atribuição de papéis é uma estratégia especialmente poderosa para influenciar o curso do desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 19, 44).

O papel é definido por Bronfenbrenner (1996, p. 68-69) como:

uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outro em relação àquela pessoa. Os papéis são normalmente identificados pelos rótulos usados para designar posições sociais numa cultura. [...] O conceito de papel envolve uma integração dos elementos de atividade e relação em termos de expectativas societárias. Uma vez que essas expectativas são definidas no nível da subcultura ou da cultura como um todo, o papel que funciona como um elemento do microsistema, na verdade tem suas raízes no macrossistema de ordem mais elevada e em suas estruturas institucionais e ideologias associadas. É a inserção dos papéis nesse contexto mais amplo que lhes dá o poder especial de influenciar – e inclusive compelir – a maneira pela qual a pessoa se comporta numa determinada situação, as atividades nas quais ela se engaja e as relações que se tornam estabelecidas entre aquela pessoa e as outras presentes no ambiente.

A família é um microsistema complexo que permite a interação entre seus vários componentes e, dessa forma, interage, vive e transmite papéis. Dentre estes, destaco o papel de pai.

Já a atividade molar, conforme Bronfenbrenner (1996, p. 37), “é um comportamento continuado que possui um momento (quantidade de movimento,

impulso) próprio e é percebido como tendo significado ou intenção pelos participantes do ambiente”. O autor ainda salienta que:

os termos molar e continuado são usados para enfatizar que uma atividade é mais do que um evento momentâneo, tal como um movimento ou uma expressão focal; pelo contrário, ele é um processo contínuo que transmite mais do que um início e um fim. [...] Enfatiza tanto alguma persistência ao longo do tempo quanto certa importância no campo fenomenológico da pessoa em desenvolvimento e de outras presentes no ambiente (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

Ainda, no que se refere às “atividades molares nas quais as pessoas se empenham constituem ao mesmo tempo mecanismos internos e manifestações externas de crescimento psicológico”. As atividades molares “servem como indicadores do grau e natureza do crescimento psicológico [...] constituem o principal veículo para a influência **direta** do meio ambiente sobre a pessoa em desenvolvimento” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 7, 37) (grifo do autor).

Tal afirmação está embasada “na crença de que nem todos os comportamentos são igualmente significativos como manifestações de influências sobre o desenvolvimento” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

O autor ainda, comenta que atividade molar é diferente de ato, que “é percebido como instantâneo, e, portanto molecular em caráter”. Como exemplos cita: “um sorriso, uma batida na porta, uma pergunta simples, ou uma resposta”. Já como exemplos de atividades molares, salienta o autor: “construir uma torre com cubos, cavar uma vala, ler um livro ou manter uma conversa ao telefone” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37-38).

As atividades molares servem como indicadoras do grau e natureza do crescimento psicológico, constituindo o “principal veículo para a influência direta do ambiente sobre a pessoa em desenvolvimento. Todas as atividades molares são formas de comportamento, mas nem todas as formas de comportamento são atividades molares” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

Alves (2004) destaca que as atividades molares necessitam ter uma continuidade, bem como estar vinculadas ao crescimento psicológico e social dos seres humanos.

Bronfenbrenner (1996, p. 46) afirma que:

sempre que uma pessoa em um ambiente presta atenção às atividades de uma outra, ou delas participa, existe uma relação. A presença de uma relação em ambas as direções estabelece a condição mínima e definidora para a existência de uma **díade** (grifo do autor).

Quando num modelo sistêmico as pessoas desenvolvem interação além de uma díade, este processo é denominado por Bronfenbrenner (1996, p. 7) de “sistema N+2”.

A díade, de acordo com o autor, é importante em dois aspectos do desenvolvimento. Primeiro, por se “constituir um ambiente crítico para o desenvolvimento” e, segundo, porque “serve como bloco construtor básico do microsistema” e possibilita “a formação de estruturas interpessoais maiores como: tríades, tétrades e assim por diante”, a fim de fomentar o crescimento psicológico (BRONFENBRENNER, 1996, p. 46).

A díade pode assumir três formas funcionais diferentes: díade observacional, díade de atividade conjunta e díade primária.

A díade observacional ocorre “quando um membro presta cuidadosa atenção às atividades do outro, que, por sua vez, pelo menos reconhece o interesse demonstrado”. Já a díade de atividade conjunta “é aquela em que os dois participantes se percebem como fazendo alguma coisa juntos. Isso não significa que estejam fazendo a mesma coisa”. Completa ainda Bronfenbrenner (1996, p. 46-48) que a díade primária:

é aquela que continua a existir fenomenologicamente para ambos os participantes mesmo quando eles não estão juntos. Os dois membros aparecem nos pensamentos de cada um, são objetos de fortes sentimentos emocionais e continuam a influenciar o comportamento um do outro mesmo quando separados.

Dessa maneira, percebo que, através das díades observacionais, os elementos da família, dentre estes destaco os filhos, prestam atenção no desenvolvimento das atividades dos pais (papel). E a partir da díade de atividade conjunta exercem o papel de pai/filho, numa relação bidirecional na qual cada um exerce seu papel e atividades. Por conseguinte, acredito que ela influencia na

construção e no exercício da paternidade.

Já o **mesossistema**, de acordo com Bronfenbrenner (1996, p. 21, 161), “é um sistema de microsistemas. [...] Inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente”. Os blocos construtores básicos do mesossistema “serão os elementos familiares do ambiente: atividades molares, papéis e estruturas interpessoais na forma de díades [...], variando no grau de reciprocidade, equilíbrio de poder e relações afetivas”.

O mesossistema é formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra e se torna participante ativa num novo ambiente. As transações de papel e as atividades, no mesossistema, ocorrem entre as fronteiras dos ambientes.

Os limites do sistema são as fronteiras, as quais são invisíveis, mas marcam limiares que não devem ser ultrapassados, bem como as condições em que são mais permeáveis. A permeabilidade expressa as realidades do acesso e da privacidade, sendo que a firmeza das fronteiras do subsistema varia conforme o estilo de cada família (MINUCHIN, P.; COLAPINTO; MINUCHIN, S., 1999, p. 22).

Dessa forma, é através das fronteiras que se dão as relações entre os sistemas e seu ambiente as quais são dinâmicas e não permitem traçar com exatidão os limites (VASCONCELOS, 2002). Considera a autora que as fronteiras não são barreiras, mas sim “lugar de relação” ou “o lugar das trocas” entre sistema e ambiente (p. 207).

Já Minuchin (1982, p.59) salienta que a função das fronteiras é

proteger a diferenciação do sistema. Cada subsistema familiar tem funções específicas e faz exigências específicas a seus membros; e o desenvolvimento de habilidades interpessoais, conseguidas nestes subsistemas, está baseado na liberdade do subsistema de interferências de outros subsistemas. [...] A nitidez das fronteiras dentro de uma família é um parâmetro útil para a avaliação do funcionamento familiar.

Complementam Minuchin, P., Colapinto e Minuchin, S. (1999, p. 25) que “as fronteiras entre adultos e crianças” irão se tornar mais firmes “à medida que as crianças se aproximarem da adolescência”.

Bronfenbrenner (1996, p. 161-162) propõe quatro tipos de interconexões

possíveis no mesossistema: “a participação multiambiente, a ligação indireta, a comunicação interambientes e o conhecimento interambiente”, os quais são mais detalhados a seguir.

A **participação multiambiente** ocorre quando a pessoa participa de atividades em mais de um ambiente. Se ela acontece de maneira seqüencial, pode ser definida como “a existência de uma rede social direta ou de primeira ordem entre os ambientes dos quais a pessoa participa”. A existência do estabelecimento dessa rede com a pessoa entrando num novo ambiente é chamada de “*transição ecológica*”⁹, ou seja, a transição de um ambiente para outro (BRONFENBRENNER, 1996, p. 161-162) (grifos do autor). Destacam Lisboa e Koller (2004) que a transição ecológica acontece à medida que o ciclo vital de uma pessoa evolui, uma vez que gradualmente suas relações vão se tornando mais complexas, sendo capaz de transitar por diversos microsistemas, alternando papéis sociais, ambientes ou ambos.

E quando a pessoa em desenvolvimento participa de mais de um ambiente de um mesossistema, ela é denominada de “*vínculo primário*” e as outras pessoas que participam dos mesmos dois ambientes são denominadas “*vínculos suplementares*” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 161-162) (grifos do autor). O autor salienta, ainda, que “em qualquer ambiente uma díade que envolve uma pessoa de ligação como membro é chamada de **díade de ligação**” (grifo do autor).

A **ligação indireta** ocorre quando “a mesma pessoa não participa ativamente de ambos os ambientes” e a conexão “pode ser estabelecida entre os dois através de uma terceira pessoa que serve como ‘*vínculo intermediário*’ entre as pessoas dos dois ambientes” sendo membros de uma “*rede de segunda ordem*” entre os ambientes. Nesse caso, as pessoas não estão se encontrando face a face (BRONFENBRENNER, 1996, p.162) (grifos do autor).

As comunicações interambientes são as “mensagens transmitidas de um ambiente para outro com a intenção expressa de dar informações específicas para as pessoas do outro ambiente”. A comunicação poderá ocorrer de diferentes maneiras: face a face, por meio de conversas telefônicas, de correspondência ou

⁹ Ocorre no processo desenvolvimental e trata de modificações de papéis, ou seja, “das expectativas de comportamentos associados a determinadas posições na sociedade”, e de ambientes decorrentes das mudanças ocorridas na vida da pessoa, referindo-se ao processo de pessoa e ambiente ao longo do desenvolvimento humano. “Os papéis tem o poder de alterar a maneira pela qual a pessoa é tratada, como ela age, o que ela faz, e inclusive o que ela pensa e sente” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 7).

outras formas de mensagens escritas, de notícias ou anúncios. “A comunicação pode ser unilateral ou em ambas as direções” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 162).

O conhecimento interambiente se refere “à informação ou à experiência que existe num ambiente a respeito do outro. Esse conhecimento pode ser obtido através da comunicação interambiente ou de outras fontes externas aos ambientes específicos envolvidos” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 162).

Ao reportar-se ao potencial desenvolvimental dos ambientes num mesossistema, Bronfenbrenner (1996, p. 165) salienta que ele é:

aumentado se os papéis, atividades e díades em que a pessoa de ligação se envolve nos dois ambientes encorajam o desenvolvimento da confiança mútua, de uma orientação positiva, de um consenso de objetivos entre os ambientes tendo um equilíbrio evolutivo de poder responsivo à ação em favor da pessoa em desenvolvimento. Um vínculo suplementar que satisfaz estas condições é conhecido como **vínculo apoiador** (grifo do autor).

Salienta o autor que o potencial de desenvolvimento de um ambiente aumenta em função do número de vínculos apoiadores existentes entre aquele ambiente e outros ambientes. Acrescenta também que esse potencial tende a aumentar:

quando os vínculos apoiadores são pessoas com as quais a pessoa em crescimento desenvolveu uma díade primária [...] e que se envolvem em atividades conjuntas e díades primárias com membros do novo ambiente (BRONFENBRENNER, 1996, p. 165-166).

A partir desses aspectos, percebo o sistema família como um importante vínculo apoiador, no que tange à figura do pai adolescente, uma vez que esse sistema poderá proporcionar condições para que a paternidade seja exercida com competência, estando relacionada com as interações, atividades e papéis vivenciados nos contextos familiares.

No que se refere ao **exossistema**, Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1017). destacam que este nível:

compreende as ligações e processos que acontecem entre dois ou mais ambientes, pelo menos um deles não contém a pessoa em desenvolvimento, mas na qual os eventos ocorrem de forma que a

influência indireta se processa dentro do local imediato no qual a pessoa em desenvolvimento vive.

Enfatiza Bronfenbrenner (1994, p. 1646) que, em seus estudos desde os anos de 1980, vinha focalizando três exossistemas que “provavelmente afetam indiretamente o desenvolvimento das crianças e dos jovens, através de sua influência sobre a família, a escola e o pequeno grupo de convivência”.

Como exemplo de exossistema, Bronfenbrenner (1996, p. 21) cita o caso de uma criança pequena, no qual podem ser considerados: “o local de trabalho dos pais, uma sala de aula de um irmão mais velho, a rede de amigos dos pais, as atividades da diretoria da escola local”, entre outros.

A demonstração da operação do exossistema, como um contexto que influencia o desenvolvimento, dá-se a partir de uma seqüência causal composta por duas etapas: “a primeira conectando eventos no ambiente externo aos processos que estão ocorrendo no microsistema da pessoa em desenvolvimento, e a segunda ligando os processos que ocorrem no microsistema às mudanças desenvolvimentais numa pessoa dentro daquele ambiente” (BRONFENBRENNER 1996, p. 21).

O **macrossistema** se refere “à consistência observada dentro de uma dada cultura ou subcultura na forma e conteúdo de seus micro-, meso- e exossistemas constituintes, assim como qualquer sistema de crença ou ideologia subjacente a estas consistências” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 197). Afirma também o autor que esse conjunto de sistemas de uma cultura ou subcultura, com suas

referências particulares aos sistemas de opinião, pessoas de conhecimento, recursos materiais, costumes, estilos de vida, estrutura de oportunidade, perigos e curso de vida, são opções que estão encaixadas em cada um desses sistemas mais vastos (BRONFENBRENNER, 1994, p. 1646).

Santana e Koller (2004, p. 110), ao reportarem-se ao macrossistema, destacam que este é

um conjunto compartilhado de crenças, ideologias e valores que perpassam as formas de organização social. Tal conjunto tem alto

poder de determinação nas formas de relação que ocorrem nos sistemas anteriores (micro, meso e exossistemas). As ideologias, crenças e valores são interiorizados de forma ativa pela pessoa em desenvolvimento, influenciando os seus comportamentos e experiências.

Destacam as autoras que o conhecimento do macrosistema é de suma importância por parte do pesquisador, pois ele irá proporcionar a compreensão dos significados que as pessoas atribuem aos contextos que freqüentam.

A outra dimensão do modelo bioecológico é o **Tempo**, que inicialmente foi abordado por Bronfenbrenner (1996) denominado de “cronossistema”, a seqüência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa.

O cronossistema foi acrescentado dez anos depois de Bronfenbrenner escrever sua teoria, tendo em vista que a teoria ecológica aplica-se “durante todo o curso da vida” e incorpora o “tempo como a história de desenvolvimento do indivíduo (eventos e experiências) e seu efeito sobre o desenvolvimento” (KLEIN; WHITE, 1996, p. 219).

Bronfenbrenner (1994, p. 1646) destaca que “tradicionalmente no estudo do desenvolvimento humano, a passagem do tempo foi tratada como sinônimo da era cronológica”. Desse modo, **o cronossistema:**

abrange mudança ou consistência ao longo do tempo não só nas características da pessoa, mas também no ambiente no qual essa pessoa vive (as mudanças ao longo do curso da vida na estrutura familiar, status familiar, emprego, localização do lar ou grau de ética e habilidade em cada dia da vida).

Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998), na obra de 1979, o termo *tempo* era parcamente referenciado. No entanto, a dimensão temporal passou a ter um lugar relevante, no modelo bioecológico estando analisada entre três níveis sucessivos: micro, meso e macro, cada qual com sua característica. **Microtempo** refere-se “à continuidade versus descontinuidade, dentro de episódios contínuos de processo proximal”. E o **mesotempo** é “a periodicidade destes episódios ao longo de intervalos maiores de tempo, tal como dias e semanas”. Finalmente, o **macrotempo** foca “as expectativas e eventos mutáveis na sociedade mais ampla,

tanto dentro quanto através das gerações, uma vez que elas afetam e são afetadas por processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do curso da vida” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 995).

Nos estudos ecológicos, o tempo identifica estabilidade ou instabilidade nos ambientes. Ele se reflete no processo de desenvolvimento, uma vez que o ciclo vital é caracterizado por experiências e sucessivas transições nas relações da pessoa com o contexto da interdependência das influências sociais e históricas, que são expressas no curso da vida e nas relações interpessoais. Sendo esse processo permeado pela temporalidade na existência humana, e a sua compreensão permitindo uma visão do desenvolvimento contextualizada e coerente (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

Dessa forma, a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano considera que o tempo representa uma dimensão com particularidades ímpares, uma vez que envolve tanto os processos cognitivos, neuropsicológicos e socioemocionais em interação dinâmica e integrada com a Pessoa, o Processo e o Contexto (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER; EVANS, 2000).

A dimensão temporal pode ser apreendida e analisada em conjunto com os sistemas existentes no contexto (micro, meso, exo e macrossistemas). Os microssistemas que representam as relações face a face com outras pessoas, objetos e símbolos proporcionam relações que duram determinados períodos e podem assumir características de continuidade/descontinuidade no tempo, influenciando diretamente na qualidade dos processos proximais estabelecidos. Estes, por sua vez, estão diretamente vinculados à socialização da pessoa focalizada, que se dá através deles, e pelo tempo em que a pessoa mantenha contato e possa assimilar elementos do macrossistema (crenças, valores, ideologias), os quais estarão proporcionando a perpetuação, transformação e divulgação. Um olhar histórico para um determinado macrossistema salienta a importância que o Tempo, como um núcleo físico/natural e socio-cultural, assume na existência de cada pessoa (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Destacam Neiva-Silva, Biasoli e Koller (2004) que o estudo e a análise do tempo no decorrer do desenvolvimento humano são pontos-chave para o relacionamento construtivo das ciências sociais e da saúde, tendo em vista que envolvem e enriquecem o diálogo com a História, Geografia, Sociologia e

Antropologia, entre outras ciências. Dessa maneira, o tempo, através das gerações, é um elemento que também irá interagir no exercício competente ou na disfunção da paternidade na adolescência.

O paradigma da ecologia do desenvolvimento conduz ao estudo do ser humano em seus ambientes, os quais se torna necessário examinar embasados na visão de conjunto das características da pessoa e do contexto. Tal olhar inclui tanto atributos biológicos quanto psicológicos, tais como a herança genética e a personalidade, que são as propriedades das pessoas, bem como os atributos dos ambientes imediatos, através dos fatores físicos, sociais e culturais, nos quais vive o ser humano: a família, a escola e a vizinhança (COPETTI; KREBS, 2004, p. 67-68).

Ao conceituar o componente “**contexto**” da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, apresento a figura 1, onde destaco o microssistema, local onde ocorrem as interações face a face entre as pessoas. Já o mesossistema se apresenta como um sistema de microssistemas no qual ocorrem inter-relações entre dois ou mais ambientes, nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. O exossistema compreende as ligações e processos que acontecem entre dois ou mais ambientes. Pelo menos um deles não contém a pessoa em desenvolvimento, mas os eventos a influenciam indiretamente dentro do local imediato no qual a pessoa em desenvolvimento vive. Finalmente, o macrossistema é um conjunto compartilhado de crenças, ideologias e valores que perpassam as formas de relação que ocorrem nos sistemas anteriores (micro, meso e exossistemas).

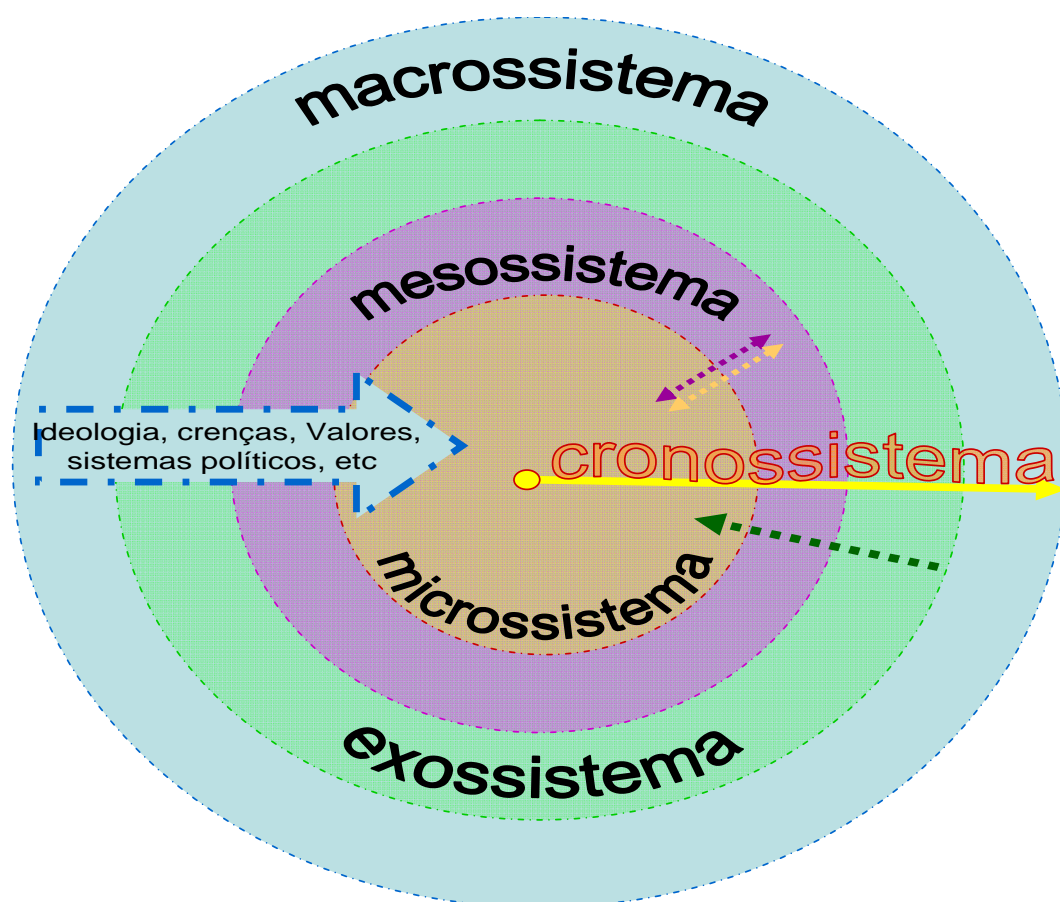


Figura 1: Interação entre os ambientes da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

Ao emergir da Abordagem Ecológica de Bronfenbrenner e relacioná-la ao presente estudo, esbocei a figura a seguir.

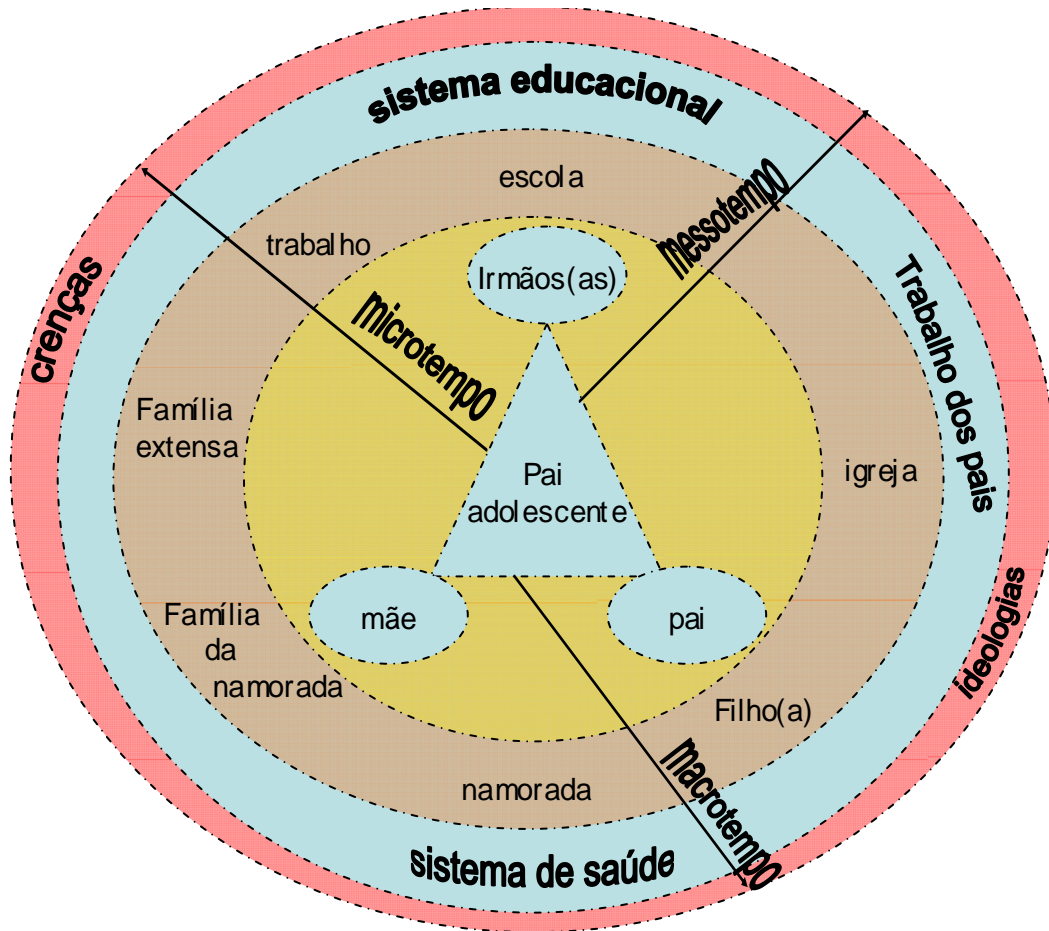


Figura 2: A construção da paternidade na família do pai adolescente baseada na abordagem bioecológica de Bronfenbrenner

Na figura, o elemento central é o pai adolescente inserido no **microsistema** com a sua família, na qual são exercidos papéis de pai, mãe, irmãos(ãs). Nesse contexto, ele realiza interação e desempenha atividades, papéis, ou seja, interage e realiza a construção da paternidade dentro de episódios contínuos de processo proximal, apesar de suas continuidades *versus* descontinuidades. No **mesossistema**, o pai adolescente inter-relaciona com outros ambientes (microsistemas), como a escola, a família da namorada e o(a) filho(a), o local de trabalho e a comunidade onde vive, exercitando o papel de pai adolescente. Nesse mesossistema também está inserida a sua família, a qual interage com outros microsistemas. Aqui, o adolescente pode influenciar e ser influenciado através das interações, e conseqüentemente constrói a paternidade ao longo dos dias e semanas (mesotempo), durante os processos proximais. Logo, no **exossistema** se

dá a relação do pai adolescente com um ambiente do qual ele não participa ativamente, mas que poderá afetar sua vida e a construção da paternidade, como o trabalho dos pais, as políticas públicas, educacionais e de saúde. E no **macrossistema** se pode perceber a cultura de uma sociedade influenciando no ambiente (micro, meso e exossistema), através de seus valores, crenças, práticas, normas e ideologias. Um exemplo dessa influência são os valores atuais que a família está incorporando, através das gerações, em que novos padrões sexuais estão influenciando a vida dos adolescentes e a construção da paternidade. Essas interações são assimiladas e se propagam no micro, meso, exo ambientes e acabam sendo interações do macrossistema.

O modelo bioecológico permite a análise das variações do processo e do produto, como função conjunta das características da pessoa e do ambiente, num determinado período histórico.

Qualquer mudança que ocorre num contexto afeta/atinge os demais, uma vez que existe a interação e a interconexão entre ambientes. Além da pessoa em desenvolvimento compor um sistema, ela também necessita ser considerada como um sistema, uma vez que é um todo composto por partes que interagem através e durante os processos proximais.

4 OPERACIONALIZANDO O ESTUDO: PERCURSOS TRAÇADOS PARA CONSTRUIR UMA HISTÓRIA

Na perspectiva do tema “Paternidade nas famílias dos pais adolescentes”, a operacionalização do estudo percorreu as veredas da abordagem qualitativa, na qual se contempla a dimensão de valores, sentimentos, atitudes, visão de mundo e conhecimentos que compõem o universo das relações. Busquei, então, essa abordagem a fim de alcançar os objetivos propostos.

Assim, o presente estudo está ancorado na abordagem qualitativa defendida por Denzin e Lincoln (1994, p. 2).

Pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao foco, envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalística para seu assunto. Isto significa que os pesquisadores qualitativistas estudam as coisas em seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos em termos de significações que as pessoas trazem para eles.

4.1 Contexto das narrativas

O estudo foi realizado na cidade de Pelotas, do Município de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul. A cidade está situada às margens do Canal São Gonçalo, que liga as Lagoas dos Patos e Mirim, as maiores do Brasil. Pelotas localiza-se na encosta sudoeste e possui como limites: ao norte, as cidades de Turuçu e São Lourenço do Sul; ao sul, os Municípios de Rio Grande e Capão do Leão; a leste, a Lagoa dos Patos; e a oeste as cidades de Canguçu e Morro Redondo. Está localizada a 250 km de Porto Alegre; a 135 km da fronteira do Uruguai, pelo caminho de Jaguarão, e a 220 km, na direção do Chuí; e a 600 km da fronteira da Argentina.

A cidade possui um clima subtropical úmido, é um grande centro comercial.

Os dados populacionais do censo demográfico¹⁰ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que Pelotas possui 323.158 habitantes, tendo uma população de 153.342 habitantes homens e 169.816 habitantes mulheres, numa área territorial de 1.609 km².

4.2 Seleção dos narradores

Estabeleci como critérios de seleção dos informantes: ser homem com idade inferior a 20 anos, ou seja, estar passando pela adolescência conforme critério cronológico da OMS, ter vivenciado ou estar vivenciando a paternidade na adolescência, possuir pai e/ou mãe e avô e/ou avó a fim de proporcionar a investigação nas gerações; ser familiar do adolescente pai, na figura de pai e/ou mãe e avó e/ou avô; residir no perímetro urbano da cidade; aceitar participar do estudo e permitir o uso de gravador.

4.3 Ética permeando as histórias

Os princípios éticos que nortearam a pesquisa encontram-se apoiados na Resolução 196/96 sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos e nos artigos 89 a 93 do Código de Ética dos profissionais de Enfermagem (2007), que são responsabilidades e deveres de ação profissional, os quais se encontram no Capítulo III, bem como nas normas do Comitê da Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Assim sendo, primeiramente encaminhei o projeto deste estudo para apreciação da Comissão de Ética da UFSC, o qual foi aprovado com o nº. 340/05 (Anexo 1).

No que se refere à identidade dos informantes, destaco que a mesma foi protegida e o anonimato assegurado. Também foram preservados e respeitados os princípios relativos à livre escolha de participação no estudo, os quais estão

¹⁰ Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>> acesso em 27/08/2006.

baseados em Contandriopoulos et al (1999): não foram exercidos nenhuma pressão, constrangimento ou influência indevida sobre os informantes; foi concedido um tempo razoável de reflexão aos informantes; foi comunicado aos informantes que eles eram livres para se retirarem, quando desejassem.

No que tange à preservação da identidade, saliento que, primeiramente, identifiquei as famílias a partir de algumas características das mesmas e correlacionei-as a cores, a saber: **Família Azul**; **Família Vermelha**; e **Família Verde**. Após, os informantes que participaram do estudo foram identificados com nomes fictícios escolhidos pela pesquisadora, uma vez que nenhum deles optou por escolher nomes, proporcionando à pesquisadora total liberdade. Por conseguinte, trago um exemplo de como foram identificados e codificados os informantes. Utilizei o nome fictício, seguido do grau de parentesco e o código da família. Exemplo: Ricardo, avô de Renato - pai adolescente da Família Vermelha.

4.4 Informantes das histórias

Na fase inicial deste estudo, tinha como meta de trabalhar com os pais adolescentes que freqüentavam uma escola de um determinado bairro do município. A opção era proveniente de contato anterior com a diretora da escola, a qual me informou que o educandário possuía entre seus alunos, vários pais adolescentes e que a mesma estaria de portas abertas para a realização do estudo.

Então, aguardei a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética da UFSC, e almejava começar a coleta em dezembro de 2005, momento em que fui informada que a escola estava na última semana de aulas e que seria melhor retornar em março.

No entanto, em março, quando retornei para iniciar a coleta, identifiquei só haver um adolescente cuja namorada estava grávida. Como o critério era ter vivenciado ou estar vivenciando a paternidade, esse aluno não preencheu o critério de seleção.

Tal busca, em outras escolas, poderia demorar mais tempo ainda, uma vez que teria de realizar levantamentos prévios para, após, iniciar a coleta. Efetuei então

uma amostragem por conveniência¹¹, devido à exigüidade de tempo para realizar a coleta dos dados.

Os participantes do estudo eram moradores de três bairros da cidade de Pelotas – RS, de pontos bem distintos e distantes um do outro. Com o objetivo de relacioná-los às famílias, identifique-os no estudo como **Rubro**, o bairro onde mora a Família Vermelha, como **Celeste** aquele onde reside a Família Azul e como **Oliva** o bairro da Família Verde.

Os informantes que fizeram parte desta pesquisa foram os pais adolescentes (**Aurélio** da Família Azul, **Juliano** da Família Verde e **Renato** da Família Vermelha) e familiares, na figura de seus pais, mães, avós, avôs, ou seja, as três últimas gerações, os quais nesse estudo foram considerados informantes-chave.

Informantes-chave são “aqueles indivíduos que possuem conhecimentos, *status* ou habilidades de comunicação especiais” e que estavam dispostos, neste estudo, a relatar suas histórias sobre a paternidade, os quais foram escolhidos em função de seu papel no meio familiar (pai/mãe, avô/avó) (LOBIONDO-WOOD e HABER, 2001, p. 130).

Apoiei-me também em Marcon (1998), quando fala que as gerações constituem o espaço no qual

crenças, valores e práticas são transmitidos, reforçados, mantidos e/ou transformados. No entanto, as relações entre as gerações são bidirecionais e se caracterizam pelo estabelecimento de interações, que se manifestam pela troca de experiência entre os indivíduos: enquanto as gerações mais velhas se encarregam de socializar e de cuidar das mais novas, influenciando o estabelecimento das suas práticas (p. 1).

4.5 Na busca das histórias

Para chegar aos informantes do estudo, inicialmente realizava contato telefônico com os pais adolescentes, a fim de investigar a disponibilidade para

¹¹ Através das indicações de pais adolescentes, selecionei membros da população mais acessíveis, fato que favoreceu a coleta dos dados propriamente dita.

participarem do estudo. A partir desse aceite, agendava a entrevista no domicílio.

Ao iniciar a entrevista com o pai adolescente, fazia oficialmente o convite (Apêndice 1) e uma explanação sobre o estudo, os objetivos e o método de trabalho. Após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2), efetivava a entrevista.

Depois de realizada a entrevista com o pai adolescente, este fornecia os dados para o contato telefônico posterior, com os demais familiares que pudessem participar do estudo. Uma vez contatados esses familiares e após aceitarem receber a visita, agendava o encontro no domicílio. Da mesma forma, primeiramente fazia uma explanação sobre o estudo, os objetivos e o método do trabalho (Apêndice 3) e, após, realizava a entrevista.

Na situação do pai adolescente com menos de 18 anos (Aurélio), contatei inicialmente a mãe (Aurélia), convidando-a a participar do estudo e para solicitar a sua autorização¹², a fim de que o filho pudesse fazer parte da pesquisa (Apêndice 4).

Dessa forma, consegui chegar aos informantes do estudo e iniciar a realização da coleta de dados.

4.6 Escuta das histórias

Na coleta de dados, busquei subsídios para conhecer a construção das famílias a respeito da paternidade, a qual tinha a finalidade de dar voz aos informantes em um movimento de revisitação às suas histórias. A fim de efetivar a coleta de dados foram utilizados a entrevista narrativa, o genograma e o ecomapa.

O momento do término da coleta de dados para este estudo foi baseado em LoBiondo-Wood e Haber (2001, p. 123), o qual é determinado quando ocorre a exaustão dos dados. “A coleta de dados é concluída quando se alcança a saturação de dados” e esta ocorre quando as informações obtidas pelo pesquisador começam a se tornar repetitivas. Assim sendo, o critério de suficiência foi definido no momento em que os dados sobre as histórias contadas a respeito da paternidade começaram a repetir-se nas famílias estudadas, demonstrando a exaustão e saturação.

¹² De acordo com a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 do Código Civil Brasileiro, que determina os capazes, parcialmente capazes e incapazes. Sendo que os menores de 18 anos são considerados incapazes, razão pela qual necessitei solicitar a autorização da mãe do adolescente.

As entrevistas narrativas (Apêndices 5 e 6) foram gravadas em fitas cassete e após foram transcritas, relatando fielmente os dados coletados. Toda a documentação permanecerá guardada em arquivo particular, por um período de cinco anos, e posteriormente será incinerada.

4.6.1 Entrevista Narrativa

Segundo Flick (2002), no final da década de 1970 iniciou-se na Alemanha um movimento para que não apenas se traduzisse literatura norte-americana. Essa discussão cogitava o uso de entrevistas, sua aplicação, sua interpretação e questões metodológicas. O autor afirmava que

crucial para esse impulso no desenvolvimento ocorrido no início da década de 1980 foi o aparecimento de dois métodos originais e sua ampla discussão: a entrevista narrativa, de Schütze [...] e a hermenêutica objetiva de Oevermann et al (FLICK, 2002, p.24).

Em 1977, Fritz Schütze, sociólogo alemão, docente do Departamento de Sociologia da Universität Magdeburg, produziu um manuscrito¹³ a respeito das entrevistas narrativas o qual não foi publicado. No entanto, se difundiu largamente como uma literatura oficial e se tornou o foco de um verdadeiro método de pesquisa em comunidades na Alemanha, durante a década de 80. “A idéia original se desenvolveu a partir de um projeto de pesquisa sobre estruturas de poder nas comunidades locais” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 94).

A entrevista narrativa é uma técnica diferenciada de coleta de dados, caracteriza-se como entrevista aberta profunda, e nela o entrevistado é chamado de “informante” ou “Informante da História”. Segundo o autor, a técnica de entrevista narrativa tem a intenção de reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, sendo uma proposta sistemática de criar narrativas com fins de pesquisa social (SCHÜTZE, 1977).

O estudo das narrativas tem conquistado, nos últimos anos, uma nova importância, tendo suas origens na Poética de Aristóteles e, atualmente, está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias

¹³ Esse manuscrito ainda hoje permanece sem ser publicado, sendo que tive acesso ao mesmo por intermédio de uma estudante brasileira que realizava intercâmbio naquele país e conseguiu o material diretamente na biblioteca da University of Bielefeld, na Alemanha.

desempenha na conformação de fenômenos sociais. Essa nova consciência de utilizar as narrativas como método de pesquisa tem sido evidenciada nas ciências sociais (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91):

parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal.

Assim, nessa entrevista, o informante é encorajado e incentivado a contar a história sobre algum acontecimento. No caso do presente estudo, todos os informantes foram incentivados a relatarem sobre a paternidade e a paternidade na adolescência.

A técnica recebe esse nome em virtude de sua origem do latim *narrare*, que significa relatar, contar história.

Silva e Trentini (2002, p.425-426) salientam que narrativa:

é uma tradição de contar um acontecimento em forma seqüencial, cuja composição mais simples inclui começo, meio e fim. [...] Por meio das narrativas, podemos ter acesso à experiência do outro, porém de modo indireto, pois a pessoa traz sua experiência a nós da maneira como ela a percebeu, ou melhor, da maneira como a interpretou. A pessoa fala de suas experiências, reconstruindo eventos passados de uma maneira congruente com sua compreensão atual; o presente é explicado tendo como referência o passado reconstruído, e ambos são usados para gerar expectativas sobre o futuro.

As autoras ainda enfatizam que “o que é vivido por uma pessoa não se pode transferir totalmente como tal para outra pessoa”. O que pode ser passado é “a sua significação”, tendo em vista que “a experiência vivida permanece privada” (p.6).

Destacam Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 92) que:

contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma seqüência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de

sucessivos acontecimentos ou a configuração de um “enredo”. O enredo é crucial para a constituição de uma estrutura de narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso, a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo como no sentido. [...] É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história.

De acordo com Schütze (1977), para o (ou a) ouvinte é esperada a presença de atividades e atitudes valorativas, teórico-argumentativas e abstrato-descritivas do narrador e/ou informante da história, em posições regulares nos segmentos narrativos individuais ou na narrativa completa. Também é evidente que, com a diferença [*Unterschiedlichkeit*] das posições no curso da narrativa, estão, em parte, vinculados tipos diferentes de atitudes reflexivas e valorativas. Enfatiza o autor que se deve considerar, de forma breve, os tipos diferentes de atitudes reflexivas e valorativas, que surgem em qualquer narrativa.

Assim, através do uso das narrativas, podemos ter acesso à experiência do outro, favorecendo o pesquisador o desafio de compreendê-la, a fim de entender o significado da experiência (SILVA; TRENTINI, 2005). Razão pela qual foi pertinente neste estudo o uso das narrativas, uma vez que proporcionou a obtenção das histórias para compreender a construção da paternidade nas famílias, pois, conforme Silva e Trentini (2002, p.425), “as narrativas permitem que seja mantido o elo fundamental entre saber e contexto”.

Ainda de acordo com as autoras (2005, p. 11-13), elas podem ser apresentadas em três tipos: narrativas breves, narrativas de vivência e narrativas populares. O presente estudo contemplou as **narrativas de vivência**, uma vez que retratou a história de uma experiência, ou seja, a vivência da paternidade, a qual é construída como um processo.

Silva e Trentini (2005, p. 1), ao relacionarem as narrativas à enfermagem, destacam que as mesmas constituem uma abordagem para o trabalho dessa profissão, tendo em vista que os profissionais dessa área “estão habituados a ouvir as mais variadas histórias de seus clientes”. Acrescentam ainda as autoras que, na literatura internacional, elas têm sido apresentadas como um “abre-alas a um espaço

para introduzir novas maneiras de cuidar ensinar e pesquisar em enfermagem”.

Dessa forma, a entrevista narrativa, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95),

É classificada como método de pesquisa qualitativa, [...] é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. [...] A entrevista narrativa vai mais além que qualquer outro método ao evitar uma pré-estruturação da entrevista. É o empreendimento mais notável para superar o tipo da entrevista baseado em pergunta resposta. Ela emprega um tipo específico de comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir esse objetivo.

Desse modo, utilizei a narrativa para coletar os dados, uma vez que narrar, de acordo com Gancho (2004, p. 6), “é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. [...] A narrativa é estruturada sobre cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador”. Sendo considerado: **enredo** “o conjunto de fatos de uma história” (p. 9); [...] **personagens** “quem faz a ação” (p.14); [...] **tempo** “a época em que se passa a história” (p. 20); **espaço** “lugar onde se passa a ação numa narrativa” (p.23) e **ambiente** “espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas onde vivem os personagens” (p.23).

Ao relacionar os elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo; espaço e ambiente), bem como da entrevista narrativa, que também considera esses aspectos, percebo a coerência, congruência e interação com o referencial teórico deste estudo, na figura dos quatros núcleos inter-relacionados do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner: **Processo** (enredo), **Pessoa** (personagem), **Contexto** (ambiente/espaço) e **Tempo**.

4.6.2 Genograma e ecomapa

O genograma e o ecomapa são ferramentas que ajudam a fazer o diagnóstico, dispendo e organizando os dados familiares de forma a serem mais bem visualizados (ROCHA; NASCIMENTO; LIMA, 2002).

Genograma “é uma árvore familiar representando a estrutura familiar interna”, ou seja, sua genealogia (WRIGTH; LEAHEY, 2002, p. 84).

A primeira genealogia de que se tem registro, de acordo com Dietrich (2006, p. 29), provavelmente seja a relatada na Bíblia, a qual narra a descendência de

Adão e informa “acerca do número de filhos, ordem de nascimento e descendência”. Sendo que essa genealogia inicia-se “em Adão encerra-se em Noé e seus filhos (Gn 5:1-32)”. Destaca ainda a autora “o registro da genealogia de Jesus, a qual se inicia em Abraão (Mt 1:1-17)”.

O genograma, segundo Carter e McGoldrick (2001, p. 144), “proporciona uma visão de um quadro trigeracional de uma família e de seu movimento através do ciclo da vida”, sendo esse um fenômeno complexo, pois “é uma espiral da evolução familiar”, tendo em vista que “as gerações avançam no tempo de seu desenvolvimento do nascimento à morte”. Complementam ainda os autores que os genogramas “são retratos gráficos da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família”.

Os genogramas seguem formato padronizado de apresentação, sendo que utilizei os símbolos preconizados por McGoldrick e Gerson (1993) e Carter e McGoldrick (2001), conforme apresentados a seguir.



Dessa forma, neste estudo foram consideradas no mínimo três gerações da família, sendo que cada conjunto de símbolos horizontalmente dispostos está representando uma geração; o símbolo padrão utilizado para denotar o sexo masculino é o quadrado e para o sexo feminino o círculo. Dentro de cada quadrado ou círculo, escrevi o nome e idade correspondentes ao membro representado; quando um membro da família havia falecido, a causa da morte foi descrita abaixo

do símbolo; quando houve informações importantes a respeito do membro da família, como data de divórcio, doença, entre outras, elas foram descritas fora do símbolo. Pode-se ainda registrar, segundo os autores, através do genograma, a ocorrência de relacionamentos muito estreitos, relacionamentos conflituosos, relacionamentos distantes, rompimentos, desavenças ou relacionamentos fusionados e conflituosos, entre duas ou mais pessoas.

O genograma, segundo Carter e McGoldrick (2001), permite, de uma forma rápida e clara, visualizar os membros que constituem a família, os vínculos consangüíneos ou não, identificar a idade de cada pessoa, além de retratar o lugar ocupado por cada um dentro da estrutura familiar. Através do genograma, pode-se conhecer a família atual do sujeito (sujeito identificado), a situação dos casais (se ocorreu separação, divórcio ou concubinato). Pode-se, ainda, constatar a ocorrência de adoção, aborto, natimorto ou nascimento de gêmeos. Também podem ser identificados as pessoas falecidas e o motivo de cada morte.

O genograma, de acordo com Wrigth e Leahey (2002, p. 90), é indicado para “quebrar o gelo”, pois proporciona uma estrutura de conversação intencional e facilita a entrada no campo de estudo.

Já o ecomapa, segundo as autoras acima referenciadas (p.84), é o “um diagrama do contato da família com os outros além da família imediata. Representa as conexões importantes entre a família e o mundo”. É um diagrama complementar ao genograma, na compreensão da composição e estrutura relacional da família.

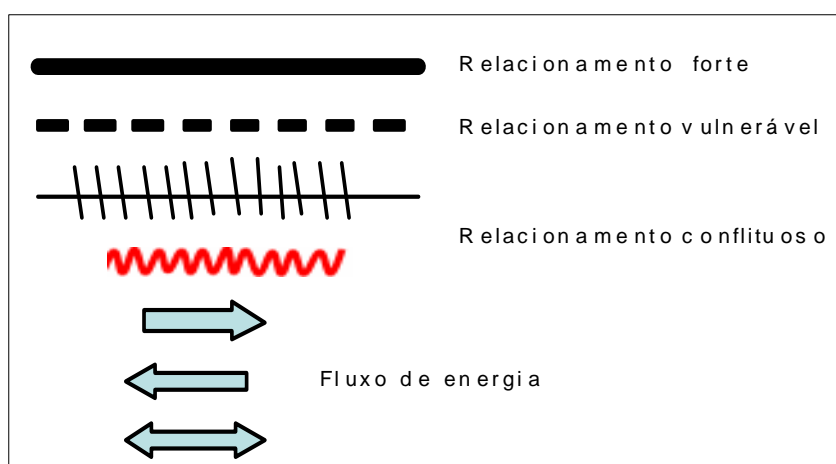
Exige uma forma padronizada de representação, de maneira que o genograma da família é colocado no círculo central. Ela está ligada a outros círculos que representam o trabalho, pessoas significativas, instituições acessadas pela família, constituindo assim seu ecomapa (WRIGTH; LEAHEY 2002, p. 90). As linhas que aparecem desenhadas entre as famílias e os outros círculos indicam a natureza dos vínculos existentes, ou seja: as linhas retas indicam um relacionamento forte; linhas pontilhadas indicam relacionamentos vulneráveis e linhas talhadas indicam relacionamentos conflituosos. Quando setas aparecerem desenhadas ao lado das linhas, indicam o fluxo de energia.

O relacionamento *forte* caracteriza os relacionamentos entre dois ou mais membros familiares que nutrem sentimentos positivos um para com o outro e que possuem interesses, atitudes ou valores recíprocos. O relacionamento *vulnerável* caracteriza os relacionamentos nos quais não há conflito explícito, no entanto

evidenciam risco de ocorrência do conflito. Os relacionamentos *conflituosos* são aqueles que se caracterizam pelas relações nas quais existem freqüentes atritos que geram ansiedade e desavenças (WENDT, 2006).

A seguir apresento o quadro 01 que apresentação a diagramação utilizada para representar os relacionamentos.

Quadro 01: Configuração de relacionamentos



A utilização do genograma e do ecomapa, na investigação das características das relações familiares, amplia as possibilidades em termos de recursos metodológicos para a atuação da enfermagem com famílias (LANDIM et al, 2004). Eles são dispositivos de avaliação, planejamento e intervenções familiares. Apontando “para o futuro, assim como para o passado e presente, os genogramas facilitam as interpretações alternativas da experiência familiar” (WRIGTH; LEAHEY, 2002, p. 84).

Ainda de acordo com Wright e Leahey (2002), o ecomapa bem como o genograma representam uma visão geral da família, retratam relações importantes de educação ou oprimidas e conflituosas entre a família e o mundo, ou seja, entre os sistemas (microssistemas x mesossistemas x exossistema x macrossistemas x cronossistema). Demonstram o fluxo ou a falta de recursos e as privações. Possuem o objetivo de representar os relacionamentos dos membros da família com os sistemas mais amplos.

Complementam Wright e Leahey (2002) que, no ecomapa, o genograma da

família é colocado no círculo central a que se dá o nome de família ou membros da família. Os círculos externos representam pessoas, órgãos ou instituições no contexto familiar. No ecomapa são desenhadas linhas entre a família e os círculos externos, para indicar a natureza dos vínculos afetivos existentes. Linhas retas indicam fortes vínculos, linhas pontilhadas indicam vínculos tênues e linhas cortadas indicam relações estressantes.

O genograma e o ecomapa foram utilizados como instrumentos para realizar a avaliação estrutural da família, bem como demonstrar as interações desta com os sistemas mais amplos e sua família extensa. Sendo que os membros das famílias tiveram participação ativa na elaboração dos mesmos.

Ao empregar os diagramas do genograma e do ecomapa, o primeiro mostra a estrutura familiar e suas interações e o segundo evidencia as afinidades da família com seus relacionamentos e recursos na comunidade.

4.7 Análise das narrativas e a construção da história

Considerando que a entrevista narrativa é um procedimento de coleta de dados que suscita o contar histórias, ela pode ser analisada de diversas maneiras. Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 105) apresentam três possibilidades de análise: “a análise temática, a proposta do próprio Schütze e a análise estruturalista”.

A partir do acima exposto, a análise dos dados neste estudo está ancorada em Fritz Schütze (1977, 1983) que, além de apresentar a proposta da entrevista narrativa, aponta algumas possibilidades para a sistematização de análise das mesmas. A opção por utilizar o referencial metodológico de Schütze foi em razão da sua congruência com o referencial teórico deste estudo, uma vez que mostra uma coerência com os núcleos básicos da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner: pessoa, processo, contexto e tempo.

Segundo Flick (2002, p.215-6), “Schütze vê a narrativa apresentada na entrevista como uma representação fiel dos eventos relatados”. Ainda segundo esse autor, “A combinação de uma análise formal com um procedimento seqüencial na interpretação de construções de experiências em apresentações é um aspecto característico das narrativas” (p.216). Flick ainda ressalta, no que se refere às

narrativas, que “as análises de casos são contrastadas entre si” (p.216).

Schütze (1977), ao falar das narrativas, salienta que, antes de desistirmos dos esclarecimentos de plausibilidade, devemos estar atentos para as circunstâncias formais das quais ela (a plausibilidade) surge, em toda regra, entre proposições narrativas estruturais [*Erzählgerüstsätzen*] e apresentam, de certo modo “extra-metódico”, partes pormenorizadas de segmentos narrativos.

Jovchelovitch e Bauer (2002) apontam a análise de entrevistas narrativas de Schütze (1977, 1983), em seis fases: 1) transcrição detalhada do material verbal; 2) divisão do texto em material indexado e não-indexado; 3) uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos; 4) as dimensões não-indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento”; 5) o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais e 6) uma comparação de casos dentro do contexto.

Neste estudo, optei por adotar esses passos e, a seguir, apresento um diagrama dos mesmos, visando a compreensão do processo de análise.

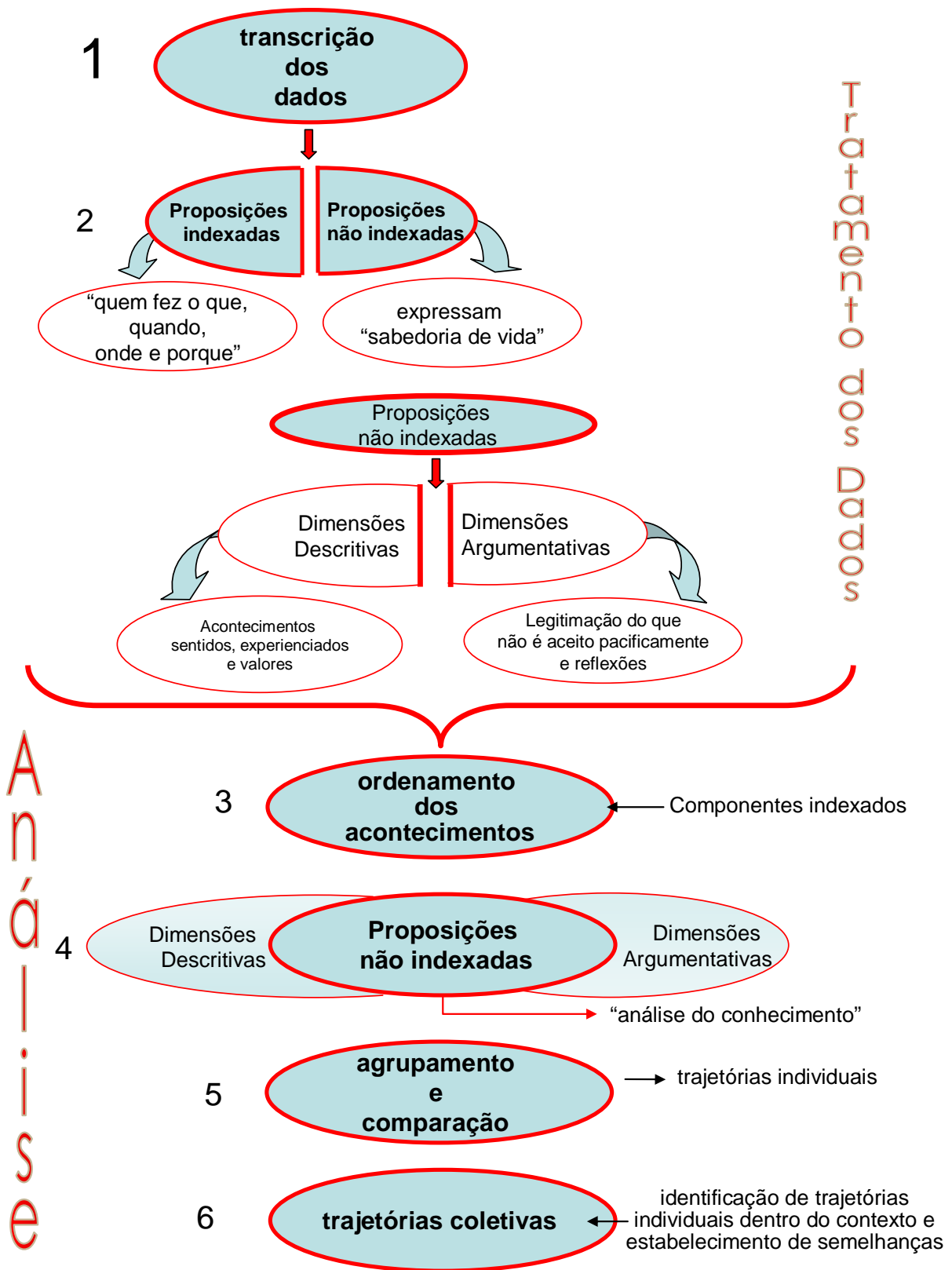


Figura 3: Diagramação da análise de entrevista narrativa, baseada em Schütze (1977, 1983) e Jovchelovitch e Bauer (2002).

Ao olhar a sistematização da proposta de Schütze (1977, 1983), apresentada por Jovchelovitch e Bauer (2002), percebe-se duas fases: a primeira fase de preparação dos dados (primeiro e segundo passos) e a segunda fase, da análise propriamente dita (demais passos). Por conseguinte, faço a seguir a apresentação de cada passo individualmente.

O **primeiro passo**: é quando se dá a transcrição dos dados. Assim, é necessário ter clareza, segundo Schütze (1977), sobre em qual ordenação [*Geordnetheit*] aparecem e se desenrolam as descrições abstratas na parte de detalhamento do segmento narrativo, e de como são complexas sua estrutura e realização. Elas surgem, em regra, de uma seqüência de proposições narrativas pormenorizadoras [*Detailerzählsätzen*], e de descrições concretas abstraem suas características e as empregam em afirmações argumentativas universais. Por outro lado, dão o fundamento para juízos valorativos e formulações teóricas da perspectiva dos acontecimentos sociais vivenciados e de seu espaço social, bem como para a atitude sistemática do narrador, ou seja, do informante da história.

Flick (2002) enfatiza que, se os dados tiverem sido gravados, sua transcrição é uma etapa necessária para sua análise. O nível de detalhamento depende da finalidade do estudo. Salientam Jovchelovitch e Bauer (2002) que as características para-linguísticas, tais como o tom de voz ou as pausas, são transcritas com o objetivo de que se possa examinar a versão do estudo, não apenas em conteúdo, mas também quanto à sua forma retórica.

O **segundo passo**: é quando o texto é “purificado”, ou seja, quando se retiram os trechos não narrativos. É também a fase na qual é feita a primeira categorização do material, distinguindo-o entre concreto e abstrato. Dessa maneira, ocorre uma preparação dos dados para a análise do conhecimento.

Uma das posições-padrão para o surgimento de partes textuais, segundo Schütze (1977), com elementos teóricos e/ou valorativos no interior de segmentos narrativos, é a passagem pormenorizadora [*Detailierungspassage*] do segmento narrativo. Aqui, existem três expressões fundamentais: **primeira**, o relato narrativo de orientações teóricas e afirmações valorativas de outrora, que então desdobram seu efeito [*Wirkung*] no curso dos acontecimentos e/ou na reação difundida do narrador, o informante da história; **segunda**, explicações de plausibilidade [*Plausibilisierungserklärungen*] para os disparates [*Ungereimtheiten*] no curso dos acontecimentos; e **terceira**, caracterização abstrato-descritiva do estado da

situação, dos resultados dos processos sociais ou também das características do espaço social.

Portanto, para o/a ouvinte são esperadas atitudes valorativas: *descritivas* e *argumentativas* do(a) narrador(a) e/ou portador(a) da história, em posições regulares, nos segmentos narrativos individuais ou na narrativa completa. Evidencia-se que a diferença [*Unterschiedlichkeit*] das posições no curso da narrativa estão, em parte, vinculadas a tipos diferentes de atitudes valorativas e reflexivas (SCHÜTZE, 1977).

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002), essa separação constitui uma divisão do texto em proposições indexadas e não-indexadas. Sendo as indexadas as que têm referência concreta às pessoas, ao contexto e ao tempo “quem fez o quê, quando, onde e porquê” (p.106). No que se refere às proposições não-indexadas, segundo as mesmas autoras, elas são as referências abstratas, uma vez que vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda uma forma generalizada de sabedoria de vida. Quanto às proposições não-indexadas, estas podem ser qualificadas em dimensões descritivas e argumentativas.

A abordagem qualitativa reflete essas proposições, pois contempla a dimensão dos significados, ou seja, nesta pesquisa compreende o sentido que as pessoas atribuem ao fenômeno da paternidade e paternidade na adolescência bem como a sua construção.

As **dimensões descritivas** se reportam a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, dessa maneira expressam valores ligado a eles, e às coisas usuais e corriqueiras (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). No presente estudo, foram todos aqueles dados que expressavam uma relação com valores e sentimentos das famílias para com a paternidade e a paternidade na adolescência. Ou seja, segundo Schütze (1977), referem-se às atividades que expressam atitudes *valorativas descritivas*.

Em tipos de texto descritivos, aparecem sempre predicados caracterizadores, que têm em vista características ou funções que são de validade mais estendida espacial e temporalmente do que as especificidades da situação histórica apresentada; esses predicados têm também um caráter condensado essencial (SCHÜTZE, 1977).

As **dimensões argumentativas** se referem à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e às reflexões sobre os acontecimentos (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002).

Para Schütze (1977), quando as atitudes explicativas relatadas são componentes do detalhamento narrativo, aparecem novas atitudes explicativas argumentativas criadas *ad hoc* e irregularmente em toda parte em que surgirem implausibilidades e enigmas. Ainda que o motivo seja pontual, as confusões [*Unklarheiten*] podem conter um caráter tão profundo, que também outros aspectos do curso narrativo, vistos mais de perto, podem ser questionáveis. Nesse caso, chega-se a explicações de pano de fundo [*Hintergrundserklärungen*], que se referem a contextos maiores e desdobram-se em uma complexa dinâmica argumentativa própria.

O **terceiro passo** é o momento no qual se faz uso de todos os componentes indexados das narrativas, a fim de analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, visando conhecer o que Schütze chama de “trajetória” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Nesse passo, formulam-se os indícios essenciais dos espaços de vivências e de acontecimentos com os quais, respectivamente, o narrador/informante da história, está se confrontando no curso narrativo da história. Eles surgem sempre a partir de apresentações narrativas da construção, do surgimento de situações que estão localizadas nas cenas e incluídas nos ambientes sociais [*sozialen Milieus*], mundos sociais e condições socioculturais. A formulação de indícios abstratos da situação, dos ambientes, do mundo social e/ou constelação de condições socioculturais acontece a partir de uma subsequente atitude analítica fundada na perspectiva da apresentação (SCHÜTZE, 1977).

Assim, nessa fase da análise, faço a apresentação das famílias e dos participantes das histórias do estudo, bem como de suas trajetórias. A fim de proporcionar uma visualização melhor desses dados, entrelacei nessa fase da análise a apresentação do genograma, uma vez que, através de sua diagramação, fica mais evidente a estrutura familiar.

No **quarto passo**, é quando se evidenciam as dimensões não-indexadas dos dados, as quais são investigadas como “análise do conhecimento” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Dessa maneira, todas as dimensões descritivas e argumentativas das famílias dos informantes são aqui apresentadas e analisadas. Para Schütze (1977), estas dimensões *explicativas* envolvem reflexões sistemáticas do narrador, logo, Informante da História ou do acontecimento, sobre motivos, fatores de dissolução [*Auslösefaktoren*] e condições do decorrer dos

acontecimentos. Muitas vezes, as atitudes de explicação são pontualmente extraídas a partir do surgimento inesperado de um acontecimento único, ou também decorrentes da transparência defeituosa do surgimento de um evento B a partir de um evento A. No último caso, ou o acontecimento A condicionado deve ser esclarecido de forma mais precisa, ou deve ser indicado um elo explicativo C que segue A e condiciona B. O elo C tem muitas vezes um caráter de formulação hipotético-geral, porque o narrador não poderia observar desse modo os acontecimentos concretos.

A partir daí, emerge propriamente dita a produção do conhecimento, quando os dados são apresentados e discutidos. Dessa maneira, apresento as **dimensões descritivas**, nas quais destaco os valores e sentimentos relacionados à paternidade nas famílias do estudo; e as **dimensões argumentativas**, enfatizando a legitimação da paternidade na adolescência como um fenômeno que não foi aceito pacificamente nas famílias, bem como a reflexão sobre o evento da paternidade nas mesmas.

O **quinto passo** é o instante que compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais. Por conseguinte, nesse momento fiz um agrupamento dos dados dos informantes de histórias e suas famílias, para ser efetivada uma comparação das trajetórias familiares sobre a paternidade.

Ao lado da explicação de acontecimentos pontuais, relações pontuais entre acontecimentos e percursos narrativos pontuais, as teorias explicativas podem se referir também ao devir [*Zustandekommen*] de contextos de acontecimentos maiores e de modificações na situação [*Befindlichkeit*] e na vida do(s) narrador(es), respectivamente, informantes da(s) história(s) ou do(s) acontecimento(s). A formulação de indícios abstratos da situação, dos ambientes, do mundo social e/ou constelação de condições socioculturais acontece a partir de uma subsequente atitude analítica, partindo da perspectiva atual da apresentação (SCHÜTZE, 1977).

O **sexto passo** é aquele que proporciona uma comparação entre os casos. As trajetórias individuais são inseridas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas. Nessa fase derradeira da análise, é realizada a comparação das trajetórias, a qual aponta as trajetórias coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Essa fase está freqüentemente vinculada com a formação de afirmações de contraste, nas quais estados de outrora são comparados com os atuais, ou os estranhos espaços sociais de vivência e acontecimentos vividos no curso dos

acontecimentos são comparados com aqueles conhecidos localmente pelo ouvinte. Ou os indícios espaciais formulados estão vinculados com proposições interpretativas, que consistem em afirmações argumentativas, observações com predicados condensados de modo altamente simbólico. O entrelaçar [*Geflecht*] dessas proposições narrativas fornece, então, uma interpretação global do espaço de vivências e acontecimentos de outrora em seu caráter condicionante para aspectos importantes do curso dos acontecimentos [*Geschehensablauf*] (SCHÜTZE, 1977).

Nesse passo da análise, utilizei a diagramação do ecomapa, que substancia a utilização de recursos de que as famílias se apropriaram para suas trajetórias.

A partir dos dados do referencial metodológico de Schütze (1977), fica evidente a sua harmonia com o referencial teórico de Bronfenbrenner (1996), uma vez que utiliza também as interações das pessoas no contexto, ao longo do tempo. Assim sendo, pode retratar a realidade, seguindo as diferentes histórias de vida das famílias, ao colocarem suas narrativas de construções de paternidade, substanciando com informações relevantes para compreendê-las.

Os resultados são apresentados com alguns recortes das falas obtidas das transcrições das entrevistas narrativas dos participantes das histórias, a respeito da paternidade/maternidade, com o objetivo de melhor ilustrá-los.

5 APRESENTANDO AS HISTÓRIAS DOS PAIS ADOLESCENTES E SUAS FAMÍLIAS

Toda história conta uma história.
Os personagens são pessoas, objetos,
espaços que circunscrevem a trama
imaginária e/ou real de um momento,
de um instante ou até mesmo de uma vida inteira.
Quem é você? De onde vem? O que pretende?
Às vezes sou, às vezes penso, nem sempre quero,
nem espero... sou diferente de você
ou simplesmente igual.
(Autor desconhecido)

A importância do conhecimento do contexto dos informantes de uma história, num estudo, pode ser retratado no pensamento acima, uma vez que proporciona um melhor entendimento “a partir de um lugar de onde se fala ou onde se quer chegar” (RADTKE, 2005, p. 33).

5.1 Ordenando os acontecimentos das histórias: as proposições indexadas

Nesse momento, passo a apresentar os dados que representam os componentes indexados deste estudo, nos quais há uma análise do ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, sendo este denominado por Schütze como “trajetória”.

Assim sendo, apresento a seguir as trajetórias dos informantes que compõem cada família do estudo.

5.1.1 Família Azul

Ao começar a apresentação da **Família Azul**, destaco que os integrantes que fizeram parte do estudo foram: o pai adolescente (**Aurélio**); a mãe (**Aurélia**); o pai (**Álvaro**) e a avó paterna (**Alzira**).

O diagrama dessas três gerações pode ser visualizado na figura 4.

Genograma da Família Azul.

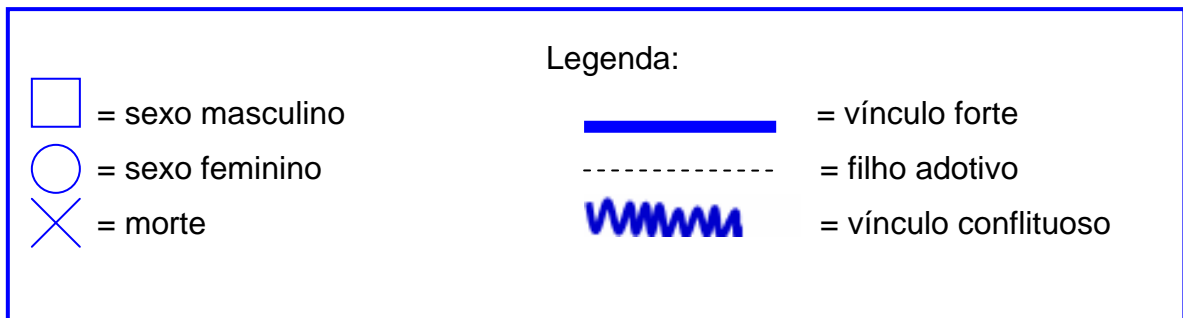
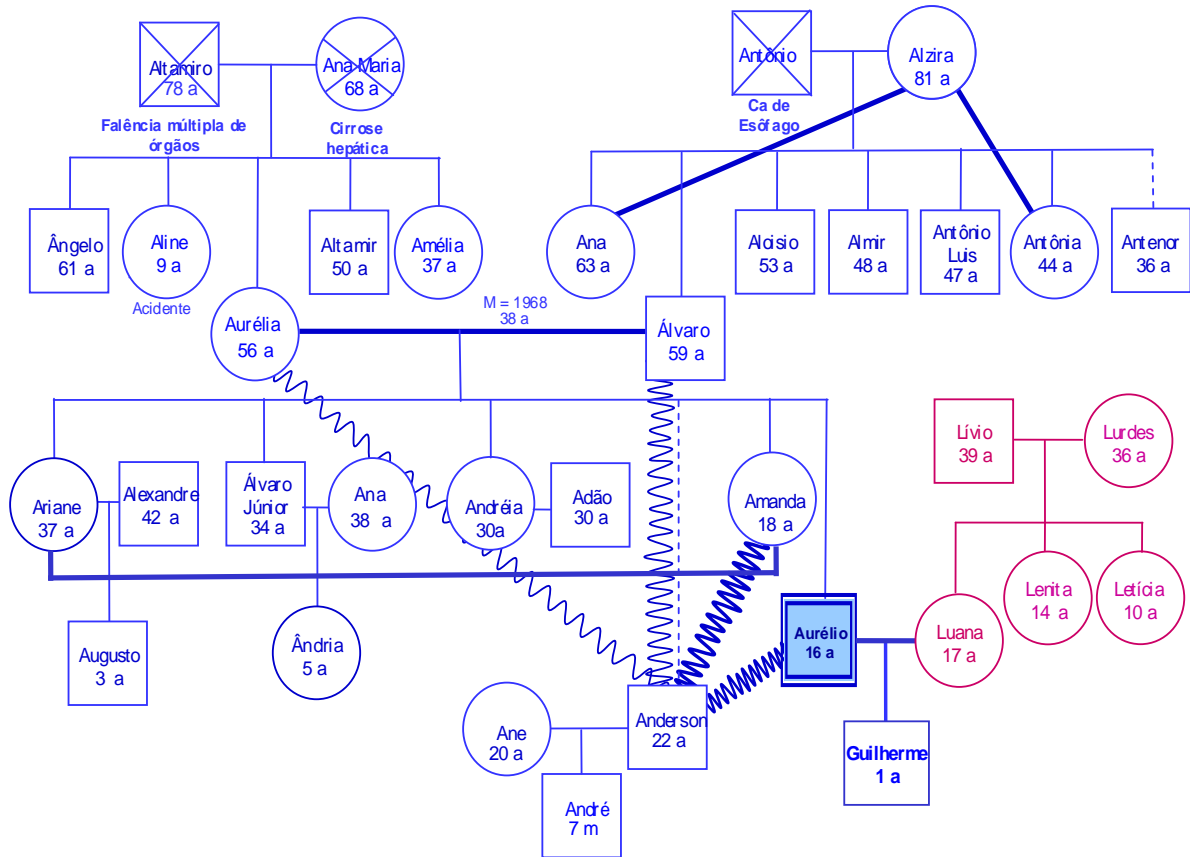


Figura 4: Genograma da Família Azul

Início apresentando o pai adolescente, **Aurélio**, foco deste estudo, que tinha 16 anos e possuía um filho com a namorada Luana de 17 anos, o qual estava com um ano de idade e se chamava Guilherme. Aurélio encontrava-se estudando, no turno da manhã, cursando o terceiro ano do ensino médio, era solteiro e praticante da religião católica. Não tinha emprego, mas realizava, à tarde, algumas atividades na marcenaria dos cunhados, quando havia sobrecarga de trabalho.

Aurélio era um rapaz alto, magro e possuía cabelos curtos. Durante a entrevista, relatou ser um jovem sensível, humano, responsável e preocupado com o

futuro dele, bem como da namorada, Luana, e do filho, Guilherme.

Na trajetória desta família viu-se que Álvaro e Aurélia, seus pais, eram casados há aproximadamente 38 anos. A família, na época, residia num apartamento de três quartos, no bairro Celeste, localizado no nordeste da cidade. Moravam nesse apartamento Aurélia, Álvaro, Aurélio e Amanda.

A família nuclear de Aurélio era composta pela mãe Aurélia, pelo pai Álvaro, os irmãos biológicos (Álvaro Júnior, Andréia, Ariane e Amanda) e um adotivo (Anderson). Aurélio era o filho caçula de Álvaro e Aurélia.

A irmã mais velha de Aurélio era Ariane, de 37 anos, casada com Alexandre e tinha um filho de três anos, Arthur. O irmão mais velho de Aurélio era Álvaro Júnior, de 34 anos, casado com Ana e com uma filha de 5 anos, Ândria. Já a outra irmã era Andréia, de 30 anos, casada com Adão. O irmão Anderson tinha 22 anos, vivia junto com a namorada Ane, mãe de seu filho André, de 7 meses. A irmã caçula de Aurélio, Amanda, de 18 anos, era solteira e católica praticante.

Álvaro, o pai, de 59 anos, era professor, tinha curso superior completo, era católico praticante e ministro da igreja na comunidade onde moravam. Era o segundo filho de Alzira e Antônio, o qual havia falecido há aproximadamente 30 anos, de câncer de esôfago. Álvaro possuía cinco irmãos biológicos (Ana, Aloísio, Almir, Antônia, Antônio Luís) e um adotivo (Antenor).

Aurélia, a mãe, tinha 56 anos e era funcionária pública aposentada, havia aproximadamente três anos. No entanto, trabalhou ainda dois anos a mais, como funcionária contratada. E, na época, dedica-se aos afazeres domésticos, sendo católica praticante. Os pais de Aurélia já haviam falecido. Altamiro faleceu com 72 anos, por falência múltipla de órgãos, e Ana Maria morreu aos 68 anos, por cirrose hepática. Tiveram além de Aurélia quatro filhos, sendo dois homens (Altamir e Ângelo) e uma mulher (Aline) já falecida.

Álvaro provinha de uma família simples, que tinha dificuldades, no entanto, relatava ter orgulho de sua educação.

Eu tenho orgulho, assim, de dizer que eu saí de uma família pobre, os meus pais eles lutaram sempre com muitas dificuldades, então eu nunca tive as coisas que gostaria de ter. Mas também nunca achei que isso fosse razão pra eu me sentir infeliz. Então eu cresci com uma orientação muito positiva de como se deve conviver com as pessoas, o respeito pelos mais velhos, o respeito pelas coisas, a questão da honestidade. O meu pai destacava muito isso, da importância da gente deitar a cabeça no travesseiro e dormir tranquilo (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

O pai de Aurélio relatou ser uma pessoa dinâmica, que amava o que fazia, ter uma fé a qual compartilhava nas suas atividades de ministro, na comunidade católica que freqüentavam.

Eu não me acho uma pessoa com cinqüenta e nove anos de idade. E, então, eu tenho uma personalidade positiva. Então eu sempre procurei as coisas positivas nas pessoas. É, por mais negativo que seja o fato, eu vejo o que de positivo que eu posso tirar daquele fato. [...] E, é umas das minhas, que eu acho que é uma virtude. Isso aí de a gente olhar o lado positivo sempre, é... eu... eu sempre me preocupo. Tudo que eu faço, tanto na escola, como na igreja, como nas outras atividades que eu tenho, é... no meio dos meus amigos, eu gosto dessa coisa assim de trazer o positivo, o agradável, proporcionando que eu diga, que eu faça e que a minha presença seja uma coisa boa pras pessoas. Eu me preocupo com isso e procuro fazer com que isso seja realidade (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A família nuclear de Aurélio tinha um relacionamento conflituoso com Anderson, o filho adotivo, que era usuário de drogas, tendo em vista suas condutas, sendo a mais destacada os furtos que efetuava. Esse fato gerava constrangimento e transtornos na família, se estendendo aos demais irmãos.

Já se envolveu em roubos na rua... com polícia... com tudo... A gente teve, teve tempo, mesmo, indo, quando ele era menor... com processos e aquela coisa toda, e a gente tem que tá andando para fórum, para baixo, para cima... e a gente, puxa vida... isso abala muito a gente. Esses tempos mesmo alguém falou... para o Álvaro e disse: “Ah, tu é o pai do Anderson! Tu tens um filho com problema? Ele tem um problema que ele gosta de roubo?” – É uma coisa que deixa a gente... muito mal... muito mal, por que... tu sabes... coordenador de um colégio, não é nenhum... nenhum alto cargo? Não, mas a gente preza pelo nome da gente, a gente tem que manter o nome da gente limpo. A gente gosta de ter um nome limpo... e, às vezes, muitas vezes a gente leva esse choque assim... – “Ah, tu é o pai do fulano! Conheço o fulano...” – é muito triste... muito chato... (Aurélia, mãe de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Alzira era a avó de Aurélio, tinha 81 anos, ficou viúva com 50 anos, possuía sete filhos, era aposentada e católica praticante. Mostrava-se uma pessoa dinâmica e colaborativa, tendo em vista que, diariamente, ia à casa de Antônia para cuidar dos netos, mesmo com sua idade avançada. Sendo essa uma característica forte, a

de auxiliar seus filhos(as), genros e noras, contribuir e auxiliar no cuidado e educação dos netos.

eu criei quase todos os netos, só o que eu não criei foi os do Antônio e os do Aloísio! Porque a Adriana não trabalhava fora. [...] E os do Antônio, a dona Arminda, a mãe da Andara, desde que eles casaram, foi morar junto. [...] Do Aloísio também, porque a Adriana nunca trabalhou fora. Mas os outros todos eu cuidei. [...] Os três maiores (de Álvaro e Aurélia) eu ajudei eles a criar, a cuidar. Houve um tempo até que eles moravam juntos, nós alugamos um sobrado, eles moravam em cima e eu embaixo, pra poder reparar as crianças deles. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

O relacionamento afetivo na família era um aspecto que Alzira prezava muito. Ela possuía um bom relacionamento com todos os filhos e preservava para que ele fosse mantido.

não tem um aqui que diz assim: “O fulano não gosta do beltrano.”, eu não admito que ninguém olhe atravessado pro outro. Eu não admito, eles sabem que pode ocorrer, mas, se ocorrer uma contrariedadezinha, eles tratam de botar pro lado e fazer que nada houve. Assim que eu criei, e assim que eu quero que vá até o fim. Porque já penso, se a família não vive unida, como é que nós vamos ter paz no mundo, se já as famílias não se unem? Pra ter paz, cada família tem que conviver com amor, com paz e com perdão, principalmente. Porque o ser humano todo ele erra. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A estrutura da Família Azul pode ser observada no genograma, no qual se visualizam algumas situações de relacionamentos fortes e outros conflituosos: Amanda mantinha um forte vínculo com Ariane, a qual era sua madrinha; Aurélio mantinha vínculos fortes com o filho e a namorada; outro relacionamento forte que saliento é entre o casal Álvaro e Aurélia que, mesmo nas adversidades ocasionadas pelo filho Anderson, procurava forças e não deixava esmorecer a união entre eles. Já Amanda, entre todos os irmãos, era a que, segundo Aurélia, tinha o relacionamento mais conflituoso com Anderson. Aurélio informou ter dificuldade em manter um relacionamento afetivo com o irmão.

Enquanto que ele não mexeu comigo, enquanto ele está quieto lá, até eu gosto, porque do filho dele eu gosto. Entende, mas quando ele vem, só a presença dele já me dá um... Eu fico estressado. Eu já não

consigo mais fazer nada... já... já. Não tenho mais vontade de fazer nada, por que eu sei, se eu sair, ele pode ficar brigando com a minha mãe. Aí quem sofre mais é eu, pela minha mãe, entende, pelo meu pai e pelos meus irmãos, que ficam brigando com ele. Aí, sincero, assim é raiva, eu te digo é uma coisa que eu tenho é raiva, porque uma pessoa que, se não tivesse com a gente, hoje estaria jogado no meio da rua. (Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Na família Azul extensa percebo a prática de irmãos mais velhos serem padrinhos dos mais novos: Ariane era madrinha de Amanda e Álvaro era padrinho de Antônia.

O exercício e a concretude da paternidade de Aurélio permeava os contextos de onde ele participava. Dessa maneira, em diferentes contextos o pai adolescente desenvolve interações, (re)constrói a paternidade, juntamente com todos os integrantes desses contextos.

5.1.2 Família Verde

Ao apresentar a **Família Verde**, destaco que os integrantes que fizeram parte do estudo foram: o pai adolescente (**Juliano**), a mãe (**Júlia**); e o pai (**Júlio**). A avó materna de Juliano, **Josefina**, encontrava-se doente, em fase final de um câncer de estômago, conforme informou Júlia. Em virtude de seu estado de saúde, respeitando os preceitos éticos, optei em não entrevistá-la, a fim de respeitá-la como ser humano que necessitava de cuidados. Uma vez que estaria somente levantando dados para o meu estudo e não estaria contribuindo para seu cuidado e conforto.

O diagrama dessas três gerações pode ser visualizado na figura 5 – Genograma da Família Verde.

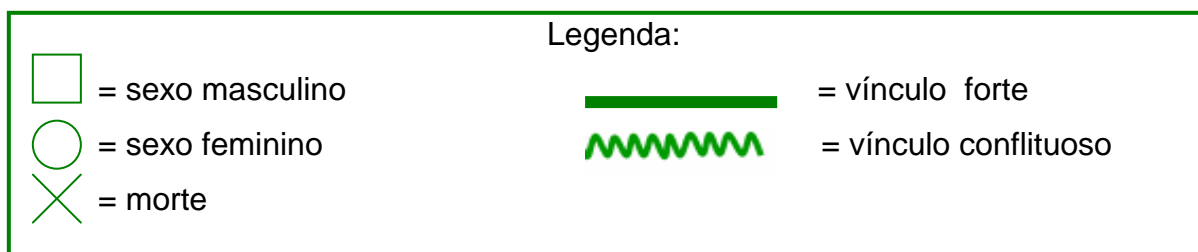
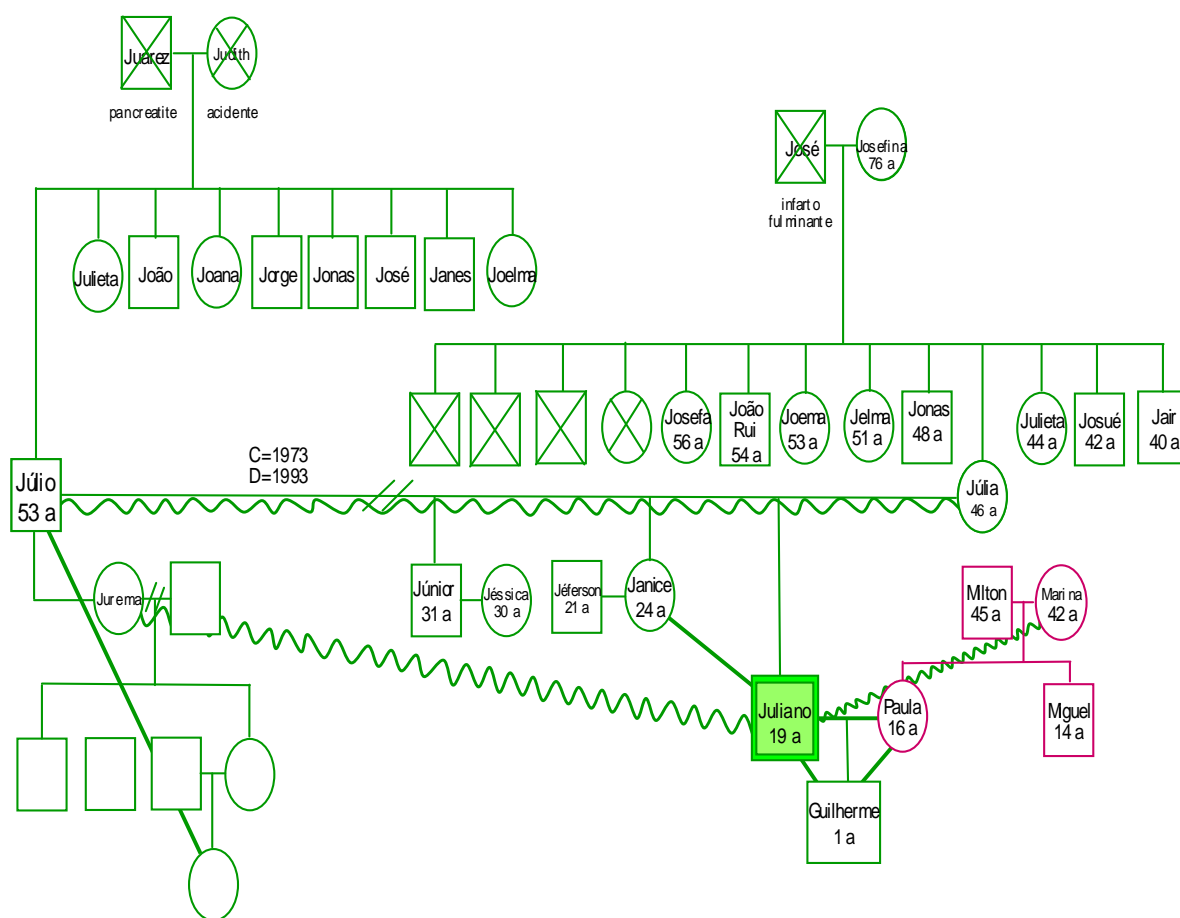


Figura 5: Genograma da Família Verde

Apresento, inicialmente, o pai adolescente, **Juliano**, foco deste estudo, o qual tinha 19 anos, era solteiro, encontrava-se servindo nas Forças Armadas do Exército brasileiro. A escolaridade dele era o ensino médio completo. Ele e a namorada Paula, de 16 anos, possuíam um filho, o qual estava com oito meses e se chamava Augusto. Era um rapaz de estatura mediana, bem comunicativo.

Eu queria ir pro quartel. Ah, eu achava legal. Eu gosto assim. Não é muito que eu esperava. A gente só faz faxina. [...] Mas tem coisas legais. Bem interessante, tem formaturas, a gente aprende bastante

coisa que a gente nunca vai aprender no meio civil. Lidar com armamento. [...] Eu estou gostando, eu estou gostando. [...] Pretendo ficar no quartel. Aí tu ficas como soldado antigo. [...] Surgiu o curso pra cabo até. Foi, foi segunda feira a prova. [...] Eu fiz a prova. Todo mundo disse que eu me saí bem, que eu gabaritei, coisa e tal, mas quem escolhe é o tenente, os caras pra entrar, e eu não entrei. Eu não fui escolhido por ele e ele escolhe a dedo depois os caras. Aí deve ter uns peixes dele. Tenho como fazer concurso de novo. [...] Terminei todo o segundo grau. Pretendo continuar. Eu pretendo fazer um técnico de manutenção, aqui, em mecânica [...] no CEFET. (Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Juliano morava com a mãe num humilde sobrado no bairro Oliva, localizado a noroeste, no município. Os irmãos moravam em outro bairro.

Ao acompanhar a trajetória da Família Verde, viu-se que os pais de Juliano, **Júlio** e **Júlia**, casaram em 1973, permaneceram casados por 19 anos e se divorciaram em 1993. Dessa união nasceram três filhos (Júnior, Janice e Juliano). Janice, de 24 anos, vivia maritalmente com Jéferson, de 21 anos. E o mesmo se dava com Júnior, de 31 anos, e sua companheira Jéssica, de 30 anos.

A união dos pais de Juliano era conflituosa, segundo Júlia, pois Júlio mantinha relacionamentos extraconjugais, fazendo com que ela ficasse irritada e até mesmo fosse violenta em suas atitudes.

Quando ele começou a arrumar mulher, fui deixando, levando, passou um tempo e ele deixou a primeira. [...] Quando arrumou a segunda, a mesma coisa, essa ele deu móveis, pagava casa eu descobri e tirei tudo dela, distribuí tudo. [...] ela olhou para mim e perguntou quantos anos eu vivia com o traste do Júlio [...] ela me disse que a única coisa que tinha tirado dele era dinheiro, pois, final de semana, ele estava sempre comigo e os filhos e, dia de semana, que ele ia para a casa dela, [...] ela ligava meio-dia para a minha casa, para falar com o Júlio. Ela me disse que ele mandava ela ligar. [...] Quando o Júlio chegou em casa aquele dia, bati nele, demoli a sala inteira, só não quebrei ele por causa das crianças. Sempre que acontecia isso, ele ia para a oficina passar um tempo. [...] O divórcio foi em 93. Nós já estávamos separados há uns 5 anos, embora ele continuasse morando aqui em casa, mas que estou divorciada faz 7 anos e separada mesmo faz 13 anos. Ele não queria sair daqui. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Júlio tinha 47 anos e era eletricista. Constituiu outra família com Jurema,

também divorciada, e que possuía 3 filhos do primeiro casamento.

O relacionamento de Juliano com o pai era frágil devido a Jurema, que não se relacionava bem com os filhos dele.

eu já sabia que ele era pau mandado, [...] pela mulher dele. Aí ele conseguiu pegar uma pior que a minha mãe [...] E essa mulher, essa, não adianta, ela não gosta. Não gosta de mim. Não é que ela não gosta de mim. Ela é assim. Ela também não se dá muito bem com a minha irmã. Porque, na época, o pai pagava pensão pra minha irmã e pra mim. Então tinha estresse com a minha irmã também. [...] Só que, aí, ainda não parou ainda porque eu não consigo, ela não passa um pouco na minha garganta. E eu não consigo ser cínico. Coisa que eu não consigo assim, eu não vou muito lá na casa do meu pai [...] Esse ano mesmo, eu fui só no dia dos pais. E fui só lá, dei um abraço nele e voltei. Meus irmãos foram lá, que tinha janta, até o pai ficou chateado, mas eu estava aqui na Paula, aí eu saí daqui, só fui lá dei um abraço nele e vim embora, nem fiquei muito lá com ele. [...] Não foi por causa dele, mas por questão dela, assim. A gente não se sente bem num lugar, é difícil a gente ficar num lugar que a gente não se sinta bem. (Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ela não aceitava meu filho, ele saía do colégio e, às vezes, ia para lá e ficava sentado no cordão da calçada. Ela não mandava ele entrar, nem almoço ela dava para ele. [...] ela tem uma implicância com o Juliano, isto não aceito. Sou uma pessoa que respeito todo mundo e gosto que me respeitem, minha casa e meus filhos. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao comentar a separação dos pais, Juliano colocou que foi muito sofrida para ele.

Pra mim, foi uma das piores coisas. Ah, porque eu tinha muita afinidade. O pai e a mãe sempre presentes. Os dois sempre juntos. E quando eles se separaram, tudo mudou assim, porque aí ou era com um, ou é com outro. Ou tu escolhes, essas coisas assim. E isso é meio sacrificante. É muito sacrificante! (Juliano – pai adolescente da Família Verde)

O exercício e a concretude da paternidade de Juliano também permeavam os contextos por onde ele transitava. Desse modo, nesses diferentes contextos, o pai adolescente desenvolve interações, ele (re)constrói a paternidade, juntamente com todos os integrantes desses contextos.

5.1.3 Família Vermelha

Ao apresentar a **Família Vermelha**, destaco que os integrantes que fizeram parte do estudo foram: o pai adolescente (**Renato**), a mãe (**Renata**); o pai (**Roberto**), a avó materna (**Rosa**) e o avô materno (**Ricardo**).

O diagrama dessas três gerações pode ser visualizado na figura 6 – Genograma da Família Vermelha. Nesse diagrama, podemos ver que alguns vínculos são fortes, alguns tênues e outros conflituosos.

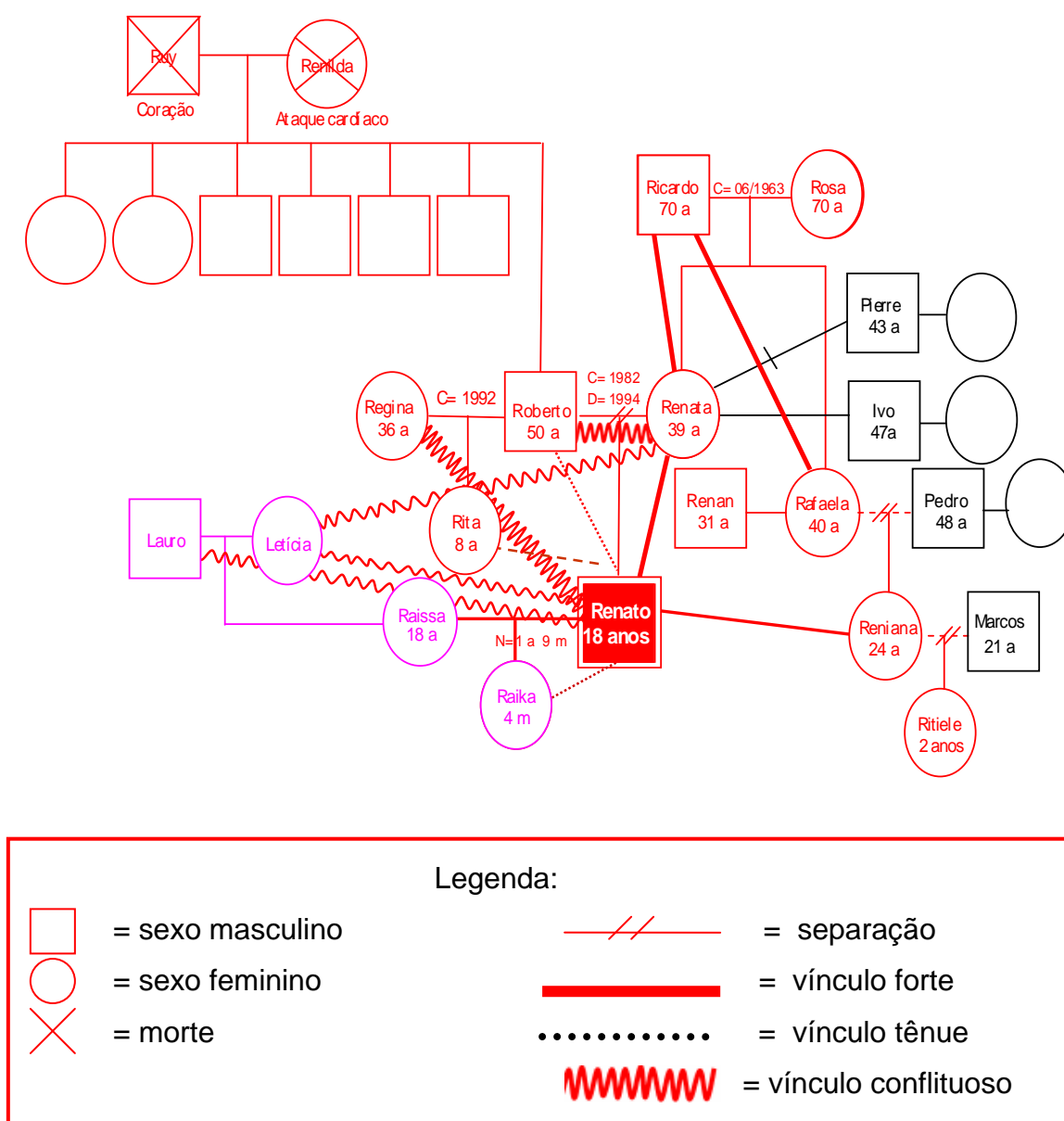


Figura 6: Genograma da Família Vermelha

Apresento, inicialmente, o pai adolescente, **Renato**, foco deste estudo, o qual tinha 18 anos, encontrava-se cursando o segundo grau pelo ensino supletivo, e era

solteiro. Ele e a namorada Raissa, de 18 anos, possuíam uma filha com quatro meses de idade, e que se chamava Raika. Era um rapaz de estatura baixa, de porte levemente musculoso.

Ao entrevistar **Renato**, senti dificuldade para falar com ele, pois era muito reservado e calado, só falava no momento em que era estimulado, tanto que nosso encontro durou aproximadamente 40 minutos. Característica esta confirmada pelos avós, bem como pela mãe dele.

Renato morava num sobrado, localizado no bairro Rubro, região oeste do município, onde residiam ele e a mãe, na parte térrea. A tia Rafaela, com o companheiro Renan, a filha Reniana e a neta Ritiele habitavam o piso superior. Essa residência encontrava-se, externamente, em fase de acabamento da construção.

Os pais de Renato eram separados e, ao falar da convivência com o pai, destacava a falta que sentia dele e comentava que ele era uma pessoa presente, após a separação: “ Bom..., falta a gente sente sempre um pouco! [...] eu via sempre ele direto! [...] ele vinha me buscar” (Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

Já Renata, ao falar da presença do pai na vida de Renato, explicou:

Ele queria que isso acontecesse, que o pai viesse todos os finais de semana. Eu sempre achei isso aí! De psicóloga, eu não tenho nada, mas eu... para mim ele sempre queria que o pai dele fosse assim. [...] Ele passa uma imagem do pai dele que não é! Ele enxerga ele assim. E eu não vou tirar essa imagem dele. Ele tem 18 anos, ele é bem grandinho. O pai dele teve quase um ano sem conversar com ele, por minha causa. Foi! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Renata, a mãe de Renato, tinha 39 anos e trabalhava como técnica em Enfermagem. Era divorciada de Roberto havia aproximadamente 14 anos.

Renata, ao falar da separação de Roberto, comentou que a mesma ocorreu após 12 anos de casamento, quando Renato tinha 4 anos. A separação ocorreu em virtude de Roberto já manter um relacionamento extraconjugal.

Eu tinha 16 anos, quando casei, e ele 26 anos. Ele é de dez anos mais velho. Eu casei em 1982 e separei em 1994 [...] Renato nasceu depois de 6 anos de casada. ...quando ele fez cinco anos, eu já estava separada. [...] Sabe que nós até vivia bem!... Nós até vivia bem! Mas aí ele resolveu, achou em arrumar outra pessoa, que decerto encaixou com ele, que fosse boa para ele. [...] Ele já tinha outra pessoa, essa mesma pessoa. Antes de nós separar, essa pessoa começou a ligar para minha casa, ela ligava para minha casa. E aí ela ligou, ligou,

ligou, ligou... Para minha casa! Aí eu peguei e disse: Não, para mim deu!... Foi um basta, acabou, aí ele não queria se separar. Não, aí eu disse: Quem não mais quer sou eu, eu não quero, não posso mais nem olhar para a tua cara, foi aí que a gente se separou. (Renata, mãe do Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao comentar sobre relacionamentos afetivos, Renata destacou que havia amado uma pessoa antes de casar com Roberto, e que ele aceitou casar sem amor. Após a separação, salientou que teve dois relacionamentos, sendo o último com Ivo, e que durava havia aproximadamente três anos. Destacou que, após algum tempo, descobriu que ele era casado, tentou terminar, mas acabou mantendo essa relação.

eu quando me casei com ele, não morria de paixão por ele (Roberto), casei porque eu achei interessante. Quer casar, vamos casar então! Foi bem assim... Não, não vou dizer amar de paixão, coisa assim, não! Até, um mês antes de a gente casar, eu terminei com ele, porque... disse que amava outro ... aí disse, disse que não importava, que ele ficava comigo assim mesmo... Foi assim... É... É muito estranho... Mas foi bem assim! [...] Pierre é a mesma pessoa que eu disse que amava antes de eu casar. Aí, depois de doze anos que eu estive casada, comecei a levar o Renato para a pré-escola aqui no colégio Sandra Martins, e eu passava na frente da casa dele, ele já era casado... E ele me olhava, me olhava... (pensativa) Mas, um dia, eu vou ter que dar um tirinho! Porque não consegui antes... Pode ser que agora... Aí a gente saiu... A gente saiu... Não! Eu liguei para ele. Deixei passar um monte de tempo, aí eu liguei para ele... E... Ele pegou e disse: "Justamente a pessoa que eu queria que me ligasse...", porque ele não podia sair atrás de mim na rua, onde ele morava com a mulher, ele não podia sair atrás de mim, né... Aí a gente marcou encontro, começou a sair, começou a sair... e aí a gente teve sete anos juntos... Juntos, junto assim... Ele na casa com a mulher dele e eu na minha... Mas ele passava mais lá na minha casa do que na dele. Aí o Renato dizia que não, que não, que não queria ele lá, que não queria ele lá, que não queria ele lá. Aí até que chegou... Esgota isso aí sabe? Esgota... porque ... ele nunca deixou dela. Aaah, eu acho que atraio só esse tipo de homem... (risada). E o Ivo é... é... é, casado! E não adianta! Eu digo para ele: Me deixa, me deixa... Não adianta! Eu só atraio homem casado para perto de mim, eu não sei por que! Ah... Acho que é um carma... Quando descobri que era casado, eu não queria mais nada com ele... Aí ele disse que não tinha problema, que não sei o quê... Aí... eu saí só por sair! Aí a gente foi ficando, foi ficando, foi ficando, e não se larguemos mais! ...Eu só tive três homens na minha vida: o meu marido, aquele primeiro lá (Pierre)... e o Ivo. [...] As pessoas se enganam comigo, sabia? Três homens eu tive na minha vida. ...Te especificando, assim: eu tive três homens na minha vida. Um primeiro que não dá nem para contar, só conto. Só me deu uma coisa de bom: o Renato! ...só me deu esta coisa de boa, de resto... ele não me deu nada de bom. Então... os outros dois... sim. Um... a paixão da minha vida, né! Pierre... essa foi a grande paixão da

minha vida! e até hoje, se a gente se enxergasse... eu não posso nem olhar né. Eu... se sei que ele tá por perto, eu nem olho (riu). [...] eu comecei a namorar ele com doze anos... eu era uma diabinha... muito pequena... eu comecei a namorar ele com doze anos... era aquele namorico, assim, bem antigamente, eu namorava ele assim, namorava, beijava, saía, fugia do pai... fugia. Olha, o Renato é um santo, perto do que eu era! Eu fugia do pai, e ia para os bailes. A mãe se apavorava, dizia que o pai ia me bater, fazer... eu apanhei, já, por causa dele, umas boas dumas cintadas, eu apanhei por causa do Pierre, por que eu fugi e fui para um baile com ele ! (deu risadas). Eu com isso, depois que eu me diverti, o que levar é lucro! (risadas). (Renata, mãe do Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Roberto, o pai de Renato, tinha 50 anos, era militar aposentado, possuía dois filhos e tinha o segundo grau completo. Renato era o único filho do casamento com Renata. Ele constituiu novo casamento, formando uma família com Regina, havia 14 anos, com a qual possuía a filha Rita, de oito anos.

No entanto, Renato, não aceitava o casamento do pai e nem a irmã, com a qual mantinha um vínculo afetivo fraco.

Eu acho que foi quando a guria nasceu [...] Quando a mulher engravidou, e o que era para ele ter feito? Chegado para o Renato, que, apesar da idade, era uma criança na época, era para ter dito assim: A fulana está grávida... Regina, o nome da mulher, lembrei... (risada). A Regina está grávida. Aí era para ter que feito o quê? Vou te explicar: A Regina está grávida, assim, assim. Mas não! Quando o Renato viu, já estava com a barriga grande. Aí ele chegou em casa e disse: “Mãe, tu sabia que aquela mulher está grávida?”. Chamou “aquela mulher”... “Aquela mulher”, sempre chamou “aquela mulher”, de vez em quando ele dá o nome dela, mas depende da situação. Aí o Roberto pegou e disse assim: “Vim buscar o Renato.”. Pegou Renato e levou. Aí, quando Renato chegou na casa dele, ele a apresentou: “Essa é tua irmã.”. Aí ele pegou e disse que ficou assim parado, não falou nada. Aí passou aquele sábado, chegou no domingo de noite numa revolta, ... Numa revolta. [...] O que tu tem Renato? – “Nada!” – Tu não podes falar? – “Não!” – Porque ele não é falar. O Renato não é de falar! Ele não é de falar muito. Perguntar qualquer coisa que ele viu, que ele saiba, ele vai dizer: “Não sei, não vi!”. Até aí, tudo bem! Deixei ele se acalmar, porque alguma coisa tinha acontecido, e eu não quis entrar fundo. Ele está com a raiva até hoje. [...] Aí ele foi para aula, segunda. Os professores mandaram bilhetinho para mim, que ele estava impossível, primeiro dia, queriam falar comigo. Se eu podia ir lá ao colégio. [...] Marcaram o dia, eu ia lá ao colégio outro dia. Durante três dias ele botou fora os bilhetes. [...] Botou fora os bilhetes e entrou igual no colégio, sem os bilhetinhos. Aí, no terceiro dia, ele chegou no colégio, continuava nervoso. Aí, no colégio, na hora do recreio, ele derrubou uma servente. [...] A diretora do colégio, conhecendo o meu pai, que morava bem ali pertinho, ligou para o pai. – “Não... tu vem

aqui, que aconteceu isso, isso, com o teu neto. E ele está suspenso três dias!” – Aí o pai foi lá, saber por que motivo. E o avô passou a mão por cima. Aí eu cheguei em casa... E a professora queria falar comigo. Aí o pai chegou e me ligou e disse assim: “Olha, Nata, o Renato está suspenso três dias.” – Ué, por quê? O que ele aprontou? – “Ah, foi brincando, ele derrubou uma mulher que estava lá no meio do pátio, uma servente.” – E eu digo: Não, pai, isso não pode acontecer! Se ele está, ele vai me explicar o motivo, por que ele fez isso, por que eu jamais ensinei ele a bater em alguém, ou fazer qualquer coisa desse tipo. Aí o pai disse: “Não, deixa, eu já fui lá, já conversei com elas, mas elas querem falar contigo.” – Aí, no caso, só na outra segunda-feira que ele podia ir para a aula. E que eu tinha que comparecer com ele no colégio. Aí cheguei no colégio, ele com um beijo! Caía lá embaixo, e todo mundo olhando para ele, azarando! Aí eu cheguei lá. A professora disse: “Eu preciso falar contigo.” Aí a gente foi para uma salinha reservada para conversar. [...] Nesses três dias que ele teve em casa, ele me disse que a guria tinha nascido, que tinham apresentado a guria para ele. Aí eu peguei e disse assim: Olha, deve de ser então que ele chegou no domingo revoltado, o pai dele casou de novo, e nasceu uma filha. E ela (professora) pegou e disse: “Então eu já sei como tratar o Renato. Não adianta tu brigar com ele, xingar, porque ele está com problema, ele está com raiva, que acha que alguém vai tirar o lugar dele.” – Aí foi isso aí, e deu! Por aí mesmo! Aí ele ficou sempre revoltado. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Renata mantinha um relacionamento conflituoso com Roberto. Naquela época, o compromisso e responsabilidade com a Raika eram encargo só dela, tendo em vista que Renato estava desempregado e Roberto encontrava-se ausente desse contexto. Por essas razões, ela estava arcando com as despesas financeiras das consultas do pediatra particular. Já havia ocorrido de os avós do Renato pagarem consulta, pois ela não tinha dinheiro, em virtude de Renato não estar recebendo pensão do pai.

ele (Renato) não tinha dinheiro e quem pagou a consulta para a Raika foi a mãe. Mas, todos os meses, também não dá! [...] eu sabia que o Renato ia completar 18 anos, quem é que tem que fazer tudo... Eu! A responsabilidade mesmo, em si, caiu em cima de mim, por que o pai dele só é avô! Ele só é avô, ele não participa de nada. [...] Foi lá no hospital ver a menina... foi. Quando nasceu a netinha, ele foi lá... Ele viu a criança... Não sei quê... Ele levou uns brincos... Eu acho... que levou para Raika. Deu e... nunca mais viu! Mas, assim, até eu queria ser avó! De não ter aquela responsabilidade, tu não teres que te preocupar... com a saúde da criança, com até a da Raissa, por que a Raissa [...] é um ser humano, queira ou não eles convivem junto, todos os dias eles se vêem, todos os dias. [...] Agora, ser como ele é... Eu também queria. Ele está no bem-bom! Ele tem uma casa boa, um

carro bom, faz o que quer, não faz nada! Então, eu tenho que me preocupar, eu tenho de trabalhar, eu tenho que pagar contas, eu tenho que pagar a consulta da Raika, e aí...? Assim é fácil ser, ser avô. É fácil de ser botado num pedestal, é óbvio! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Rosa, a avó materna de Renato, tinha 70 anos, era aposentada, católica, casada com Ricardo, com o qual possuía duas filhas, Renata e Renita.

Ao falar sobre a união matrimonial com Ricardo, Rosa fez destaque ao tempo dessa união: “[...] no dia 6 de junho, na outra semana [...] nós faremos 43 anos... 43 anos que nós estamos casados” (Rosa, avó de Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

Ricardo tinha 70 anos, era militar aposentado e católico. Ao contar a história de sua vida, ele comentou que foi sofrida e que, desde pequeno, trabalhou para ajudar a mãe.

a minha vida... foi muito sofrida... eu era pequeno, nós morávamos em Pinheiro Rosado, foi uma época que deu uma praga de morcego lá, que estava pegando tudo, a mãe acabou torrando tudo, a pouco mais de nada, e viemos embora para as granjas... Aí fomos lá para o Passo das Antas, em Marechal Deodoro, aquela zona lá do Pinhão... [...] eu me criei muito pobre, eu era pequeninho, eu era um moleque muito pequeno. [...] Eu tinha um irmão mais velho que era meio vagabundão, não trabalhava, o outro meu irmão era doente, então era eu e a mãe... Eu, com sete anos, já trabalhava na granja, sete anos, já trabalhando... Quando eu ia para o colégio, por exemplo, assim de manhã, de tarde eu tinha que trabalhar... O que eu fazia na granja? Tem aquele negócio de arrecadar inço? Então estavam os outros arrancando, então eles colocavam nas marachas e a gente, que era pequeno, carregava nos sacos para fora, para botar na estrada. Depois fomos indo, depois eu fiquei maior, vim servir o Exército. Aí... Eu ia engajar... Mas aí, eu não sei aonde é que estava a minha cabeça, eu desisti. Fiz concurso na brigada, passei... Também não quis, resolvi ir embora para a granja de novo trabalhar, aí... Mas aí a minha mãe andava muito doente já. Tinha que baixar a mãe no hospital. [...] aí daqui a quinze dias minha mãe morreu... Aí eu fiquei sozinho... Fiquei só eu e essa minha irmã de Rio Comprido. (Ricardo, avô de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O exercício e a concretude da paternidade de Renato permeavam os contextos de onde ele participava. Desse modo, nesses diferentes contextos o pai

adolescente desenvolve interações, ele (re)constrói a paternidade, juntamente com todos os integrantes desses contextos.

Ao finalizar essa apresentação dos integrantes do estudo, reforço o que foi dito inicialmente nesse capítulo, ou seja, que para entender uma narrativa (história/trajetória) é salutar conhecer seus atores, seu cenário, seu enredo e o tempo no qual acontece, a fim de que se possa entender os processos com as suas interações dentro desse contexto, através do tempo (gerações).

Desse modo, a partir das narrativas da Família Azul, Família Vermelha e Família Azul, conhecemos seus integrantes e suas trajetórias, bem como os diferentes enredos que vivenciavam e construíam sobre a paternidade na adolescência.

5.2 Analisando o conhecimento produzido a partir das histórias: as proposições não-indexadas

Quem sabe fazer, aprendeu fazendo.
Quem faz acaba descobrindo novos caminhos.
Quem olha os pais fazerem, aprende a olhar.
É montando em um cavalo que se aprende a galopar.
Içami Tiba

Segundo Schütze (1977), para que surjam partes textuais refletindo elementos teóricos e/ou valorativos no interior de segmentos narrativos, é necessária sua passagem pormenorizada, caracterizando questões abstrato-descritivas do estado da situação, resultados dos processos sociais ou das características do espaço social; explicações de plausibilidade; e orientações teóricas e afirmações valorativas de outrora.

Neste trabalho, a partir da leitura e interpretação dos dados e análise do conhecimento produzido, surgiram subcategorias de análise. No que se refere às dimensões descritivas, surgiram como subcategorias “valores expressos pelas famílias de pais adolescentes” e “sentimentos expressos pelas famílias de pais adolescentes”. E, no que tange às dimensões argumentativas, emergiram as

subcategorias “legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias” e “reflexão sobre a paternidade, nas famílias de pais adolescentes”, as quais podem ser observadas no quadro abaixo.

Quadro 2: Dimensões não-indexadas baseadas em Schütze (1977)

Proposições não-indexadas neste estudo	
Dimensões Descritivas	Dimensões Argumentativas
<ul style="list-style-type: none"> • Valores expressos pelas famílias de pais adolescentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias
<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos expressos pelas famílias de pais adolescentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre a paternidade, nas famílias de pais adolescentes

Ao fazer a apresentação dos dados, os mesmos serão expostos por famílias, na seguinte seqüência: Família Azul, Família Verde e Família Vermelha. Assim, neste momento, apresento os dados que representam as proposições não-indexadas, as quais foram investigadas como “análise do conhecimento” (SCHÜTZE, 1977,1983).

5.2.1 Apresentando as Dimensões Descritivas das Histórias

Nesta fase da pesquisa, apresento as *proposições não-indexadas – dimensões descritivas*, as quais se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados. No que tange a este estudo, trata-se de questões relativas à paternidade e à paternidade na adolescência, nas famílias, e que compõem as dimensões descritivas. Dessas dimensões surgiu uma das categorias do estudo, a qual apontou as subcategorias: valores expressos pelas famílias de pais adolescentes e sentimentos expressos pelas famílias de pais adolescentes.

5.2.1.1 As histórias de valores expressos pelas famílias de pais adolescentes

O homem é definido como um ser social que atua seguindo normas e valores, interage e compartilha direitos e deveres na sociedade.

Ao abordar valores, Mendras (1983, p. 107) considera que os mesmos se organizam num “ideal” que a sociedade propõe a seus membros. Tal ideal orienta os pensamentos e os atos. Numa sociedade, eles são organizados num sistema que deve ter certa coerência, ainda que implique em contradições. “Os valores variam

com as civilizações e, no interior de uma mesma civilização, com os grupos e categorias sociais [...] O valor é transcendente e absoluto para aquele que o serve”.

Já os valores, para Gouveia (2003, p. 433), não são simples palavras ensinadas às crianças, pois “são construtos latentes cuja presença se faz perceber no comportamento cotidiano das pessoas. Portanto, compreendem um conjunto de conceitos ou idéias que capacitam as pessoas a viverem em sociedade”. Uma vez que os valores são usualmente definidos com referência a outros construtos, que têm significados próprios e bem definidos, é difícil reconhecer sua própria legitimidade.

Baseando-se na Teoria das Necessidades¹⁴ de Maslow, Gouveia (2003) estabeleceu uma tipologia e identificou um conjunto de vinte e quatro valores humanos básicos que representam as necessidades humanas, a saber: sobrevivência, sexual, prazer, estimulação, emoção, estabilidade pessoal, saúde, religiosidade, apoio social, ordem social, afetividade, convivência, êxito, prestígio, poder, maturidade, autodireção, privacidade, justiça social, honestidade, tradição, obediência, conhecimento e beleza, os quais serão usados para sustentar essa categoria.

Ao reportar-se a esses valores, Gouveia (2003, p. 436) destaca que eles

formam um sistema valorativo baseado em três **critérios de orientação**, cada um subdividido em duas funções psicossociais, como segue: **pessoal** (experimentação e realização), **central** (existência e suprapessoal) e **social** (interacional e normativa) (grifos do autor).

Os valores básicos são definidos por Gouveia (2003) como categorias de orientação que são desejáveis, baseadas nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar em sua magnitude e nos elementos que as constituem.

As pessoas, de acordo com Gouveia (2003, p. 433), “não diferem devido aos seus valores específicos, mas em função da prioridade que dão a alguns valores”. Os valores perpassam situações, idéias ou instituições. Considerando o acima exposto, optei em embasar a subcategoria “valores” na tipologia de Gouveia (2003).

¹⁴ MASLOW, Abraham . **Motivation and personality**. Nova York: Harper & Row. 1954.

Os valores, para Bronfenbrenner, estão inseridos no macrossistema, influenciando a vida das pessoas na sociedade (contexto), como um todo. Dessa maneira, a partir da ótica desse referencial, fica evidente que os valores permeiam desde o macrossistema até o microssistema.

Apresentando os valores relativos a paternidade, na Família Azul

Ao encontrar com o pai adolescente da Família Azul – Aurélio, durante a entrevista emergiram os valores que exponho a seguir. No comentário que fez sobre a atividade sexual com a namorada Luana, ele destacou que sempre usaram método contraceptivo, em todas as relações sexuais. Ele e a namorada adotaram para a prevenção da paternidade/maternidade, e inclusive das DST/AIDS, o preservativo. Ao narrar o que levou um jovem com 14 anos a enfrentar e assumir a paternidade adolescência, enfatizou ter-se devido à educação que recebeu de sua família, destacando também um outro valor muito relevante – a responsabilidade.

a gente nunca deixou de usar. A gente sempre usou camisinha, tudo, fazia tudo direito, só ela não tomava pílula, nada. [...] Mas aí, um dia, eu acho que rebentou. Não sei, até hoje eu não sei te dizer como foi que aconteceu. Assim, mas deve ter rebentado e eu não devo ter visto. [...] é a educação, né. Eu fui criado assim... acho que se tu é o homem para fazer... tu é homem para assumir. Isso desde que eu... sou ... desde os 8 anos que eu sei que... se tu fez... tu assume... se tu não fez... tu bate o pé e diz que não! Entende... mas nunca deixar... se eu fiz as coisas, eu tenho que assumir... tu tens que criar responsabilidade... tu tens que ter responsabilidade pelos teus atos que tu cometeu... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Ao analisar a fala de Aurélio, ficam evidentes a preocupação e o cuidado com a prevenção da paternidade/maternidade e DST/AIDS. No entanto, sabe-se que qualquer método contraceptivo possui um índice de falha e exige alguns cuidados que devem ser adotados. Ao reportar-me à tipologia de Gouveia (2003, p. 434), a fala de Aurélio traz o valor básico sexual.

A capacidade que Aurélio demonstra, bem como a namorada, no desempenho da atividade da vida sexual com a utilização de um método contraceptivo que não só prevenisse a paternidade/maternidade, mas também as DST/AIDS, evidencia a capacidade para conduzir e direcionar o comportamento. Salientam Copetti e Krebs (2004, p. 80) que, na competência, necessitam ser

considerados os recursos que estão sendo utilizados para a execução de uma ação, levando-se em conta os processos de interação e os recursos da pessoa, sejam eles físicos, motores, perceptivos, cognitivos, sociais ou emocionais.

Copetti e Krebs (2004, p. 80) destacam que, “quanto maior for a duração e o intervalo de um evento com potencial instigativo” positivo e mais ele permanecer atuando na pessoa, maiores serão as chances de que esse processo seja efetivado. Fica evidente, dessa maneira, que a educação recebida com ênfase na responsabilidade, desde os oito anos (tempo) de Aurélio, foi um evento que fortaleceu os atributos de pessoa, para ele assumir a paternidade.

Ao comentar sobre a ocorrência da paternidade/maternidade na adolescência e o conseqüente comunicado à família sobre o fenômeno, Aurélio destacou que os pais lhe proporcionaram apoio. Enfatizou, ainda, a importância deles e da irmã para que essa situação não fosse algo que viesse a prejudicar a sua vida e a da namorada, bem como a da criança que estava para vir. “[...] depois contei para os meus pais, maior força. Minha irmã também fez tudo que ficasse, que fosse uma coisa boa, não viesse para o mal, não ficasse ruim e foi isso!” (Aurélio – pai adolescente – Família Azul).

A relação/interação familiar no microssistema familiar de Aurélio é algo forte e merece destaque, uma vez que, a partir do apoio e do afeto que recebeu frente ao processo da paternidade/maternidade, percebe-se que seus familiares incitaram e proporcionaram estímulo para a competência. Os pais de Aurélio e a irmã foram elementos construtores importantes para o desenvolvimento dessa capacidade do jovem, no que tange à paternidade, uma vez que havia entre Aurélio e seus familiares fortes relações interpessoais.

Dessa maneira, o valor básico, segundo Gouveia (2003), evidenciado na fala de Aurélio foi o da afetividade, favorecendo o desenvolvimento de processos proximais. O papel das relações interpessoais é destacado por Morais e Koller (2004) como importante, e enfatizam os autores que é desejável que as mesmas sejam marcadas pela expressão de afeto, reciprocidade e equilíbrio de poder. Isso pode ser evidenciado na próxima fala.

eu nunca... falei... Ah... vem cá com Aurélio. ... Nããão! Ou, comigo, não... eu sempre falo: Vem cá com o pai... vem aqui que o pai vai te trocar... vem fazer isso... vem fazer aquilo... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

O exercício da paternidade, para Aurélio, era algo importante, uma vez que sempre se identificou como pai para o filho, na realização das atividades e cuidados com o mesmo. Vivenciar a paternidade na família, para Aurélio, era partilhar com Luana as atividades relacionadas ao filho, estar presente no desenvolvimento e educação de Guilherme, o que pode ser evidenciado na seguinte fala:

já me disseram muito assim: “Aproveita essa época... porque essa... tu vai ver que quando eles ficarem maiores... nunca mais tu vai conseguir essa época de novo... se tu não tiveres outro filho... nunca mais tu vai ter aquele prazer... ver teu filho crescer... cada vez aprendendo coisa nova... cada vez vendo coisas diferentes assim...”. Aí então... eu estou tentando me dedicar ao máximo a ele, para eu poder ver todas as modificações, falar, caminhar, correr, cair se machucar, tudo... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

O acompanhar o desenvolvimento é um dado ressaltado por Aurélio, que Trindade e Menandro (2002) evidenciaram em seu estudo.

Ao reportar-se ao desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (1996, p. 23), destaca que este “envolve uma mudança nas características da pessoa, uma mudança que não é nem efêmera nem ligada à situação; ela implica uma reorganização que tem certa continuidade ao longo do tempo e do espaço”.

O papel que Aurélio desempenha junto ao filho demonstra as atitudes e relações esperadas de uma pessoa que ocupa o papel de pai, na sociedade e nos diversos contextos nos quais ele se envolvia. Uma vez que a sociedade (macrossistema) utiliza rótulos para designar posições sociais numa cultura (BRONFENBRENNER, 1996).

O papel de pai e o exercício da paternidade, para Aurélio, era algo muito significativo na vida desse adolescente, tendo em vista que abriu mão de sonhos, em prol da vivência desse papel. Na fala a seguir, ele enfatiza, com muita propriedade, a importância que tinha para ele o relacionamento com a namorada, bem como ser um pai presente e poder acompanhar o desenvolvimento de Guilherme.

Eu gosto de jogar basquete! Faz 5 anos que eu jogo e nunca parei... nunca fiquei um mês sem jogar, assim... é uma coisa que eu gosto mesmo... Não é aquelas... aquelas coisas assim tipo de... moda... Todo mundo faz coisas... muito de moda... Eu não... faz tempo... e eu gosto... de jogar mesmo! Não importa... o dia, época... chuva... sol. [...] Agora não! Meu tempo já está mais ocupado [...] eu tive a

oportunidade de jogar basquete em Porto Alegre... coisas que eu larguei por causa... do... Guilherme. [...] e até hoje, se um dia eu pensar assim: ... Ah... a gente (Aurélio e Luana) briga né... como todo mundo, a gente briga .Eu penso assim: ... Como tem o Guilherme... E eu conheço muita gente, que não tem pai... não tem pai presente assim... que eu te digo... e são pessoas até... agressivas... São pessoas que não... como é que eu posso dizer... ah... não têm um pai, para dizer alguma coisa, para te ajudar quando tu precisa... Aí, por isso que eu até relevo assim... tento às vezes... ah... coisas que ela erra, mas... eu penso comigo, eu deixo até ela... ela se tocar... não fico brigando, às vezes... mas aí, eu deixo ela se tocar... que ela errou, se ela não errou... Se fui eu que errei, eu peço desculpas... eu nunca deixo nada pendente assim. [...] ser um pai presente, é tu... poder ver... poder ensinar... porque um pai normalmente... Criança tu ensina... a criança não aprende sozinha... alguém tem que ensinar, normalmente, às vezes, são os pais... porque... às vezes... são as mães porque, às vezes, não tem os pais para ensinar... a jogar futebol... essas coisas de homem... né... de querer aprender... de fazer... de escrever, de ler... de tudo, de caminhar principalmente, assim... falar... Isso eu tenho vontade de aprender... de conviver assim, de ver isso acontecer, entende... Por isso que eu quero ser um pai presente! Não posso perder. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A necessidade de auto-realização é representada pelo valor básico “maturidade”, segundo Gouveia (2003). No entanto, percebe-se, na fala de Aurélio, que ele abriu mão de seu sonho de ser jogador de basquete, em prol do filho Guilherme. Segundo o autor, “os indivíduos que priorizam este valor tendem a apresentar uma orientação social que transcende pessoas ou grupos específicos”, e essa característica pode ser notada nas narrativas desse pai adolescente.

O fato de a namorada estar trabalhando favoreceu que o pai adolescente, Aurélio, desempenhasse atividades com o filho. Essa situação propiciou ainda mais sua interação, bem como o exercício e a concretude da paternidade.

é que a mãe dela... ela conseguiu um emprego para ela... assim... um estágio temporário de um mês... Aí, nesse um mês, eu é que fiquei com ele assim, oh... Ela fazia o almoço, aí eu... Ela dava o almoço para ele... já saía para o trabalho... eu ficava com ele até às 6... A gente... a gente brincava... descia... depois ia caminhar... nas ruas, porque já caminhava... Ele tinha dez meses, quando começou a caminhar... A gente brincava... dormia... comia de tarde ... ficava sempre junto! [...] faço de tudo... trocava, dava comida, agora janta... Como eu vou para lá de noite... ela tá na aula... eu dou a janta... troco fralda, faço ele dormir... de noite eu pego ele... faço ele dormir... Ah, é... mamar que ele quer... Eu pego ele do berço, de vez em quando... por que, às vezes, ela tá mais perto... ela se levanta pega... Aí... faço

de tudo... dei banho, já... Antes, como era no verão... a gente passava na sacada... a gente botava a banheira com água quente e a gente ficava na sacada... brincando, jogando bola, porque tinha umas bolinhas lá... que ele gostava muito de brincar... A gente ficava lá... à tarde inteira brincando... dormia um pouco... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A paternidade é refletida por Aurélio como algo que favoreceu sua maturidade, e seus planos para o futuro tinham outro significado, tendo em vista que acrescentou duas pessoas sobre sua responsabilidade, ou seja, a namorada e o filho.

antes... eu não pensava no que ia acontecer amanhã... Eu tava vivendo o hoje e... e amanhã era o que ia ter amanhã... Aí hoje, por exemplo, eu tenho que me preparar para amanhã... porque agora não é só mais... eu que vou ter... Se daqui a dez anos eu não tivesse um emprego, era só eu... agora é praticamente assim "eu e mais dois", seria meu filho e a minha namorada... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A maturidade é um valor básico de Gouveia (2003). Já a responsabilidade pessoal, a qual é enfatizada por Aurélio, destacam Gouveia et al (2003, p. 123) é “um construto importante para compreender o comportamento das pessoas no cotidiano”, a qual pode ser também “resultado do contexto sociocultural em que estão inseridas as pessoas”.

Ser pai, para Aurélio, também era ser provedor de recursos financeiros, razão pela qual ele almejou arrumar um emprego para ajudar a namorada no sustento de Guilherme. No entanto, Álvaro, seu pai, mostrou-lhe a importância que tinham os estudos em sua vida e que não deveria abrir mão dos mesmos, se quisesse ter uma profissão, uma vez que poderia contar com o apoio deles e que nada faltaria a Guilherme, enquanto ele estivesse cumprindo com as funções de estudante.

o meu pai até mesmo disse: “Melhor que tu estude, seja alguém na vida... que tu trabalhar agora e ser um ignorante quando tu crescer, tu não ter um trabalho, uma profissão, tu ter que viver de bico... Então é melhor que tu tenha uma profissão... tu estude. Ah... tu queres ser professor de educação física... ah, tá bem! Enquanto tiver estudando, tu tiver estudando e passando, te empenhando mesmo... se tu... se tu rodar, por dificuldades, não por falta de vontade, não esquenta que pro

teu filho não vai faltar nada.” [...] aí a gente pensa, né... porque aí eu comecei a estudar... assim... querer estudar... querer ser alguém na vida e não ficar sonhando, tentando jogar basquete porque... talvez isso possa dar certo, mas ... não é para... não... um em um milhão que consegue isso, entende. Aí eu botei na minha cabeça... meu pai disse assim: ... “Tchê!... tu tem uma grande oportunidade de ser jogador de basquete, mas estuda porque, se um dia não der certo... tu tem no que trabalhar... no que te sustentar... no que tu poder viver”. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

É notória a preocupação de Aurélio com o sustento e os recursos financeiros necessários para os cuidados com Guilherme. Também é evidente o apoio que ele receberia da família (pai e mãe), para que não esmorecesse seu interesse pelos estudos e se qualificasse para, mais tarde, ter uma profissão.

Nos dados do estudo que realizaram com pais adolescentes, Trindade e Menandro (2002) destacam que também emergiu o estreito vínculo com os avós, principalmente no que tange ao apoio financeiro.

Ao olhar os tipos de pai, segundo Fein (1978) fica evidente que Aurélio desempenha o papel de pai emergente, uma vez que participa, juntamente com a namorada, das atividades de cuidados para com o filho.

Na entrevista realizada com Aurélia, a mãe do pai adolescente, surgem o pouco tempo de namoro entre Luana e Aurélio e a subsequente gravidez. Além de comentar a pouca idade do filho, a qual considerava ser um fator preocupante para o exercício da paternidade, bem como a pouca idade também da namorada. Sendo que os pais de Luana ressaltaram igual preocupação, a tal ponto de decidirem que não obrigariam, nem tampouco eles forçariam uma união ou casamento, em virtude da pouca idade dos pais para cuidarem de um recém-nascido. Na fala de Aurélia, está presente a preocupação com o valor básico da afetividade, uma vez que compartilha cuidados, afetos nas relações familiares.

O Aurélio namorava há bem pouco tempo, eu acho, ele estava com essa menina há, talvez, seis meses, eu não sei bem, bem, quando ele veio muito apavorado me contar [...] É... com 15 anos ele foi pai... é claro que tudo isso aí, a gente não sabia como eles iriam encarar essa paternidade porque muito criança, muito jovem. [...] E quando a gente vê... tão jovem ainda, com apenas 15 anos, né, essa notícia de que vai ser pai. [...] porque não tinham nenhuma intenção de casar, nem a família tão pouco pressionou para isso, porque... não tinha nem cabimento... casar, forçar, como nos disse o pai da Luana: “O que nós vamos fazer, soltar três crianças dentro de uma casa!” – Ele, a menina

e mais uma criança que ia nascer. Então, não tinha como. [...] Namora a Luana! Eles continuam juntos. Eles moram separados, ele mora em casa, aqui, e ela mora na casa dos pais dela. Mas ela vem... ela dorme aqui, ele vai... dorme lá na casa dela, fica com ela. (Aurélia, – mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

O processo da paternidade/maternidade alterou a vida do filho e a da namorada, a tal ponto que ela passou a estudar à noite, para cuidar do filho durante o dia. Aurélio continuou estudando no mesmo turno; no entanto, nos horários livres, auxilia nos cuidados com Guilherme.

Aí a Luana passou para a turma da noite, porque durante o dia ela toma conta do menino, e aí, à noite, a mãe dela toma conta, para ela poder estudar. E aí, agora pouco tempo, ela esteve até trabalhando lá no Hospital São Cristóvão. Ela foi trabalhar no lugar da secretária lá, por uns dias, um mês ela trabalhou lá. Aí o meu guri, todos os dias, ia para lá, ficava com Guilherme toda a tarde, cuidando dele, ele toma conta do Guilherme. Ele consegue tomar conta, ele cuida dele, muda, dá banho... faz o que for preciso. E aí ele cuidava do Guilherme de tarde para a Luana trabalhar... A Luana chegava, dava um beijo e ia para o colégio, e ele ficava com ele ainda, porque ele estava de greve no colégio, aí ficava tomando conta do Guilherme. Ele tomava conta dele, para ela poder trabalhar e estudar no horário de folga dela. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

Ao comentarem sobre o estudo que realizaram com pais adolescentes, Brandão e Heilborn (2006) enfatizam que, na maioria das famílias, prevalece a decisão parental de que o nascimento da criança não deve impedir o curso previsto para a trajetória juvenil. Dessa maneira, geralmente, esses contextos familiares são aqueles que priorizam a escolaridade, por possuírem melhores condições sociais. As famílias tanto de Aurélio como Luana readequaram a organização familiar e proporcionaram que eles continuassem a escolaridade. Por conseguinte, fica evidente a combinação que ocorreu, a fim de que o processo desenvolvimental não fosse interrompido.

Aurélia comentou sobre o desejo do filho de ser jogador de basquete, as oportunidades que surgiram e o quanto os sonhos do filho se modificaram, com a chegada de Guilherme. Porém ressaltou que Aurélio, em nenhum momento, enfatizou que o filho teria vindo para atrapalhar a vida dele.

O Aurélio, como sempre gostou muito de basquete, a gente sempre incentivou ele... Ele estava fazendo testes na SOGIPA¹⁵, e aquela coisa toda para ele jogar na SOGIPA, então tudo isso é uma coisa que atrapalhava um pouco a vida dele. Mas ele, graças a Deus, ele, Aurélio, não encarou assim: “Ah, tá me atrapalhando. O Guilherme veio para me atrapalhar...” – Não! Ele tem um carinho todo especial com o filho. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

Ao olhar a paternidade exercida pelo seu pai, Aurélia relembra e salienta que se assemelha à exercida pelo marido, ou seja, que o pai não se envolvia com os cuidados aos filhos, uma vez que era responsabilidade materna.

eu não sei se eu fui... criada de uma maneira mais antiga, o pai não se envolvia muito com filho, o pai não mudava, o pai não dava mamadeira, o pai não. O meu marido nunca se envolveu muito com os filhos, e eu que tomava conta sempre, mãe é que tinha que tomar conta, tinha que fazer tudo. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

A fala de Aurélia manifesta o pai provedor, envolvido com suas atividades, e o cuidado dos filhos sendo atribuição da mulher. Essa forma de assumir a paternidade dificulta as interações e, conseqüentemente, os processos proximais. Destacam Gomes e Resende (2004) que se encontra vinculada a assumir a paternidade a função de prover.

É evidente, na fala de Aurélia, a ausência do valor básico da afetividade no seu pai, bem como em Álvaro, segundo Gouveia (2003) no que tange ao compartilhar com a esposa o cuidado dos filhos.

Já a mãe do pai adolescente, Aurélia, ao referir a experiência da paternidade com o marido, salientou que Álvaro não se envolvia com o cuidado dos filhos(as), pois ela achava que era encargo seu, uma vez que o marido trabalhava de dois a três turnos. Enfatizou que, talvez se tivesse pedido ajuda, poderia ter sido diferente.

o pai deles não fazia! Não fazia... ou eu sempre fui muito... sei lá... eu sempre, sempre fui eu que tomava conta de tudo, ah... oh... “Aqui, mãe, tá xixi, mãe, tem que mudar, mãe, eu acho que ele está com fome, tem que dar mamar...” – Sabe? ... quando muito um assim... mas ir fazer... nunca. Eu acho que eu não deixava... Eu acho assim,

¹⁵ Sociedade de Ginástica Porto Alegre (SOGIPA)

que... se eu tivesse dito: Não, faz isso... ou faz aquilo... talvez até ele tivesse feito, sabe. Mas eu acho que eu nunca deixei. Eu acho... e eu ia e fazia, então, eu achava que eu tinha de fazer tudo. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

Na fala de Aurélia, de acordo com Fein (1978) Álvaro é considerado um pai tradicional, uma vez que suas atividades centravam-se no trabalho e nenhum envolvimento com o cuidado dos filhos era realizado.

Salientou ainda Aurélia que o filho não tinha um emprego fixo, tendo em vista que a prioridade para a família eram os estudos. Contudo, Aurélio realizava algumas atividades esporádicas e autônomas na marcenaria do cunhado e de um irmão, a fim de obter algum recurso financeiro para poder ajudar Luana no sustento de Guilherme. Acrescentou também que ela o ajudava financeiramente todos os meses, para que ele comprasse as fraldas para o filho.

O Aurélio não trabalha, não tem um trabalho fixo, não... mas o meu filho e o meu genro têm uma marcenaria. O Júnior, o Álvaro Antônio... e o marido da Ariane, eles têm uma marcenaria... Ah... e o meu genro pegou inclusive agora, há pouco tempo, uns móveis, para uma loja. Eles estavam fazendo uns móveis para uma loja e o Aurélio começa, na volta: “Quer um ajudante? Quer ajuda? Quer ajuda? Pagando bem estou ajudando!” – E brinca assim. Então agora, inclusive antes do aniversário do menino, ele conseguiu uns bons... cruzeiros para poder ajudar no aniversário do guri, trabalhando na marcenaria com os gurus. Então ele vai pro colégio de manhã, de tarde chega, vai para marcenaria ajudar, é lixar, é serrar, montar móveis, desmanchar... fazer. Então ele tá, ele tá ajudando, e ele tá trabalhando nisso aí! Ele diz: “Agora vou continuar ajudando Alexandre, porque preciso de dinheiro.”, diz ele: “.. preciso pagar as fraldas do meu filho.” – Ele se preocupa em ajudar financeiramente. Eu fiz assim, desde que o Guilherme nasceu, todo mês eu dou R\$ 50,00 para ele comprar de fralda para o Guilherme, ...quase dá as fraldas do mês... falta pouquinho, né... Então eu sempre tenho dado. Ontem ele mesmo ele estava me dizendo: “Não... mãe, agora tu não precisa, eu tenho, eu tenho dinheiro...”, não sei que. – Não... o dinheiro das fraldas do Guilherme eu vou continuar te dando, e tu pega essas outras coisas... Sempre tem comprar um cremezinho, tem o médico também... que tem que ir... Tem que pagar consulta, apesar do menino ter... O Álvaro colocou ele como dependente no IPE, que então facilita, mas sempre tem aquela taxa que tem que pagar e é... um remedinho, uma coisinha que tem que comprar. Ele tendo dinheiro... Ele compra, ele tem uma... Uma mesada enorme de R\$ 25,00, que o pai bota na conta de cada um, deles os dois, todo mês já entra direto a mesada eletrônica para eles. Então... desse dinheiro aí... ele sempre, se precisa comprar alguma coisa... para o Guilherme, ele pega do dinheiro dele e vai comprar... Senão ele pede: “Mãe, preciso comprar tal alguma coisa

para o Guilherme.” – Então... aí eu ajudo, porque também ele não trabalha. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

Evidencia-se na fala de Aurélia o valor básico que Gouveia (2003) designa como apoio social, o qual se reporta ao papel que os pais desempenharam junto a Aurélio, no sentido de oferecer-lhe segurança, objetivando que ele não se sentisse sozinho no mundo e recebesse a ajuda indispensável, para enfrentar o processo de paternidade/maternidade.

Ao refletir sobre a procedência de valores, como a responsabilidade nas atitudes de Aurélio para assumir a paternidade, salientou Álvaro que o exemplo foi um forte elemento e ainda complementava com a sua própria atitude de casar, no momento em que descobriram que Aurélia estava grávida. Razão pela qual acreditava que esse fato também tivesse favorecido o modo de agir do filho.

Eu acho assim também que nós sempre demonstramos assim em nós a nossa responsabilidade com a família. Sendo trabalhador, sendo dedicados, e a gente nunca deixou nada a desejar, assim de dizer “Ah, os irresponsáveis...”, a gente sempre se preocupou com a saúde deles, essas coisas todas, escola, tem que estudar, comprava as coisinhas, tudo que era necessário. [...] Eu acho assim que, na verdade, ele sabe que eu casei com a Aurélia... logo nos casamos, ela já tava grávida, então. Então, tava grávida, claro que ele sabe, a Amanda sabe também, então, acho que também é um exemplo de assumir a responsabilidade da situação. A Aurélia não te contou? (risadas) [...] então eu acho que isso tudo vai juntando e é um sinal de responsabilidade, assim, que a gente se compromete. E acho que isso é um dos fundamentos que ele deve ter fortalecido esse gesto responsável dele também nas ações dele. Porque os pais são responsáveis pelas coisas que fazem, com as coisas que se comprometem e até na questão de... ela engravidou nós casamos, não teve problemas. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao analisar a fala de Álvaro, vejo que o valor básico da tradição é destacado como representando a disciplina no grupo ou na sociedade, onde os indivíduos precisam respeitar “símbolos e padrões culturais” (GOUVEIA, 2003, p. 435).

Álvaro, ao narrar como reagiu ao tomar ciência da notícia da paternidade de Aurélio, ressaltou que recorreu à sua crença religiosa, para obter forças e enfrentar a

situação, além de pedir apoio à mesma, para que a criança que estava para vir viesse com saúde e perfeita. Assim como pediu que o filho fosse capaz de assumir com responsabilidade seu papel de pai.

Bom, eu só pensei assim, que Deus nos ajude, que saia uma criança perfeita, que dê tudo certo e tal, porque, como eu costumo dizer lá na escola também: Oh, pessoal, gravidez não é doença, nem mal, só que o bom é que venha na época certa e num tempo bom. Mas se não vier, paciência, mas não é doença, nem praga, nem nada, isso aí é uma consequência natural da relação de duas pessoas.”. Eu não tive, sinceramente assim, eu não entrei em pânico, só pedi a Deus que viesse tudo bem, uma criança perfeita. E que ele fosse capaz de assumir responsabilmente o que ele fez (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

O valor básico da religiosidade é relatado por Álvaro como uma necessidade de segurança, é o reconhecimento da “existência de uma entidade superior, através da qual as pessoas podem lograr a certeza e a harmonia social requeridas para uma vida pacífica” (GOUVEIA, 2003, p. 434). Além de ser um valor para o pai de Aurélio, a religião também é uma atividade, tendo em vista que ele era ministro da igreja católica, na comunidade onde residiam.

Álvaro destacou o reflexo que a paternidade teve nas atitudes de Aurélio, sendo este um aspecto que ele, como pai, considera muito relevante: a responsabilidade.

Depois que ele descobriu que ela tava grávida, ele mudou radicalmente. Então isso aí que eu acho bonito nele. Ele era um gurizão. Quando descobriu que ele era pai, ele passou a ser um cidadão responsável. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

O valor básico que Álvaro expressa representa a pré-condição de justiça ou igualdade para satisfazer as necessidades, ou seja, a justiça social que Gouveia (2003, p. 435) define como um valor básico.

Ao comentar sobre o relacionamento do filho com a namorada, Álvaro acreditava que a união entre Aurélio e Luana iria acontecer. Acreditava que o filho, Guilherme seria um forte elemento indutor para a ocorrência desse processo: “acho

que vai dar certo, acho que eles vão depois se unir eternamente, até porque o grande motivador dessa união é o Guilherme” (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul).

Álvaro, ao expressar a sua opinião sobre o fato do filho Aurélio ter assumido a paternidade, disse que acreditava ser resultado da família, bem como do exemplo que ele tinha, no meio familiar. Dessa forma, essa atitude de responsabilidade seria produto de seu meio.

Eu acho que assim, Sonia, que todo filho, claro que tem as exceções, ele é a consequência da sua família. O que ele vive, ele vai viver. [...] a criança é fruto daquela família, da convivência da família. Porque uma família ajustada, que tem responsabilidade, tem compromisso social, tem compromisso de uma boa convivência. Essa tese ela tá mais do que comprovada na própria família. [...] Então, esse caso do Aurélio, modéstia à parte, acho que ele teve esse gesto em função do que ele vê na família. Fora da família, ele não tem como ver isso fora da família. É isso aí. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Desse modo, o valor básico que Álvaro enfatiza está fundamentado em Gouveia (2003, p. 435) como honestidade, pois representa a responsabilidade para satisfazer as necessidades.

Já Álvaro, ao falar do exercício da paternidade/maternidade em sua família, relatou que a maneira como vivem ele e Aurélia pode vir a ser um exemplo para os filhos de responsabilidade.

É o que eles assistem em casa. Nós temos as nossas responsabilidades, com todos os nossos defeitos, com todas as nossas fragilidades. Ninguém é puro e santo. Temos nossos erros, temos nossas falhas, temos as nossas dificuldades. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A convivência e a estabilidade pessoal são destacadas por Álvaro. De acordo com Gouveia (2003), são valores básicos centrados na dimensão pessoa-grupo, possuindo um sentido de socialização embasado numa vida planejada e organizada, a fim de garantir sua própria existência.

Alzira, a avó de Aurélio, referiu que seu filho, Álvaro, ficou chocado com a

notícia da paternidade de Aurélio; entretanto, viu que não havia outra opção a não ser aceitar e apoiar o filho e a namorada dele. Enfatizou que as duas famílias, a da namorada como a do neto, estavam apoiando e que tudo se encaminharia. A fala de Alzira demonstra a valorização da convivência, segundo Gouveia (2003).

Aí veio a notícia. Álvaro disse que ficou meio chocado, e falou : “Mais essa ainda!” – não é? Mas acho que ele disse “mais essa ainda”, mas depois ficou tudo numa boa. Acho que na hora, assim, é coisa demais para a cabeça de um pai, não é? Mas depois ele viu que não tinha outro remédio, tinha só que apoiar, e as duas famílias apoiaram, então tão indo bem. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao reportar-se ao processo da paternidade/maternidade salientou Alzira que acreditava ter sido a religião um elemento muito forte, bem como a educação que o neto havia recebido, as quais favoreceram essa atitude de responsabilidade de Aurélio. Além disso, evidenciou a importância do apoio que segundo ela, provavelmente, ele deve ter recebido dos pais, para enfrentar essa situação/processo. A religiosidade, destacada por Alzira, é um valor básico ressaltado por Gouveia (2003).

tudo indica que seja a religião, a criação, ninguém ficou contra ele, ele aceitou numa boa, deve os pais ter conversado, eu não sei... “Olha, agora o negócio é o seguinte: vocês têm que assumir.” – deve ter dado um conselho, não é? Porque uma criança tão nova, pra ficar com as coisas tão firmes na cabeça, tem que ter recebido, mais eu não sei se eles falaram isso. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Alzira, ao falar sobre o processo de paternidade/maternidade, expressou a opinião de que os meios de comunicação social estão influenciando a vida sexual dos adolescentes. Acrescentou também que alguns pais aceitam a paternidade/maternidade nessa etapa da vida, no entanto outros expulsam as filhas do contexto.

Soltam essas crianças com esses guris, por aí. Vêem essas novelas pornográficas, isso tudo influencia os jovens, e aí o que acontece: nem tão mocinha e já tão transando. Acontece que nem sempre sabem tomar o remédio pra se cuidar e ficam grávidas estragam a vida delas, entristecem os pais, e muitos aceitam e criam e acham a coisinha

mais querida do mundo. Têm outros que até mandam embora as filhas de casa, que eu já vi na minha família. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A fala de Alzira é fortalecida, na colocação de Bronfenbrenner (1996, p. 185), que relata a influência da televisão na vida das pessoas em desenvolvimento. Destaca o autor ser este um “sortilégio mágico”, que impede as pessoas em desenvolvimento de interagirem, sendo que o perigo não está na produção, mas no que ela impede no comportamento, tal como: conversas, discussões familiares através das quais grande parte da aprendizagem do ser humano em desenvolvimento acontece e seu caráter é formado.

No entanto apesar de propagar sua opinião sobre a maneira como os pais estão tratando e dando liberdade aos filhos, Alzira enfatizou que procurava não expressar sua opinião, para não gerar conflito.

Vó, se fala muito, só é quadrada, do tempo antigo. Mas é... graças a Deus não aconteceu nada. Só com Aurélio, que agora é o primeiro neto que se tornou pai com 16 anos. É a liberdade demais, o jovem tão com liberdade demais, tanto os meninos quanto as meninas. Saem pra rua, os pais não sabem nem aonde andam, com quem andam. Vêm à hora que vêm. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao **refletir sobre os valores que emergiram na Família Azul** durante os encontros que realizei com seus integrantes, destaco os seguintes: respeito, afetividade, apoio social, responsabilidade, união familiar, educação, motivação e religiosidade. Como fica evidente, esses valores favoreceram a aceitação/enfrentamento do processo, bem como a interação na família e o desenvolvimento do papel de pai na adolescência.

O apoio que toda a família proporcionou e ainda continuava a proporcionar a Aurélio, para o desenvolvimento e conseqüente exercício da paternidade, tinha fortes raízes na crença religiosa e no respeito com o ser humano, razão pela qual a paternidade/maternidade na adolescência foi desenvolvida com um teor de responsabilidade tão acentuado pelo pai adolescente, como pode ser observado tanto nas suas colocações, quanto nas dos integrantes da Família Azul.

Dessa forma, embasada no referencial teórico deste estudo, analiso que o microssistema familiar de Aurélio proporcionou-lhe desenvolver interações/processos proximais, durante seu desenvolvimento, os quais acomodaram condições e favoreceram seu comportamento para assumir e desenvolver, com competência, o papel de pai.

Os modos de comunicação efetivados entre os pais durante o desenvolvimento bem como a relação entre eles e os filhos influenciam na auto-estima dos adolescentes. Um fator crucial para acompanhar as mudanças da adolescência é a qualidade da relação entre os pais, além dos padrões de convívio, os quais definem uma estrutura para os relacionamentos e comunicações dentro da família (ULLRICH; KREPPNER, 1998). Ainda acrescentam os autores que “o modelo principal das crianças de uma relação adulta é a que eles têm vivido com seus pais” (ULLRICH; KREPPNER, 1998, p. 3).

A partir dessa colocação, fica evidente a contribuição que os modos de comunicação, a maneira como os pais lidaram com os conflitos e trataram as emoções, resolvendo problemas e conhecendo as necessidades dos filhos, foram primordiais no desenvolvimento de Aurélio, para que ele enfrentasse/assumisse o processo da paternidade/maternidade e exercitasse o papel de pai com responsabilidade. A Família Azul, de acordo com Wagner et al (1999), foi uma facilitadora do crescimento emocional e promotora de saúde de Aurélio.

Apresentando os valores relativos a paternidade, na Família Verde

Ao encontrar com o pai adolescente da Família Verde – Juliano, durante a realização da entrevista, ele salientou valores que exponho a seguir. No comentário sobre as atividades que estava exercendo, enfatizou o trabalho nas Forças Armadas, jornada esta que, segundo ele, ocupava muito de seu tempo. Esse fato gerava dificuldades para Juliano visitar o filho e a namorada, durante a semana. Ele evidenciou que, devido a essas dificuldades, as visitas ocorriam mais nos finais de semana. No entanto, destacou sua satisfação com a liberação das atividades no quartel, no horário no qual eram realizados os jogos do Brasil na Copa do Mundo, evento que favorecia vê-los durante a semana. O valor que Juliano enfatizou reporta-se à afetividade, segundo Gouveia (2003).

no momento, eu tô trabalhando nas Forças Armadas. [...] é pouco tempo que a gente tem pra ficar com as pessoas que a gente gosta.

Porque a gente mal é liberado final de semana, coisa assim. E a questão de ver o Augusto é meio brabo, por causa que a gente solta do quartel umas cinco horas, seis horas, mais ou menos. Só que a gente chega cansado e já vou pra minha casa e durmo. Aí, depois eu vejo, final de semana. Agora tá tendo jogo do Brasil, a gente não tem expediente, aí eu venho pra cá e tudo, mas, caso contrário, é meio brabo de ver ele. Só os finais de semana mesmo. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Juliano, ao narrar sobre seu relacionamento com Paula, referiu que começaram a namorar em abril e, após aproximadamente três meses, começaram a ter relações sexuais. Ao comentar sobre o evento da paternidade/maternidade, explicou que foi um choque saber da gravidez da namorada. O pai adolescente comentou que tinha planejado ter filhos quando tivesse mais maturidade, entretanto não conseguiu seguir o exemplo do irmão, que tinha trinta anos e ainda não era pai.

Ao realizar estudo com pais adolescentes, Corrêa (2005) encontrou também os mesmos dados, pois eles relataram que o evento da paternidade/maternidade poderia ser sido uma experiência posterior, no ciclo de vida deles.

Dessa forma, Juliano firmou que o processo de paternidade/maternidade alterou seus planos, mas que ele não iria modificar a atual situação em prol da namorada e do filho.

A gente começou a namorar em abril. Depois demorou uns três meses pra mais, para ter relação. Eu não me lembro direito. [...] Foi aqui, aqui dentro a nossa relação, estávamos sozinhos. A Paula tava com dezesseis, eu acho. A Paula com dezesseis e eu com dezoito. Foi um choque descobrir que ela tava grávida. [...] eu sempre pensei, na realidade, foi de ter meu filho lá pelos trinta anos, pra seguir o exemplo do meu irmão. Não consegui. [...] Aí, mas aconteceu. Aconteceu e eu não quis mudar meu pensamento que eu já tinha. Porque, eu e a Paula, nós estávamos juntos, tudo, então eu consegui conciliar bem tudo isso. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Ao analisar a fala de Juliano e entrelaçá-la aos valores básicos da tipologia de Gouveia (2003), destaco o valor da estabilidade pessoal representado pela conciliação a fim de garantir a própria existência.

O compartilhar da notícia do evento da paternidade/maternidade na família, foi destacado por Juliano, que esclareceu, primeiramente queria contar para Janice,

a irmã com a qual possuía um vínculo afetivo mais forte. Entretanto, como estava indo para casa dela de carro com Júnior, seu irmão, acabou contando para ele primeiro. A afetividade é o valor básico que é evidenciado por Juliano, segundo Gouveia (2003). Salientou o pai adolescente que a reação do irmão foi de susto, e que ele orientou-o a contar para a irmã. Ao falar para ela sobre o fato, enfatizou que a reação de Janice também foi de susto e surpresa.

Contei pro meu irmão, Júnior, e à minha irmã Janice. Contei pro meu irmão, indo com ele, depois dormi na casa da minha irmã, contei pra minha irmã. Ela quase me deu, eu tive que tirar o capacete de perto dela, que eu tinha certeza que ela ia me dar com o capacete por cima, mas aí eu já tinha tirado (risadas). A Janice falava assim: “Ah, guri não acredito.” – Foi um susto assim pra ela. Aí ela começou: “Não acredito que vocês fizeram isso!” – Aí veio as perguntas: “Como foi? Quem sabe? Pra quem já contou? Já contou pra mãe?” – E eu: Não! Quis contar pra vocês antes. Eu queria primeiro contar pra minha irmã, era pra minha irmã. Eu tava indo pra casa dela. Porque a gente tem uma afinidade maior, sempre se deu bem nas conversas, assim. Ela sempre contou tudo pra mim, eu sempre contei tudo pra ela. Primeiro era falar pra Janice. Mas o meu irmão tava me levando no carro, aí eu acabei contando pra ele. Eu tava indo de carona com o meu irmão pra casa da Janice, pra contar pra Janice e aí, no meio do caminho, eu contei pro Júnior. Ah, ele até não falou muito. Na hora assim, só ficou num susto assim, aí ele: “Tu tá louco, tu tá louco!” – não sei o quê, daí saiu meio que assim. Aí ele: “Tá. E agora conta lá pra tua irmã. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Os planos e desejos de Juliano eram contar primeiramente para a irmã e, após, daria ciência à sua mãe do ocorrido. Esclareceu Juliano que, em virtude de ter contado ao irmão, sabia que imediatamente este levaria ao conhecimento da progenitora a notícia do processo de paternidade/maternidade. Esclarece que esse fato da paternidade fez com que ele perdesse a confiança da mãe.

Só que nisso ele correu, aí ele, eu não queria contar pro meu irmão já por causa disso. Se eu contasse pra ele, eu não ia contar eu pra mãe. Aí ele já foi lá, buscou a mãe. Aí nisso, eu fui pra casa, aí quando vi, me chega ele lá com a mãe, já tinha contado já pra mãe. Contou no meio do caminho. Aí eu não consegui contar. Aí eu perdi a confiança da minha mãe, por causa disso. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Ao relatar tal situação, Juliano destaca o valor básico do apoio social,

segundo Gouveia (2003), o qual, naquele momento, era importante para que o pai adolescente não se sentisse só e pudesse contar com o apoio da família.

O pai adolescente, ao comentar sobre a atividade sexual na adolescência, enfatizou a forma, bem como o apoio que a sua mãe deu à irmã quando, com dezesseis anos, a mesma idade da namorada Paula, começou a namorar e expressou o desejo de tomar anticoncepcional, tendo a mãe atendido a solicitação da filha. Esse fato foi destacado por Juliano como uma qualidade materna. Já a namorada não dispunha desse tipo de apoio, pois, segundo ele, o seu relacionamento com a mãe era pautado no poder materno.

Porque a minha mãe, ela é assim, como é que eu posso te dizer? A relação de filho com ela foi muito aberta assim, e a minha mãe assim, se ela tivesse que brincar, falar alguma coisa assim na frente da Paula e tudo assim. Não proibia a gente de nada. A minha mãe é aquela assim, quanto mais proíbe, mais puxa pro lado contrário. [...] Eu tiro às vezes o exemplo pela minha irmã. Minha irmã começou a namorar com dezesseis anos, em casa. E jamais, nunca engravidou, nunca. A primeira vez que a minha irmã chegou pra minha mãe e disse: “Mãe, eu quero tomar anticoncepcional.”, foi com dezesseis anos. Também, na mesma época, só que foi antes de namorar. Minha mãe livremente deu. [...] a Paula era muito, como é que eu posso dizer? Ela era uma guria voltada pros estudos. Só que, como é que eu posso dizer? Ela, ela não tinha um relacionamento com a mãe dela. A mãe acha que a filha tem que fazer o que ela quer. E a Marina não aceitava nada da Paula. Que a Paula fosse dizer a opinião dela. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Juliano, ao comentar a situação da irmã pedir para tomar anticoncepcional, traz a questão da responsabilidade, valor básico que representa o compromisso em relação aos demais (GOUVEIA, 2003).

Ao falar sobre a ciência do processo da paternidade/maternidade pelo pai, Juliano contou que os pais eram separados, razão pela qual ele acabou não sabendo no mesmo dia que a mãe. No entanto, salientou que Júlio ficou sabendo no dia seguinte, pois seu irmão Júlio contou e acabou trazendo o pai em sua casa. O pai adolescente referiu que, quando ele viu os dois chegarem à sua casa na primeira hora da manhã, ficou surpreso. Ao narrar a reação do pai, ao conversar com ele sobre o fato, enfatizou que ele cobrou responsabilidade e enfatizou o que seria sua vida, a partir desse evento.

O pai ficou sabendo no outro dia, quando eu vi, o pai chegou, junto

com o Júnior, me acordaram e aí, ah, o meu pai só me botou no lugar de pai. De responsabilidade. Ele disse pra mim; “Agora tu fez a burrada, vocês fizeram a burrada, agora assume.” Mais foi isso assim. Que ele falou, que ele meio, meio grosso. Ele não me passou sermão nenhum. Ele só me falou com sinceridade o que seria pra mim agora. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

A responsabilidade que foi cobrada de Juliano, conforme Gouveia (2003, p. 435), reporta-se ao valor básico da maturidade. Sendo a responsabilidade pessoal, destacada por Gouveia et al (2003) como um construto resultante do contexto sociocultural.

O pai adolescente narrou que Júlio, seu pai, sempre fora mandado pela sua mãe, porém enfatizou que, após a separação de Júlia, se uniu a uma mulher que mandava muito mais. Juliano não conseguia estabelecer relacionamento e vínculos com a esposa de seu pai. Esse fato fazia com que ele freqüentasse muito pouco a casa deles. Relatou ainda que foi visitá-lo no dia dos pais apenas para cumprimentá-lo, apesar de ter sido organizado um jantar com os filhos. Ele comentou que não se sentiu à vontade.

quando o pai e a mãe se separaram, porque eu já sabia que ele era pau-mandado, mas pela mulher dele. Aí ele conseguiu pegar uma pior que a minha mãe. A mãe mandava nele. E essa mulher, essa, não adianta, ela não gosta. Não gosta de mim. Não é que ela não gosta de mim. Ela é assim. Ela também não se dá muito bem com a minha irmã, [...] na época, o pai pagava pensão pra minha irmã e pra mim. Então tinha stress. E eu não consigo, ela não passa um pouco na minha garganta. E eu não consigo ser cínico. Coisa que eu não consigo, assim, eu não vou muito lá na casa do meu pai. Esse ano mesmo eu fui, só no dia dos pais. E fui só lá, dei um abraço nele e voltei embora. Meus irmãos foram lá, que tinha janta, até o pai ficou chateado, mas eu tava aqui na Paula, aí eu saí daqui, só fui lá, dei um abraço nele e vim embora, nem fiquei muito lá com ele. Não foi por causa dele, mas por questão dela, assim. A gente não se sente bem num lugar, é difícil a gente ficar num lugar que a gente não se sente, não se sinta bem. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

O valor básico, na tipologia de Gouveia (2003, p. 434), que ressalta nessa fala de Juliano reporta-se à ordem social, estando representado pela necessidade de segurança.

Ao lembrar as atividades que desenvolvia com o pai antes da separação, Juliano fez destaques ao companheirismo e à união nas programações, bem como às visitas à oficina de eletricitista do pai, na qual tinha oportunidade de mexer em seus materiais. A fala do pai adolescente traz o valor básico da afetividade, de acordo com Gouveia (2003).

O pai, teria bastante coisa boa pra falar do meu, pai foi sempre de levar a gente pra sair. Ele levava a gente pra sair, ele tava sempre presente, se tivesse de alguma coisa, se eu precisasse de alguma coisa, ele tava sempre, no que ele pudesse, ele me ajudava. E eu gostava, porque, o meu pai, ele tinha uma oficina. E eu, desde pequeno, já na oficina de eletricitista com ele, né. Aí então, desde pequeno, já tava sempre mexendo. Ele me levava pra oficina e tudo. Ia sempre com ele. Com ele e com meu irmão. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Ao falar do pai, Juliano comentou que a vivência da ausência paterna era um fato que ele trazia e fez destaque como um processo sofrido. Razão pela qual jamais gostaria que tivesse ocorrido a briga com Paula, tendo em vista que não queria que seu filho passasse por essa triste experiência. A fala de Juliano denota maturidade, de acordo com Gouveia (2003).

O que eu mais digo pra Paula, a coisa que me ajudou mais na gravidez da Paula, era eu já ter essa vivência. Então, por isso que eu jamais queria ter brigado com ela. Ter ficado esse tempo separado. Então pra mim foi, foi a pior coisa assim que teve. Durante o nosso namoro, a gente conversava e ela sabia que a pior coisa que eu sempre pensei assim, que eu nunca queria que acontecesse de jeito nenhum era isso. [...] Eu não queria que acontecesse com o Augusto o que aconteceu comigo, jamais. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

A presença de um modelo de atuação paterna auxilia o adolescente na sua vivência como pai, possibilitando-lhe um parâmetro de como agir. Trindade e Bruns (1999) ainda destacam que o pai pode ser utilizado como modelo direto, o que gera um repetir de suas ações; ou indireto, no momento em que o adolescente reflete sobre sua experiência e a recria, elaborando uma maneira própria de educar seu filho e se relacionar com ele. Dessa maneira, fica evidente que Juliano refletiu sobre a sua experiência e recriou o exercício da paternidade.

O exercício da paternidade era desempenhado com aprazimento por Juliano, o qual relatou que não tinha como significar os sentimentos vivenciados. Enfatizou a mudança que ocorreu com a realidade da paternidade, uma vez que, a partir de então, teria alguém mais com quem se preocupar. O filho possuía um rosto lindo para ser admirado e, se pudesse, estaria sempre junto dele, seu filho. O prazer, valor básico que Juliano referiu, encontra significado em Gouveia (2003).

Não tem como significar. Some tudo, some o cansaço. Some tudo. Por mais que esteja mal tu, parece que te muda totalmente assim. Tu olhas, ele assim já, muda totalmente teu jeito assim. [...] Agora, igual, muda, muda bastante. É aquilo, tu enquanto tá namorando, tá. Mas agora tem outro pensamento. Tu pensa assim, tem um rostinho bonitinho lá me esperando. É aquilo assim. Eu se pudesse, todo dia eu ficava aqui com ele. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Juliano, ao expor sobre a concretude da paternidade e as conseqüentes responsabilidades, esclareceu que, antes do processo da paternidade/maternidade, já não dependia dos pais. Ao contrário, ajudava sua mãe, uma vez que ele trabalhava e tinha seus compromissos. Contudo, Juliano, referiu que jamais suas responsabilidades foram direcionadas para uma criança. Juliano destacou o valor básico da autodireção, conforme Gouveia (2003).

Porque eu já tinha meio que aquele negócio de um pouquinho de responsabilidade. Só que a minha responsabilidade não era voltada tanto pra uma criancinha. Então, eu já fazia minhas próprias contas, eu mesmo pagava. Ajudava minha mãe. Se eu tivesse que sair, eu não precisava mais pedir dinheiro pra mãe, pra pai, pra sair. Depois, depois eu trabalhava e estudava. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

O exercício da paternidade, para Juliano, era algo importante, uma vez que sempre procurou se identificar como pai para o filho. Enfatizou que a namorada apresentou dificuldades, no início, para identificá-lo como pai frente a Augusto, sendo que esse fato fez com que ele se irritasse com ela. Juliano, ao identificar-se como pai para Augusto, deu relevo ao valor básico do apoio social, segundo Gouveia (2003).

Às vezes eu falo “pai”, nunca “Juliano”. Nunca “Juliano”. Vem cá com o pai. Até a Paula, nos primeiros dias, ela parecia que não se

acostumava a falar “pai”. Aí eu comecei a ficar louco com ela. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

O evento do nascimento de Augusto foi ressaltado por Juliano com muita emoção. Informou que a namorada Paula avisou, quando estava com as dores do trabalho de parto e indo para a maternidade, e esse fato fez com que ele imediatamente se deslocasse para o hospital. Juliano, ao falar do nascimento de Augusto, salientou os valores básicos do prazer e da afetividade, de acordo com Gouveia (2003).

A sua insatisfação por não ter assistido o parto de Paula foi ressaltada. Uma vez que, sendo parto normal, naquela instituição hospitalar o pai poderia acompanhar. Apesar dessa insatisfação, Juliano aproveitou o relacionamento que desenvolveu com a equipe da maternidade, quando teve a oportunidade de freqüentar o grupo de gestantes junto de Paula. Esse curso favoreceu sua interação com a equipe, a tal ponto que facilitou para que ele visse o filho e as funcionárias do berçário tirassem fotos do filho para ele.

Eu fui o primeiro a ver ele, eu fiquei sabendo que eu vi antes da Paula, até. Aí as gurias lá do São Cristóvão, como a gente andava indo no curso, então eu já tinha uma amizade com elas. Bateram bastante foto. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

No encontro realizado com Júlia, na sua residência, a mãe do pai adolescente Juliano salientou que moravam ali somente ela e o filho Juliano. Ao comentar sobre seu sustento, referiu que não queria ajuda do filho, pai adolescente, tendo em vista que ela priorizava que ele ajudasse a namorada e o filho. Relatou, ainda, que contava com o apoio e a ajuda financeira dos outros filhos. Entretanto, informou que, se não tivesse ajuda deles, conseguiria sobreviver, uma vez que não era exigente para comida e não esmorecia frente às dificuldades.

Sou uma pessoa que respeito todo mundo e gosto que me respeitem, minha casa e meus filhos. [...] moramos eu e o meu filho e ele está no quartel, tem um filho pequeno e o que ele ganha não quero para mim, que dê para a mulher dele e ela que use para o guri. Meus outros filhos me ajudam. Eu disse para o Juliano que, quando der, ele me ajuda. Se eu tiver que comer arroz e feijão todos os dias, eu como. [...]

Eu vivo conforme eu posso, quando não posso vou a reboque. Os meus filhos trabalham, têm a casa deles, não gosto de estar incomodando. Estou morando praticamente só, pois o Juliano agora mal tem tempo, ele chega aqui e vai para a Paula, acho justo, não vou querer prender o guri, até porque nunca fui de prender. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A mãe do pai adolescente destaca a dificuldade financeira. No entanto, para enfrentá-la, contava com o apoio dos filhos. Evidencia-se a sobrevivência como um valor básico, de acordo com Gouveia (2003).

Ao comentar sobre a gravidez de Paula, Júlia enfatizou ter falado ao filho que já sabia que a namorada dele estava grávida, em virtude das características de Paula. A fala de Júlia, ao destacar a gravidez de Paula, ressalta o conhecimento, o qual é um valor básico para Gouveia (2003).

Ele não tinha me contado ainda que a Paula estava grávida. Eu soube por mim mesma. Pelo jeito dela andar, pelas cadeiras, pelos quadris, eu vi e disse para ele que eu não era boba. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao reportar-se às conversas e orientações dadas a Juliano, Júlia contou que sempre pedira que ele respeitasse os pais de Paula como ele a respeitava, bem como a casa deles. Apesar das orientações de anticoncepção e DST/AIDS enfatizadas sempre aos filhos, Júlia salientou que, quando aconteceu o processo de paternidade/maternidade, o filho não tinha coragem de contar a notícia para ela.

Quando eles namoravam, eu dizia para o Juliano para ele ter respeito pelo Milton e pela Marina, como tinha por mim. Falei que era para respeitar o Milton e a Marina e a casa deles. [...] que aprendesse a respeitar. E quando aconteceu da Paula ficar grávida, não tinha como chegar em mim. [...] eu só tinha pedido que ele tivesse respeito, pois o entusiasmo, a empolgação e o sexo hoje é livre, mas tem como usar camisinha e as meninas tomarem remédios. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

O impedimento de Juliano para contar a notícia da paternidade/maternidade evidencia a dificuldade na interação com a mãe, nesse processo desenvolvimental

bem como no contexto. Copetti e Krebs (2004) destacam a importância que Bronfenbrenner ressalta sobre o contexto, o qual tanto pode influenciar positiva como negativamente sobre os atributos da pessoa.

Essa situação gerou dificuldade na responsabilidade de Juliano. Baseando-me em Gouveia (2003), evidencio o valor básico da honestidade, enfatizando um compromisso nas relações interpessoais.

Ao narrar o evento da separação de Júlio, ela explicou que há tempo já vinha sendo planejada, em virtude dos relacionamentos extraconjugais de Júlio. No entanto, estava aguardando a filha Janice ter mais idade. Ao falar da família, Júlia comentou as atividades que desenvolvia, as programações que faziam em conjunto, naquela época, e os valores propagados. Fez destaques à vida cotidiana na família, além de falar da maneira como Júlio exercia a paternidade. Entretanto, ressaltou a infidelidade de Júlio, a qual deixava-a transtornada e violenta.

Eu falei para o Juliano que o pai dele arrumava outras mulheres, durante nosso casamento. Fomos casados anos e continuava cuidando da casa e dos filhos. Quando estava grávida da Janice, o Júlio arrumou outra mulher, passei o maior sacrifício, mas não larguei meus filhos, a casa e nem ele. Embora eu falasse para ele que era nova e que iria largá-lo e ele me dizia que eu só falava. Passou um tempo e tudo se acomodou. Estava tudo bem e fiquei grávida do Juliano, ele arruma outra mulher. Aí, sim, foi pior, ganhei o Juliano e passei muito trabalho. Eu disse para o Júlio que ia esperar a Janice fazer 15 anos e que ele iria embora. Ele achando que não, meu filho brigava com ele, eu dizia que deixasse porque, quem corre por conta, não cansa. E que ele iria cansar um dia, mas nesse dia quem iria cansar seria eu, pois estava perdendo minha juventude, só queria respeito. [...] Custei a me separar, porque estava esperando minha filha fazer 15 anos, pois nós já estávamos nesse impasse desde que minha filha tinha 5 anos e eu já tinha avisado para ele. [...] Nós éramos uma família, tudo junto. Se nós estivéssemos bebendo eles podiam beber conosco, mas jamais em outro lugar, graças a Deus meus filhos não bebem e nem fumam. [...] nós éramos uma família que estava sempre com a casa cheia, íamos para tudo que é lugar, nunca na minha vida que ia esperar... Ia para bailes de sexta a domingo, quase todos os domingos íamos para a avenida, eu, ele e as crianças. Quando eu trabalhava, na volta descia na oficina para limpar e depois vínhamos à noite fazer churrasco, essa casa estava sempre cheia, final de semana. [...] Ele nunca foi ruim, era bom para os filhos. [...] Eu trabalhava o dia inteiro, mas minha casa estava sempre limpa, criava os filhos, saía com eles para a pracinha, ao cinema. Quando ele começou a arrumar mulher, fui deixando, levando, passou um tempo e ele deixou a primeira. Um ano e pouco, quando arrumou a segunda, a mesma coisa. Essa ele deu móveis, pagava casa, eu descobri e tirei tudo dela, distribuí tudo. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao abordar a situação relatada por Júlia, afloram os valores básicos da afetividade e da convivência, embasada na tipologia de Gouveia (2003). Uma vez que houve comprometimento nas relações próximas, sendo enfatizados o cuidado, o afeto, a relação direta pessoa/pessoa, na dimensão pessoa-grupo, tendo como sentido a socialização.

O exercício da paternidade de Júlio, antes da separação, era elogiado por Júlia; entretanto, após esse evento, ela relatou estar tendo dificuldades para que ele pagasse a pensão a Juliano. Complementando, a mãe do pai adolescente referiu estar providenciando juridicamente a solicitação do pagamento da pensão, a qual Júlio não pagava há aproximadamente quatro meses. No entanto, afirmou a mãe do pai adolescente que ele não passava fome e ela estava enfrentando sozinha a situação. Ao abordar o valor básico relatado por Júlia, saliento o da sobrevivência, segundo Gouveia (2003).

Porque isso que aconteceu com ele não era para acontecer, era a hora em que eu estava tentando resolver o meu assunto, entre eu e o pai dele, iria colocá-lo na justiça, pois fazia quatro meses que não recebia pensão, pois ele tinha direito a receber a pensão até o último mês que estivesse no quartel e mesmo que tivesse filho, pois ele estava estudando, que era o que eu queria. [...] Estava tentando colocar o pai dele de novo na justiça por causa da pensão, fazia uns quatro meses que não recebia, mas ele não passava fome, pois eu me virava daqui e dali, não iríamos para a casa de ninguém, íamos ficar aqui na nossa casa. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao narrar sobre o namoro de Juliano e Paula, Júlia enfatizou seus valores e destacou que eles deveriam ser respeitados, apesar dela ser separada. Como eles já faziam sete meses de namoro, relatou que havia pedido ao filho para marcarem um almoço ou jantar para as famílias se encontrarem e se conhecerem. A situação evidenciada por Júlia traz à tona o valor básico da ordem social (GOUVEIA, 2003).

Cheguei um dia do hospital, à noite, e o Juliano e a Paula estavam aqui, cumprimentei-a. Como ele é o meu filho mais moço, eu queria que tivesse me apresentado para os pais dela. Já fazia sete meses que eles estavam namorando. Eu gosto e preservo isso, não tem nada a ver eu ser separada. [...] Dizia para ele para marcarmos um almoço ou janta com a família nossa e a dela. Falei com o Júnior para ele e a Janice organizarem a janta, pois eles tinham mais condições. Ele disse se era isso que eu queria, tudo bem, mas que o Milton não viria. Eu disse que ele tinha que vir, ele era o pai e que a família tinha que

se conhecer, embora eu já conhecesse o Milton da oficina, ele ia lá levar serviço. Eu queria reunir as famílias, queria conhecê-los, fazer um almoço, pois família para mim é isso, não aceito cada um na sua. Nunca aceitei ir a uma festa sem o meu marido, nós íamos a todos os lugares juntos, saía a família toda e eu não aceitava que fosse diferente. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao falar sobre o relacionamento do casal Milton e Marina, pais de Paula, Júlia explicou para Juliano que ele não poderia tirar conclusões precipitadas. Deixou claro para o filho que, se ainda quisesse, poderia estar casada com Júlio, porém não quis. Esclareceu que os motivos que fortaleceram a decisão da separação foram as traições conjugais do marido, as brigas freqüentes presenciadas pelos filhos. Na fala, Júlia destaca a afetividade como valor básico (GOUVEIA, 2003)

Eu disse para o Juliano que ele não sabia se o Milton e a Marina se davam bem. Porque, se eu quisesse, ainda estaria casada com o pai dele, mas eu não quis. Não queria mais aquela situação, embora ele quisesse, estava cansada de bater nele, com razão ou não e de meus filhos assistirem a isso. Acho que isso não se encaixa em família e eu me considero família. Fui criada com um monte de irmãos, passando muita dificuldade, mas meu pai nunca largou minha mãe. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

No que se refere ao namoro de Juliano e Paula após o nascimento de Augusto, Júlia mostrou indignação com a atitude dos pais da namorada, em virtude dos mesmos fazerem o filho dormir em quarto separado da namorada, quando ele dorme lá. Questionou esses valores e comentou que, como ocorreu a primeira gravidez, poderá ocorrer outra gestação, razão pela qual enfatizou que os pais de Paula deveriam investir na prevenção. É evidente, na fala de Júlia, os valores básicos sexuais e do apoio social, segundo Gouveia (2003).

Pelo que o Juliano conta, quando ele fica lá na Paula, cada um dorme em um quarto. [...] agora todos esses cuidados, pois assim como tinham ficado quando eram namorados, fariam o mesmo agora e os pais dela iriam impedir o quê? Eu penso que o que pode acontecer em uma hora dessas é ficar grávida de novo, se não tomar as devidas precauções. A gente tem que saber educar, ensinar e orientar. Essa juventude é assim, mas acho que a Paula tem cabeça, pois estuda e cuida do filho. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A mãe de Juliano comentou que a época na qual se tornou ciente do processo de paternidade/maternidade na adolescência foi um período muito conturbado. Esclarece que estava vivenciando a internação hospitalar de Josefina, sua mãe, que estava em fase final de um câncer de estômago. O filho mais velho, Júnior, foi pegá-la no hospital para ela almoçar na sua casa, informando que, após, iriam à casa de Janice. Júlia explanou indignação, e questionou se seria reunião de família. O questionamento advinha da cultura familiar, uma vez que ela explicou que as reuniões de família eram sempre feitas na sua casa. Os valores básicos que Júlia evidenciou nessa situação, como enfatiza Gouveia (2003), são o da estabilidade emocional bem como o da tradição.

eu estava com a minha mãe no hospital, fiquei duas noites lá, pois, eu vinha para casa, não conseguia dormir nem comer .E o Júnior foi lá no hospital me buscar, para almoçar na casa dele. Depois do almoço ele disse que nós iríamos na Janice e eu perguntei se era reunião de família, e que as reuniões eram feitas na minha casa, que eu não iria na Janice, tinha que voltar ao hospital para falar com o médico .Ele disse que depois me levava de volta. Fomos para a casa da Janice. Quando chegamos, ele falou que tínhamos um assunto para resolver. Eu disse que quem tinha assunto para resolver era eu, tinha um monte de coisas e o que eu queria resolver o Juliano tinha colocado por água abaixo. Eles me olharam com uma cara e a Janice disse que eu estava ficando louca. O Juliano chegou depois e eu estava lavando a louça e ele começou a chorar e eu disse se era porque a Paula estava grávida? (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Chegando à sua residência, depois de sair do hospital no qual a mãe estava internada, Júlia explanou que havia chamado Juliano para conversar e questionado sobre se ele teria noção dos efeitos do processo de paternidade/maternidade na vida dele e de Paula. Informou ao filho que estaria chamando, no dia seguinte, Júlio, seu pai, bem como Júnior, o irmão, para uma reunião para tratarem do assunto. Explicou, também, a mãe de Juliano que o orientou a pedir uma reunião com os pais de Paula, para falar do evento. No entanto, Juliano destacou não ser necessário, pois seria a namorada quem daria a notícia na família dela. Júlia enfatizou sua indignação e recomendou ao filho que a responsabilidade não poderia recair somente sobre ela. Forçou a atitude do filho, dizendo que, se ele não o fizesse, ela iria falar com os pais de Paula. A fala de Júlia traz os valores básicos da estabilidade e do apoio pessoal, de acordo com Gouveia (2003).

quando cheguei em casa, chamei o Juliano para conversar e perguntei se ele tinha noção do que tinha feito . Ele disse: o que ia fazer, se tinha acontecido? Perguntei se ele sabia o que tinha arrumado? A Paula estava estudando e se eles tinham parado para pensar no que estava acontecendo. Ele disse que foi de impulso, que estavam lá na casa dela e aconteceu, na época ela estava com 15 anos. [...] Ela (Marina, a mãe de Paula) teria que ir na escola conversar com os professores e na secretaria, porque não é a mesma coisa assistir uma aula grávida, e ele começou a chorar e eu mandei ele parar, senão iria bater nele. [...] Eu disse que ia chamar o Júnior e o pai dele aqui, para termos uma reunião. Teria que ligar para o Milton dizendo que queria conversar com os três juntos, e eles como pais iriam imaginar. O Juliano disse que quem iria conversar era a Paula, mas fui contra, não devia deixar a responsabilidade para ela e que ele ligasse naquele momento para o Milton, senão eu iria lá falar com ele. O pai dele veio junto com o Júnior e conversamos. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Júlia ainda ponderou com o filho, o pai adolescente, as conseqüências que ainda viriam do processo de paternidade/maternidade, destacando a situação de ele estar querendo entrar para o quartel e ela estar estudando, bem como se tinha parado para pensar na responsabilidade que Paula teria que assumir. Comentou que Juliano começou a chorar e que ela falou que, se não parasse, iria bater nele. Júlia demonstra sua preocupação e evidencia a dificuldade de Juliano quanto ao valor básico da maturidade, de acordo com Gouveia (2003).

Falei para o Juliano se ele tinha visto o que tinha arrumado, um guri na idade que estava... não tinha entrado no quartel, não tinha um emprego fixo, a guria estudava. Se ele tinha pensado na responsabilidade nas costas dela, porque, além de grávida, estava estudando, vai ter que enfrentar tudo isso na escola e se a Marina fosse que nem eu, não deixaria ela parar de estudar, tem toda essa situação. Ela teria que ir na escola conversar com os professores e na secretaria, porque não é a mesma coisa assistir uma aula grávida e ele começou a chorar e eu mandei ele parar, senão iria bater nele. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

O processo de paternidade/maternidade de Juliano foi destacado, e a sua responsabilidade frente ao evento também. O pai adolescente explicou à sua mãe que iria assumir a situação com competência e que, independente da família da Paula querer ou não, tinha o direito de registrar o filho.

O registro de um filho é, geralmente, de competência dos pais e, por mais que os avós quisessem assumir tal atitude, a lei não o permitiria, pois o pai poderia contestá-la e, através do exame de DNA, comprovar a paternidade. Agindo dessa maneira, os pais de Paula estariam impedindo tanto ela como Juliano de exercerem suas atividades e papéis de pai e mãe.

na conversa que tivemos, ele disse que eu não pensasse que ele não assumiria [...] que nem que o Milton e a Marina não quisessem, ele teria o direito de registrar e assumir o filho. Eu fiquei muito sentida com a Marina, porque a conversa dela com a Paula era que ela queria assumir o Augusto. Fiquei possuída! Eles queriam registrar o Augusto como filho deles, o Juliano ficou louco. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Segundo Costa et al (2005, p. 725), “do ponto de vista social, o registro civil, é considerado uma das atitudes mais legítimas do reconhecimento da paternidade”. Os autores destacam que, no estudo que realizaram sobre a gravidez na adolescência, os pais, “cerca de 80% dos homens [...] registraram a criança”.

Emerge na fala de Juliano o valor básico da justiça social, uma vez que representa a condição de justiça para satisfazer as necessidades e os direitos e deveres que capacitam uma vida social com dignidade (GOUVEIA, 2003).

Ao falar da prevenção do processo de paternidade/maternidade, Júlia expôs que nenhuma mãe deveria incentivar uma filha a tomar anticoncepcional. Contudo, se contradisse, ao esclarecer sobre o filho mais velho, quando este começara a namorar a sua nora e a pensar em ter relações sexuais. Explicou que ele havia trazido a namorada para conversar com ela, e que levava a menina ao farmacêutico, para tomar anticoncepcional injetável. A fala de Júlia reforça o valor básico sexual, segundo Gouveia (2003).

eu acho que uma mãe não tem que estar incentivando um filho a tomar anticoncepcional, mas eu, com meus filhos, sempre aconselhei. O Júnior, quando começou a namorar a minha nora, ela tinha 13 anos, ele ia buscar ela no colégio e vinha para cá e levava ela de volta tarde, e eu dizia para ele que não era louco de transar com ela. E quando ele começou a pensar nisso, ele trouxe ela aqui e fui na farmácia falei com o farmacêutico e ela tomou injeção. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao relacionar o processo de paternidade/maternidade e as suas poucas condições financeiras, Júlia comentou que os filhos (Júnior e Janice) informaram que iriam apoiar Paula nas despesas necessárias a um bebê, e que ela não se preocupasse. Também relatou que eles foram à residência de Paula e falaram com sua mãe, Marina, sobre o apoio a ser dado, bem como o desejo da família de manter contato e de visitarem Paula e o sobrinho que estava para nascer. Júlia salientou que Janice havia comentado com Marina sobre a preocupação dela de que houvesse atritos entre as famílias.

eu não tenho para ajudar eles. O Júnior me disse que sabe como eu sou, mas que eu não me preocupasse, que ele e a Janice iriam dar o apoio necessário para a Paula, essas coisas necessárias para o bebê, como fraldas, e que eles estariam sempre de olho, que era mais fácil eles irem lá todos os dias do que vir aqui, mas que eu não me preocupasse com isso. Foram lá e conversaram com a Marina. O Augusto era o primeiro sobrinho deles e o meu primeiro neto, independente deles aceitarem ou não a nossa família, eles sempre iriam lá ver a Paula e o Augusto. A Janice disse para Marina que a preocupação minha era que não tivesse uma guerra entre nós, e ela disse que isso não iria acontecer, que já tinham conversado com o Juliano, que nós poderíamos ir lá quando quiséssemos. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A atitude dos irmãos de Juliano evidenciou o valor básico do apoio social, tendo em vista que expressou a segurança no sentido de que o pai adolescente e a namorada não se sentissem sozinhos no mundo e recebessem ajuda (GOUVEIA, 2003).

Júlio, o pai de Juliano, durante o encontro destacou a ciência do processo de paternidade/maternidade do filho adolescente como um choque. Comentou e fez uma relação com os outros filhos (Júnior e Janice), que eram mais velhos e estavam casados há algum tempo e ainda não tinham filhos. Enfatizou que, quando o filho saísse do quartel e tivesse mais idade, essa seria a época oportuna para lhe dar um neto.

Um choque, nunca esperava isso, esperava isso pelos 20 e poucos anos dele, depois do quartel. Veja bem, o Júnior faz tempo que mora com a esposa dele e não tem filho. A Janice faz muitos anos e não tem filho. E aí me aparece o solteiro com filho, foi um choque para mim. Achei que ele estragou a vida dele. Sei que uma burrice eu dizer isso que estragou a vida dele. Ele tem que passar por isso e não adianta, mas atrasa a vida deles... (Júlio, pai de Juliano - pai

adolescente da Família Verde)

Ao abordar o valor básico da maturidade, conforme Gouveia (2003), Júlio destacou a falta do mesmo em relação ao filho, tendo em vista a paternidade ter ocorrido na adolescência.

Ao continuar a falar sobre o evento da paternidade do filho adolescente, relatou como havia tomado conhecimento. Informou que seu filho mais velho, Júnior, viera buscá-lo para conversarem com Juliano. Júlio salientou que havia apoiado o filho, no entanto cobrou responsabilidade frente ao fenômeno. Comentou que a atitude do filho em assumir a paternidade era devido ao exemplo que sempre deu, pois tudo o que fazia, assumia, independente das conseqüências. O fato de Juliano ter assumido a paternidade, de acordo com Júlio, está embasado, segundo a tipologia de Gouveia (2003), no valor básico da tradição.

eu vou ser bem franco, fui criado lá fora, nesse ponto sou um pouco conservador. Quando eles souberam de tudo, meu filho mais velho veio aqui me pegar e eu fui lá. Fazia um dia que eles sabiam, fui lá na Júlia, minha ex, conversar com ele, ele estava assustado. Ele estava apavorado, eu disse: Olha, meu filho, vou te dizer uma coisa: vocês dois erraram e tu como homem deve ir lá e conversar com ela e conversar com o pai dela. Vai lá, é teu filho, é assim, tu assume se tu queres, de direito será tu assumir, é claro. – Eu disse isso para ele e continuo dizendo até hoje e ele assumiu. Ele assumiu, acho que ele é muito filho meu. O que de burrada eu faço na minha vida, eu assumo. Não importa a burrada que eu fiz, se fiz assumo, não sou de fugir. Acho que isso ele herdou de mim. Ele estava assustado, mas ele gosta dela também e isso é um fator predominante e ela também gosta dele. Tanto é que os pais da menina não conseguiram separar os dois. A tendência era fazer isso, eles assumirem o filho e nem querer saber do Juliano. É gente muito boa, assumiram a guria e o Juliano continua indo lá, como se fosse namorado, marido. Não sei como. Não sei se eles vivem juntos. Não, não vivem juntos. Acho que ele assumiu por isso, eu jamais iria fugir de um compromisso meu. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Júlio acreditava que o processo de paternidade/maternidade na adolescência havia sido algo impensado, pois Juliano e Paula não usaram método contraceptivo algum. A prioridade, segundo ele, seria o prazer e não mediram as conseqüências do ato. Destacou o pai de Juliano que esse processo atrapalhou a vida da

namorada, mas que ela já havia superado. Ao referir-se a assumir a paternidade, deu relevância à responsabilidade que o filho deveria ter.

Foi uma burrice de jovem, aquela coisa de não usar preservativo, de não se preparar, de fazer coisas no ar, na hora da empolgação “fogo” e não pensaram nas conseqüências . Ela estudando, querendo ou não, atrapalhou os estudos de certa maneira, embora ela já tenha superado tudo isso. [...] Tem que assumir vai lá e assina, é teu filho, se vai viver junto não sei, só o tempo vai dizer, mas acho que é tudo de bom, só o tempo vai dizer. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao falar da separação de Júlia e as conseqüências na família, principalmente para os filhos, Júlio relatou que, para Juliano, a única coisa que o divórcio teria ocasionado havia sido o corte no vínculo com o pai. Entretanto, ele deixou evidente que, apesar dessa ruptura, ele exercitava a paternidade bem como cuidava à distância.

Tudo, a gente ia junto, o Júnior também. Ele (Juliano) era muito criança, o máximo que eu fazia era ir a festinha no colégio, essas coisas assim normal, uma vida normal. Foi o único círculo que se cortou entre eu e o Juliano foi que a gente gostava muito de pescar, eu gosto de pescar, acho que ele também, acho que é a única coisa, fora isso aí, eu sempre estive meio presente. No início foi umas burradas, umas coisas que acontecem, a gente se distanciou um pouco, mas eu estou sempre olhando de longe. [...] estou sempre olhando de longe, mas estou sempre cuidando, sempre sabendo notícias, sempre por dentro. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A fala de Júlio evidencia a falta do valor básico da afetividade, o que, segundo Gouveia (2003), representa o amor e afiliação, sendo que o pai do adolescente estava com dificuldades de proporcionar isso a Juliano.

Ao reportar-se ao exercício de paternidade vivenciado com Juliano, o pai do adolescente lembrou um fato ocorrido quando o filho estava na escola brigando e agredindo outros colegas. Evento este que deixou evidentes os valores que norteavam a educação de um filho para Júlio. A educação, para Júlio, estava embasada no valor básico da obediência, segundo Gouveia (2003).

eu sempre fui muito exigente. Ensinava essas coisas de direito: Meu

filho, tu não pode fazer isso aqui, que é errado, se tu fizer.... Uma vez ele estava no colégio e estava dando nas outras crianças lá e veio a reclamação para casa que ele estava dando uma de macho e estava dando nas crianças. Estava no 1º ano, tinha 7, 8 anos e ele estava muito machão, chegou em casa e dei umas palmadas nele e ele chorou. E eu disse: Visse, meu filho, isso é para tu aprender que o que tu estás fazendo lá no colégio é agressão, essas palmadas hoje é uma agressão, isso a gente não se faz. Nunca bati neles, nunca bati nos meus filhos, só no Juliano e foi umas palmadas, que era para ele entender que o que ele estava fazendo no colégio era uma agressão e não era em uma briga se mostrando que ele era mais valente, era uma agressão física, foi o que ensinei para ele. Sempre procurei ensinar as coisas certas. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao refletir sobre os valores que emergiram na Família Verde, durante os encontros que realizei com seus integrantes, destaco: o respeito, a responsabilidade, o caráter, a condição financeira, apoio social, tradição, obediência, entre outros. Esses valores ficaram evidentes, favorecendo que o processo da paternidade/maternidade fosse vivenciado por Juliano junto à família com interação, responsabilidade e competência.

Nessa etapa da vida do adolescente, a família foi um suporte para a vivência do processo de paternidade/maternidade, em seu desenvolvimento. Ficou presente na fala de Juliano o quanto a experiência com a ausência de Júlio foi um fator relevante, para que ele assumisse e efetivasse a concretude da paternidade. Assim, essa atitude estava fortemente arraigada na sua experiência vivida, razão pela qual comentou que não queria que o filho sofresse com a ausência paterna, como ele. Dessa maneira, embasada no referencial teórico deste estudo, fica demonstrado que a disfunção do exercício da paternidade de Júlio sensibilizou Juliano a realizar interações e processos proximais, a fim de adquirir competência no papel de pai.

Os processos proximais são estimuladores da competência. Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1018) destacam que estes “põem em prática os potenciais genéticos tanto para o melhoramento da competência funcional e para a redução de graus disfunção”. Significando que, à medida que o nível dos processos proximais é aumentado, os índices de competência aumentarão.

O silêncio do pai é comentado por Corneau (1991, p. 32). Seja ele verbal ou físico, produzirá repercussões sobre o universo psicológico do filho, pois “a

identidade do filho está ancorada no corpo do pai”. Ressalta o autor que a ausência do pai para o indivíduo é como a falta de uma estrutura interna. “Faltar o pai, é faltar a coluna vertebral. [...] A identidade psicológica de um indivíduo baseia-se em um sentimento de ter uma coluna vertebral e de sentir-se sustentado em seu interior” (CORNEAU, 1991, p. 45.)

A presença paterna, segundo Corneau (1991, p. 40 e 99), é fundamental, e dessa maneira é essencial

que os pais tomem consciência da importância do papel que desempenham junto a seus filhos e aprendam a assumir melhor suas responsabilidades junto aos filhos, sobretudo após uma separação [...] é a presença do pai que permite à criança reunir os opostos que condicionam sua psique.

O pai é fundamental para o desenvolvimento dos filhos, sendo crucial a sua atuação real, em dois momentos especiais, de acordo com Muza, (1998, p. 142-3), sendo isso decisivo para que os filhos possam resolver seus conflitos. Um momento é o da triangulação pai/mãe/filho, na qual “o pai transforma-se em tudo aquilo que a mãe não é”, tornando-se “o terceiro elemento na relação dual se comporta como um fator de separação entre a criança e a mãe”. Dessa maneira, aparece como “um terceiro imprescindível para que a criança elabore a perda da relação inicial com a mãe”. No entanto, ela precisa dos dois, para “satisfazer, por identificação, sua bissexualidade”. E o outro momento é na entrada na adolescência, quando “a maturação genital obriga a criança a definir o seu papel na procriação, nas meninas com a aparição da menstruação e da ejaculação nos meninos”.

Apresentando os valores relativos a paternidade, na Família Vermelha

Ao entrevistar o pai adolescente Renato, da Família Vermelha, durante o encontro emergiram os valores que apresento a seguir. No que se refere ao evento da paternidade/maternidade, ele salientou que a gravidez da namorada foi culpa dos dois. Disse que ele a havia orientado sobre a possibilidade dessa intercorrência, tendo em vista que ela era virgem e ele não. Com o passar do tempo de namoro, Renato e Raissa começaram a não utilizar em todas as relações métodos contraceptivos, no caso, o preservativo, e em algumas situações usavam o coito

interrompido, mesmo sabendo da baixa eficácia.

A gravidez eu acho assim, que a culpa foi dos dois, é claro. Mas eu, eu disse para ela desde a primeira vez, segunda, da terceira... Porque ela sabia que eu não era mais virgem. No caso, ela era. [...] A gente sempre se preveniu. Aí depois ela foi me conhecendo melhor, e sabendo que eu não tinha nenhuma doença. Aí, eu sempre disse para ela: é bom tomar pílula. Aí, no caso, eu sempre disse para ela: Tens que tomar pílula. Vai que um dia aconteça alguma coisa. Aí... Depois, às vezes, a gente não usava. Na maioria das vezes a gente usava, mais, às vezes... Não. Mas várias vezes assim, a gente estava, no caso, na casa da praia, aí a gente estava lá e aí... Não tinha, e aí... Acontecia. Só que aí, no caso, não ejaculava dentro dela, na hora tirava fora, só que não adianta. Isso todo mundo sabe, eu sempre disse para ela! Porque sempre parece que sai... (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Ao abordarem o exercício da sexualidade e a decisão reprodutiva, destacam Brandão e Heilborn (2006, p.1424) que estes “podem ser compartilhados por homens e mulheres”, mas a “gestão da contracepção continua a ser encargo feminino”. Fato este evidenciado na fala de Renato com a namorada.

A atitude de Renato é confirmada por Trindade e Menandro (2002), no estudo que realizaram com pais adolescentes, quando destacam que a questão da negligência quanto à prevenção de gravidez e DSTs também emergiu nos dados. Na fala de Renato é evidenciado o valor básico sexual, segundo Gouveia (2003).

Renato, ao narrar o processo de nascimento de Raika, enfatizou que a namorada havia começado a sentir as dores em sua casa e que seu pai veio buscá-la. Comentou Renato que Raissa ligara, avisando que estava indo para o hospital, e perguntou-lhe se queria ir junto. Ressaltou o pai adolescente que, como era tarde e estava com sono, não aceitou o convite. No entanto, enfatizou para a namorada que ligasse, se precisasse de algo. Mais tarde, a mãe de Raissa ligou e avisou que a filha estava indo para cesárea. Nesse momento, Renato se sensibilizou e foi para a maternidade, e convidou a mãe para irem juntos, uma vez que sua mãe, Renata, era técnica de enfermagem do hospital onde Raissa estava internada para parir seu filho. A atitude de Renato demonstrou a falta do valor básico da afetividade, de acordo com Gouveia (2003).

Foi assim: ela estava aqui em casa, aí ela começou a sentir dores na barriga. Eu disse: Isso é normal. Ela sempre teve, sempre. Aí, tá... Foi embora para casa dela, o pai dela veio buscar. Aí uma meia-noite,

mais ou menos, ela me ligou. “Ah, vou para o hospital, porque estou com muita dor. Queres ir?” – Não! (eu louco de sono, estava dormindo). Qualquer coisa tu me liga! Aí, 2 horas da manhã, a mãe dela liga: “Renato, a Raissa vai fazer cesárea!” – Tá, já estou indo. – Falei para a mãe: Vamos lá. Aí chegamos lá, a mãe entrou, porque ela trabalha lá também! Aí, em seguidinha ela nasceu, eram quatro e pouco. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

No comentário sobre a ocorrência da paternidade/maternidade na adolescência e o conseqüente comunicado à família sobre o fenômeno, Renato contou que não sabia como seu pai havia descoberto, pois, quando foi dar-lhe a notícia, ele já havia sido informado por alguém, que ele não sabe quem tenha sido. No entanto, o pai comentara que gostaria que não tivesse acontecido, mas iria apoiá-lo. Ressaltou que Roberto sempre o orientara a usar métodos contraceptivos, e que, se acontecesse uma gravidez, era para ter responsabilidade e assumir.

O pai, não sei como ele descobriu, quando eu fui falar, ele disse que já sabia. Alguém tinha dito para ele. Não sei quem! Ele falou que preferia que não tivesse acontecido. Mas que, qualquer coisa, ia me ajudar, que qualquer coisa me apoiava. [...] Ele (o pai) sempre falou para mim assim, no caso me cuidar. Para não acontecer isso, mas se acontecesse, e eu soubesse que era meu, de preferência que fosse assumir, “Tu tiveste a responsabilidade para fazer, tu vais ter que ter responsabilidade para assumir.” (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Analisar o processo de desenvolvimento humano, embasado na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, implica identificar o processo de interação da pessoa com outras pessoas num ambiente, em um dado período de tempo (LISBOA; KOLLER, 2004). Dessa maneira, ancorada nesse referencial, evidencia-se a dificuldade de Renato interagir com o pai nesse processo desenvolvimental, para dar ciência do processo de paternidade/maternidade.

Enfatizou o pai adolescente que sua mãe sempre falara muito em prevenção do processo paternidade/maternidade e da responsabilidade que ele teria que assumir, se algum dia acontecesse esse evento. E que os avós, Ricardo e Rosa, haviam gostado da notícia, pois teriam mais um bisneto, e que comentaram que iriam apoiá-lo. Renato explanou um valor básico que a mãe sempre havia

destacado, que era a honestidade embasada na responsabilidade, segundo Gouveia (2003).

E acho que a mesma coisa, ela (a mãe de Renato) falou bastante, se um dia acontecesse – “Fizeste, tens que assumir, tendo certeza que o filho era teu.”. O vô e a vó não falaram muita coisa. Só falaram: “Ai, que bom! Mais um bisneto.”, pois a filha da Reniana, no caso, da irmã da mãe, tem uma filha. Eles falaram que podiam apoiar em qualquer coisa também. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Renato, ao comentar como estava exercendo seu papel de pai, disse que estava ajudando Raissa nas atividades com a filha, no turno da tarde, até o horário da aula. Enfatizou que auxiliava a namorada a trocar e dar banho em Raika. As atividades que Renato salientou desenvolver junto à filha demonstram o valor da sobrevivência, de acordo com Gouveia (2003).

Ser pai da Raika é... Ah, agora no caso que eu não estou, não estou fazendo nada, eu levanto tarde assim, almoço, faço as coisas e vou para lá, na casa da Raissa. Fico lá até o horário da aula, que é de noite. Ajudo-a nas coisas, trocar, dar banho. É bem legal. [...] Quando a Raika chora, aí é com a Raissa, só ela consegue acalmar, mais ninguém. No início, quando ela nasceu, quando ela estava com os pontos, essa coisa assim, só eu conseguia acalmar. Agora, atualmente, nem eu consigo. Só a Raissa mesmo. Ela mamava no peito, mas agora, na questão da Raissa estar em aula, estão dando mamadeira, aí ela está deixando de lado de mamar no peito, para comer maçã, Danoninho, essas coisas tudo... Só dou banho e troco (riu). (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Ao narrar sobre o exercício da paternidade, Renato demonstrou dificuldade de se identificar para a filha no papel de pai: “Nunca falei ‘vem cá com o pai’, só falo ‘vem cá’.” (Renato – pai adolescente – Família Vermelha).

O exercício da paternidade embasado na tipologia de Gouveia (2003) evidencia a dificuldade de Renato demonstrar afetividade com Raika, uma vez que não conseguia compartilhar afeto.

“O ser humano é um ser social por natureza, que precisa do outro para se desenvolver”. Lisboa e Koller (2004, p. 338) destacam que “desde o início da vida a criança desenvolve interações face a face com pessoas significativas, objetos e símbolos nos ambientes em que transita”. Essas interações, no ambiente imediato,

são os processos proximais, os quais Renato estava tendo dificuldade para desenvolver e interagir com eles.

Renata, como se prontificara a ir à casa de Raissa, a fim de darem ciência do evento da paternidade/maternidade para a família dela, relatou como foi a visita à casa da namorada de seu filho. A mãe de Raissa, segundo Renata, não chamou o pai da adolescente, dizendo que ele não estava, sendo que Renata o havia visto chegando em casa. Mesmo assim, ela resolveu contar o que estava acontecendo. Ao evidenciar o valor básico que a mãe do pai adolescente desenvolveu junto à namorada do pai adolescente, destaco o apoio social, conforme Gouveia (2003).

Deixei uns dias. E me pegou de surpresa, eu estava assustada, é uma vida, né? Aí um dia a Raissa disse: “Ah, tu pode ir lá em casa hoje?”, aí eu fui. Peguei meu carro, ainda tinha carro, agora não tenho! Peguei carro e fui lá. Aí eu cheguei lá, conversando com ela, ela disse: “Vou fazer chimarrão.”, eu respondi: Não quero chimarrão! (Nessa hora nenhum chimarrão desce assim... (comentou Renata)). Eu não quero nada... eu só queria conversar um pouquinho, eu quero falar com o teu marido também. – Aí ela disse: “Ele não está.” – Eu antes de chegar, eu parei na esquina, porque tem uma avenida ali, e eu parei na esquina, eu vi que ele botou o carro lá para dentro e entrou. E ela disse para mim que ele não estava. E eu sabia que ele tava lá dentro, como é sobrado, ele subiu. Aí eu peguei e disse assim: Então, tá pode ser contigo mesmo. Ela tem uma fama assim de braba, eu até fiquei meio assim, sabe ... fique meia que remissa, vou te falar igual a ela. Fui sozinha, porque o Renato estava trabalhando. Aí eu peguei e disse para ela: Olha... não sei o nome da mulher, não sei o nome dela... Ô fulana, eu tenho uma coisa para te contar, e eu vim aqui representando meu filho, porque ele está trabalhando e para te dizer que ele não vai fugir da raia, porque ele é uma pessoa bem responsável até que, apesar de ser criado só por mim, ele é uma pessoa responsável. [...] Eu disse para ela: Eu vim de falar porque, se fosse o contrário, eu não ia querer ser a última a saber... Geralmente o corno sempre é o último a saber, né! Mas eu disse para ela: Eu não gostaria de ser a última a saber! Eu gostaria de saber, para apoiar minha filha, como eu estou apoiando meu filho. Eu disse: Ele é homem, ele é homem mais eu estou apoiando ele, ele nunca fugiu a responsabilidade alguma... Não vai ser agora. Aí essa parte passou, como e o que ela falou para o marido dela, eu não sei. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao relatar sobre o processo de paternidade/maternidade na adolescência, enfatizou Renata que ela havia cobrado de Renato responsabilidade e que, enquanto fosse viva, ele jamais iria fazer com a filha o que o pai dele havia feito com ele. Referiu, ainda, que Renato não teve um pai presente, pois todas as vezes em

que precisou, ele não pôde contar com a presença de Roberto. Contudo, Renato tinha um apreço muito grande pelo pai, no qual ela não interferia, apesar de todas as situações que vivenciou. Porém esses fatos faziam com que Renata cobrasse de Renato responsabilidade junto a Raika.

ele pode não ter um pai, pois toda vez que ele precisou do pai, o pai dele virou as costas. Ele não coloca assim, porque ele tem um deus, o pai dele. Ele tem como pai dele assim: Oh, um deus! Eu não digo o contrário para ele. Ele é teu pai, tu gosta dele,... vai fundo!! Eu nunca botei ele contra o pai dele, nunca, nunca, nunca, nunca. Só que eu disse para ele assim: A partir de hoje, tu está tendo uma responsabilidade, e tu jamais, enquanto eu for viva, tu vai fazer a mesma coisa que o teu pai fez contigo, com a tua filha. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao evidenciar as atitudes de Renata, encontro apoio em Lisboa e Koller (2004, p. 339), que destacam que “as experiências individuais e a forma como as pessoas significam e internalizam as situações de vida é decorrente das características subjetivas da pessoa, mas também da qualidade dos processos proximais estabelecidos”. Por conseguinte, o mesmo ambiente não será percebido de forma igual por duas pessoas, configurando cenários indispensáveis aos acontecimentos da vida. Ao citar o valor básico relatado por Renata, destaco a honestidade, conforme Gouveia (2003).

Renata recordou a necessidade da presença do pai que o filho relatava. Porém, afirmou a mãe do pai adolescente que Roberto não valorizava os pedidos do filho e arrumava desculpas para não atender e/ou acompanhá-lo. Complementou que ela esteve presente junto a Renato em todas as ocasiões, tanto nas boas como ruins, e que assim viveram os dois.

ele teve doente, ele pediu o pai dele lá, que ele queria ver, queria falar, sei lá o quê. O pai dele disse que não podia, porque a irmã dele estava com isso, estava com aquilo, e aquele outro. Outras vezes, ele dizia: “Preferia que meu pai me levasse no futebol, ele gosta de futebol, eu preferia que meu pai levasse.” – Sempre tanto nas boas como nas ruins, fui eu! Aí o pai dele se passa por bonzinho. E eu sempre por ruim! Assim, a gente viveu sempre só os dois, né! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao reportar-se à separação Tiba (2006), destaca que, independente dos motivos que levaram ao divórcio, sejam eles culturais, familiares, individuais, sociais, religiosos, entre outros, geralmente o pai é a figura mais desapegada dos filhos. E no momento em que já constituiu novo relacionamento, destaca o autor que a tendência é que ele até cuide melhor dos filhos nascidos da união posterior, podendo chegar a se esquecer das crianças nascidas do primeiro casamento.

Ao salientar a fala de Renata comentando as atitudes de Roberto para com Renato, evidencio o valor básico da falta da afetividade, segundo Gouveia (2003), uma vez que as relações familiares foram enfatizadas, como o compartilhamento de cuidados e afetos.

O exercício da paternidade foi muito criticado por Renata, em virtude das dificuldades, ou seja, das disfunções de Roberto, e também devido aos atritos gerados pelo pagamento da pensão a Renato. Referiu ainda que ele entrou na justiça para pedir a guarda do filho e também diminuir a pensão.

o pai dele fez o quê? Aí ele já era bem maiorzinho. Aí o pai dele fez o quê? Brigou comigo, me botou na justiça para tirar o Renato e a pensão. E o Renato chega nesse dia, quando eu estou falando com ele no telefone, ele chega mais cedo e escuta um pedaço da história. E ele disse que ia fazer, acontecer... Do outro lado né! E quando o Renato entrou, eu disse assim: Então tu fazes! E faz o que tu quiser, tu já conseguiste tirar quase tudo que eu tinha, agora termina então! [...] ele conseguiu me tirar, alguma coisa ele conseguiu tirar... Ele diminuiu a pensão, tudo o que deu! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao evidenciar os conflitos vivenciados por Renata após a separação, apóio-me em Carter e McGoldrick (2001, p. 296), quando destacam que “a maioria das discussões centra-se nas questões da paternidade, com as áreas de maior desacordo girando em torno das finanças e criação dos filhos”. Renata manifestou os valores básicos do apoio social e da estabilidade pessoal, segundo Gouveia (2003).

Ao falar sobre o exercício da atividade sexual, Renata salientou que, quando o filho começou a demonstrar interesse pelo prazer, ela conversou com Renato e orientou-o. Destacou que havia fornecido preservativo e enfatizado a responsabilidade que advinha com tal exercício; e, se algo viesse a acontecer, ele teria que arcar com as responsabilidades. O valor básico da honestidade foi

ênfatizado por Renata, juntamente com o sexual (GOUVEIA, 2003).

Acho que ele tinha, ele tinha uns 15 anos, já estava começando a querer... Soltar as asinhas, né! Eu disse para ele: Tu pensas bem no que tu vai fazer. Peguei e trouxe para ele assim... um monte de camisinhas, e disse para ele assim: Tu pensas bem no que tu vai fazer, porque a responsabilidade vai ser totalmente tua, tua. E isso aí, tu não vai fugir jamais, por que tu não vai poder fugir. Sempre, eu botei sempre a responsabilidade seria em primeiro lugar. Eu sempre botei pra ele que a responsabilidade, sempre, sempre não é... Ele tinha que ter responsabilidade. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Já sobre a ciência da notícia aos avós, referiu a mãe de Renato que principalmente o avô, Ricardo, salientou a responsabilidade que incidia sobre o papel de pai e, como tal, ele teria que arranjar um emprego.

O pai (avô) só ficou assim que... meu pai é mais... mais... puxa mais... ele só disse assim para o Renato: “Olha... tu tem que ter responsabilidade.”, e o Renato disse: “Ué..., vô, mas isso aí eu tenho!” – “Não, é mais responsabilidade agora. Tu vai ter que arrumar serviço, tu vai ter que...” pá pá pá... pá pá. Ele ainda trabalhava nessa época. Mais o pai pegou e disse: “Não, tu vai ter que ter mais responsabilidade...”, tu vai ter mais isso, tu vai ter que ter mais aquilo. Aí ele disse: “Não... eu sei, vô!” (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao referir-se ao exercício da paternidade desenvolvido por Renato e suas contribuições, disse Renata que ele, no início, ajudou financeiramente, pois tinha uma poupança da rescisão do contrato com a empresa onde havia estagiado. No entanto, esse recurso havia terminado e, na época, quem vinha arcando com as despesas financeiras da consulta mensal do pediatra particular de Raika era ela. Na fala de Renata, tornaram-se evidentes os valores básicos da afetividade, além do valor de apoio social (GOUVEIA, 2003).

A ajuda que ele dá pra Raissa... A única coisa que ele faz... Ele faz? ... Eu tô pagando a consulta do médico todos os meses, é R\$ 45,00 por mês. Ele ajudava financeiramente a Raissa, é que agora acabou a poupança dele. Foi no caso a rescisão dele, que ele ganhou e... Ele deixou, pagou umas contas que ele tinha né! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Roberto, ao falar da separação, destacou que, mesmo após esse evento, sempre esteve perto do filho procurando dar apoio, bem como pagando a pensão até os 18 anos de Renato, a qual, segundo ele, também sustentava Renata. Ressaltou, ainda, que, mesmo desempenhando dessa forma seu papel de pai, não teve o retorno que almejava.

Quando me separei da mãe dele, ele tinha uns 6, 7 anos e nunca deixei faltar educação, amor, carinho, toda semana pegava ele para sair comigo, a gente conversava, sempre foi um companheiro. E além do meu acompanhamento de pai, de participação, orientação, até mesmo financeiramente, sustentei ele e a mãe dele até agora, quando ele completou 18 anos e, mesmo assim, não tive o resultado que eu gostaria. [...] eu dava pensão para ela. Agora entrei na justiça para que a pensão fosse repassada direto para ele, que pudesse dar auxílio à filha dele. [...] Agora com a decisão judicial de receber a pensão, quando pergunto o que ele está fazendo com o dinheiro, se está dando para a filha, se está dando carinho, essas coisas... (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Roberto enfatizou que os padrões familiares, na época de sua juventude, eram completamente diferentes dos de hoje. Referiu que, no caso de ocorrer um processo de paternidade/maternidade, o jovem assumia a paternidade, casava e ia constituir um lar.

Naquela época os conceitos de família eram bem mais rigorosos. Uma filha, para casar, tinha que namorar seis meses, o rapaz tinha que freqüentar a casa, esse tipo de coisa. Ficavam do lado com os namorados, a menina não podia sair sozinha, hoje não existe. Naquela época, quando acontecia esse tipo de coisa (paternidade/maternidade), o pai assumia a responsabilidade e o que acontecia, casavam e iam embora fazer a sua vida. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Os padrões familiares, segundo Minuchin, P.; Colapinto; Minuchin, S. (1999, p. 24), são na maioria particulares e desenvolvidos com o tempo, no ambiente familiar. Sendo que os padrões organizados são expressões concretas de regras implícitas. “Como eles definem expectativas e limites, os familiares sabem o que é permitido e o que não é”. Ao abordar os valores básicos referenciados por Roberto, destaco a tradição e a obediência (GOUVEIA, 2003).

Ao comentar sobre a sexualidade, Roberto trouxe a experiência vivida em sua época. Essa vivência havia sido comentada com Renato, no entanto Roberto achava que o filho não havia seguido seu exemplo e orientação.

citei exemplos de como funcionava na minha época. Tinha uma namorada e era perigosa a situação, pegava uma cartela de anticoncepcional e dava todos os dias para a minha namorada, isto eu ensinei para ele. Poderia ter feito o mesmo, pois estudava no mesmo colégio que ela. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Os resultados comportamentais (comportamento, traços, entre outros), de acordo com Bronfenbrenner (1996), são uma função conjunta das características da pessoa e dos processos proximais que o ser humano estabelece nos ambiente em que vive. Dessa maneira, fica evidente a dificuldade de interação que Roberto tinha com o filho, pois não conseguia estabelecer processos proximais. Roberto novamente trouxe o valor básico da obediência, da tipologia de Gouveia (2003).

No que se refere ao processo de paternidade/maternidade, salientou Roberto que seria difícil o filho não assumir a situação. Enfatizou que esse ato foi devido ao filho gostar da namorada e também por ele ter cobrado responsabilidade frente ao acontecimento. Atitude esta em que o filho poderia ter se inspirado nele, pois sempre procurou demonstrar responsabilidade nos seus atos.

é difícil não assumir o que está acontecendo. Quanto a essa situação de ele ter assumido a menina, eu acho que em primeiro lugar ele gosta da menina, em segundo lugar eu conversei com ele, quando soube que ela estava grávida, e disse que ele tinha que assumir, acho que é a melhor forma, ficar junto. [...] Por ele ter assumido isso, talvez ele tenha puxado um pouquinho a mim, em ter assumido a responsabilidade pelos atos dele, porque eu sempre procurei, sempre falo para as pessoas que a pior ignorância dos homens é errar e não saber reconhecer os erros. Nós, os seres humanos, se errássemos e reconhecêssemos nossos erros. Não aconteceria isso tudo que acontece. Isso aí sempre ensinei a ele, nunca mentir, reconhecer os erros e ter hombridade para pedir desculpas. Talvez alguma coisinha disso aí ele deve ter pensado ao assumir a responsabilidade pela filha. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

A fala de Roberto traz à tona os valores básicos da afetividade e da

honestidade, esta evidenciando a responsabilidade bem como o compromisso. Já a afetividade expressa o compartilhar do afeto e o cuidado, de acordo com Gouveia (2003).

Ao falar de Renato, o pai salientou que procurava incentivar para que ele se profissionalizasse e enfatizou ter uma preocupação com o filho, pois ele não demonstrava interesse pelos estudos. Ressaltou que sempre havia proporcionado condições para ele se qualificar, mas que faltava estímulo para Renato.

eu educo ele, digo como deve se comportar com as pessoas, tento educar ele para que se profissionalize, que continue com os estudos, orientei ele no relacionamento sexual, como é que funcionaria, como funciona e como deveria funcionar. [...] cada pessoa tem uma característica, não adianta insistir, tentar colocar na cabeça da pessoa que tem que ser isso, é da natureza de cada pessoa determinado tipo de situação, como é o caso dele. Se dependesse de mim, ele já estaria formado no 2º grau há dois anos atrás, já estaria encaminhado com uma profissão. Dinheiro para ele nunca faltou, teria condições de estar bem mais adiantado nos estudos, hoje está formado no 2º grau e não sabe o que vai fazer, não tem estímulo para nada. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao falar sobre os valores, Gouveia (2003, p. 433) ressalta que “as pessoas não dão importância apenas ao que não têm, mas também ao que é reconhecido como sendo importante para suas vidas e o que elas desejam ou receiam perder”. Dessa maneira, o valor básico enfatizado por Roberto foi o êxito.

Ao explicar de que maneira tomou ciência do processo de paternidade/maternidade, ele disse que foi através de uma pessoa que não pertencia à família. Essa pessoa tinha brincado com Regina que ele seria avô, e a esposa de Roberto chegou em casa e contou a novidade. Destacou Roberto que, a partir desse informe, solicitou que Renato fosse visitá-lo, uma vez que queria saber sobre a veracidade daquele comentário.

fiquei sabendo através de outra pessoa, de uma professora da escola da menina que é nossa vizinha. Ela encontrou minha esposa e mexeu com ela que eu seria avô, e ela disse que nós não sabíamos. Chegou em casa e me contou e na outra semana chamei ele. E ele veio com a namorada e eu perguntei que história era essa que eu seria avô. E ele me contou que a Raissa estava grávida, com dois ou três meses. Por isso que eu digo: ele mente, esconde. (Roberto, – pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao olhar a situação referenciada por Roberto, fica evidente que, nos contextos nos quais estão inseridos Roberto e Renato, não estavam acontecendo processos proximais. Bronfenbrenner e Morris (1998) referem que essas interações no ambiente imediato são os processos proximais. O valor básico que foi evidenciado na fala de Roberto é a honestidade, que está entrelaçada com a responsabilidade (GOUVEIA, 2003).

Roberto, ao falar das influências que as crianças e adolescentes de hoje sofrem dos meios de comunicação social, apontou a televisão como um forte transmissor de valores. Ele considerava-a um veneno, pois propagava valores e exemplos que, muitas vezes, eram estímulos a serem seguidos. No entanto destacou que ninguém consegue viver sem ela, e acaba assimilando esses comportamentos.

A televisão é o maior veneno. A Rita quando vê uma cena de beijo na TV, chega a rir sozinha, com 8 anos, e a escola também ajuda. Tu vai ao colégio e vê meninas com 6, 7 anos namorando, já se vê isso. Na escola é o amadurecimento da menina, do menino também. Tem cenas em que aparecem as atrizes deitadas seminuas, na novela das oito, horário nobre. Oito horas as crianças estão acordadas e, o que aparece na televisão, menores para 14 anos, bem no horário que estão vendo. TV é um entretenimento que a gente tem, mas começa por ali. Tem cenas de crimes que aparecem, o planejamento, se alguém é mal intencionado pega como exemplo, as mentiras, a parte de polícia que apresenta, por exemplo, aquelas cenas em que o advogado está defendendo seu cliente, primeiro o advogado inventa qualquer mentira e passa, é verdade. E isso tudo mostra, mas a gente não vive sem TV, o que a gente vai fazer, vai ver o quê? Assistir filme todos os dias? Outras programações que não tem nada a ver? (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O encontro com a avó e o avô de Renato foi realizado em conjunto, quando ambos comentaram sobre o processo de paternidade/maternidade vivenciado pelo neto. Enfatizaram que a namorada dele havia informado que estava tomando anticoncepcional e que não teria problema de gravidez. O valor básico embasado na tipologia de Gouveia (2003) que ressaltou nas falas dos avós de Renato é o conhecimento.

Rosa – ...ela disse que tinha tomado comprimido...

Ricardo – ...que estava tomando remédio... Que não tinha problema nenhum, mas ele então começou mal.

Rosa – ...foi o que ela disse, que tava tomando...

Ricardo – ...*eu conheço bem a coisa é. Não vai nessa aí.* (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ricardo, ao narrar sobre a ciência do evento da paternidade/maternidade, referiu que para ele foi um choque, pois o neto estava desempregado. No entanto, Rosa salientou que, na época, ele era estagiário. Complementando, Ricardo explicou que o neto não tinha condições de ter um filho, no entanto informou que seu pai Roberto estava bem financeiramente, apesar de Renato não estar pedindo nenhum tipo de ajuda.

Enfatizou, ainda, que esse processo iria recair sobre a mãe ou o pai. Contudo, esclareceu o avô que o pai de seu neto dava pensão ao filho e que, como já tinha 18 anos, não era mais obrigatório. Ricardo também deixou claro que ajudava financeiramente o neto, tendo em vista que pagou parte da Carteira Nacional de Habilitação (CNH), a qual Roberto havia prometido pagar.

Ricardo – ...*pra mim foi uma paulada pelo seguinte.. me preocupava, eu digo.. Esse guri tá sem serviço.*

Rosa – ...*na época ele trabalhava! Ele era estagiário..*

Ricardo – ...*não tem compromisso pra fazer um filho, ainda bem que o pai dele é um cara bem de vida! Não tá pedindo nada pra ele! Mas ele não tem, aí vai ser a pobre da mãe que vai ter que dar atenção ou o pai. [...] Mas o pai já dava pensão pra ele! Dava! Mas não é mais obrigatório, mas ele dá porque ele tá desempregado, então ele dá um “x” pra ajudar ele!*

Rosa – ...*agora ele deu pra ajudar o mês passado!*

Ricardo – ...*quem deu uma parte de 600 reais para a Carteira de Motorista, quem deu fui eu! Ele disse que ia dar toda, mas depois começou a dizer que não dava, e tinha prometido pra minha filha, mas minha filha não tinha, então o que eu ia fazer? Então peguei 600 reais e dei pro guri pra dar a entrada!*

Rosa – ...*diz que ele ia dar.. e deu mês passado, ele deu mesmo 400 reais... 400 reais ele deu pra ele, mas não sei se ele vai continuar. Ele prometeu agora pro Renato, que o Renato tava lá semana passada com a Raika e a Raissa, disse que ia dar, vamos ver se ele vai dar esse mês pra ele.* (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A fala dos avós de Renato, sobre a notícia da paternidade, evidencia o valor básico do apoio social (GOUVEIA, 2003), tendo em vista o neto ter de contar com ajuda do pai e da mãe, para enfrentar o processo da paternidade/maternidade.

Ressaltam Lisboa e Koller (2004) que o ser humano é um ser social por natureza e, como tal, necessita de outro para se desenvolver.

Rosa salientou não ter ficado tão surpresa com a notícia, pois a namorada de Renato já havia comentado com Reniana, a sua neta, a desconfiança da gravidez. Esclareceu que gostou de saber que teria outra bisneta e que desejava que viesse com saúde, pois, no restante, dariam um jeito. Entretanto, destacou o choque que havia levado, quando descobriu que a neta estava grávida; isso a deixou assustada. O valor básico que saliento na fala de Rosa é o da saúde, conforme Gouveia (2003). A saúde é um valor muito almejado por todo ser humano.

Rosa – ...eu já quase que estava esperando porque, uns dias antes, um mês antes, ela tinha dito pra Reniana a minha neta: “Nana, eu acho que eu tô grávida.” – Então eu já tava mais ou menos esperando. Pra mim, até foi bom. Deixa eu criar os meus netinhos, que eu gosto. Meus bisnetos. O pior foi a minha neta, e eu levei a paulada assim... barbaridade. Reniana! 3 aninhos fez a Ritiele. É os dois netos com as duas bisnetinhas! Duas meninas! Mas eu aceitei bem. Deus mandando com bastante saúde, é o que interessa. No mais, a gente dá um jeito, em alguma coisa. (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A responsabilidade de Renato, em assumir o processo de paternidade/maternidade, foi destacada por Ricardo como resultado da educação que o neto teve. Além das orientações/conselhos que ele lhe dera, nos quais sempre havia feito destaques ao compromisso e responsabilidade, uma vez que eram muito amigos e conversavam bastante. Na fala de Ricardo, evidencia-se a honestidade, a qual está imbricada com a responsabilidade, de acordo com Gouveia (2003).

Ricardo – ...olha, eu acho que foi a criação que ele teve, né! Ele... Sempre converso que a pessoa que fez tem que assumir, e que a criança não pede pra vir ao mundo, aquela história de pai pra filho. Eu converso bastante com ele! E a gente é muito amigo mesmo, eu e ele! Então a gente conversa bastante. E ele vê assim a criação que a gente deu pra ele, e que a gente teve, que ninguém é obrigado a fazer nada, mas que tem que assumir. Assim é uma conta. Se fez uma conta, meu filho, fica sem dinheiro, mas primeiro paga as tuas contas, porque as gurias são assim, toda a nossa família é assim! Tanto eu como a minha mulher como a minha filha! Os netos também continuam a mesma coisa. Compromisso! E acho que foi isso aí, a convivência, e a explicação que eu sempre tenho dado pra ele. Como se deve de agir, que ele assumiu. (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Koller e Lisboa (2004, p. 339) destacam que “a forma como as pessoas significam e internalizam as situações de vida é decorrente de características subjetivas da pessoa, mas também da qualidade dos processos proximais estabelecidos”. Dessa maneira, esses avós propagaram valores e os repassaram através dos tempos.

Rosa, a avó do pai adolescente, ressaltou a importância que tinha para ela a religião na vida de Renato; dessa forma procurava estimular o neto a freqüentar uma igreja, pois teria que batizar Raika. A religiosidade é o valor básico referenciado pela avó do pai adolescente, conforme Gouveia (2003).

Rosa – Ele foi. Aí eu disse: Então, tá, mas qual é a que tu vai ir? “Não, eu fui só de visita, mas tava muito boa.”, disse ele. Digo: Tá bom . Digo: Mas vai e continua indo, porque tu tem filho, tem que batizar a guriuzinha e tudo, tem que fazer o cursinho pra batizar a Raika. Eu digo: Tu tem que te decidir qual é que tu quer ir, meu filho. ...eu disse pra ele. Ele disse: “Olha... eu gostei até de lá.”, disse ele, porque ele nunca tinha ido na dos mórmons né! “Agora vou ficar na católica, que é o Nazaré né!” Aí eu disse: Tá, que bom, então! Que maravilha que tu fique mesmo. Aí ele foi.. ficou, ficou, quando aí ele virou ateu, ele esqueceu da igreja. Agora ele me disse... acho que foi sexta, que semana passada ele voltou a ir na igreja. Digo: Aah... coisa boa! Eu digo pra ele: Se tu não for sozinho, eu vou te levar. Ele ficava tão bem, que nem sei. (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ricardo, também ressaltou a religião na educação dos filhos como um valor que auxilia a manter a união familiar. No entanto, sua filha Renata, durante o encontro, não fez colocação alguma sobre esse valor que ele considera importante que seja propagado na família.

Ricardo – ...eu acho que um pouco da criação hoje é um pouco culpa dos pais, que não acreditam em Deus, porque, se todo o casal, desde pequenos pegasse os filhos e fosse pra igreja, fosse a igreja que fosse! Mas levasse os filhos pra igreja, acompanhasse, tirava muita criança da maldade, poucos iam estar no caminho errado. Eu tenho visto assim gente que, desde pequeno, leva os filhos na igreja e tem uma família bonita, unida. Que coisa bonita aquilo ali! Não se vê certas coisas! (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A religiosidade é um valor básico também considerado pelo avô do pai

adolescente. Os valores, quando são propagados, perpassam situações, idéias ou instituições. Fica evidente nas narrativas que talvez ele não tenha sido tão propagado no ciclo de vida de Renata e de Renato, uma vez que nenhum deles fez referência à religiosidade em suas falas.

As pessoas, de acordo com Gouveia (2003, p. 433), “não diferem devido aos seus valores específicos, mas em função da prioridade que dão a alguns valores”.

Ao **refletir sobre os valores que emergiram na Família Vermelha** durante os encontros que realizei com seus integrantes, destaco: o respeito, a responsabilidade, a presença paterna, o conhecimento, o apoio social, a saúde, a religião, entre outros.

Ao ponderar sobre os valores que Renato enfatizou, no tocante à prevenção da gravidez, destaco a responsabilidade para com a namorada. Essa atitude encontra respaldo no estudo realizado por Trindade e Menandro (2002, p. 18) com oito rapazes, com idades de 16 a 21 anos, que se tornaram pais na adolescência e assumiram a paternidade. Conforme o estudo, a resposta mais comum a respeito da responsabilidade pela gravidez foi a de atribuição de culpa à namorada, porque achavam que caberia a elas a prevenção. “Apesar das campanhas preventivas, os jovens continuam mantendo um padrão de comportamento sexual despreocupado com as DSTs; e a manutenção do antigo padrão de atribuição de responsabilidade reprodutiva à mulher”.

Nas falas da Família Vermelha, é notório o destaque à paternidade/maternidade na adolescência, à liberdade sexual dos jovens de hoje e de antigamente, além da gravidez como uma meta de sobrevivência, através do pagamento de pensão.

No que se refere ao exercício da paternidade, fica evidente a dificuldade/imaturidade que o adolescente Renato tem para com o papel de pai. Ressalto o momento em que a namorada foi para o hospital e ele não a acompanhou, justificando que era tarde da noite e ele estava com sono. E outro impedimento presente para o desenvolvimento e exercício da paternidade era o obstáculo que possuía para identificar-se como pai para a filha Raika, o que demonstrava a sua dificuldade em assumir esse papel.

Ao analisar a situação da dificuldade de Renato em se apresentar como pai para Raika, é notório ser um fato o qual está ancorado na ausência paterna, mesmo sendo negada por ele, mas ressaltada e confirmada pela mãe e pelos avós.

Contribui com esse tema Muza (1998, p.143), enfatizando que “a ausência paterna, não apenas física, mas, sobretudo a ausência psicológica, mostra-se como uma dimensão bastante importante na gênese dos comportamentos de risco na adolescência”.

Já Féres-Carneiro (1998, p. 387) destaca o quão é importante uma relação saudável entre os pais e filhos, após uma separação, assim como a qualidade das relações estabelecidas entre eles.

A capacidade da criança e do adolescente de lidar com a crise que a separação deflagra vai depender, sobretudo da relação que se estabelece entre os pais e da capacidade destes de distinguir, com clareza, a função conjugal da função parental, podendo assim transmitir aos filhos a certeza de que as funções parentais de amor e de cuidado serão sempre mantidas.

Esses valores e situações citadas/vivenciadas, de acordo com as narrativas dos informantes, favoreceram que o processo da paternidade/maternidade fosse vivenciado dessa maneira por Renato, em virtude das interações no microsistema.

Assim sendo, o papel da família (microsistema) é crucial, como responsável pela construção dos projetos de vida do adolescente, bem como dos seus valores e crenças, na medida em que ela é, de acordo com Wagner, Falcke, Meza, (1997), o palco em que se realizam e se aprendem as primeiras cenas, buscando o equilíbrio entre o vivido e o imaginado. Principalmente à luz da abordagem sistêmica, onde cada sujeito somente pode ser entendido no seu contexto familiar e cada mudança que ocorre afeta o todo.

Ao finalizar as reflexões sobre a subcategoria **valores expressos pelas famílias de pais adolescentes**, nas três famílias, saliento que o respeito e a responsabilidade emergiram em todas elas. A religião, mesmo sendo uma crença, surgiu como valor em duas (Azul e Vermelha) sendo mais evidente na Família Azul.

Já a ausência paterna foi outro valor evidenciado pelos pais adolescentes Juliano e Renato, destacada nas Famílias Verde e Vermelha. O pai adolescente da Família Verde, Juliano, deixou clara a sua carência, e procurava desempenhar seu papel diferente de seu pai Júlio, pois não queria que Augusto sofresse, como ele, com a ausência paterna.

Entretanto, Renato enfatizou que o pai era presente em sua infância, porém a

mãe e os avós salientavam a ausência paterna. Esse talvez pudesse ser um conflito vivenciado pelo pai adolescente, que estivesse influenciando no seu exercício da paternidade e papel de pai.

Ao reportar-se à existência da família e à manutenção de uma atmosfera familiar, Muza (1998) destaca que resultam do relacionamento entre os pais, os quais trazem suas histórias de vida para a relação conjugal. Dessa maneira, as realizações e perdas, as habilidades e dificuldades na resolução de conflitos e as possibilidades de crescimento pessoal e familiar nascem das novas relações entre gêneros e com os filhos, que marcarão substancialmente a história da família.

Assim, as narrativas que deram origem à subcategoria **valores expressos pelas famílias de pais adolescentes** apontam que os posicionamentos assumidos pelos adolescentes acerca da paternidade variaram em grau, natureza e intensidade e estavam embasados na história familiar da vivência e de cuidado das mesmas para com seus membros. Para Aurélio e Juliano, o sentir-se pai emergiu com a notícia da gravidez, e Renato só começou a sentir-se pai com o nascimento da filha, e ainda estava construindo seu papel, após o nascimento da mesma.

5.2.1.2 As histórias sobre sentimentos expressos pelas famílias de pais adolescentes

No presente estudo, surgiram vários sentimentos. Atkinson e Murray (1989) salientam que os sentimentos são reações que alguém apresenta diante de uma situação, evento ou de outra pessoa, e tanto podem ser agradáveis quanto desagradáveis. Ao abordar sentimentos, Bielemann (2003) destaca que

Cada pessoa tem seus próprios sentimentos, que não se pode dar ou pedir emprestados. Pode-se, isto sim, adquiri-los e senti-los na vivência de cada um [...] Com a expressão dos sentimentos é que se descortina o jeito de ser de cada um, a percepção que demonstra sobre uma determinada situação e como se relaciona frente a esta realidade. A compreensão dos sentimentos, porém, não se esgota o momento em que são desvelados, visto que, sendo algo subjetivo, não têm um corpo físico, possível de ser tocado e visualizado. Compõem um espaço invisível. Por isso, somente aqueles que os adquirem, nos instantes de viver a vida, conseguem senti-los em toda sua totalidade. Tais, como as ondas do mar, não são permanentes, são temporais e sucessivos e mesmo assim, devem ser considerados, para poder-se entender e explicar melhor a realidade.

Quando se fala em sentimentos a respeito da paternidade, em especial neste estudo a paternidade na adolescência, os sentimentos afloram de muitas maneiras, e afetam as pessoas de modos diferentes, gerando com isso reações diversas.

Viscott (1982) reforça essa colocação, ao afirmar que existem os sentimentos positivos e os negativos. Os sentimentos positivos aumentam a força e bem-estar do ser humano, gerando uma sensação de integridade, vida, plenitude, esperança e prazer, de renovação. Em contrapartida, os sentimentos negativos interferem no prazer, consomem energia e esgotam, dando uma sensação de vazio, solidão e mutilação.

Dessa maneira, a gravidez é um evento na vida do homem e da mulher, no qual “deixam de ser apenas filho e filha para se tornarem pai e mãe, ambos vivenciando essa transição com expectativas, anseios e temores. O homem também sofre o impacto da mudança de papéis.” Dentre os sentimentos que emergem nessa fase estão “o medo, a responsabilidade sobre o bebê que está no ventre da companheira [...] também levam o homem a viver uma fase conflituosa” (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007, p. 137).

Essa idéia pode ser complementada com a afirmação de Winnicott (2001) de que os pais efetivam a existência da família, mas necessitam de algo do(a) filho(a), sem o quê se sentem desencorajados e, conseqüentemente, haverá um ambiente familiar vazio.

Assim, os sentimentos que emergiram nas famílias do estudo formam uma subcategoria e serão apresentados separadamente. Dessa maneira, primeiramente ressaltos os sentimentos positivos e, após, os negativos.

Apresentando os sentimentos da paternidade na Família Azul

O sentimento positivo referente à paternidade na adolescência que emergiu na entrevista narrativa foi ressaltado por Aurélio, inicialmente, como o apoio de sua família.

aí depois... uma semana... depois no outro dia todo mundo sabia... já todo mundo deu força... todo mundo conversou bem... foi legal comigo... não me discriminou porque... porque aconteceu... todo mundo foi meu amigo... meus amigos também me deram a maior força... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A fala de Aurélio traz à tona o apoio da rede social que o microsistema da Família Azul proporcionou ao pai adolescente. Rede social, segundo Bronfenbrenner (1996, p. 65), é “um sistema de interação seqüencial” formado por pessoas que podem apoiar, mesmo sem que a pessoa em desenvolvimento esteja presente. As redes sociais mais comuns e extensivas são aquelas que atravessam os ambientes e, por isso, constituem elementos de um mesossistema ou exossistema. Dentre as funções das redes sociais, destaco que elas servem como canais para transmitir informações de um ambiente para o outro. O que pode ser evidenciado na Família Azul, quando Aurélio diz que “no outro dia todo mundo já sabia”.

Em seu estudo sobre a paternidade na adolescência, Brandão e Heilborn (2006, p. 1427) destacam que “os jovens relatam se sentirem mais seguros com o apoio parental”.

O pai adolescente da Família Azul ressaltou outros sentimentos positivos sobre o que era a concretude da paternidade, com o nascimento do filho Guilherme. Dentre eles, enfatizou a felicidade, a alegria, o afeto e carinho.

o motivo ééé... se hoje eu estou com um sorriso no rosto é por causa dele... assim né... só... sei lá... os primeiros dias que a gente tem que ficar acordado... de noite... que a gente acha que é ruim... aí eu chego lá... ele me abraça... ele me beija... já paga tudo... não tem dinheiro que pague... o sono que eu deixei de dormir, entende... não... não tem... nem explicação, assim [...] aí...criou sabe... aquilo... imagina, eu ia todos os dias para lá... agora depois que ela voltou... eu fiquei indo assim um pouquinho... porque depois eu comecei a trabalhar... aí eu fiquei meio que falhando assim... a gente sente uma baita falta de tudo... tipo... aquela a rotina que tu seguia de ir para lá... ficar com ele... dormir abraçado... ficava brincando... que jogava bola... que ele fica jogando a bola assim. [...] uma vez que eu cheguei assim... tá... cansado... Tava até meio estressado assim... Eu cheguei perto, ele veio no colo, eu abracei e ele chegou e me deu um beijo e um abraço, assim... tchê... não tem... não tem o que pague... não tem... prazer, que... dinheiro que tu ... compre o carro... que tu tenha tudo na vida, mas esse prazer tu nunca vai conseguir com dinheiro... é uma coisa que tu vai ter que criar... tu vai ter que produzir mesmo, essa felicidade que tu vai ter, ah... é uma coisa assim, não tem nem o que falar... tu dorme bem, tu fica bem, tu... aquele stress que eu tava, já passou, já... compensou tudo, tudo que me desgastou o dia inteiro, só com isso aí... já recuperou tudo... já tou zero de novo... feliz, alegre, rindo... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Ao colocar seus sentimentos em relação à paternidade, Aurélio destacou satisfação e felicidade. No estudo que realizaram com pais adolescentes Trindade e

Menandro (2002, p. 19), a fala do pai adolescente é reforçada, pois, segundo os autores, a maioria dos jovens revelou satisfação com a condição de pai, mesmo levando em conta o aumento de responsabilidade. Além de todos terem afirmado “o apego aos filhos”.

A forma como Aurélio desenvolveu a paternidade é enfatizada por Muzio (1998, p, 174) como: “quanto mais presente e responsável é o pai, mais emocionalmente vinculado se sente ao filho”.

Essa forma de paternidade exercida por Aurélio, segundo Munhoz (2006, p. 96), destaca a vivência da “modernidade onde as famílias são formadas, baseada em laços afetivos, compartilhamento de objetivos, negociação e diálogo entre seus membros”.

Outro sentimento ressaltado por Aurélio foi o afeto da família da namorada, após ter passado o impacto inicial da notícia do processo da paternidade/maternidade. Salientou que o relacionamento melhorou, pois aflorou mais afeto.

ah... acho até que melhorou assim nas questões de... afeto... essas coisas assim, por que... era... ia viver lá... e eles... como é que... se tu não fosse... se eles não gostassem de mim... o que eles iam fazer... eu ia ter que ficar lá e eu ia ter que cuidar do Guilherme... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A afetividade, segundo Gouveia (2003), é um compartilhar de cuidado e afeto, através das relações próximas e familiares. Dessa maneira, Aurélio compartilhou a paternidade permeada com afeto na família de Luana, a namorada. Segundo Copetti e Krebs (2004), os recursos pessoais assumem papel importante na interação, para desencadear ou fortalecer disposições pessoais, sendo que estas passam a incluir, além das forças dos contextos, os recursos da pessoa e a dimensão temporal. Aurélio, de acordo com as narrativas, desenvolveu bem suas interações.

O processo da paternidade/maternidade e o evento da concretude da paternidade foram destacados por Aurélio. Ele salientou com detalhes a data do início do trabalho de parto de Luana, enfatizou ainda que procurou estar sempre junto da namorada, a fim de prestar-lhe apoio nesse momento especial, o nascimento do filho deles. Apesar de relatar que não pôde assistir o parto, devido a já ter outra mulher em processo de parturição na sala de parto, Aurélio ressaltou que

esse fato não foi empecilho, uma vez que, após o parto, ficaram sempre juntos.

foi num domingo... abril, lembro, dia 17, de manhã... ela me ligou eram oito e meia... ah... eu estou com... bastante contrações... é... contrações, né? aí... eu fui de moto para lá... fiquei junto com ela sempre, né... a hora que ela se desgrudou de mim foi para ir para a sala de parto... mesmo que eu não podia entrar... porque tinha outra mulher junto. [...] mas depois também... depois que ela ganhou a gente ficou sempre juntos... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Ao falar do processo de parturição e do evento do nascimento de Guilherme, o pai adolescente Aurélio demonstrou afetividade, maturidade, responsabilidade e cuidado com a namorada. Esse comportamento também emergiu no estudo que Trindade e Menandro (2002, p. 19) realizaram com pais adolescentes, os quais evidenciaram “o ganho pessoal, aumento de responsabilidade, o amadurecimento e a relação afetiva com o filho”.

Fica evidente na narrativa de Aurélio a importância do evento da paternidade bem como o estabelecimento de apoio e expressão de afeto para com Luana, nesse processo desenvolvimental.

Um sentimento que aflorou, primeiramente, em Aurélio, foi a vergonha com a paternidade na faixa etária na qual se encontrava o pai adolescente. No entanto, esse sentimento foi sendo modificado com a vivência/exercício do processo da paternidade/maternidade, o qual fez com que ele mudasse completamente. O orgulho de ser pai imperou e passou a ser um sentimento muito especial para ele.

ah... no início eu tinha vergonha... bah... eu vou ser pai... ai, que vergonha, entende! Agora não... dizer que eu sou pai... eu me sinto até diferente... especial... por ser pai... do que os outros que... não têm nada que fazer... vivem aí... só jogam basquete, não têm nada para fazer, não tem responsabilidades... eu me acho superior... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Inicialmente, o sentimento que se esboçou em Aurélio foi a vergonha. Este achado Trindade e Menandro (2002) também evidenciaram no estudo que efetivaram com pais adolescentes, uma vez que, entre os sentimentos negativos, foi um dos que emergiu. No entanto, a concretude da paternidade fez com que Aurélio mudasse de opinião. De acordo com Brandão e Heilborn (2006, p. 1428), a

paternidade/maternidade promove “mudanças no estatuto social dos jovens pais [...] Eles passam a ocupar outras posições sociais decorrentes da parentalidade”. Essa mudanças atribuem maior prestígio e reconhecimento social nas suas comunidades. Ainda reforçam Trindade e Menandro (2002, p. 21) que a “prática de paternagem” também mostrou “o orgulho pela paternidade assumida”. Desse modo, mostra-se a importância que tal mudança teve na vida de Aurélio, a qual ele significa com orgulho.

Aurélia, ao narrar como Álvaro, o pai de Aurélio, recebeu e enfrentou a notícia da paternidade do filho adolescente, destacou surpresa com a naturalidade do mesmo. Acrescentou ainda que ele ficara sensibilizado com a maneira como os cuidados eram prestados pelo filho à namorada grávida. Mesmo assim, enfatizou que a crença religiosa foi um suporte importante no enfrentamento desse processo.

Ficou bobo... encarou com muita naturalidade, ele ficou muito feliz com a história da criança... A maneira de ver, a maneira do Aurélio tratando a Luana grávida: “Ah, não, me dá a sacola que eu levo, me dá isso aqui, que eu carrego. Tu não podes carregar peso.” Sabe, sempre cuidando dela, tomando conta dela. Então meu marido achava isso assim... lindo: “Ah, que bonito. Olha que coisa bonita, o jeitinho dele tratar ela.” [...] Ah... maneira de ele reagir... tentar inclusive... apoiar... eu acho o lado da religião... que ele é ministro da eucaristia, da religião católica,... e a gente procura encarar as coisas assim... de uma maneira, que acha que tem que acolher, que tem que ajudar, que tem que nunca pode: “Ah, não! te vira agora! O filho é teu, te vira!” Não... não é assim! A gente acha que tem que acolher, que tem que ajudar, talvez por isso. Também, por causa da religião... também pesou. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

Ao falar sobre a reação de Álvaro e o processo de paternidade/maternidade de Aurélio, a mãe do pai adolescente destaca que o marido encarou com naturalidade o evento. Esse fato favoreceu a vivência, como também é relatado no estudo de Trindade e Menandro (2002, p. 22): “a importância do apoio familiar encontrado pelos sujeitos como um fator importante a ser destacado”.

No entanto, apesar de os filhos acompanharem o exercício da paternidade de Álvaro, Aurélia concluiu que eles desempenharam diferentemente do vivido, pois auxiliavam as esposas e não esperavam pelas mães de seus filhos, para realizarem os cuidados. Essa atitude dos filhos ela comentou achar linda.

os meus filhos fizeram bem diferentes, eles fazem, eles não esperam que a mãe venha fazer alguma coisa, não... se têm que mudar, eles

mudam, se têm que dar mamadeira, eles fazem à mamadeira, eles dão à mamadeira... eu acho uma coisa muito linda mesmo. (Aurélia, mãe de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

O exercício efetivo da paternidade, que é tão cobrado dos homens hoje, “é algo inédito na história da humanidade”. Nenhuma sociedade trazia como parte da formação ou obrigação do homem desenvolver a “habilidade” de cuidar de crianças, porque isto sempre foi tarefa das mulheres, o que caracteriza uma verdadeira revolução (SILVEIRA, 1998, p. 34).

Já o pai de Aurélio, Álvaro, enfatizou o afeto que o filho tem para com Guilherme, como um forte sentimento, o qual, segundo ele, o pai adolescente demonstrava mais do que para com a namorada. Álvaro contou que existia um sentimento potente entre Aurélio e a namorada – o amor pelo filho Guilherme. Considerava o amor entre os pais de Guilherme um relacionamento que iria se fortalecer com o tempo.

com o Guilherme, eu já vejo um afeto, demonstra mais. Ele pode gostar mais dela e não demonstrar tanto. [...] Na minha época, a gente era mais romântico, tinha mais calor na relação. [...] Todos dois gostam muito desse filho, têm um cuidado assim muito grande com ele. Então, e a grande verdade é que o amor ele se desenvolve com a convivência, no dia-a-dia com a pessoa ele vai crescendo. Então, como eles vivem um pouco longe, pode amar a pessoa, mas não é naquela expressão maior que poderia ser. No que a convivência ali do dia-a-dia dessa relação. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

As falas de Álvaro revelaram a afetividade que Aurélio possuía para com o filho e a namorada. Esse fato, segundo Milfont, Gouveia e Costa (2006, p. 31), no estudo que desenvolveram com jovens solteiros sobre o desejo de constituir família, demonstra que o valor da afetividade “apresentou a maior correlação com a intenção de constituir família”. Embasada ainda nesses autores, vejo que esse valor corresponde “à esfera mais íntima da vida social”, uma vez que pode ser entendido como um “princípio-guia das pessoas que buscam relações interpessoais seguras e satisfatórias, como as que geralmente se esperam encontrar com a constituição familiar”.

Alzira, a avó de Aurélio, destacou que, em sua experiência de vida, tinha visto muito coisa e estava vendo cada vez mais. Saliu essa colocação em virtude da surpresa com a paternidade, na faixa etária do neto Aurélio.

Eu já estou vendo tanta coisa, já vi e cada vez vejo mais. Foi um pouco de surpresa por causa da idade, não é? Mais não me apavorei muito, porque hoje as mães deixam soltas, não é? Não pode deixar tão à vontade as crianças, depois acontece... (Alzira, avó de Aurélio - pai adolescente da Família Azul)

A notícia da paternidade na adolescência causando reação de surpresa aos familiares é um dado que emergiu também na pesquisa de Levandowski (2001), que realizou estudo com pais adolescentes sobre suas expectativas e sentimentos, e a interação com o bebê.

Entre os **sentimentos negativos** que emergiram na entrevista narrativa com o pai adolescente, destaco o medo com a notícia da paternidade e a ansiedade de não saber como enfrentar o processo da paternidade/maternidade.

Logo assim que eu soube que ela ficou grávida, no mesmo dia assim... eu soube de tarde... aí eu tava em casa assim... eu tava, como é que dizer... meio apavorado... apavorado... simplesmente apavorado... sabe quando tu olha uma coisa e tu fica tenso... tu fica... sabe... porque 14 anos... quem é que ia pensar que talvez pudesse ter acontecido isso... a gente olha na televisão, mas tu não acha que vai acontecer isso com a gente. Mas aí... eu contei para minha mãe apavorado... tava chorando até no dia... [...] bah... Como é que eu posso dizer, sei lá... Sabe aquela coisa, tipo... Aquele frio na barriga de tu não saber o que vai fazer? De tu ficares azucrinado... Tu olhar uma coisa, às vezes... E sabe quando tu olhas um jornal e tu não disseste nada para ninguém, mas tu olhas no jornal, ah, criança com não sei com quantos anos fica grávida, tu acha que tudo, que depois daquele dia tudo começa a se encaixar, tudo parece que é para ti, meio que uma indireta assim, que tu não, ah... Foi meio difícil de assim! Mas aí fui levando... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Surpresa, susto, choque e não acreditar na notícia da gravidez da namorada foram sentimentos que Levandowski (2001a) evidenciou também em seu estudo, os quais são corroborados por Trindade e Menandro (2002) e Silva (2006).

Aurélia relata igualmente que o sentimento negativo que aflorou em Aurélio com a notícia da paternidade foi o medo: “na época, ele ficou meio apavorado, ele

ficou preocupado, sem saber o que fazer.”.

Salienta, ainda, a mãe do pai adolescente da Família Azul que seu marido, ao ser informado do evento, ficou sem saber o que falar/fazer: “E... eu lembro até do dia que eu contei para o meu marido. Ele ficou meio parado assim... sem saber o que dizer, o que falar.”.

Ao evidenciar as falas de Aurélio, Aurélia e Álvaro sobre o sentimento de surpresa vivenciado com a notícia da paternidade, destaco que, nos estudos de Trindade e Menandro (2002) e Munhoz (2006), realizados com pais adolescentes, houve também relatos de que a notícia da gravidez da namorada causou abalo, diante do inesperado.

Já Álvaro, o pai de Aurélio, destacou a preocupação, como principal sentimento frente ao processo de paternidade/maternidade.

Pois é (suspiro). Eu, claro que, como todo pai, a gente fica preocupado com uma notícia dessas no sentido de que, não de ele ser pai, mas de como ele vai encarar essa responsabilidade nova. Minha preocupação mais era se ele iria ser responsável pelo ato que ele fez. Nada a condenar, eu acho que tudo bem. Uma das coisas mais naturais que existem na face da terra é uma relação sexual. Desde o início do mundo existe, então, ele aconteceu com a namorada e engravidou. Agora, pra mim, isso não era preocupação, a preocupação era como ele iria reagir diante disso aí. Talvez não querer assumir, sei lá, essas coisas todas e foi o que me preocupou foi isso, qual seria a reação dele. Se essa reação seria uma reação responsável ou não. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A preocupação destacada por Álvaro reportava-se à responsabilidade, à imaturidade física e emocional do filho, com 15 anos, para assumir o processo de paternidade/maternidade. Esse achado está presente nos estudos de Levandowski (2001), Silva e Tonete (2006) e Munhoz (2006), nos quais as famílias expressaram o sentimento de preocupação com os jovens e o evento.

Alzira, a avó paterna de Aurélio, comentou que a notícia da paternidade, para ela, não foi tão impactante, pois relacionava o fenômeno com o de uma doença incurável. Entretanto salientou que a vinda de um filho era uma alegria, enquanto que a de uma doença não. Dessa maneira, analisou que, apesar de o neto ser tão jovem, e não ter aguardado idade mais propícia para ser pai, relevando a importância da família como um todo disse que esta lhe deveria proporcionar apoio.

E ainda ressaltou o desejo que tinha de ver a união entre o neto e a namorada, a qual almejava fosse duradoura, para que o bisneto não viesse a ser prejudicado.

Então seria triste se o Álvaro chegasse e dissesse assim: “Mãe, o Aurélio está com uma doença grave, incurável!”, não ia ficar triste? Não, o Aurélio vai ser pai, vai ter um filho, coisa linda! Melhor notícia, é novo, é novo, não pensou, mais agora tem que todo mundo dá força pra ele criar esse filho, e vê se dá certo, se fica pro resto da vida. Se não der, cada um pro seu lado e faz a sua vida, mas que aquela criança não saia prejudicada por falta de amor, de ambas as famílias, não é? Não é assim que tem que ser? É... eu penso assim, é... todo mundo aceitou numa boa. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A fala da avó paterna, Alzira, relatando seu sentimento em relação ao processo de paternidade/maternidade vai ao encontro dos achados de Levandowski (2001a) e Munhoz (2006), nos quais as reações dos familiares foram de alegria, apesar de inicialmente terem tido impacto com a notícia.

Ao falar sobre a vinda de Guilherme, o bisneto, comentou Alzira que a família organizou preparativos para a vinda do mesmo, como a realização de chá de bebê e, no que se refere ao nascimento, todos os membros da família demonstraram felicidade com o evento/processo do nascimento do menino, levando presentes. Esse fato também foi enfatizado pela bisavó, em relação à festa de aniversário que fizeram, quando Guilherme completou um ano de vida.

Todo mundo ficou feliz da vida com a chegada do Guilherme, levou presente, fizeram chá de bebê, todo mundo foi, levou presente tudo assim, normal, ele não vai ter recalque com nada. Agora no aniversário fizeram festa, todo mundo faceiro com o Guilherme. (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Alzira fez destaques à notícia do processo de paternidade/maternidade na família, à idade do neto, à aceitação da notícia, que passou a ser difundida entre os membros da família. Silva e Tonete (2006, p. 203), no estudo que realizaram com adolescentes grávidas e seus familiares, afirmam que houve manifestação de “sentimentos positivos de satisfação”, influenciando a convivência, que passou a ser mais tranqüila, e denotando boas expectativas em relação ao nascimento da

criança.

Ao refletir sobre os **sentimentos que afloraram na Família azul**, fica evidente que os sentimentos positivos sobressaíram-se aos negativos, sendo eles o afeto, o carinho, o apoio, a alegria, a felicidade e o orgulho. E, no que tange aos sentimentos negativos, imperaram o medo e a preocupação.

Ao enfocar a maneira como Aurélio vivenciou a gravidez de Luana, procurando cercar de cuidados a namorada nesse momento especial, relembro que Piccinini et al (2004) apontam que a gestação é um período de preparação para os novos papéis que os pais deverão assumir, frente ao bebê.

Apresentando os sentimentos da paternidade na Família Verde

O sentimento positivo referente à paternidade na adolescência que emergiu no encontro com Juliano se refere às emoções sentidas, ao ver seu filho pela primeira vez. Ele destacou ter sido uma mistura de sentimentos, pois chorou e riu, ao mesmo tempo.

Quando tu olhas aquilo ali, tu, tu não tem como te segurar, não tem como não se segurar, tu te emociona totalmente. Não tem como não chorar. É tudo ao mesmo tempo. É rir e chorar, tudo ao mesmo tempo.
(Juliano – pai adolescente – Família Verde)

O nascimento do filho representa o auge de um processo que se inicia na gravidez. Destacam Freitas, Coelho e Silva (2007, p. 141) que ele é visto como “o momento em que o bebê sai do imaginário masculino e passa a ser representado como vida concreta, confirmada pela possibilidade de tê-lo nos braços, fato que marca pela emoção”.

Por conseguinte, “o nascimento de um filho na adolescência representa uma etapa de transição para a vida adulta”, a qual denota uma passagem, que “possui marcas diferenciadas pela posição social dos indivíduos, revelando significados próprios” (DIAS; AQUINO, 2006, p. 1452).

Já Júlio, ao relatar seu sentimento com a paternidade na adolescência de Juliano, ressaltou o processo de nascimento de Augusto, com o qual lhe afloraram fortes emoções positivas, uma vez que desencadeou os sentimentos de alegria e felicidade frente ao evento.

Eu fiquei elétrico, fiquei nervoso, queria entrar à força dentro do hospital e não deixaram, vou te dizer, recebi com alegria. Contente, feliz, não importa para mim, não tenho essa coisa, neto para mim é um filho muito melhorado. [...] A gente faz tudo que é vontade, o pai chega e diz: “Não é para fazer, fulaninho.”, e o avô vai lá e faz, vira criança de novo. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

As expressões de alegria e felicidade, por parte de Juliano e Júlio, também foram evidenciada nos estudos com pais adolescentes que Trindade e Menandro (2002) e Munhoz (2006) realizaram. Os homens tentam viver a experiência do ser pai, rompendo estereótipos do passado e se aproximando dos aspectos afetivos dessa relação (TRINDADE; MENANDRO, 2002).

Já, entre os **sentimentos negativos** que emergiram na entrevista narrativa com o pai adolescente da Família Verde, destaco o medo com a notícia da paternidade. Esse sentimento aflorou, segundo Juliano, tendo em vista que recebeu conselhos/orientações de prevenção: “fiquei apavorado porque levei tanto, tanto assim, conselho deles assim. Então eles, bah, cobraram bastante de mim.” (Juliano – pai adolescente – Família Verde).

A fala de Juliano sobre a notícia da paternidade/maternidade na adolescência evidenciou os sentimentos negativos de medo e pavor. Trindade e Menandro (2002), Silva (2004) e Munhoz (2006) também trazem essa evidência, uma vez que, nos estudos que realizaram com pais adolescentes, afloraram esses sentimentos negativos frente à notícia da gravidez da namorada.

O ciúme foi um sentimento negativo, o qual favoreceu uma briga entre o pai adolescente e a namorada, sendo que estava ancorado num relacionamento breve de Paula com outro adolescente. Esse relacionamento causou muita decepção para Juliano, mas, mesmo assim, ele não deixou de acompanhá-la nas reuniões do grupo de gestantes.

Aí já andava um guri mandando mensagem pra ela e coisa e tal. Então eu realmente tinha ciúme. Sou ciumento, admito que sou ciumento.[...] Sou ciumento, brigamos. E ela tava grávida. E eu sabia, eu e ela. E o meu amigo, o Clóvis. Tivemos tempo brigado. [...] A briga durou ah, durou uns dois meses, três meses, três meses por aí. É que depois assim, meio que estabilizou, aí não ficou aí meio que briga, mas chegou até a passar o dia das mães, pra ver como ficou um bom tempo. [...] eu fiquei meio chateado assim. Até andei indo pra festas e coisa assim, mas eu ia de irritado, com ela assim. Porque esse guri que mandava mensagem pra ela, aí depois fiquei sabendo que ela se

encontrou no calçadão lá com o guri, aí até uns amigos meus, umas amigas minha do colégio viram ela com o guri. E viram que ela pegou e beijou o guri. Aí eu fiquei indignado com ela. Aí eu já comecei a me estressar também, mas eu ia igual com ela no cursinho, mas não dava muita bola assim. [...] Ela me decepcionou, de início ela me decepcionou muito, porque eu achei que ela não ia fazer o que ela disse e fez. Aí me decepcionou bastante. Aí, por isso que eu deixei aquele tempo. Eu ia com ela, mas meio curto e grosso, meio calado, ia até o curso com ela e não falava nada com ela praticamente. Qualquer coisa que ela falasse era duas, três palavras que eu respondia e deu. E eu queria mostrar pra ela que, se ela achasse que ela tava me fazendo muita falta, eu queria mostrar pra ela que não tava. Embora, embora tivesse, eu tava querendo mostrar que não tava. Tanto que eu nunca fui quieto assim com ela. Eu sempre fui de conversar. Gosto de falar, eu falo muito. Aí ela dizia: “Ah, tais quieto, tais quieto, tais quieto.”. O que ela mais falava era isso. [...] Aí nós estávamos indo pro cursinho, a gente ia a pé mesmo, que é aqui pertinho. Caminhando, era verãozinho, era bom de caminhar. Aí nós estávamos indo. Nós íamos sempre até lá, um do lado do outro, mas nada de... nada de mão dada, de beijo. Nada disso. Mais era acompanhar mesmo, porque, pra mim, era um sacrifício aquilo, aquilo lá era cruel pra mim. Mas eu agüentei assim, eu agüentei aquele tempo. [...] A volta, pra mim, não foi uma volta. Talvez pra ela tenha sido, mas pra mim não. Porque assim, não tinha acabado ainda. Isso. Agora eu não sei, ela eu acho que sim. Foi logo em seguida que passou o dia das mães, no próximo mês assim. Eu andei presente, porque ela fazia um cursinho ali no hospital, cursinho de gestantes. E dentro desses meses, eu gostava de ficar presente. Ela me ligava e eu ia com ela. Eu ia nas consultas. Ia no cursinho também. Aí teve mês que foi meio chato assim de... ficou um mês todo eu indo, só que a gente ficava eu de braço cruzado, ela ali, nem parecia que nós estávamos juntos. Só ficava um do lado do outro assim. Ficava um negócio meio chato assim. Os outros só olhavam, olhavam. Era chato. Aí eu até falei pra ela: Não vou vir mais, já tá me chateando isso. Aí ela. Aí no outro mês eu tava, eu fui com ela no cursinho. Aí eu tava pra ir embora, aí eu acompanhava ela até em casa, aí quando eu fui dá tchau pra ela, aí eu dei tchau pra ela, aí ela pegou e me deu um beijo na boca. Aí eu deixei assim. Já tava bem calmo. Ela me deu um beijo na boca, eu só beijei ali no momento e fui embora, nem quis falar nada pra ela, nem fazer pergunta. E nada né, deixei na consciência dela né. Como eu conversei com meus irmãos, e todo mundo na época, eles ficavam: “Não, deixa pra ela resolver.”. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Ao falarem dos laços afetivos fixados entre pai e filho na gravidez, Freitas, Coelho, Silva (2007) evidenciam que o estabelecimento dos mesmos, nos primeiros estágios de vida, é ponto relevante para reviver a instituição da paternidade. Fortalecem, ainda, Freitas, Coelho, Silva (2007, p. 138) que, “quando a participação

do homem é efetiva, na gravidez e após o parto, criam-se situações de bem-estar para todos os envolvidos no processo”. Dessa maneira, evidencia-se o comprometimento de Juliano no processo de paternidade/maternidade.

A mãe do pai adolescente, Júlia, ao narrar o sentimento com relação à ciência da notícia do processo de paternidade/maternidade, relembrou sua indignação com Juliano, a qual destacava que iria demorar a passar.

Eu disse para ele, quando ele chegou, que não falasse comigo enquanto eu não pudesse sentar e conversar com ele, e o que eu faria com ele era problema meu e ele que fosse seguir a vida dele, porque agora eu ia tomar conta da minha. Não sou uma mãe de poupar filho porque está estudando, se ele fez tem que assumir, trabalhar e estudar. [...] Pedi para o Júnior me levar de volta ao hospital e ele disse que eu tinha que conversar com o Juliano antes, então eu me dirigi a ele e disse que não falasse comigo, não tocasse e não me beijasse, que, quando eu achasse que fosse o momento certo, eu falaria com ele e a Janice. Disse para eu não fazer isso, porque deixaria ele mais louco, mas eu disse que, naquele momento, que deixasse assim e voltei para o hospital. [...] não desculpava ele, não o perdoava, isso ia custar para passar. [...] Eu falei para o Juliano: agora ele teria que me escutar, que o homem, para ser homem, não é quando tem o pênis ereto, mas quando tem capacidade e caráter, e o que ele fez eu não perdôo, não consegui aceitar. [...] Ele fala que eu ainda não o perdoei, mas pedi para ele deixar o tempo passar, eu não perdôo ele. A Janice disse que isso ia passar e que, no momento, estava acontecendo tudo ao mesmo tempo, a minha mãe e eu doente, o pedido para regularizar a pensão do Juliano, era muita coisa. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao relatar o sentimento com o processo de paternidade/maternidade de Juliano, a mãe do pai adolescente, entre todos os informantes de história desse estudo, foi a que expressou mais negativamente seus sentimentos em relação ao evento. Levandowski (2001) coloca que a “sensação para os envolvidos é de que o mundo desabou”, a qual, pressuponho, tem conotação com a situação financeira da família, tendo em vista a nova distribuição de papéis e sobrecarga dos avós.

Ainda salientou Júlia que a avó materna, Josefina, ao tomar ciência da notícia do processo de paternidade/maternidade de Juliano, não recebeu satisfatoriamente, por ser o filho mais novo de Júlia a lhe dar um bisneto.

Quando a mãe estava no hospital, disse para o Juliano ir vê-la, e quando o Juliano falou que ela ia ter um bisneto, ela ficou parada me olhando e eu perguntei se estava tudo bem, se tinha entendido o que ele tinha falado. E ela disse que sim, que ela ia ganhar um bisneto. E

se era a Janice que estava grávida? Eu disse que não. Ele falou que ele seria o pai e ela disse: “Como pode o mais moço que ia me dar um neto!”. Chamou ele de sem vergonha. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Nas falas de Júlia e Josefina, percebem-se os sentimentos negativos de indignação, surpresa e choque, no momento da descoberta do processo de paternidade/maternidade de Juliano. No estudo que Silva e Tonete (2006, p. 202) realizaram com familiares sobre a gravidez na adolescência, encontra-se também que a notícia “representou um ‘choque’” para os familiares, por se tratar de um “acontecimento inesperado”.

Júlia, ao falar de sua história, relatou sua vivência na época de solteira, da qual enfatizou a violência vivida com o pai. Entretanto ela, ao falar dele, comentou que ele era bom, apesar de ser bruto com os filhos e com a mãe dela.

O meu pai era muito bom, mas era uma pessoa bruta, eu apanhava muito, trabalhava bastante. Nós dividíamos o serviço de casa, uma semana para cada uma na cozinha e nos quartos. [...] Eu estudava, cuidava da casa e da mãe porque, às vezes, ele chegava incomodando e batia nela. Não bebia, de sem-vergonha, não bebia, nem fumava, mas era muito genioso. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Ao abordar o exercício da paternidade de seu pai, Júlia destacou a violência.

Embora só nos últimos tempos estejamos assombrados com a(s) violência(s) que ronda(m) o nosso cotidiano, ao revisitar a história em diferentes campos do conhecimento, percebe-se que a violência sempre esteve presente, mesmo que em diferentes tons (GRÜDTNER, 2005, p. 24).

As características e fatores que predisõem a criança aos maus tratos pelos pais, segundo Ribeiro (2004) são discutíveis, pois envolvem características dos pais, das crianças, fatores sociais e ambientais na família, em consonância com valores culturais, classe social, estrutura familiar, socialização pela violência, poder e autoridade, bem como estressores ambientais e ausência de apoio social.

Ao olhar os dados sobre os **sentimentos que emergiram na Família Verde**, fica evidente que os negativos sobressaíram-se aos positivos. Saliento os sentimentos negativos que afloraram, como: o medo, o ciúme, a indignação e o aborrecimento. E, entre os sentimentos positivos, destaco a alegria e a felicidade.

Dessa maneira, como os sentimentos negativos foram os que mais afloraram, encontro respaldo em Carter e McGoldrick (2001, p. 12), os quais destacam que, quando ocorre um evento estressor/negativo, no caso do presente estudo na paternidade na adolescência, e “quanto maior for a ansiedade gerada na família em qualquer ponto de transição, mais difícil e disfuncional será a transição”. Desse modo, fica evidente que as dificuldades enfrentadas por Júlia e pelo pai adolescente influenciaram o processo de paternidade/maternidade.

Ao falar da família constituída por um só genitor após o divórcio, Brow (2001, p. 323) enfatiza que “a ausência do pai não deixa apenas uma lacuna familiar como também coloca uma exigência incrível nos recursos do progenitor remanescente”. Assim sendo, fica evidente a atitude de Júlia de indignação com o processo de paternidade/maternidade, tendo em vista a sua responsabilidade.

Apresentando os sentimentos da paternidade na Família Vermelha

Ao dirigir o olhar aos sentimentos relatados por Renato, o pai adolescente da Família Vermelha, saliento um sentimento positivo: a emoção com o nascimento de Raika.

A Raissa ficou na sala fazendo os pontos. E a Raika veio para nós vermos, para nós conhecermos, para ser pesada, para tomar banho. Essas coisas, para ficar na estufa. Acho que é? Mas foi bem legal! Aí... Aí caiu de vez a ficha! Foi uma emoção bem grande. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Renato, ao relatar sobre a forte emoção com o nascimento de Raika, enfatizou um sentimento destacado por Freitas, Coelho e Silva (2007) entre pai e filho(a).

Ao referir-se à notícia do evento da paternidade, Renato enfatizou que, no início, não gostou da idéia, mas que, com o passar do tempo, foi gostando.

Aí... pausa... eu fiquei assim, na hora não caiu a ficha, depois de um tempo que foi... caindo. Ah, cai a ficha? É... não tem como explicar, é...

tipo... se tocar, que é tua filha, saber que é tua, no caso, não tem como explicar! Não! Aah, no início, não gostei, né! Mas aí, depois, eu comecei até a gostar da idéia, né. Aí... Agora eu tô gostando mesmo.
(Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

No estudo de Trindade e Menandro (2002, p. 18), a reação apontada pela maioria dos pais adolescentes frente à notícia da gravidez foi “o sentimento de despreparo para lidar com a nova situação”. Sendo que os autores ainda destacam que “para alguns jovens o processo de identificação com a paternidade é mais penoso e lentamente construído” (TRINDADE; MENANDRO, 2002, p. 20). Dessa maneira, evidencio que pode ter sido esse o motivo de Renato não ter gostado inicialmente da notícia do processo de paternidade/maternidade.

Freitas, Coelho, Silva (2007, p. 137-138) enfatizam que o sentir-se pai, para muitos homens, “é um fato que só ocorre posteriormente ao nascimento e, em alguns casos, mesmo após a chegada do filho ou da filha, o sentimento de paternidade ainda não é tão perceptível”.

Ao falar sobre o fato de que os pais de Raissa estavam dificultando as saídas dela com ele, Renato enfatizou que acreditava ser por medo que ela engravidasse novamente. O namorado de Raissa esclarece que a namorada tinha consciência desse fato; no entanto, ele não expressou tomar nenhum cuidado/precaução com a prevenção, deixando ao encargo da namorada, outra vez!

O problema é os pais dela. Ah, me dou tri bem com eles, me dou super bem! Mas eles são muito inseguros, eu acho que eles têm medo que ela engravide de novo, até porque ela não pode engravidar, porque ela quase morreu no parto, porque descolou a placenta. Aí deu um monte de problema. Não sei como é que é, não sei se a senhora conhece o Dr. Santo Rios, ele falou, se ele não tivesse sido rápido, mais um pouco ela não teria resistido ... perdeu um monte de sangue, teve hemorragia. Aí ... ela não pode! Mas ela tem consciência de que não pode! Mas os pais dela não deixam ela sair para nada. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Renata destacou como um fato marcante, para Renato, a gravidez de Regina. Recordou a situação referindo-se ao momento em que Roberto veio buscá-lo e levou-o para conhecer a irmã que acabara de nascer. Esse fato, de acordo com

Renata, acarretou muita revolta ao filho, a qual ainda permanecia.

ele (Roberto) chegou – o Renato tava fazendo a segunda, na terceira que ele rodou – e disse assim: “Vim buscar o Renato, tá?”, pegou Renato e levou. Aí, quando Renato chegou na casa dele, ele apresentou: “Essa é tua irmã.”. Não, o Renato não tinha 12 anos. Aham, aham, bem menos ele tinha. Aí ele pegou e disse ficou assim parado, não falou nada. Aí passou aquele sábado, chegou no domingo de noite numa revolta, ...numa revolta. O que tu tem Renato? – “Nada!” – Tu não podes falar? – “Não!” – Porque ele não é de falar. O Renato não é de falar! Ele não é de falar muito. Perguntar qualquer coisa que ele viu, que ele saiba, ele vai dizer: “Não sei, não vi!”. Até aí, tudo bem! Deixei ele se acalmar, porque alguma coisa tinha acontecido, e eu não quis entrar fundo. Ele está com a raiva até hoje ele... (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A narrativa de Renata trouxe à tona uma transição na família do pai de Renato, com o nascimento da irmã paterna. Ullrich e Kreppner (1998, p.10) destacam que as famílias administram suas transições de diferentes maneiras. “Os padrões de comunicação concreta entre os pais durante essas transições podem ser um bom caminho para um melhor entendimento do desenvolvimento das crianças a caminho da adolescência”. Por conseguinte, se Renato tivesse dialogado com Roberto, essa transição poderia ter sido menos traumática.

Renata, a mãe de Renato, durante o encontro, destacou a ciência do processo de paternidade/maternidade do filho adolescente. Comentou que já sabia da gravidez da namorada, pois tinha encontrado o resultado do diagnóstico da gravidez no roupeiro do filho. No entanto, estava aguardando que ele lhe comunicasse sobre o evento. Enfatizou que Renato e a namorada, quando foi compartilhada com ela a notícia, queriam um parecer dela. Renata referiu ter cobrado do filho responsabilidade e que eles teriam que assumir esse processo.

Eles enrolaram muito para contar, mas eu já tinha desconfiado, porque eu peguei um teste de gravidez dela dentro do roupeiro dele, eu fui arrumar um... Eu estava esperando que eles me confirmassem. Não precisava que eles me confirmassem, já tava confirmado. Eu esperava que eles me falassem. Eles estavam até com medo de falar, eu sou uma pessoa muito aberta. [...] Aí ela veio para cá num sábado, acho que um sábado... Para me contar. Aí ele pediu para Reniana estar aqui. Aí a Reniana estava aqui, aí ele pegou e disse: “Mãe, eu quero falar contigo, eu e a Raissa queremos falar contigo.” Aí eu disse: Falar... O que eu já sei... O que tu já sabe? Fala para saber se é a

mesma coisa? Aí, ele pegou e disse: “A Raissa está grávida.”. Que a Raissa está grávida eu sei, mas eu queria que vocês me falassem. Aí ele disse: “A Raissa grávida e agora, que nós vamos fazer?”. Aí eu disse: Agora, vocês vão assumir. Aí ele pegou e disse: “Assumir a gente vai. [...] mas ela (Raissa) está com medo de falar com a mãe.”. Ela não tinha medo do pai, ela tinha medo da mãe. Da mãe dela que ela tem medo, do pai não. Aí disse: Eu vou lá e falo com teus pais. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Na fala da mãe do pai adolescente emerge a exigência de responsabilidade no processo de paternidade/maternidade, sendo que esta é também um achado nos estudos de Levandowski e Piccinini (2006), Cabral (2003) e Trindade e Menandro (2002), bem como Levandowski (2001), no que tange a tornar-se pai.

Outro sentimento que aflorou na narrativa foi o medo de Raissa contar para seus pais sobre o evento. O medo, destacado pela namorada do pai adolescente, é também um achado nos estudos de Levandowski (2001) e Trindade e Burns (1998).

Roberto, o pai de Renato, durante o encontro narrou o momento da ciência do processo de paternidade/maternidade do filho adolescente. Comentou que ficou em medo, uma vez que o filho teve orientações contraceptivas para evitar tal fenômeno. Salientou que conversou com Raissa sobre a maternidade na idade dela e as conseqüências, bem como na vida de Renato.

Quando eu soube do problema que ele estava, entrei em pânico. Teve muita orientação sobre esse problema, além de orientar, citava exemplos para ele. Eu mesmo fui ter ele com 32 anos, pois acho que para ter um filho é necessário pensar bem, planejar. E essas orientações todas eu passava para ele. [...] Mandava usar preservativo, que cuidasse para a menina usar anticoncepcional, se não tivesse como comprar, eu pagaria. Aí aconteceu e ele estava com medo de falar para mim e, quando falou, a menina já estava com três meses. [...] Falei também para a menina, quando esteve aqui, dizendo que estava grávida, como é que com 17 anos estava grávida, não sabe da responsabilidade de ter um filho com 17 anos. Eu tive o Renato com 32 anos e se ela imaginava o que era ter um filho com 17 anos? Ela iria se privar de liberdade, teria problemas com os pais, vai envolver os estudos. E se amanhã ou depois não der certo com o Renato teria que procurar outro parceiro, que de repente pode ou não aceitar o filho, uma série de coisas. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Roberto salientou o sentimento negativo de medo, com a notícia da paternidade/maternidade. No estudo que Silva e Tonete (2006, p. 202) realizaram com familiares, sobre a gravidez na adolescência, emergiu que esse evento “representou um ‘choque’” para os familiares, uma vez que se tratava de um “acontecimento inesperado”. Esse fato também é apresentado na narrativa de Roberto.

O exercício da paternidade era algo muito forte na vida de Ricardo, pois seu avô considerava o ex-genro também como filho. “*O genro pra mim é um filho. Eles tão separados e tudo, mas pra mim ele continua um filho sempre. Gosto muito dele. A gente se vê pouco! [...] A gente brincava como pai e filho assim!*” (Ricardo, vó de Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

Esse sentimento que Ricardo expressou ter pelo ex-genro é um compartilhar de afeto, o qual Gouveia (2003) refere como afetividade. Ainda destacam Gomes e Resende (2004, p. 124), ao abordarem sobre os sentimentos paternos, que “é no âmago de cada homem, e na teia de relações que eles estabelecem [...] que é possível a construção e reconstrução da subjetividade de pai”.

Ao relembrar as atividades que compartilhava com o pai, Renato mencionou que pouco se lembrava. No entanto, fez destaque que, em torno de seus 8-9 anos, ele lhe ensinou a dirigir e que jogavam futebol. No que se refere ao relacionamento entre eles, considerou que era bom. Contudo, Renato salientava que sentia falta do pai.

Dos encontros com meu pai, não me lembro, é meio difícil nessa idade. Lá pelos 8 - 9 anos, quando ele me ensinou a dirigir... Essas coisas, só isso que eu me lembro. Ah, jogava futebol! O nosso relacionamento era bom. Bom... falta, a gente sente sempre um pouco! ... Eu via sempre ele direto! Ele vinha me buscar. A infância longe do pai falta, a gente sente sempre um pouco! ... Eu via sempre ele direto! Ele vinha me buscar. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

As principais atividades práticas de paternagem referenciadas nos achados do estudo que Trindade; Menandro (2002, p. 21) realizaram com pais adolescentes, são “aquelas relacionadas com lazer e brincadeiras. [...] Os filhos eram levados a passeios durante os finais de semana e, mesmo quando em casa, os relatos indicaram o brincar como principal atividade” Esse mesmo dado se encontra

reforçado na narrativa de Renato.

No que se refere ao exercício da paternidade de Roberto, Ricardo deixou claro que ele não foi um pai muito presente. Contudo, Rosa achava que, apesar de ele não ser um pai presente, para o neto, Renato tinha um amor e um carinho muito grandes pelo pai. Os quais ela respeitava e preservava, pois considerava ser muito triste um pai não ter o amor de um filho.

Ricardo – ...ele foi um pai que não, não acompanhou.

Rosa – ...é que ele (Renato) ama aquele pai dele, ele não quer magoar o pai dele. Ele ama muito o pai dele. Ele é muito emotivo aquele guri, sabe? Ele é muito assim... ai aquele pai dele é tudo na vida pra ele. Aquilo é a coisa mais boa que Deus botou pra ele. Eu até gosto, eu até quero que ele queira bem o pai dele, porque é muito triste a gente ter um filho. E eu acho que ele gosta dele também... Eu não sei se ele gosta, mas eu acho que ele gosta do guri! Então eu sempre tô dizendo: Meu filho, tu gosta do teu pai, tu amas ele, que ele é teu pai. Ele não foi um pai que se diz pai...

Ricardo – ...mas era muito bom pro guri. O cara ameaçava dar no guri e ele: “Não dá no guri!”. Não deixava nem levantar a mão.

Rosa – ...ele era muito amigo do guri. (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O exercício da paternidade “ausente” de Roberto foi destacado pelo avô do pai adolescente. Ao abordar a ausência paterna, Muza (1998, p. 146) destaca que os homens, ao deixarem seus lares, nesse afastamento têm abandonado também as relações com os filhos. Esse abandono perturba o desempenho do papel de pai, “um papel que é construído a partir das experiências vividas na relação com os filhos desde o nascimento”. Relação esta que pode se desfazer, se houver pouco ou nenhum investimento.

Gomes e Resende (2004, p. 124) salientam que “não existe uma construção linear de paternidade”. O modelo tradicional vai se desarticulando gradualmente e, se o homem, ao se tornar pai, se permitir reviver nesse papel a relação com o pai da infância, resignificando sua experiência, ele percebe o encontro de seus sentimentos antigos com os atuais. Desse modo, é “no âmago dos sentimentos paternos de cada homem, e na teia de relações que eles estabelecem com o complexo-pai (o pai real ou imaginário) que é possível a construção e reconstrução da subjetividade de pai”.

Rosa, ao relatar sobre o relacionamento de Renato com a família de Roberto, destaca as dificuldades que ele tinha no relacionamento com Regina, a madrasta, e

com Rita, sua irmã paterna. Enfatizou a avó do pai adolescente que ele tinha muitos ciúmes delas.

Rosa – Tinha ciúmes da Regina. Ele tinha um ciúme danado. Até hoje. Ele tem um ciúme da guria que nem sei, ele não fala, mas eu sei que ele tem ciúme da guria. A guria enxerga ele e: “Ai, mano...” e “mano...”, e ele sai.. Sai.. E já vai empurrando a guria. Tem um ciúme da guria. Ele tem!... Ele tem ciúme da guria. A gente nota que ele tem ciúme. A guria: “Ai, maninho, maninho...” e vem agarrando e apertando ele, e ele já vai mandando ela ir saindo! (Ricardo e Rosa, avós de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A narrativa de Rosa evidencia a dificuldade de interação que Renato possuía com a irmã paterna. Nota-se um impedimento na realização de transição ecológica; ele não consegue interagir/assumir o papel de irmão paterno. Transições ecológicas “são as modificações de papéis, ou seja, das expectativas de comportamentos associados a determinadas posições na sociedade” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 7).

Ricardo e Rosa, os avós maternos de Renato, destacaram alegria e felicidade com o nascimento da bisneta Raika.

*Rosa – ...ah eu tou contente... tô feliz...
Ricardo – ...eu tou contente com ela ... também...
Rosa – ...coisa mais linda que pode haver, é linda, é linda, linda, linda... que nem sei, é a coisa mais querida!*

A alegria e felicidade da família com a notícia da paternidade na adolescência foi um achado nos estudos de Levandowski (2001), Munhoz (2006). À medida que o tempo vai passando e a notícia da gravidez passa a ser difundida entre os membros da família, são expressos sentimentos positivos de satisfação (Silva e Tonete, 2006).

Ao olhar os dados sobre **os sentimentos que emergiram na Família Vermelha**, percebe-se a pouca ênfase nos mesmos, nas falas. No entanto, destaco os sentimentos negativos que afloraram, como: o medo e a indignação. E entre os sentimentos positivos, destaco a alegria e a felicidade.

Ao refletir sobre a subcategoria **sentimentos expressos pelas famílias de pais adolescentes** que emergiram nas três famílias do estudo, destaco o “choque”

da notícia para os familiares, por se tratar de um acontecimento inesperado. Esse foi um dado que Silva e Tonete (2006) também evidenciaram em seu estudo com a gravidez na adolescência.

Ao encerrar a **categoria dos sentimentos expressos** nas três famílias com a paternidade, destaco que afloraram desejo e não-aceitação do evento. As questões emocionais, culturais, religiosas nos familiares, de acordo com Freitas, Coelho e Silva (2007, p. 138) “permeiam a vivência da paternidade como uma experiência desejada ou não desejada, desejável ou não desejável, a qual irá determinar como será estabelecida a relação entre homem-mulher e com o(a) filho(a)”.

Os pais adolescentes deste estudo procuraram exercer e construir a paternidade, e dessa forma se adaptaram à nova situação, bem como enfatizaram os aspectos positivos, apesar das alterações que ocorreram em suas vidas. Nesse aspecto, constatou-se a importância do apoio familiar encontrado pelos mesmos, como um aspecto importante a ser destacado.

A família, de acordo com Wagner, Falcke e Meza (1999), muitas vezes é o palco que exhibe a cena, em algumas ocasiões de forma dramática, as mais genuínas experiências de afeto, prazer, dor, medo, e tantas outras emoções, favorecendo o mais inesquecível dos aprendizados. Enfatizam, ainda, os autores que agregar as demandas da fase adolescente, nesse palco com cenário multifacetado e em pleno processo de variação, significa, muitas vezes, deparar-se com um adensamento das crises inerentes à adolescência e ao ciclo evolutivo do sistema familiar.

Ao ultimar as **Dimensões Descritivas**, evidencio a dificuldade que os três pais adolescentes apresentaram para falarem aos progenitores sobre o processo de paternidade/maternidade, destacando os padrões hierárquicos, os quais organizam a hierarquia de poder nas famílias e são salientados por Minuchin, P.; Colapinto; Minuchin, S. (1999, p. 24). Como membros desse sistema, os pais adolescentes conheciam os caminhos que a família utilizava para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros, uma vez que “a maioria dos padrões familiares é particular e desenvolvida com o tempo no próprio ambiente familiar”. Dessa maneira, talvez estivesse ancorado nos padrões hierárquicos o medo de darem a notícia a seus progenitores.

Nenhuma característica pessoal, de acordo com Bronfenbrenner (1992), existe ou exerce influência de forma isolada, sendo que cada qualidade está

envolvida em significações, dentre as quais a família é o principal exemplo.

5.2.2 Apresentando as Dimensões Argumentativas das histórias

Nesta etapa do estudo, apresento as *proposições não-indexadas argumentativas*, ou seja, aquelas legitimadas que não foram aceitas pacificamente na história, bem como as reflexões sobre os acontecimentos, neste caso o evento da paternidade e a paternidade na adolescência nas famílias, os quais compõem as dimensões argumentativas. Essas dimensões assinalam uma das categorias do estudo, da qual insurgiram as subcategorias: legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias; e reflexão sobre a paternidade nas famílias de pais adolescentes.

5.2.2.1 As histórias da legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias

Ao abordar as proposições não-indexadas – dimensões argumentativas, inicio pela subcategoria “legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias”, a qual reporta-se às narrativas dos informantes de história que inicialmente não foram aceitas, no entanto foram legitimadas através do tempo e do exercício/concretude do processo de paternidade/maternidade na adolescência.

Dessa forma, no presente estudo, essa categoria se reporta àquelas narrativas expressas pelas famílias sobre esse evento. Ao exporem sobre estudos realizados no Brasil abordando o processo de paternidade/maternidade, destacam Dias e Aquino (2006, p. 1448) que parte deles define como objeto de investigação a maternidade na adolescência, consistindo a população de “jovens grávidas que freqüenta serviços de saúde, sendo em menor número os estudos populacionais e aqueles que incorporam a perspectiva masculina e as circunstâncias familiares em que o fenômeno está inserido”. Desse modo, Dias e Aquino (2006, p. 1456) fortalecem a necessidade de estudos nessa perspectiva, uma vez que “a família se constitui em fonte de apoio” para essa população “independentemente do segmento social e da situação de co-residência”.

A paternidade/maternidade na adolescência, segundo Silva e Tonete (2006 p. 205), é um “acontecimento familiar e social” permeado de significados e vivências, que necessita ser assumido e vivenciado com responsabilidade, o qual pode contribuir não só para o desenvolvimento global do(a) adolescente, como também para o desenvolvimento global de sua família.

Apresentando a legitimação da paternidade na Família Azul

O pai adolescente da Família Azul – Aurélio, ao comentar como foi a aceitação da paternidade/maternidade na adolescência, mencionou que não havia o que fazer e que não iriam interromper a gravidez da namorada. E também que jamais pensou em abandoná-la ou deixá-la sozinha. Aurélio salientou que assumia a culpa por esse fenômeno.

Não tinha mais o que fazer né! Não ia tirar [...] Desde o princípio assim eu nunca pensei, nunca passou pela minha cabeça... de deixar o meu filho, por isso mesmo que eu te digo que... eu boto muito a culpa em mim... pelas coisas, então... nunca eu ia deixar ela sozinha... nunca. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

O microsistema familiar no qual Aurélio se desenvolveu foi um ambiente que lhe permitiu vivenciar interações e processos proximais, ao longo do tempo, e exercer competências. Nesse contexto, interagiu com outras pessoas, entre estas com a figura do pai exercendo seu papel. Uma vez que os processos proximais são bidirecionais, ele legitimou o papel e a competência de pai.

Ao comentar sobre o fenômeno da paternidade, Aurélio enfatizou a vergonha que sentia, pois estava fazendo com que os pais da namorada sofressem, por causa daquela situação. Destacou que, se tivesse autonomia e pudesse alterar os papéis, ele mudaria, uma vez que preferia que somente ele sofresse, ao invés da família de Luana, tendo em vista que assumia muito a culpa do que havia acontecido.

ah... assim... como é que eu posso dizer... tipo assim... eu sentia até uma vergonha por fazer um filho deles (pais da Luana) ter que passar por uma coisa dessas assim... porque eu sou muito daquele... prefiro... prevenir os outros do que eu... entende, se precisasse... mudar os papéis ali, entre eu e ela... eu mudaria... porque eu não... porque eu boto muito a culpa em mim... das coisas... não sei se isso é um defeito ou é... o que pode ser... mas aí... eu meio que senti uma vergonha assim... porque tá fazendo a família dela passar por isso... porque... não é uma coisa normal... não... atualmente na televisão a gente vê assim... as coisas... assim mas... não acha que vai acontecer! Mas sei, acabei tendo que... ter responsabilidade. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A interação entre Aurélio e os pais de Luana estava gerando desconforto no

pai adolescente, em virtude deles estarem enfrentando essa disfunção, a paternidade/maternidade na adolescência. No entanto, se percebe que Aurélio utilizou seus recursos pessoais que o capacitaram a atuar com eficiência nesse contexto, fazendo com que desempenhasse sua atividade de pai com competência, legitimando seu papel.

Aurélia, ao falar da paternidade na adolescência, salientou que esta é devida à grande liberdade que os jovens têm, atualmente, de exercerem sua sexualidade e conseqüente atividade sexual. Fato este que não era comum em sua época de juventude: “É que hoje toda a liberdade que eles têm, de transar. É muito fácil entre os jovens transarem, que já na minha época não era tão fácil.” (Aurélia, mãe de Aurélio – pai adolescente da Família Azul).

A mãe do pai adolescente fez destaque ao contexto e ao tempo de sua juventude, nos quais os jovens não tinham tanta liberdade para exercerem sua atividade sexual. Enquanto que, no tempo atual é mais aceito o exercício da sexualidade humana. No entanto, Álvaro narrou que Aurélia casou grávida. Dessa forma, na sua juventude também os jovens tinham liberdade sexual, pois quando ela se casou, há 38 anos atrás, tinha 18 anos, era uma adolescente.

engravidou, nós casamos, não teve problemas. Mas não foi por causa da gravidez, a gente se gostava mesmo, por isso que eu gosto dela hoje ainda, então isso só acelerou a festa. (risadas). É, eu acho assim que na verdade ele (Aurélio) sabe que eu casei com a Aurélia, [...], ela já tava grávida, então. [...] Então, acho que também é um exemplo de assumir a responsabilidade da situação. A Aurélia não te contou? (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao abordar o ciclo de vida familiar, destacam McGoldrick e Gerson (2001) que este é circular e repetitivo. Dessa maneira, os eventos se repetem ao longo das gerações, e complementam os autores “que podemos começar a contar a história da família em qualquer momento”.

No entanto, Aurélia, enfatizou uma grande dificuldade em validar a paternidade do filho adolescente, em virtude de não conseguir vê-lo, tão jovem, exercendo o papel de pai. Papel este, que segundo ela, o filho não teve dificuldades de assumir/exercer, uma vez que sempre se identificou como pai.

a minha grande dificuldade foi encarar o meu filho, um pirralho, como pai. Eu tinha dificuldade de dizer: Guilherme, cadê o pai? Guilherme,

esse aqui é o teu pai. Eu... eu tinha dificuldade de dizer isso, porque sei lá... um pizinho, né. Então eu tinha um pouco de dificuldade, agora acredito que ele não. Ele sempre se identificou como pai. Ele se dá super bem com Guilherme. (Aurélia, mãe de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao abordar as forças que emergem dos ambientes, percebo que nem sempre elas surgem num mesmo sentido, pois cada pessoa não pertence a um único contexto de desenvolvimento, ela participa ou é influenciada por outros ambientes. Dessa maneira, no microssistema familiar, Aurélia não conseguiu inicialmente desenvolver processos de interação com o filho e o neto, em virtude de suas (in)capacidades e habilidades pessoais com a paternidade do filho na adolescência.

Já Álvaro ressaltou que a paternidade do filho não era algo que desejava naquele momento, tendo em vista que almejava ter um neto, mas numa época mais propícia, quando o filho estivesse com a vida estruturada. No entanto, legitimou o fenômeno da paternidade, pois não lhe causou problemas maiores.

Era isso que tu queria? Não, não era isso aí. Eu até queria que ele depois que casasse me desse um neto, mas dentro da época propícia. Assim que eles tivessem já se estruturado na vida e essa coisa toda. Mas não foi! E pra mim também não causou nenhum problema maior. Acho que a Aurélia talvez tenha tido uma surpresa mais impactual. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Álvaro ressaltou a importância da paternidade ocorrer no ciclo desenvolvimental adequado de uma pessoa, uma vez que esse evento necessita ser vivenciado com interação e competência. Razão pela qual não desejava que ocorresse na adolescência de Aurélio, mas que não lhe proporcionou nenhuma disfunção.

Ao refletir sobre a categoria **legitimação, na Família Azul**, destaco que a história da paternidade não foi aceita pacificamente, mas foi legitimada no momento em que toda família proporcionou apoio a Aurélio e proporcionou-lhe condições para desenvolver interação durante os processos, nessa fase desenvolvimental do adolescente.

Apresentando a legitimação da paternidade na Família Verde

O pai adolescente da Família Verde – Juliano, ao comentar a aceitação da paternidade/maternidade na adolescência, destacou não gostar que Paula, a namorada, tivesse cogitado em interromper a gravidez. Salientou ter ficado descontente com essa atitude, bem como com o comportamento da namorada; no entanto revelou que o mesmo se devia ao medo de Marina, a mãe de Paula.

Só não gostei de uma vez, a Marina não sabe disso, ela ia matar a Paula. A Paula chegou a querer tirar, aí eu briguei com ela, porque ela queria tirar. [...] Ela fez um exame, ela já tava com um mês de gravidez, eu acho. [...] E uma das brigas maiores minha e dela foi que ela tinha tanto medo e ela queria tirar, que ela não contava. E nisso a gente brigou. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

O contexto pode ser compreendido como um sistema que atua positiva ou negativamente sobre os atributos pessoais, entretanto as forças instigativas desse ambiente que atuam sobre eles nem sempre agem em um mesmo sentido (COPETTI; KREBS, 2004). Os atributos pessoais “são os modos de comportamento ou crenças que refletem uma orientação ativa seletiva e estruturada para com o ambiente e/ou tendem a provocar reações oriundas do ambiente” na pessoa (BRONFENBRENNER, 1992, p. 223).

No entanto, quando uma pessoa se defronta com dificuldades/obstáculos durante o transcurso de vida, ela é colocada frente a situações que podem conduzi-la para vencer tais dificuldades ou contrariamente, a sentir-se impotente ou incapaz de gerar energia para enfrentar e transpô-las (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1999).

O medo que Paula tinha da mãe, relatado por Juliano, frente ao fenômeno da paternidade/maternidade, fez com que seus atributos pessoais (comportamento) não gerassem energia para enfrentar essa dificuldade.

Na situação de Paula, percebo que, em seu contexto familiar (microsistema), um aspecto a ser salientado é a crença religiosa, e a adolescente, ao enfrentar a situação pensando em interromper a gravidez, não estava interagindo adequadamente no seu ambiente, já que se sabe não ser aceitável, num meio cristão, a interrupção de uma gestação.

O evento paternidade/maternidade na adolescência foi compartilhado com

Janice, a irmã, com quem Juliano possuía um forte vínculo afetivo, e ele destacou que a mesma ficou surpresa com a notícia. No entanto, o fenômeno foi legitimado pelos irmãos, a tal ponto que eles visitavam seguidamente Paula, para verem Augusto, o sobrinho.

Aí ela começou: “Não acredito que vocês fizeram isso.”, não sei o quê... Ela falava assim: “Ah, guri não acredito.” [...] Vir aqui é tudo pra eles. Sem dúvida. Mas, graças a Deus que até hoje, o xodó deles é o Augusto, né. O Augusto é tudo pra eles. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

A legitimação de paternidade/maternidade pelos irmãos foi uma trajetória que refletiu as vivências tanto positivas quanto negativas que cada uma dessas pessoas passou ao longo de sua vida, as quais favoreceram, a meu ver, a aceitação do fenômeno.

Juliano, ao falar da briga com a namorada Paula, acreditava que a mesma tivesse ocorrido não porque ela estivesse grávida, mas porque ela estava interessada em um outro jovem. A paternidade na adolescência foi legitimada por Juliano, no entanto ele não aceitava a atitude dela de ter terminado o namoro e estar interessada em outro jovem. Esse fato desencadeou até alterações corporais, fazendo com que ele perdesse peso bruscamente.

A gente ficou separado. Eu não ia pra lugar nenhum, eu fiquei bem mal, não em questão de saber que ela tava grávida. Ela tava grávida, passou um bom tempo eu ainda tava bem, mas, no momento em que a gente brigou, aí eu passei umas duas semanas bem mal assim. Cheguei, eu já era magrinho, mas emagreci oito quilos em uma semana assim, eu emagreci oito quilos, coisa que nunca, não é normal assim. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Cada pessoa, de acordo com Copetti e Krebs (2004, p. 80), quando está engajada numa atividade, no caso de Juliano, a paternidade na adolescência, “possui um conjunto de recursos que a capacitam a atuar com maior ou menor grau de eficiência nos contextos em que participa”. Dessa maneira, quanto maior e melhor for esse conjunto de recursos pessoais, as possibilidades ficam aumentadas, bem como as opções que essa pessoa tem de obter sucesso para desempenhar

suas tarefas/atividades com competência. A competência, reforçam os autores, necessita ser compreendida dentro de sua especificidade, ou seja, considerando os recursos que estão sendo utilizados para a execução de uma ação (no caso de Juliano, a paternidade), mas levando em conta os processos de interação e complementaridade entre os recursos da pessoa, sejam eles físicos, motores, perceptivos, cognitivos, sociais ou emocionais, que são a base da competência.

Na situação de Juliano, percebe-se a legitimação e a competência para com a paternidade. No entanto, a briga com a namorada desencadeou, para o adolescente, dificuldades no processo de interação (pai e filho), em virtude do mesmo prezar e valorizar muito essa díade e não querer que o filho viesse a sofrer, como ele sofreu e sofria com a ausência paterna. Ele afirmou: “Eu não queria que acontecesse com o Augusto o que aconteceu comigo, jamais [...] Então por isso que eu jamais queria ter brigado com ela. Ter ficado esse tempo separado.” (Juliano – pai adolescente – Família Verde).

O evento do nascimento do filho Augusto foi lembrado por Juliano, o qual ainda destacou sua indignação com a mãe de Paula, Marina, tendo em vista que era um desejo seu assistir o nascimento do filho e que ela não levou em consideração, como também a namorada. Marina, segundo Juliano, estava acompanhando a filha na sala de pré-parto e não avisou quando Paula foi transferida para a Sala de Parto, para que o adolescente pudesse assistir, porém tendo ela própria assistido o parto da filha.

Essa situação evidenciou uma não-legitimação da paternidade de Juliano pela namorada e sua mãe. O adolescente comentou com indignação essa situação e não a aceitava, tendo em vista que estava assumindo a paternidade. No entanto, no momento da realização da entrevista, a realidade já havia mudado, uma vez que ele era aceito e identificado como pai de Augusto, ou seja, já havia sido legitimada a paternidade de Juliano.

Coisa que eu fiquei chateado, quando ele nasceu, é que eu falei pra Paula que, quando eu tivesse o meu filho, eu queria assistir o parto. A Marina se pôs na minha frente, porque a Marina é uma boa pessoa, só que é muito de se adonar. Aí eu falei. E a Marina veio até a porta e eu falei pra Paula, eu que vou assistir. Aí a Paula: “Não, vou botar o pai.”. Aí eu: Não, eu vou assistir. Eu queria impor pra ela que eu ia assistir. Aí o Milton não quis assistir. Aí eu fiquei depois falando pra ela: Bem feito pra ti, tu viu? Teu pai não quis assistir. Aí nisso o Milton pegou e disse: “O Juliano vai.”. Aí tá, aí eu ia ir, só que aí começou o parto dela, a Marina não saiu de lá pra me avisar que ela ia ter o parto. Ela passou do quarto pra lá e a Marina não me avisou. Aí eu fiquei louco.

É uma das coisas que eu mais odeio. [...] Se fosse um guri que não quisesse nada com nada, ainda tudo bem. Acho que até a mãe poderia fazer isso, seria certo. Mas o que ela fez pra mim, nunca mais vai, nunca mais vai passar assim. Isso aí ela nunca vai conseguir mudar. Isso aí eu falo pra Paula. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Nesse contexto, considero o tempo um fator que pode ter influenciado Marina na interação com o processo paternidade/maternidade na adolescência, ou seja, no resultado desenvolvimental desse processo. Koller e Lisboa (2004, p. 339) referenciam que “as experiências individuais e a forma como as pessoas significam e internalizam as situações da vida é decorrente de características subjetivas da pessoa, mas também dos processos proximais estabelecidos”.

No microsistema familiar, a pessoa em desenvolvimento experimenta pela primeira vez relações mais diretas. À medida que a pessoa avança no ciclo vital, gradualmente as relações vão se tornando mais complexas, sendo ela capaz de transitar em diferentes microsistemas, alterando papéis sociais e ambientes ou ambos, ou seja, realizando transições ecológicas (KOLLER; LISBOA, 2004).

No caso de Marina, percebo a dificuldade de adaptação aos novos papéis sociais (mãe de uma gestante adolescente, avó, sogra, o namorado da filha como pai do seu neto). Acredito que esse processo e os novos papéis podem ter sido difíceis, razão pela qual ela não interagiu com o pai de seu neto na hora do trabalho de parto de Paula, mostrando uma disfunção, ou seja, uma dificuldade de manter o controle e a integração de seu comportamento nesse processo de seu desenvolvimento.

Ao reportar-se à paternidade, Júlio disse que, após a separação de Júlia, ela era exercida a distância, sendo essa situação descrita por Juliano como muito sacrificante. No entanto, no olhar de Júlio, ele enfatizou que o filho apenas perdeu a presença do pai que estava sempre junto dele: “a única coisa é que ele perdeu foi o pai que estava sempre junto com ele, a gente vivia muito junto eu e ele, a gente era muito agarrado” (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde).

No olhar de Júlio, a paternidade ele denotou que seria uma relação, um processo o qual poderia ser mantido à distância. No entanto, fica evidenciado que ele tinha dificuldades de manter esse processo de interação, ou seja, exercer a

paternidade sendo pai de Juliano e participando num outro microsistema. Uma vez que, de acordo com Bronfenbrenner (1996), os processos proximais são bidirecionais, não é possível ocorrer efetivamente interação durante atividades meramente ocasionais, tendo em vista que as atividades devem ser progressivamente mais complexas, razão pela qual o tempo é um núcleo importante nesse processo.

A separação dos pais não foi uma situação aceita e legitimada pacificamente por Juliano, uma vez que ele a destacou como algo sofrido. Como o pai constituiu nova família, não havia outra opção para Juliano senão aceitar a legitimação dessa forma de exercício da paternidade, por parte de Júlio.

Quando o pai e a mãe resolveram se separar. Bah, pra mim foi uma das piores coisas. Ah, porque eu tinha muita afinidade com o pai e a mãe sempre presentes. Os dois sempre juntos. E quando eles se separaram, tudo mudou assim, porque aí ou era com um ou é com outro. Ou tu escolhes, essas coisas assim. E isso é meio sacrificante. É muito sacrificante. (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Essa nova forma de interação e exercício da paternidade que Juliano referiu, era algo sofrido para ele, pois, durante dez anos de seu processo desenvolvimental, ele interagiu com um pai presente no seu microsistema familiar. E, após o evento da separação, o contexto mudou, pois o pai constituiu outro microsistema familiar, no qual ele não conseguia participar, devido à dificuldade de interação com a madrasta. Nesse sentido, essas novas características pessoais de Júlio influenciaram os processos proximais da díade – pai e filho. Bronfenbrenner e Evans (2000) salientam que pessoas que vivenciam eventos de vida estressantes, entre estes o divórcio, podem apresentar disfunção nos processos proximais entre pais e filhos.

Ao refletir sobre a categoria **legitimação, na Família Verde**, destaco que a história da paternidade nessa família também não foi aceita pacificamente, mas foi legitimada no momento em que a família de Juliano proporcionou apoio, sendo as figuras de apoio representadas pelos irmãos e pai, tendo em vista que a mãe estava apresentando dificuldade (disfunção) em legitimar o evento da paternidade/maternidade na adolescência.

Apresentando a legitimação da paternidade na Família Vermelha

O pai adolescente da Família Vermelha, Renato, ao comentar sobre seu namoro e o exercício da atividade sexual, relatou ter enfatizado para a namorada Raissa a necessidade de ela utilizar um método contraceptivo. No entanto, como não usaram nenhum, ocorreu a gravidez, a qual foi legitimada pelo pai adolescente.

É quando eu conheci ela, ela nunca tinha tido um relacionamento. Aí ela, no caso, não quis falar para a mãe dela que queria tomar pílula, essas coisas e aí foi que... Aconteceu. (riu) Nós namorávamos há seis meses, eu acho, cinco, quando ela engravidou. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

A pessoa em desenvolvimento, quando se defronta com dificuldades ou obstáculos durante o transcurso de sua vida, é inúmeras vezes colocada frente a situações que podem conduzi-la a um esforço para vencer tais dificuldades, ou que a façam sentir-se incapaz de gerar energia para transpô-las (COPETTI; KREBS, 2004).

Na fala de Renato referente a essa situação, percebo a dificuldade do mesmo em assumir a responsabilidade da contracepção, uma vez que ele deixou ao encargo da namorada, mesmo ela demonstrando dificuldade de interação com a mãe. Esse fato fortalece a noção comum de que a contracepção seja uma atribuição feminina, já que é na mulher que ocorre a gravidez, tendo em vista que, na maioria das vezes, os homens não assumem essa responsabilidade juntamente com a mulher. Dessa maneira, não ocorreu um processo proximal, pois a interação não foi bidirecional, uma vez que a responsabilidade em controlar a gravidez ficou a cargo de uma única pessoa.

Destaca Parseval (1979, p. 167) que “a diferença e as supostas vantagens de um sexo em relação a outro, em quaisquer sentidos que se manifeste, são construídas, frutos de fatores ideológicos e culturais”.

Outro aspecto que merece destaque é a disfunção apresentada por Renato quando exerceu sua atividade sexual sem preservativo, uma vez que não preocupou-se com a prevenção da maternidade/paternidade e inclusive das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

O contexto familiar de Raissa não favoreceu a interação com a pessoa de sua

mãe, tendo em vista que a adolescente não conseguiu estabelecer processos proximais e interagir nessa fase de seu processo desenvolvimental.

O desejo de assistir o parto de sua namorada foi destacado por Renato, no entanto o médico não permitiu que ele assistisse, atitude que ele legitimou pacificamente, pois poderia ter exigido seus direitos como pai, embasados nas normas que preconiza o Ministério da Saúde¹⁶ sobre a humanização do parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher¹⁷, parto e nascimento. Segundo o adolescente, “O médico não quis, eu ia entrar, mas ele diz que não!” (Renato – pai adolescente – Família Vermelha).

Ao comentarem sobre a lei nº 11.108, destacam Brüggemann, Osis e Parpinelli (2007, p. 2) que a vigência da mesma não assegura a sua implementação. É iniciado no país “um processo de reorganização dos serviços de saúde e dos profissionais para vivenciarem essa prática”. A inserção do acompanhante, escolhido pela parturiente, a fim de proporcionar-lhe apoio no processo do nascimento depende de uma intervenção comportamental.

Esse momento que Renato queria vivenciar e no que foi impedido, baseado em Bronfenbrenner (1996) acredito ter prejudicado o exercício da paternidade, uma vez que o ambiente (exossistema), os processos de interação e os recursos, naquele momento, eram adversos.

No estudo que realizou com adolescentes que estavam vivenciando a paternidade, Radtke (2005) referencia a mesma situação, ou seja, os pais adolescentes não puderam assistir o nascimento dos filhos e a justificativa foi a pouca idade dos mesmos.

Ao explicar como foi a aceitação da paternidade/maternidade na adolescência por sua mãe Renata, o pai adolescente Renato informa: “A mãe gostou da idéia. Ela disse: ai que bom, não sei quê! Apoiou bastante” (Renato – pai adolescente – Família Vermelha).

No entanto, durante a entrevista com Renata, ela destacou uma opinião totalmente contrária à relatada pelo filho. Uma vez que a notícia da paternidade foi

¹⁶ Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005, que altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS.

Art. 19-J. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

¹⁷ Ministério da Saúde. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília (DF); 2001.

um choque, porquanto teria que assumir a responsabilidade sozinha, junto filho e ao neto. “É um choque! É, é... por que eu sabia que o Renato ia completar 18 anos, quem é que ia ter que fazer tudo? Eu! A responsabilidade mesmo, em si, caiu em cima de mim, por que o pai dele só é avô! Ele só é avô, ele não participa de nada” (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

Percebo na fala de Renato uma dificuldade de enfrentamento (disfunção) da paternidade/maternidade, bem como o processo vivenciado (interações/experiências) na família, com esse evento. Neiva-Silva, Biasoli Alves e Koller (2004) colocam que o ciclo vital é permeado por experiências e sucessivas transições ecológicas, além da interdependência das influências históricas, que são expressas no curso da vida e nas relações interpessoais.

Renato, ao comentar sobre a interação com os pais de Raissa, salientou que tinha dificuldade de interagir com a mãe da namorada, tendo em vista que ela interferia nos cuidados de Raika, a filha de Renato e Raissa. O jovem não concordava com os cuidados realizados por Letícia e colocava para Raissa a necessidade de ela se impor como mãe.

Aí, a mãe dela, o pai dela é mais liberal. No caso, acha que a filha (neta) é dela, por causa que a criança não pode ir na rua, não pode fazer nada. E, eu não vou falar, para não brigar com eles. Eu falo para ela (Raissa): Tu tens que falar, tu tens que impor, a filha é tua. Eu acho assim, pode tá calor que ela tá abafada. Aí, um dia que pegue o vento vai adoecer, vai ficar mal. Mas ela não se impõe. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Percebo nessa situação a legitimação pacífica que Renato desenvolveu frente à avó, com relação aos cuidados realizados com Raika. No entanto, com a namorada ele não legitimou a conduta da avó/sogra e afirmou a necessidade de Raissa se impor com a mãe. Renato exigiu uma conduta coerente da namorada a qual ele próprio não desenvolvia, pois não assumia seu papel como pai de Raika.

Noto nessa situação uma disfunção do pai adolescente, uma vez que ele demonstrava dificuldade em interagir nesse processo proximal com a mãe de Raissa. Entretanto ele cobrava da namorada uma atitude de competência que ele mesmo não conseguia desenvolver. Segundo Bronfenbrenner e Evans (2000), competência é a demonstração adquirida pela pessoa em desenvolvimento através

de conhecimento, habilidade, ou a capacidade para administrar e dirigir o próprio comportamento.

Roberto, o pai de Renato, salientou a preocupação que tinha com o futuro do filho, tendo em vista que o jovem não sabia realizar outras atividades que não fossem manusear o computador. Esse fato gerava preocupação em Roberto, pois temia pelo futuro do filho.

Eu, por exemplo, sou um homem polivalente, sei fazer de tudo um pouco e ele não sabe fazer nada, a não ser mexer com computador. É uma situação que me preocupa muito, pois provavelmente terei um filho que dependerá de mim pelo resto da vida. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O desenvolvimento e a competência, no ciclo de vida de Renato, eram uma preocupação para Roberto, uma vez que, segundo ele, o filho não buscava desenvolver mais habilidades/capacidades. Esse fato, para o pai do jovem, gerava uma preocupação com o futuro do mesmo, tendo em vista que considerava uma disfunção.

Ao falar de seus pais, Roberto destacou a educação que todos os(as) filhos(as) receberam. Porém, apesar de enfatizar a forma como foram educados, reconheceu que não foram orientados adequadamente quanto ao momento propício para o casamento e à importância dos estudos na vida de uma pessoa. Esse fato foi salientado como prejudicial ao desenvolvimento, no entanto ele legitimou a atitude dos pais, os quais apenas deram educação, mas não orientação.

Meus pais eram muito grosseiros, a vida deles era a vida deles, a vida dos filhos era a vida dos filhos, a única coisa que nos ensinaram foi como nos comportar com os outros, mas orientações quando deveríamos casar, se deveria estudar ou não, isto não houve. Naquela época, não existia esse tipo de orientação dos pais e, como nossos pais eram semi-analfabetos, isto prejudicou bastante. Nós, quando nascemos, fomos orientados a falar, caminhar, trabalhar e depois cada um seguiu sua vida, nenhum de nós se queixa do nosso pai, educação nós tivemos, mas para a vida não tivemos orientação. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Roberto, ao falar do filho Renato, salientou sua insatisfação com as atitudes

do mesmo em virtude de, em determinadas situações, faltar com a verdade. “Um dos fatos que eu acho, que eu tenho observado nele é que ele mente, muitas vezes quando pergunto alguma coisa para ele, determinadas perguntas não condizem com as respostas que seriam necessárias” (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha).

O comportamento da pessoa, nesse caso de Renato, é um atributo adquirido ao longo do ciclo desenvolvimental através de suas forças, as quais também emergem dos ambientes que se relaciona. Como a pessoa não pertence a um único contexto de desenvolvimento, ela participa e é influenciada por outros ambientes nos quais desenvolve interações face a face.

Bronfenbrenner (1992, p. 216) refere que o comportamento e a personalidade são competências pessoais, e que não são primeiramente adquiridos ao longo do tempo e do espaço, “mas através da consistência nos modos pelos quais a pessoa caracteristicamente varia seu comportamento como uma função dos diferentes contextos” nos quais a pessoa vive. Os modos de comportamentos da pessoa refletem uma orientação para com o ambiente e/ou tendem “a provocar reações oriundas do ambiente”.

Ao comentar como foi a aceitação da paternidade/maternidade na adolescência, contou Roberto que não havia gostado da notícia, mas que, em virtude do tempo avançado de gravidez, não era mais possível nenhum tipo de intervenção. Esse fato fez com que o avô legitimasse a paternidade/maternidade na adolescência.

Não gostei. Por exemplo, se a gente constrói uma casa em cima de alicerces falhos, de repente cai, desmorona, foi o que pensei. Fiquei um leão por causa disso. Mas não posso fazer mais nada, já era um tempo bastante longo de gravidez, não podia fazer nada. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O processo de interação com o filho, nesse momento, foi vivenciado com *stress* por Roberto, pois a paternidade/maternidade não era algo desejado, mas teria que legitimar. A dificuldade na manutenção do controle e comportamento mostra uma disfunção do pai frente à situação. Bronfenbrenner (1992) coloca que nenhuma característica pessoal é isolada, sendo cada qualidade humana envolta em significados e sendo a família o principal exemplo.

Na subcategoria **legitimação da paternidade na adolescência, na Família Vermelha** emerge a história de que o evento, na adolescência, também não foi aceito primeiramente, mas foi legitimado no momento em que a família, principalmente a mãe, proporcionou-lhe apoio para enfrentar a situação.

Dessa maneira, fica evidente que a família, de acordo com Romanelli (2003, p. 79), possui papel importante na “transmissão de princípios ordenadores de conduta”. E assim evidencia-se o quão importante foram as interações e o papel de Renata para que o filho pudesse exercer com competência a paternidade na adolescência.

A subcategoria **legitimação da paternidade na adolescência, nas famílias** demonstra o poder que a dinâmica das interações tiveram nas Famílias Azul, Verde e Vermelha, uma vez que cada microssistema desenvolveu de diferente maneira as interações com o pai adolescente e em conformidade com as suas singularidades. Desse modo, de acordo com Copetti e Krebs (2004, p. 85), quando se dá muita ênfase a um atributo pessoal, como a idade e a competência com a qual se está enfrentando essa situação, por mais simples que possa parecer, “poderá gerar resultantes que irão além do que se pode esperar. Disposições, recursos e demandas são constituintes da pessoa e seus efeitos vão além do somatório dessas características”.

Dessa maneira, fica evidente, nas famílias estudadas, que a paternidade/maternidade na adolescência é uma construção que emergiu no contexto (microssistema), mas que também está imbuída das características e recursos da pessoa.

Para que haja a ocorrência do desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral de um ser humano, é requerido que ele participe ativamente em interação recíproca, ou seja, que ele vivencie, que ele pratique interações (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000). A partir dessa colocação, percebe-se Aurélio, Juliano e Renato, bem como os integrantes de suas famílias legitimando a paternidade na adolescência, uma vez que efetivaram interações que favoreceram/estimularam a competência para o papel de pai.

Desse modo, a paternidade é construída e exercida conforme a cultura, contexto familiar e visão de mundo nos quais a pessoa está inserida. Tendo em vista que é como “um processo contínuo de estruturações, desequilíbrios e reestruturações [...] entre pai e filho no qual ambos buscam continuamente a

(re)construção de suas próprias identidades” (VASCONCELOS, 1998, p. 44).

5.2.2.2 *As histórias sobre a reflexão da paternidade nas famílias de pais adolescentes*

Continuando a apresentação das proposições não-indexadas *dimensões argumentativas*, prossigo e trago para discussão a subcategoria **reflexão da paternidade**, no que a ela se reportam as Família Azul, Verde e Vermelha. Essa categoria remete às ponderações que os informantes das histórias realizaram sobre a paternidade e a paternidade na adolescência.

Ao abordarem o processo de paternidade/maternidade nas famílias, Dias e Aquino (2006, p.1456) destacam que

a reflexão acerca da juventude e a condição de parentalidade suscitam a importância da compreensão da família como instância de interseção de apoio afetivo-material, que consubstancia o movimento de construção da autonomia e redimensiona a relação de dependência desses jovens.

Apresentando a reflexão da paternidade na Família Azul

Aurélio, o pai adolescente da Família Azul, ao refletir sobre o evento da paternidade em sua vida, comentou que sentiu medo, em virtude de não saber o que iria acontecer e mudar a partir desse acontecimento, e a ansiedade era grande. “Eu tinha medo... sabe? Não sei o que iria acontecer. Não sei o que iria mudar. Aí, é aquela sensação de, sei lá, será que vou conseguir? O que vai ser de mim?” (Aurélio – pai adolescente – Família Azul).

A fala de Aurélio evidencia o conflito em tornar-se pai. Do mesmo modo, Silva (2004, p. 64), em seu estudo, salienta que, na maioria das vezes, o descobrir-se pai, “é vivido com conflitos” entre os quais emergem “a responsabilidade financeira, o compromisso afetivo, o projeto de vida e o medo da nova experiência”.

Ao refletir sobre o processo de paternidade/maternidade, o pai adolescente afirmou que sempre havia procurado acompanhar e dar apoio à namorada, nesse momento tão delicado da vida deles. Aurélio salientou que tentara passar tranquilidade para Luana.

pelo menos do meu ponto de vista, nunca deixei de dar apoio para ela, porque acho que nunca fiquei um dia sem ver ela, depois que ela ficou grávida, sempre junto tentando, porque para ela ia ser muito mais difícil, por que ela carrega... E todo mundo já sabe que eu sou pai! Mas ninguém pode ver. Como é que eu posso dizer? Aí eu tentei sempre ficar com ela, poder dar força para ela, tava precisando muito também, porque eu, como eu te disse: sou calmo assim, depois tá feito, agora tem que vim, é para vir bem, então, que não venha para, para o mal. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A atitude de Aurélio em acompanhar o evento da paternidade/maternidade proporcionando apoio à namorada é um dado que Silva (2005) corrobora em seus achados, no estudo realizado com adolescentes sobre a trajetória percorrida pelos mesmos a partir da gravidez. O acompanhamento do pai adolescente durante o processo de paternidade/maternidade foi salientado pelas adolescentes, o qual proporcionou segurança e amparo às mesmas.

Salientou Aurélio que, enquanto estava aguardando o desenvolvimento do parto, começou a refletir como sua vida iria modificar-se com o nascimento do filho, as mudanças que iriam ocorrer, bem como a responsabilidade e o papel que teria que desempenhar, mesmo não sabendo exatamente de que forma. O pai adolescente também deixou clara sua preocupação em ser um pai presente e compartilhar das atividades com Luana, a mãe de seu filho Guilherme. Aurélio ainda fez destaque ao forte vínculo que desenvolveu, continuava desenvolvendo e fortalecendo com o filho, além da importância desse relacionamento na sua vida.

então, sei lá... pensei... ah agora... amanhã é outro Aurélio que vai ter que nascer... que vai ter de aprender a ser responsável, vai ter que aprender a ser... um pai, porque, até ali, eu não sei nem o que era um pai... o que fazer... só corpo presente... O que tem que fazer? Mas aí aconteceu, tudo bem... até... tinha cabelo grande... cortei... já foi um motivo de piada... que eu queria ser uma pessoa mais velha... o cabelo me deixava uma cara mais de guri... assim mais de... entende?. [...] mas aí eu cortei o cabelo... eu mudei assim o meu estilo de vida, a acordar tarde... nunca mais! [...] mas assim o que eu pensei... assim: Tchê... amanhã eu vou ter que ser outra pessoa... porque num domingo... em plena uma segunda assim... num começo de semana... amanhã vai ser... a minha vida vai virar assim... de cabeça para baixo... Não vai, entende?... O que eu fazia antes... talvez... eu poder chegar e dizer: Ah... não vou ir aí... daqui a pouco... vou ir daqui a pouco aí... não... ela está precisando de mim... eu tenho que ficar junto com meu filho... e acabou que... que, depois que ele nasceu, a gente vê que não se consegue mais viver junto... Sem ele... entende? Agora passa um dia sem ver ele, eu meio que... eu tenho

muita saudade mesmo... porque agora já faz um ano... quase um ano e um mês... que a gente está junto assim... eu e meu filho... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

A fala de Aurélio evidencia a transição ecológica que vivenciaria a partir do nascimento do filho, o que está de acordo com Bronfenbrenner (1996), uma vez que seu ciclo desenvolvimental iria evoluir e as relações se tornariam mais complexas, no momento em que transitasse pelos diversos microssistemas, alternando os papéis sociais, ambientes ou ambos. Essa transição é algo tão significativo, que até com a aparência ele se preocupou, a qual, para ele, tinha relação significativa com o desenvolvimento do papel de pai e o exercício da paternidade.

A união definitiva, através do casamento com a mãe de seu filho, foi cogitada por Aurélio, no entanto, não naquele momento, em virtude de não ter condições de manter um lar adequadamente. Em razão do exposto, salientou o pai adolescente que preferia que ficasse como estava, ou seja, cada um vivendo na casa dos seus pais. Contudo enfatizou que, no momento em que tivesse um emprego que lhe proporcionasse recursos para sustentar uma família, a união com Luana seria um desejo.

porque, para casar para passar necessidade... eu prefiro continuar do jeito que tá... se dá para continuar do jeito que tá... então vamos continuar do jeito que tá... mudando algumas coisas, mas... eu não vou tá me casando para passar necessidade... O dia que eu tiver um emprego garantido... uma fonte de renda... que eu possa me sustentar... aí sim, vai ser uma coisa... que até eu quero. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Em estudo realizado com jovens, Milfont, Gouveia e Costa (2006, p. 32) investigaram a intenção dos mesmos em constituírem família. Destacam que os resultados mostraram que os jovens buscam estabelecer “relações interpessoais seguras e satisfatórias, além de valorizar, nessas relações, o comprometimento e o envolvimento, apresentando maior intenção de constituir família”. Aurélio evidenciou comportamento semelhantemente ao dos jovens do estudo, uma vez que pretendia constituir família, quando tivesse condições satisfatórias de sustentá-la.

Aurélia, ao comentar o recebimento da notícia do processo de

maternidade/paternidade, salientou que, quando o filho chegou assustado e começou a falar sobre o exercício da atividade sexual com a namorada, também ela começou a conjecturar que poderia ser um problema mais grave, como uma doença incurável. Enfatizou a mãe de Aurélio que o processo de paternidade/maternidade era um problema, que iria modificar os planos de vida de Aurélio e Luana, mas não era grave.

ele chegou para mim apavorado... chorando, quase... me dizendo: "Ah, mãe, tu sabe que estou namorando a Luana, [...] e a gente já transou.". Quando ele falou aquilo, eu meio me preocupei que ... fosse um problema, outro problema maior... aí quando ele me disse que ela estava grávida. Eu disse: Bom... dos males é o menor. O menor dos problemas ainda é uma gravidez, porque uma doença... um problema mais sério... é pior. E uma gravidez não seria tanto problema assim. Claro, que... que ia atrapalhar a vida dele, atrapalhar a vida dela... ela estava com 16 anos na época, ele com 15. (Aurélia, mãe de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A família é uma rede de apoio social para as diversas transições ecológicas (BRONFENBRENNER, 1996). Dessa maneira, a mãe de Aurélio, ao receber a notícia e enfrentar a situação do processo de paternidade/maternidade juntamente com filho, estava demonstrando disposição e sensibilidade no processo proximal, gerando competência sobre esse impacto desenvolvimental.

Aurélia acreditava que o filho demonstrara maturidade e responsabilidade considerando a pouca idade do filho um fator preocupante para o exercício da paternidade. No entanto, Aurélio surpreendeu a todos, exercendo com muita responsabilidade o papel de pai.

E ele encarou com muita responsabilidade. E... ele encarou muito bem, ele se tornou responsável, ele era aquele estudante assim que ia para o colégio, e como todo jovem ficava meio que brincando, encarava... nunca tinha problema de rodar e tal, mas ia sempre assim meio... no empurrão... E agora ele é responsável, ele é estudioso, ele encarou a vida de uma forma bem diferente do que ele encarava antes. (Aurélia, mãe de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A colocação de Aurélia sobre a atitude do filho Aurélio, pai adolescente, ter assumido com tanta responsabilidade o processo de paternidade/maternidade está

embasada nas forças das pessoas, ou seja, as disposições comportamentais ativas que interferiram positivamente nos processos proximais, que Bronfenbrenner e Morris (1998, 1009) referem como características desenvolvimentalmente geradoras.

O exercício da paternidade/maternidade, para os pais de Aurélio, está ancorado e entrelaçado na competência, a qual Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1002) destacam como “capacidade para administrar e dirigir o próprio comportamento por situações e domínios desenvolventes”.

Já Aurélio, ao refletir sobre as atitudes do irmão que é usuário de drogas, analisa que, se não fosse a família deles adotá-lo, Anderson estaria jogado na rua. O pai adolescente considera que o irmão recebe todo o apoio dos pais e, inclusive, conta com uma casa que os pais alugam para ele. Anderson, segundo Aurélio, não vive junto com os pais, pois fez a opção de morar sozinho.

se não tivesse com a gente, hoje estaria jogado no meio da rua... aí... a gente dá tudo para ele... e ele... tudo... simplesmente tudo, hoje ele não trabalha... ele não faz nada na vida, mas ele tem tudo... ele tem casa... ele tem tudo na casa dele... sim, entre aspas né!... porque ele podia estar aqui também... ele que quis sair daqui... (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

Ao olhar a situação vivenciada com Anderson, embasado em Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1002) fica evidente que ocorreu uma disfunção, ou seja, uma dificuldade do filho adotivo em manter o controle e a integração do comportamento.

Álvaro, ao retratar a vivência do filho Aurélio com o exercício da paternidade, analisou que não era fácil, pois tinha que depender em tudo dos pais, desde o dinheiro para comprar as fraldas para Guilherme, até o dinheiro para a passagem de ônibus, para ver a namorada e o filho.

Nem tudo são rosas pra ele. Ele vive dependendo da gente, isso não deve ser bom pra ele, ele não deve se sentir bem com isso. Comprar fralda pro filho, o pai tem que dar dinheiro, a mãe tem que dar dinheiro, pra ele visitar ela, ele tem gastos. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Fonseca e Lyra (2000, p. 14) destacam a importância que a “rede de apoio tem para esses adolescentes que se tornam pais, a fim de que possam assumir-se

como sujeitos de sua história, que envolve, agora, a presença de uma criança”, a qual necessita de um contexto acolhedor para o seu desenvolvimento humano.

No encontro que realizei com Álvaro, pai de Aurélio, o pai adolescente, ao abordar o exercício da paternidade pelo filho, Álvaro destacou a responsabilidade que o mesmo tinha frente a Guilherme. Realçou também a atitude carinhosa com que Aurélio tratava o filho, e ainda refletiu que ele era muito mais carinhoso, como pai, do que ele próprio havia sido com seus filhos. Álvaro, ao analisar seu exercício da paternidade, refletiu que o filho exercia a paternidade com responsabilidade e de um modo diferente do seu, ou seja, demonstrando muito mais carinho do que ele, apesar de acreditar que ele havia sido e continuava sendo um pai carinhoso.

Ele assumiu com uma responsabilidade muito grande e é um pai muito carinhoso, muito mais do que eu, que eu fui. Não que eu não tivesse sido, mas eu vejo que ele é mais carinhoso, acho que ele é muito mais do que eu, carinhoso com o Guilherme e responsável com o Guilherme, e com a Luana também. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao realizarem um estudo com pais adolescentes e pais adultos, Levandowski e Piccinini (2006) tinham a expectativa que haveria grandes diferenças em relação às expectativas e sentimentos entre os dois grupos. No entanto, identificaram que a idade não foi um fator determinante para a vivência da paternidade. Esse dado vai ao encontro da colocação de Álvaro, pai de Aurélio, o pai adolescente.

Apesar das dificuldades enfrentadas por Aurélio, refletiu Álvaro que ele se revelava um bom aluno e não causava problemas. Dessa maneira, Aurélio estava correspondendo à ajuda que os pais estavam dando, a fim de que pudesse enfrentar e desempenhar com competência a concretude da paternidade na adolescência.

Ele está correspondendo do outro lado, ele está estudando, ele não falta à aula, ele é dedicado na escola, ele não causa problema em casa. Ele nunca... Ele sai agora pra ir pra academia, mas pra ir jogar, pro basquete dele. Então, nunca diz: “Ah, vou sair pra avenida...” ou “Vou pro baile...”. Ele não tem disso. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

A fala de Álvaro vai ao encontro do que afirma Corneau (1991, p. 28), sobre

crianças que tiveram a presença paterna durante o desenvolvimento, ou seja, "as crianças bem paternizadas sentem-se seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais".

Ao retratar a paternidade na adolescência, salientou Álvaro não ser comum encontrar adolescentes-pais com um comportamento de responsabilidade idêntico ao do filho que, frente ao evento da paternidade, assumiu seu papel. Essa atitude do filho Aurélio era considerada com orgulho, apesar da imaturidade do filho. Esse fato, segundo o pai do pai adolescente, mostrava a responsabilidade com que o filho enfrentou a situação.

Não é muito fácil tu encontrar um monte de adolescente pai. Eu sei, porque, lá na escola, eu vejo seguidamente isso aí. Mas, o que eu vejo é, se eu tirar 5% que tiveram o comportamento do Aurélio, é muito. Então, até por isso me causou orgulho ter um filho que, embora com a imaturidade dele, foi capaz de assumir com responsabilidade, não é? Um gesto, uma atitude que ele teve e que só nos dá alegria. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Essa atitude de Aurélio que foi comentada e enfatizada pelo pai não era uma atitude da maioria dos adolescentes em seu local de trabalho, uma vez que, como professor, geralmente via que os adolescentes negavam a paternidade e eram ausentes. Em estudo realizado com adolescentes grávidas, Meincke (1999) relata que emergiu, dos dados do estudo, o comportamento da ausência paterna, ou seja, os namorados das adolescentes, pais de seus filhos, não assumiram a paternidade. Esse fato foi salientado como um transtorno no processo de paternidade/maternidade, por essas jovens, sendo considerado como mais significação do que a gravidez precoce.

a gravidez estava sendo permeada de insatisfações devido a ausência-presença de seu namorado, o pai de seu filho. [...] Nessa prática, o pai do filho de duas adolescentes não assumiu a paternidade. [...] Ficou evidente nos relatos das gestantes adolescentes que apenas um companheiro das três assumiu a paternidade (MEINCKE, 1999 p.153; 161).

Ao reportar-se à ciência da paternidade do filho Aurélio, retratou Álvaro que procurou ver o lado positivo do evento e não buscou avaliar o seu exercício da

paternidade. Destacou jamais ter pensado que esse fato pudesse prejudicar o filho, a ponto de fazê-lo pular uma etapa de seu desenvolvimento.

É... eu sou muito assim de ver o positivo das coisas, entende, então eu não pensei jamais assim: Ah, perdeu a juventude. Não, assim que isso aconteceu, é dos problemas, foi o menor. (Álvaro, pai de Aurélio – pai adolescente da Família Azul)

Ao trazer a notícia da paternidade na adolescência do filho Aurélio, Álvaro evidenciou competência, pois demonstrou habilidade e capacidade para administrar o comportamento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O apoio que Aurélio recebeu da família, segundo sua avó paterna, Alzira, estava fortemente embasado na crença religiosa da família, a qual não admitia e nem aceitava a interrupção de uma gravidez. A partir dessa maneira de pensar, fez a seguinte colocação: “acho porque são religiosos, jamais se interrompe uma gravidez, veio a criança, é filho dum filho deles. Ficou bem assim, acho que tem que ser assim, não é?” (Alzira, avó de Aurélio – pai adolescente da Família Azul).

Ao reportar-me à fala de Alzira, lembro Bronfenbrenner (1992), o qual enfoca a importância dos atributos da pessoa, como os mais apropriados para a modelagem do seu desenvolvimento ou crenças, os quais refletem uma orientação ativa, seletiva e estruturada para com o ambiente ou tendem a provocar orientações oriundas do ambiente. Dessa maneira, a crença foi um atributo pessoal forte na Família Azul, uma vez que cada qualidade humana era envolvida em significados e expressões em ambientes particulares, sendo a família um exemplo.

Ao finalizar a subcategoria **reflexão da paternidade, na Família Azul**, saliento que, apesar da incerteza do processo de paternidade/maternidade vivenciado pelo pai adolescente, este não mediu esforços para exercê-la de forma carinhosa, responsável e com competência. Sendo essa maneira de exercitar a paternidade elogiada por Álvaro, seu pai. A paternidade, na Família Azul, era desenvolvida baseada fortemente na responsabilidade e nos princípios religiosos, morais e éticos.

Apresentando a reflexão da paternidade na Família Verde

Ao refletir sobre o exercício da paternidade, Júlia, a mãe do pai adolescente Juliano, relembrou seu pai, destacando o papel educativo que o mesmo exercia

frente aos filhos, no que tange a atividade sexual, pois ele reunia os(as) filhos(as) e os(as) orientava. Recordou que a sua mãe não aprovava essa atitude. Júlia acreditava que esse papel educativo ela havia herdado de seu pai. Contudo, ponderou que não herdou o radicalismo do pai, de expulsar os filhos de casa. No entanto, no momento em que enfrentou a situação do processo de paternidade/maternidade na adolescência, exteriorizou a intenção de expulsar o filho!

ela nunca foi de sentar e conversar com a gente, explicar as coisas, e o pai não, ele sentava e explicava, indiferente de ser guri ou guria. Ele trazia livros e a mãe ficava brava, mas ele dizia que a gente tinha que saber como era, para não sair por aí transando. Ele sempre explicava e nisso, acho que puxei a ele. As minhas irmãs falam isso e que, só não puxei ele, de correr os filhos de casa. [...] se eles (Júnior e Janice – filhos) tinham me chamado para falar em não bater nele, nem correr ele de casa? Eles me disseram que eu não fizesse isso. Eu falei que a vontade que eu tinha era bem essa, e de pegar ele e largar na casa do pai deles. Janice falou que isso não adiantava e eu disse que isso era um problema meu e do Juliano. (Júlia, mãe de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

É evidente a interação que o pai de Júlia tinha com os(as) filhos(as) nos processos proximais, principalmente no que se refere à educação sexual e à prevenção da paternidade/maternidade na adolescência, numa época em que não era comum esse tipo de troca de informação. Demonstra, dessa forma, competência no desenvolvimento em seu papel. No entanto, como se percebe nos relatos da Família Verde, ele não conseguiu interagir quando os mesmos começaram a namorar, e “corre os filhos de casa”, demonstrando, por conseguinte, uma disfunção em seu papel de pai, de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998).

Já na fala de Júlia se percebe a repetição da mesma atitude, ou seja, ela desenvolveu um papel “educativo”, mas não conseguiu interagir no momento do evento da paternidade/maternidade, e expressou o desejo de “correr” com o filho Juliano, pai adolescente, de sua casa.

Ao falar do exercício da paternidade, Júlio lembrou a situação vivenciada com o ex-sogro José, quando este expulsou a filha Júlia de casa. Situação esta que gerou a união com Júlia. Tal atitude vivida pela mãe do pai adolescente pode ter influenciado o pensamento de praticar o mesmo ato com Juliano. Contudo, o pai de

Juliano não apoiou a atitude.

O pai dela correu ela de casa. A gente teve filho muito depois, mas como eu era uma pessoa que, por ser de fora, sempre procurando a honestidade, fui lá e encarei-o, a primeira coisa que aconteceu foi que adiantou essa coisa da gente se juntar. É que ele batia muito nela. [...] eu namorava ela com 14 anos, mas não tinha idade de casar, namorava. Eu tinha 18, 19 anos, nessa média, e namorava ela [...] A Júlia estava apavorada, queria xingar o guri. [...] Queria correr o guri de casa, que barbaridade. Mas queira correr ele de casa e eu disse que não iria fazer isso não... E se tu correr, lá em casa tem em quem se apoiar. Mas, não deixei acontecer isso. Como eu digo, não faz parte da minha pessoa fazer e sou de fácil coração. Me aprontam e, daqui a dois, três dias, me dão um sorriso, pronto! Já terminou. O Júlio, já perdôo tudo. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A fala de Júlio traz à tona a vivência da paternidade exercida pelo pai da ex-esposa. E, posteriormente, relata a situação de que ela queria expulsar o filho de casa, em virtude do processo paternidade/maternidade, contra a qual ele denotou insatisfação e esclareceu que, se isso ocorresse, ele iria apoiar o filho em sua casa.

Esse apoio importante, relatado por Júlio, é fortalecido por Dessen e Braz (2000, p. 222), quando destacam que “os suportes sociais recebidos e percebidos pelas pessoas são fundamentais para a manutenção da saúde mental: para o enfrentamento de situações estressantes, como tornar-se pai”.

Ao falar sobre os pais de Paula, Júlio refletiu que eram pessoas excepcionais, uma vez que apoiaram a filha nesse processo, bem como Juliano.

A mãe e o pai dela são pessoas que não dá para dizer nada, tenho a acrescentar. São pessoas excepcionais, tomaram conta da guria como tem que ser, jamais xingaram ou escorraçaram eles, porque tem pais que têm esse tipo de atitude: “Porque tu fez isso, te vira e sai daqui. Não quero te ver mais!”. Essa coisa assim, eu acho uma grande ignorância. Eu sou um pai velho, mas um pai moderno, sou bem moderno, como diz o outro. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

Esse apoio dos avós maternos, relatado por Júlio, é referido no estudo de Trindade e Menandro (2002, p. 18) realizado com pais adolescentes, uma vez que os avós foram apoio nas práticas de paternagem, guardando estreito vínculo com o

papel dos mesmos na criação da criança. Um destaque, no referido estudo, foi “o apoio oferecido pelos avós, principalmente os avós maternos”. Sendo ressaltado também por Dessen e Braz (2000), na rede de apoio familiar, o papel das avós.

Ao comentar sobre a adolescência e a ascendência que a televisão exerce na vida dos jovens, Júlio refletiu que ela tem um poder muito grande de influência, tanto negativo, como positivamente. No que se refere ao aspecto negativo, destacou que ela estimula os jovens a se relacionarem mais cedo, favorecendo a exposição à AIDS e, conseqüentemente, para o processo da paternidade/maternidade precoce. No que tange ao lado positivo, mencionou os conhecimentos que esse meio de comunicação social proporciona, e que cabe a cada um escolher o que lhe convém.

A televisão é um veículo bom e muitas vezes ruim, tem os dois lados. Porque influencia os jovens a se conhecerem mais cedo do que antigamente. No meu tempo, o jovem até podia se conhecer, um lá que outro, mas era muito remoto, se conheciam com 18, 19 anos. A gurua ia para a Igreja, era inocente ainda, essa coisa toda. E hoje não! A televisão ensina que o conhecimento deve ser antes que é, para ver se vai dar certo. Nesse ponto, ela influencia para a Aids, para isso, para aquilo, para ter um filho antes da hora, tudo isso. A televisão ajuda, a vivência do jovem hoje é diferente. Então isso tudo ajuda, eu acho, mas ela também influi em coisas boas, conhecimentos, tem os dois lados e cabe à pessoa pegar o lado certo ou então pegar o errado. (Júlio, pai de Juliano – pai adolescente da Família Verde)

A fala de Júlio encontra respaldo em Bronfenbrenner (1996, p. 185), relatando a influência da televisão na vida das pessoas em desenvolvimento, a qual, segundo o autor, compromete as interações familiares e influencia pelo impedimento das mesmas, devido à absorção desse meio de comunicação.

Ao refletir sobre a subcategoria **reflexão da paternidade, na Família Verde**, é evidente que o exercício da paternidade foi embasado em papéis vivenciados e cogitações sobre os mesmos, para reprodução de forma indireta, ou seja, analisando o vivenciado e reproduzindo uma paternidade refletida e atualizada para o contexto.

Apresentando a reflexão da paternidade na Família Vermelha

O pai adolescente, ao referir-se às mudanças advindas com o processo de paternidade/maternidade, fez destaque à responsabilidade. No comentário que fez

sobre o evento da paternidade, Renato destacou que o que havia mudado em sua vida tinha sido a responsabilidade. Mas, ao se referir ao namoro com Raissa, salientou não ter havido grandes mudanças, pois já não saía tanto.

Ah, mudou alguma coisa, alguma coisa sempre muda. Mudou alguma coisa, alguma coisa sempre muda. Não vou dizer que mudou muita coisa, porque eu já estava namorando com ela, então já não saía muito. Ficava mais com ela. Mas mudou assim, a gente tem que ter mais é... responsabilidade. Sei lá, responsabilidade a mais mesmo, que mudou. (Renato – pai adolescente – Família Vermelha)

Essa mudança ressaltada por Renato está evidente, também, no estudo de Carpes (2003, p.126). A população do estudo foram jovens que tiveram filho cedo, e a autora destaca que “não houve jovem entrevistado que não referisse à sua mudança quanto à responsabilidade após a paternidade e à maternidade”.

Renata, ao refletir sobre como Roberto exercia a paternidade, comentou que ele não era um pai presente; no entanto, ficou evidente que Renato espelhava a imagem contrária.

Ele queria que isso acontecesse, que o pai viesse todos os finais de semana. Eu sempre achei isso aí! De psicóloga, eu não tenho nada, mas eu, para mim, ele sempre queria que o pai dele fosse assim. que... Ele passa uma imagem do pai dele que não é! Ele enxerga ele assim. Eu acho que ele enxerga o pai dele assim. E eu não vou tirar essa imagem dele. Ele tem 18 anos, ele é bem grandinho, mas o que eu disse para ele. O pai dele teve quase um ano sem conversar com ele, por minha causa. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Um modelo de atuação paterna auxilia o adolescente na sua vivência como pai. Trindade e Bruns (1999) destacam que ele possibilita um parâmetro de como agir, no qual o pai pode ser utilizado como modelo. O que podia estar acontecendo é que Renato negasse a ausência paterna e reproduzisse um modelo presente/ausente de paternidade, tendo em vista que não se posicionava/agia como pai frente à filha, ou seja, era também uma presença/ausente como pai. E sob o olhar de Bronfenbrenner e Morris (1998), ambos estariam reproduzindo uma disfunção.

Já a fala de Renata salientou o atrito entre ela e Roberto, e a conseqüência no vínculo com o filho, mostrando a ausência do pai. Ao falar do relacionamento após um divórcio, Tiba (2006) destaca que, se os pais querem seus filhos felizes, o vínculo filial deve ser preservado, independente dos laços conjugais.

Renata explanou sobre o papel de pai com respeito a Roberto, no qual salientou a disfunção no exercício da paternidade, uma vez que, segundo seu olhar, o pai falhou em suas responsabilidades e atitudes frente a Renato. Relembrou a situação quando Regina, a nova esposa, ficou grávida e ele não explicou o evento para Renato.

Quando ele mais precisou do pai dele, o pai dele não estava presente. Várias vezes, várias! Começa que quando ele tinha 6 anos e pouco, eu acho que foi quando a guria nasceu, não sei que idade tem a guria, agora. Quando a mulher engravidou, e que era para ele ter feito? Chegando para o Renato, que apesar da idade era uma criança na época, era para ter dito assim: a fulana tá grávida... Regina, o nome da mulher, lembrei... rá rá rá. A Regina está grávida. Aí era para ter que feito o quê? Vou te explicar. A Regina está grávida, assim, assim. Mas não!! Quando o Renato viu, já estava com a barriga grande. Aí ele chegou em casa e disse: “Mãe, tu sabia que aquela mulher está grávida?” Chamou “aquela mulher”... Aquela mulher, sempre chamou “aquela mulher”. De vez em quando, ele dá o nome dela, mas depende da situação. Depende da situação em que ele vai falar no assunto, na casa do pai dele, ou ele fala “aquela mulher”. Com ele fala “a Regina”. (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Na situação relatada por Renata aflora, segundo o referencial teórico deste estudo, a disfunção. Roberto apresentou dificuldades no controle e integração do comportamento, ou seja, olhando sob a perspectiva de Bronfenbrenner e Evans (2000), durante os processos proximais em diferentes domínios do desenvolvimento, com Renato ele não conseguiu estabelecer interações com as duas famílias.

Ao falar, Roberto, salientou a preocupação com o filho Renato, pois ele não demonstrava interesse pelos estudos, estando ainda no segundo grau. Ressaltou que refletia com o filho sobre se teria conseguido, sem estudo, os bens que possuía; no entanto, informou que não obtinha resposta.

acho que a gente tem que se formar, é o que digo para ele. Eu falo que eu tenho a minha casa, meu carro, meu salário, vivo uma situação estável, mas será que, se ele não estudar, vai ter o que eu tenho? É a pergunta que eu faço para ele e ele fica quieto. (Roberto, pai de

Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A fala de Roberto traz a preocupação com o futuro de Renato e com a formação educacional, no entanto o pai não consegue estabelecer interações com o filho. Carter e Mc Goldrick (2001) destacam que a escola é vista como uma oportunidade de conseguir um diploma de segundo grau e, assim, melhorar as chances de obter um emprego.

Ao analisar a contribuição de Roberto no processo de paternidade/maternidade de Renato, salientou a mãe do pai adolescente que ele é era apenas um avô que havia estado no hospital para ver a neta, levando um presente. Após essa visita, ele, segundo Renata, não se envolveu com mais nada, ficando tudo a seu encargo, e ela não tinha condições financeiras para arcar com tudo.

por que o pai dele só é avô! Né? Ele só é avô, ele não participa de nada. Foi lá no hospital ver a menina... Foi. Quando nasceu a netinha, ele foi lá... Ele viu a criança... ele levou uns brincos... Eu acho... que levou para Raika. Deu e... Nunca mais viu! Mas assim até eu queria ser avó! De não ter aquela responsabilidade, tu não ter que te preocupar... com a saúde da criança, com até a da Raissa. [...] E... Agora eu não sei como é que vai ser! Não sei mesmo! Não sei, eu estou meia apavorada, sabe?... Porque, te põe na minha posição... R\$ 500,00 paga tanta coisa? Eu não ganho R\$ 500,00... Eu não ganho R\$ 500,00. Meu salário base é R\$ 400,00, e aí, se tu faz os dias normais, e trabalhar domingos. Eu não ganho R\$ 500,00. Eu ganho R\$ 480,00 e poucos, R\$ 490,00 e poucos. É isso aí... E aí eu tenho que dar R\$ 45,00 para consulta dela, pago água, luz e telefone... Tu tens alguma continha sempre para pagar. Eu não sei como é que eu vou fazer. Eu não sei. Eu já larguei currículo em vários lugares, não precisa ser nem da minha área. Eu já estou procurando qualquer coisa. Por que eu não sei... Ele não está conseguindo serviço também. Então alguma coisa eu vou ter que fazer. Por que daonde eu vou tirar? [...] antes do Renato receber a rescisão, ele não tinha dinheiro e quem pagou a consulta para a Raika foi a mãe. Mas todos os meses, também não dá! Agora, eu não sei, ele diz que ela tem que consultar essa semana, não sei lá, aonde eu vou tirar... não sei de onde eu vou tirar! (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Renata traz em sua fala a situação do compartilhar o processo de

paternidade/maternidade com o ex-cônjuge, uma vez que estava se sentindo sobrecarregada e sem condições financeiras para enfrentar sozinha a situação, evidenciando a falta de interação com o mesmo. Peck e Manocherian (2001, p. 300), ao falarem do evento do divórcio e das mudanças na família, enfatizam que as mães sozinhas são, freqüentemente, “obrigadas ao papel de cuidadoras emocionais e financeiras da família”.

Ainda, Tiba (2006) acrescenta que, após assumir um novo relacionamento, geralmente o homem costuma deixar os filhos com a ex-mulher e, muitas vezes, chega a esquecer os filhos do primeiro casamento. No entanto, destaca que, se os pais querem seus filhos felizes, o vínculo filial deve ser preservado, independente dos laços conjugais.

No que se refere à situação do processo de paternidade/maternidade de Renato e a contribuição que ele dá para o sustendo da filha, Renata revelou que sua preocupação era a de o pai de Raissa solicitar pensão judicialmente, pois recairia sobre seus ombros toda a responsabilidade, uma vez que o filho estava desempregado.

Se o pai da Raissa resolver a botar ele na justiça, quem é que vai se ferrar? Aí sim, eu... Eu vou fazer o seguinte: eu vou me embora, largo tudo, e... Ti vira! Dá vontade de fazer isso aí, sabe? Tem dias que eu estou bem revoltada, mas... tenho que seguir... em frente, é complicado, mas... sozinha, pior ainda! Mas... se tiver que ser, será. Se tiver que ser por aí, vai ser por aí! Se não... não sei... eu não sei... Eu já disse pro Renato: eu não sei que eu vou fazer! Já tentei passar para a noite, lá no hospital, porque, às vezes, surge alguma coisa é de manhã... passar para a tarde, eles não me passam... aaaaaaa... olha... (Renata, mãe de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao falar da responsabilidade, Radtke (2005, p. 72) destaca que ela “não pode ser vista como atributo das mulheres tampouco dos homens, mas, como uma construção singular e multideterminada”. Já Carter e McGoldrick (2001, p.9) enfatizam que “o subsistema avó/mãe [...] não pode satisfazer as mesmas necessidades que uma unidade conjugal satisfaz”. Por conseguinte, no processo da paternidade/maternidade, a preocupação de Renata com a questão jurídica não deveria ser apenas sua.

Roberto, ao analisar o processo de paternidade/maternidade, expôs que poderiam pensar que ocorreu esse evento em virtude de os pais serem separados.

Contudo, destacou que Renata teria orientado o filho e que ele, mesmo separado, também orientava. Dessa forma, segundo Roberto, a separação não influenciou no evento.

Aconteceu isso, porque é filho de pais separados, é a primeira coisa que a gente ouve. Mas não é isso, tenho impressão que a mãe dele tem orientado ele. [...] essa parte de ser pai separado, como todos dizem, a separação não foi boa, mas foi necessária. Quem sofre são os filhos. Mas, no caso do Renato, dele ter engravidado a menina, não foi por causa da separação minha com a mãe dele, pois sempre dei orientação para ele, conheço pais que nunca orientaram sexualmente os filhos e eu sempre procurei orientar, para nunca acontecer isso. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao falar da guarda do filho e pagamento da pensão, Roberto refletiu que, quando ocorre uma separação, deveria haver uma avaliação de quem, entre o casal, teria mais condições, tanto familiares quanto financeiras, para cuidar do filho.

Eu mesmo não bebo, não fumo, sempre fui honesto na minha profissão, sempre procurei fazer concurso para crescer na profissão, tinha maior ganho no salário, quem deveria ter a responsabilidade de ficar com o filho? Deveria ser eu. Porque a justiça não age assim? (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A fala de Roberto pode ser vista apoiada em Tiba (2006), quando aborda sobre a guarda dos filhos. Destaca o autor que a nossa cultura fez com que a mãe ficasse mais disponível para a educação dos filhos e o pai fosse colocado como provedor da sobrevivência econômica e segurança material.

Numa separação, o que caba valendo ainda hoje é o modelo cultural, apesar de sabermos que a mulher/mãe nem sempre é melhor que o homem/pai. Existem pais que são tão ou mais amorosos que as esposas. A própria lei favorece a mulher nessa hora: a presunção legal é de que a guarda é da mãe. Se o pai quiser terá que entrar com pedido na justiça (p. 164).

Roberto refletiu sobre a diferença entre a educação que recebeu e a que deu a Renato. Relembrando que, na sua época, o pai e a mãe não eram muito

achegados aos filhos, havendo certa distância entre eles.

Eu já penso diferente, ele (meu pai) já não foi um pai como eu sou com o meu filho, apesar de ele me criar até os 16, 17 anos, depois já tive minha liberdade, mas em termos de orientações, mais de aconchego de pai para filho, acho que um pai tem que dar orientação para um filho. Não tive muito porque, naquela época, as pessoas eram mais restritas, pai e mãe eram diferentes, pai lá, mãe aqui. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

O microssistema família é dinâmico. Dessa forma, baseada em Ullrich e Kreppner (1998), saliento que “os padrões de relacionamento entre os pais não somente originam mudanças específicas de modos para os pais como também definem uma estrutura para os relacionamentos e comunicações dentro da família”. Dessa maneira, percebo, com apoio em Bronfenbrenner (1996), que Roberto mudou sua atitude em virtude da sua vivência/interação com o pai, durante os processos proximais de seu desenvolvimento, e desenvolveu com Renato um modo de comunicação que era baseado na interação.

Ao refletir sobre o namoro, em sua época, e a ocorrência de um processo de paternidade/maternidade, Roberto ressaltou que era diferente, pois ambos assumiam a responsabilidade, casavam e iam constituir a família. Revelou que hoje vê diferentemente, com a liberdade sexual feminina sendo maior e, muitas vezes em virtude disso, a menina acaba não sabendo quem é o pai de seu filho.

naquela época, quando acontecia esse tipo de coisa, o pai assumia a responsabilidade e o que acontecia? Casavam e iam embora fazer a sua vida. Hoje, a gravidez na adolescência é diferente. A menina vai para a boate, transa, tem um filho e o namorado desaparece, ela nem sabe, muitas vezes, quem é o pai, esse é o problema. Naquela época, todo mundo sabia, fulano namorava fulana e ela ficou grávida, o pai era o fulano, pois era só um parceiro. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

A família, sendo o primeiro grupo responsável pela socialização, se constitui uma mediadora entre o homem e a sociedade. Dessa maneira, de acordo com Vitale (2006, p. 90), ela não “só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados

dentro do próprio grupo”.

Desse modo, os padrões de comportamento (interações) a que Roberto se referiu foram, através do tempo (cronossistema), interagindo nas gerações, e o ser humano (pessoa) foi processando o seu desenvolvimento na família (contexto).

A liberdade sexual dos jovens favorece o processo de maternidade/paternidade. Considerou Roberto que a sociedade está cada vez pior, uma vez que não se está tendo responsabilidade para com as crianças que nascem. Dessa forma, destacou sua preocupação com uma boa educação e condições de vida para as crianças que estão sendo geradas, razão pela qual Roberto mostrou-se um defensor do controle da natalidade. Deixou evidente que, quem não tem condições de educar adequadamente uma criança, não deveria tê-la.

Por isso, cada vez vai ser pior. Acho que o governo tinha que dar um jeito, tinha que ter um controle de natalidade. Sou um cara meio durão, acho que um homem e uma mulher, quando casassem e quisessem ter um filho, era para ter um consentimento do governo, uma lei, dependendo quanto ganhasse, se fosse um salário mínimo poderia ter um filho, se quisesse outro filho, o governo deveria negar. Para nós termos filho, hoje em dia, tem que ter um orçamento, uma garantia de poder cuidar, não adianta fazer filho e soltar pelo mundo. É o que acontece aí. Quanto mais a família for educada, menos filho tem; menos educação, mais filho tem; isso é regra. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Ao narrar sobre a prevenção da paternidade/maternidade, disse Roberto que procurou sempre orientar o filho. A orientação, segundo Roberto, é necessário iniciar desde cedo, razão pela qual enfatizou que, quando a filha Rita estiver na faixa etária entre dez e onze anos, iniciará as orientações. Comentou que será realizado dessa maneira, tendo em vista não querer que aconteça com ela o mesmo que aconteceu com Renato. Entretanto, relatou que essa tarefa de orientação à filha mulher, seria papel da mãe.

A orientação que dei para ele foi até na parte sexual, como ele deveria ter o primeiro relacionamento com a mulher, se a mulher for virgem ou não, como ele deve fazer... Lamentavelmente, deu nisso. [...] E tudo o que ensinei para ele, as orientações sexuais que dei para ele sobre o uso de preservativo. [...] A minha filha está crescendo, está com oito anos, quando ela completar onze anos, porque a mulher está amadurecendo muito nova. Não que esteja amadurecendo, mas criando corpo de mulher, já estão se dedicando ao namoro, beijos e etc., quando aquece em cima esquenta embaixo. Quando ela tiver uns

10, 11 anos, vou começar a orientar, melhor já estar orientada, para que não aconteça o mesmo que o menino. [...] mas só que, essa parte de marido e mulher, eu acho que cabe mais à mãe orientar a filha, do que ao pai. Claro, é uma visão meio machista, mas que leva a carga pior é a mulher. No caso, a mãe que tem que se preocupar mais com a filha. O que está acontecendo com a Raissa? Está morando em casa, causando transtorno para os pais e as irmãs, poderá dar certo ou não o relacionamento deles. Ela está levando a pior e ele está livre, de repente vai a alguma festa, não sei o que ele faz, ela que fica com a conseqüência de cuidar da criança. Por isso acho que cabe mais à mãe orientar a criança nesse sentido. (Roberto, pai de Renato – pai adolescente da Família Vermelha)

Essa narrativa de Roberto reporta à fala de Persona, Shimo e Tarallo (2004). Ao enfatizarem a importância de programas educativos a respeito de desenvolvimento sexual, salientam os autores a necessidade de disponibilizar espaços na Internet, para os jovens falarem e se comunicarem sobre o que sentem, e não sobre seus atos em si.

Ao observar sobre a subcategoria **reflexão da paternidade nas famílias de pais adolescentes, na Família Vermelha**, é notório que o exercício da paternidade foi embasado em papéis vivenciados e reflexões sobre os mesmos para reprodução. Apesar de não assumida a ausência paterna, de forma indireta ela é reproduzida nas atitudes de Renato.

Ao finalizar a subcategoria **reflexão da paternidade nas famílias de pais adolescentes** deste estudo, destaco que emergiram ponderações sobre os esforços dos pais adolescentes para exercerem a paternidade. O papel de pai foi exercido de acordo com a singularidade de cada um, a partir das interações desenvolvidas e construídas nos contextos de seu desenvolvimento. A paternidade, nas famílias deste estudo, permeou desde uma maneira de exercitar carinhosamente, com responsabilidade e com competência, até uma presença/ausência do pai.

Ao refletir sobre as **Dimensões Argumentativas**, ficou evidente que a paternidade na adolescência não foi um processo assumido pacificamente, no entanto, com o passar do tempo (cronossistema), as pessoas (principalmente pai e mãe/sogro e sogra) legitimaram o fenômeno. Dessa forma, houve a reflexão sobre esse processo de paternidade/maternidade, como um aspecto que levou o pai adolescente a desenvolver-se mais precocemente e a enfrentar de maneira

responsável a paternidade, nessa etapa de sua vida.

A família tem sofrido transformações sociais, ao longo da história de nossa sociedade, mas ela é considerada um sistema que possui uma ascendência sobre seus membros. Dessa maneira, evidencia Corrêa (2005, p. 12) que “ela mantém grande influência no processo de resolução” da paternidade/maternidade junto ao adolescente, “no assumir sua parcela de responsabilidade pela gestação e paternidade naquele momento”.

A importância de encorajar as famílias “a utilizarem suas transições de ciclo de vida para fortalecerem as identidades individuais, familiares e culturais” é enfatizada por Carter e McGoldrick (2001, p. 82).

Destaco que o microssistema (família) apoiou o pai adolescente e legitimou a paternidade, nessa fase do desenvolvimento humano. Inicialmente, todas relataram o impacto com o processo da paternidade/maternidade, no entanto, o tempo (cronossistema) proporcionou que o evento fosse legitimado.

Desse modo, de acordo com a Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano

os contextos ambientais influenciam os processos proximais e o resultado desenvolvimental, não somente em termos dos recursos que eles tornam disponíveis, mas também, em termos do grau para o qual eles oferecem a estabilidade e consistência ao longo do tempo (BRONFENBRENNER; CECI 1994, p. 576).

5.3 Agrupando e comparando

Mire, veja: o mais importante e bonito no mundo,
é isto que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas...
Guimarães Rosa

Neste momento, de acordo com Schütze (1977) e seguindo os passos apresentados por Bauer e Jovchelovitch (2002), trago para exposição as narrativas que compreendem o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais,

no caso deste estudo as trajetórias individuais vivenciadas nas famílias.

A compreensão da construção da paternidade nas Famílias Azul, Verde e Vermelha foi realizada a partir dos informantes das histórias, do ambiente onde ocorreram as interações e dos processos no decorrer do desenvolvimento das mesmas. Por conseguinte, a partir dessa ótica é efetivada a reflexão acerca da paternidade nos diferentes contextos.

Ao abordar o potencial desenvolvimental de um contexto, Bronfenbrenner (1996, p. 217) destaca que “é uma função da extensão em que os papéis, as atividades e as relações ocorrendo neste ambiente servem, depois de um período de tempo, para acionar e manter padrões de motivação e atividade na pessoa em desenvolvimento”. Esses padrões, de acordo com o autor, depois adquirem um momento próprio, pois, quando uma pessoa entra num novo contexto, o padrão é transportado e, não havendo forças opostas, aumenta o seu alcance e a sua intensidade. “Os microssistemas que apresentam estas propriedades e efeitos são conhecidos como ‘ambientes primários’ e os padrões persistentes de motivação e atividade que eles induzem na pessoa são chamados de ‘trajetórias desenvolvimentais’”. Sendo que os ambientes primários mais universais são a família, o local de trabalho e o grupo de iguais.

As famílias deste estudo, sendo consideradas ambientes primários, proporcionaram aos pais adolescentes condições para que eles realizassem trajetórias desenvolvimentais, uma vez que demonstraram potencial desenvolvimental em outro contexto. Dessa maneira, demonstraram uma trajetória ecológica.

O evento da paternidade/maternidade, para os pais adolescentes deste estudo, era uma incógnita na vida deles. No entanto, procuraram enfrentá-lo, apesar das dificuldades e obstáculos. Talvez tenham sido as características pessoais o que proporcionou, nessa fase do desenvolvimento humano, o emergir de atributos para vivenciarem o exercício da paternidade.

Ao falarem sobre as dificuldades ou obstáculos que uma pessoa enfrenta no transcorrer de sua vida, Copetti e Krebs (2004, p. 74) destacam que ela:

é inúmeras vezes colocada frente a situações que podem conduzi-la a um esforço para vencer tais dificuldades, ou contrariamente, para que se sinta impotente ou incapaz de gerar energia na busca para transpô-las.

Ao abordar os atributos pessoais, destaco que emergiu a responsabilidade, a qual foi relevante para os pais Aurélio e Juliano. Esses dois adolescentes evidenciaram, em suas falas, a preocupação com o futuro dos filhos, uma vez que, de certa forma, o futuro dos filhos dependia deles. No entanto, todos os pais adolescentes revelaram satisfação com a paternidade, mesmo levando em conta o aumento da responsabilidade.

Percebe-se que os pais adolescentes não esmoreceram frente às dificuldades e procuraram transpô-las conforme seus atributos e suas condições de vida, bem como os contextos familiares naquele momento. Salientam os autores Copetti e Krebs (2004, p. 74) que as forças das pessoas “são disposições comportamentais ativas que podem colocar os processos proximais em movimento e manter suas operações”, as quais Bronfenbrenner e Morris (1998, p. 1009) denomina de “características desenvolvimentalmente geradoras/instigadoras”.

No que se refere ao **agrupamento** das trajetórias individuais das famílias, destaco o exercício da paternidade. Os três pais adolescentes exercitavam a paternidade, entretanto cada um com suas singularidades, uma vez que desenvolveram a concretude da mesma a partir de suas características pessoais e das interações em seus contextos.

Encontro respaldo em Minuchin, P., Colapinto e Minuchin, S., (1999), os quais, embasados na abordagem sistêmica, ressaltam que o comportamento é explicado como uma responsabilidade compartilhada originada a partir de padrões que desencadeiam e mantêm as ações de cada pessoa.

Evidencio que todas as famílias sofreram impacto inicial com a notícia da paternidade/maternidade na adolescência. Carter e McGoldrick (2001, p. 12) salientam que, “quanto maior a ansiedade gerada na família em qualquer ponto de transição, mais difícil ou disfuncional será a transição”. Uma família facilitadora do crescimento emocional e promotora de saúde de seus componentes, segundo Wagner et al (1999), não é aquela com ausência de conflitos.

O passar do tempo fez com que as famílias fossem interagindo nesse processo e aceitando paulatinamente a paternidade/maternidade na adolescência, dessa forma vivenciando um período de transição, de acordo com a singularidade familiar e o contexto.

Ao reportarem-se ao período de transição que as famílias vivenciam, Minuchin, P., Colapinto e Minuchin, S., (1999, p. 27) salientam que, à medida que

seus membros crescem e mudam, os acontecimentos intervêm, modificando a realidade familiar. Conseqüentemente, a família e os demais sistemas, em qualquer alteração das circunstâncias, enfrentam um período de desorganização. “Os padrões familiares não são mais adequados e novas maneiras de ser ainda não estão disponíveis”. Dessa maneira, destacam os autores que o processo é muitas vezes doloroso e marcado por um período de insegurança e tensão.

Por conseguinte, todas as famílias passam por períodos de transição, tendo em vista que seus membros crescem e mudam, e acontecimentos ocorrem para modificar a realidade da família, segundo Minuchin, P., Colapinto e Minuchin, S., (1999). Algumas transições são desencadeadas pelo ciclo normal do desenvolvimento e outras não. Segundo Bronfenbrenner (1996), as pessoas, ao vivenciarem uma transição, ou seja, uma mudança de papel, de ambiente, ou ambos, que os identifiquem diferentemente nos diversos contextos em que participam, vivenciam dessa maneira as transições ecológicas. E, segundo o autor, os papéis têm o poder de alterar o tratamento das pessoas, o seu agir, o seu fazer, e inclusive o seu pensar e sentir.

No que tange à **comparação** entre as famílias, destaco a união dos progenitores dos pais adolescentes, salientando que, na Família Azul, os pais viviam uma união estável havia 38 anos. Já nas Famílias Verde e Vermelha os progenitores eram divorciados, sendo que os pais já haviam constituído nova família, e as mães não. Apenas a mãe da Família Vermelha possuía um relacionamento afetivo. O relacionamento entre os pais e mães das Famílias Verde e Vermelha era conflituoso, principalmente no que tangia ao pagamento da pensão.

O evento do divórcio nas famílias, segundo Carter e McGoldrick (2001), é uma crise na vida familiar, criando um estado de desequilíbrio para todas as pessoas, em todos os níveis geracionais e por todo o sistema familiar. O que pode ser confirmado nos dados das Famílias Verde e Vermelha.

Ao comparar a concretude da paternidade na adolescência, percebeu-se que os pais adolescentes se basearam no exercício da paternidade de seus pais. Na Família Azul, a paternidade foi reproduzida, na Família Verde ela era embasada na ausência paterna, como opção a não ser reproduzida, enquanto que na Família Vermelha, apesar de ser negada a ausência paterna, ficou evidenciada uma ausência do papel de pai.

Ao refletir sobre os padrões de hierarquia das famílias, destaco que todas têm

seu padrão, uns às vezes mais evidentes, outros não. Esse padrão de autoridade e controle é importante na organização da família, uma vez que possui um potencial para a harmonia e para o conflito, à medida que ocorre o desenvolvimento dos membros da mesma (MINUCHIN, P., COLAPINTO; MINUCHIN, S., 1999).

Ao realizar a comparação entre as famílias, destaco cada uma individualmente.

A Família Azul se caracterizava como família nuclear, tinha o pai adolescente com menoridade, Aurélio de 16 anos, o qual estava procurando se qualificar para, posteriormente, conseguir um bom emprego a fim de poder constituir a sua família com a namorada e o filho. Ele estava no último ano do ensino médio e almejava freqüentar um curso superior, bem como servir ao Exército brasileiro em um núcleo especial e diferenciado – NPOR¹⁸.

Era uma família nuclear, formada pelo casal e seis filhos. E estava profundamente embasada em princípios religiosos, sendo que somente nessa família surgiu esse dado tão fortemente. A interação entre pai, mãe, filho e irmãos é um elemento a ser ressaltado e destacado.

O exercício da paternidade de Aurélio foi aquele que possuiu maior envolvimento, dentre os pais adolescentes do estudo. Ele desempenhava a paternidade com preocupação, carinho e atenção para com o filho e tinha o apoio da família da namorada, contexto onde participava ativamente e que lhe permitia exercitar seus papéis de pai e de namorado/companheiro. Já a Família Verde era uma família monoparental, formada pela mãe e seu filho, o pai adolescente Juliano, que tinha 19 anos, estando mais próximo da idade adulta. Entre as três famílias, foi a que apresentou maiores dificuldades financeiras, tendo em vista que a mãe não possuía uma renda mensal suficiente para sustentar a casa onde moravam ela e o pai adolescente, o qual estava servindo nas Forças Armadas e seu soldo era precário para ajudá-la.

Dessa maneira, a mãe do pai adolescente acabava dependendo dos recursos financeiros dos outros filhos, que eram casados e não moravam com ela, bem como da pensão paga pelo ex-marido, tornando-se os filhos casados seus vínculos apoiadores. O exercício da paternidade na adolescência era desempenhado por Juliano e estava fundamentado na experiência do sofrimento pela ausência paterna,

¹⁸ NPOR - Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército Brasileiro.

que ficou evidente após o divórcio, quando o pai se afastou do meio familiar. Foi outro pai adolescente que destacou interesse em prosseguir os estudos, uma vez que já havia terminado o ensino médio e pretendia continuar a qualificação com um curso técnico.

Juliano, ao exercitar a paternidade, demonstrava envolvimento, preocupação, carinho e atenção para com o filho, porém encontrava dificuldades no apoio da família da namorada, a qual não facilitava para que exercitasse seu papel de companheiro nesse microssistema..

A Família Vermelha também era uma família monoparental, possuindo o pai adolescente Renato, com 18 anos, que estava freqüentando o supletivo, para concluir o ensino médio. Este não destacou desejo algum de continuar a escolaridade, bem como de obter qualificação, encontrando-se indeciso. Renato era o que possuía mais dificuldades no exercício do papel de pai, pois não se identificava como tal para a filha. A mãe mantinha o sustento familiar, trabalhando como técnica de enfermagem, pois o filho estava desempregado.

Ao exercitar a paternidade, Renato demonstra demonstrou pouco envolvimento, carinho e atenção para com a filha, uma vez que encontrava dificuldades em envolver-se como pai. A partir das narrativas, é evidenciada a falta de abertura da família da namorada, uma vez que esse microssistema dificultava que ele exercitasse os papéis de pai e namorado/companheiro.

No presente estudo, ao comparar as atitudes dos pais adolescentes referentes ao trabalho, tanto Aurélio como Juliano falaram da opção do serviço militar como um emprego. Aurélio expressou o desejo de ingressar no serviço militar e Juliano proclamava o de continuar servindo nas Forças Armadas. E somente Aurélio relatou o desejo de constituir família e ter uma casa.

que eu consiga um emprego para ganhar dinheiro... para poder sustentar... para poder... se tornar... ter uma casa [...] quero entrar no quartel... fazer de NPOR... como eu vou entrar... vou estar na faculdade... provavelmente... tomara... que eu esteja na faculdade... fazer NPOR... que é um curso lá... que vai ser... caso eu entre vai ser bem melhor o salário... lá... bem melhor... é isso que eu tenho... pelo menos em mente. (Aurélio – pai adolescente – Família Azul)

eu tô na PEE, eu sou da polícia do Exército. Eu tô gostando, eu tô gostando. [...] Pretendo ficar no quartel, isso. Aí tu fica como soldado antigo. Eu pretendo levar. Surgiu o curso pra cabo até. Foi, foi segunda-feira a prova. Mas isso aí foi uma baita trouxe que deu lá. Eu fiz a prova. Todo mundo disse que eu me saí bem, que eu gabaritei coisa e tal, mas quem escolhe é o tenente... os caras pra

entrar e eu não entrei. [...] Tenho como fazer concurso de novo. Aí eu me enganjo, aí depois faço... (Juliano – pai adolescente – Família Verde)

Apóio-me em Trindade e Menandro (2002), que também encontraram, nos resultados de pesquisa que realizaram com pais adolescentes, o desejo de permanecer no Exército após o cumprimento do serviço militar obrigatório. Além de terem planos de emprego com boa remuneração, de constituir família e de adquirir uma boa casa.

Na Abordagem Ecológica do Desenvolvimento de Humano de Bronfenbrenner, a pessoa é analisada a partir das suas características biopsicológicas e daquelas construídas na interação com o ambiente. Essas características estão divididas nos três núcleos básicos: as características de disposição, os recursos biopsicológicos e as demandas. As características de disposição reportam-se às características pessoais, que tanto podem promover o desenvolvimento (forças geradoras¹⁹) quanto retardá-lo ou mesmo impedi-lo (forças disruptivas²⁰). Já as características dos recursos biopsicológicos envolvem as deficiências (defeitos genéticos, baixo peso ao nascimento, deficiência física ou mental) ou atributos psicológicos (capacidades, habilidades, conhecimentos) que evoluíram ao longo do desenvolvimento, e que influenciam a capacidade da pessoa engajar-se de forma efetiva nos processos proximais. Por fim, as características de demanda referem-se aos atributos pessoais (inatos ou não) capazes de estimular ou desencorajar as reações do ambiente social (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Desse modo, os três pais adolescentes, informantes de história de paternidade, de acordo com os autores acima referenciados possuem suas características biológicas, físicas e psicológicas, e necessitam ser compreendidos a partir das suas disposições, recursos e demandas, os quais precisam estar em interação com o ambiente. No caso do presente estudo, evidenciam-se as características geradoras que os pais adolescentes desenvolveram, ao assumirem a

¹⁹ Como exemplo: as características de curiosidade, elevado nível de auto-eficácia e responsividade.

²⁰ São as características de impulsividade, explosividade, distração, prontidão para recorrer a agressões e violência, baixo nível de auto-eficácia, dificuldade para manter o controle sobre as emoções e comportamentos

paternidade. As disposições podem ser compreendidas como um sistema de força pessoal de cada jovem, que instigou suas ações para o exercício da paternidade. Já os recursos consistem nas características adquiridas e internalizadas pela interação da pessoa com o ambiente, que capacitam a atuar com menor ou maior grau de eficiência nos contextos em que participa.

Ao reportarem-se à competência ou disfunção, Bronfenbrenner e Evans (2000) enfatizam que é uma função conjunta das características biopsicológicas da pessoa, da natureza do ambiente imediato em que vive, da intensidade e da frequência em relação ao período do tempo durante o qual foi exposta ao processo proximal e ao ambiente no qual ocorreu. Por conseguinte, os processos proximais produtores de competência tendem a ter maior impacto sobre o desenvolvimento e a (re)construção da paternidade, quanto mais intensos e freqüentes forem, bem como se acontecerem em ambientes favoráveis ou estáveis.

Ao refletir sobre a comparação entre as trajetórias individuais das famílias, é salutar considerar o contexto de cada uma. Carter e McGoldrick (2001, p. 12) destacam que “não podemos ignorar o contexto social, econômico e político e seu impacto sobre as famílias movendo-se através de fases diferentes do ciclo de vida em cada momento na história”. É necessário “entender que existem discrepâncias imensas nas circunstâncias sociais e econômicas entre as famílias na nossa cultura”.

O contexto no qual o jovem se desenvolve, de acordo com Wagner, Falcke e Meza (1999), é o cenário que colore, complementa e estrutura o seu processo de crescimento. Dessa maneira, as experiências construídas na família, na escola, bem como em todos os seus círculos sociais contribuirão diretamente na sua formação como adulto.

Ao abordar as atitudes dos pais adolescentes em relação à paternidade, destaca Fonseca (2000, p. 3) que “nem todo pai adolescente é relapso e que nem toda experiência com a paternidade é negativa para os adolescentes”. O que pode ser comprovado nas narrativas dos informantes das histórias deste estudo.

5.4 Comparando as histórias no contexto

Existe um mundo para cada espécie de bicho.
Mas, para cada bicho da espécie humana,
existe um mundo diferente.
Mario Quintana

Ao apresentar os dados a partir das trajetórias individuais e colocá-las dentro do contexto, de acordo com Schütze (1977, 1983) e seguindo os passos apresentados por Jovchelovitch e Bauer (2002), podemos estabelecer as semelhanças, através de uma comparação de casos. Esse processo permite a identificação de trajetórias coletivas.

Ao lançar o olhar para o referencial metodológico, interpreto que as trajetórias individuais desenvolveram-se nos diferentes ambientes familiares, ou seja, a partir de trajetórias sociais. Ao comentar sobre trajetórias sociais, Schütze (1983, p. 580) salienta que “a unidade social (pessoa, grupo, organização) não experimenta as ocorrências em forma de elementos intencionais, abertas à vontade, mas estas se defrontam como condições de provocação de intenção aparente (superficial)”.

Olhando o processo da paternidade/maternidade nas famílias, a partir da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, quando este ocorre na adolescência, geralmente modifica o curso do desenvolvimento dos adolescentes. Essa perspectiva considera também os outros membros da família, uma vez que ela é um sistema estruturado e articulado de instâncias tanto dentro do microsistema como através das gerações. Razão pela qual todo o contexto é atingido pelo fenômeno da paternidade/maternidade.

As trajetórias percorridas pelas famílias tiveram um potencial desenvolvimental, uma vez que proporcionaram a vivência da paternidade e a constante (re)construção, sendo assim uma maneira de interação, através dos processos proximais, que os seres humanos desenvolveram dentro dos microsistemas ao longo do tempo. A maneira como os membros de uma família interage a essa (re)construção da paternidade advém da transição histórica e/ou da mudança de papéis.

Desse modo, ao olhar as três famílias estudadas, percebe-se que afloraram

interações que ocorreram no contexto familiar, durante o desenvolvimento das mesmas, as quais contribuíram para a construção da paternidade. Interações estas que foram realizadas com o adolescente durante os processos proximais, proporcionando a vivência da paternidade no microsistema, que podem tê-lo sensibilizado para o exercício de competência da mesma e, conseqüentemente conseqüentemente, para a construção responsável nesse ciclo da vida.

A paternidade que foi construída nas famílias do estudo tanto surgiu como um caminho vivido e desejado, como um caminho indesejado, vivido e não reproduzido, além de um caminho indesejado, negado e vivido.

A família é destacada por Corrêa (2005, p. 36) como o ambiente no qual a pessoa “aprende o exercício da sexualidade, aprendendo a amar e odiar e a importância da solidariedade, do compartilhar e do individualismo”. Ainda salienta a autora que “é na família, também, que se vivenciam disputas, rancores e conflitos, vivências estas que fazem parte do processo de desenvolvimento humano”.

Assim sendo, existem múltiplas formas de aliança, envolvendo pessoas que são emocionalmente próximas e prestam apoio mútuo (MINUCHIN, P.; COLAPINTO; MINUCHIN, S.1999,). Cito como exemplos no presente estudo as alianças que proporcionaram a vivência da paternidade na adolescência, nos ambientes das famílias: na Família Verde, a aliança entre Juliano e a irmã, Janice; na Família Azul, a união entre Aurélio e a mãe Aurélia e na Família Vermelha a aliança entre Renato e a prima Reniana.

O ambiente, segundo Bronfenbrenner (1996), é um sistema integrado estruturado de instâncias, sendo que suas influências se articulam. Dessa maneira, o microsistema é o lugar onde as atividades, papéis e relações interpessoais são experienciados, é um contexto singular no qual as pessoas se relacionam face a face. Por conseguinte, é nesse meio que se processa o desenvolvimento, no qual a pessoa interage e é construída a paternidade.

Esse processo de desenvolvimento humano, de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), ocorre em vários contextos através dos processos proximais, constructo fundamental do modelo PPTC²¹, sendo as formas particulares de interação entre o organismo e o ambiente que operam ao longo do tempo. Dentre esses contextos, inicio apresentando os dados dos microsistemas das famílias e os

²¹ Pessoa, Processo, Tempo e Contexto.

entrelaço ao mesossistema, logo a seguir ao exossistema, e por último ao macrossistema, contextos estes que remetem à construção da paternidade. Num segundo momento, apresento a comparação das famílias em termos de relações, vínculos e recursos. Com o objetivo de facilitar o entendimento, acrescento o diagrama do ecomapa.

5.4.1 Comparando as histórias embasadas na abordagem bioecológica

Apresento primeiramente a Família Azul, após a Família Verde e, por último, a Família Vermelha, ao realizar a comparação dos casos. Faço também um entrelaçamento com a Abordagem Bioecológica de Bronfenbrenner.

No microsistema da Família Azul, o exercício da paternidade foi construído através das gerações (cronossistema²²) de Alzira, Álvaro e Aurélio. Álvaro propagou-o através dos processos proximais e interações, o qual ficou evidente e foi reproduzido por Aurélio, determinando uma trajetória coletiva dentro do contexto dessa família. Essa forma de exercício da paternidade interagiu/relacionou-se com o microsistema de Luana, a namorada de Aurélio, que incorporou essas interações, mas que também agrupou a paternidade/maternidade de sua família à da Família Azul.

Já, no microsistema da Família Verde, o exercício da paternidade também foi construído através das gerações (cronossistema) de Josefina, Júlio e Juliano, sendo que Júlio propagou uma forma de exercitar a paternidade (ausente/distante) que não foi reproduzida e nem construída como coletiva, pela família. O pai adolescente não praticava a paternidade dessa maneira, pois ela lhe causava sofrimento. Juliano exercitava a paternidade pautada na presença paterna para Augusto e na família de Paula, através das interações dos processos proximais que desenvolvia com a família da namorada.

E, no microsistema da Família Vermelha, o exercício da paternidade, de semelhante modo, foi construído através das gerações (cronossistema) de Ricardo, Roberto e Renato. Ricardo propagou uma forma de paternidade presente, sendo que Roberto desenvolveu uma paternidade presente/ausente, embasada em interações com a família nas quais não a desenvolvia ou o fazia à distância, mas

²² Cronossistema, segundo Bronfenbrenner (1994, p. 1645), “ abrange mudança ou consistência ao longo do tempo não só nas características da pessoa mas também no ambiente no qual essa pessoa vive”.

que, sob o olhar de Renato, era uma paternidade presente. Assim sendo, Renato apresentava dificuldades de exercitar a paternidade, uma vez que não conseguia interagir com o microsistema de Raissa, a namorada. Dessa maneira, as interações foram prejudicadas, no que tange à paternidade/maternidade na família de sua namorada.

A construção da paternidade nas famílias desta pesquisa surgiu desde o microsistema, através das gerações (tempo – cronossistema), tendo sido também influenciada pelo microsistema das famílias das namoradas, através da participação ativa do pai adolescente nesse contexto.

O mesossistema, no qual evidenciam-se “as relações e os processos que se destacam entre dois ou mais ambientes contendo a pessoa em desenvolvimento”, de acordo com Bronfenbrenner (1994, p. 1645) é formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra e se torna participante ativa num novo ambiente. Pode-se dizer que, dessa maneira, emergiram a articulação, interação e integração entre os contextos familiares dos pais adolescentes e os das famílias das namoradas, através da participação do pai adolescente, sendo relevante o compartilhar da paternidade. (Confere, por favor.)

Já o exossistema, de acordo com Bronfenbrenner, é considerado aquele contexto em que “um ou mais ambientes [...] não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo”, porém ali ocorrem eventos que afetam ou são afetados por aquilo que acontece (1996, p. 182).

Segundo Lordelo (2004, p. 11), o exossistema é concebido “como as estruturas sociais mais amplas que incluem os micros e os mesossistemas os quais influenciam as características de sistemas e indivíduos em níveis mais simples”. Por conseguinte, interpreto os contextos das instituições hospitalares nas quais as namoradas dos pais adolescentes deram à luz, como um exossistema, uma vez que influenciaram nos microsistemas familiares e no processo da paternidade/maternidade na adolescência desses pais.

Os pais adolescentes, ao serem impedidos de acompanharem as namoradas durante o parto e assistirem o nascimento de seus filhos, provavelmente podem ter tido o seu desenvolvimento humano prejudicado, tendo em vista que não desenvolveram interações/relações com os filhos e as namoradas, naquele momento de suas vidas.

Assim sendo, não houve interação entre os pais adolescentes e os

profissionais do contexto hospitalar, pois estes últimos não proporcionaram aos pais o compartilhar do nascimento do filho, na sala de parto das instituições. Apesar de existir uma lei regulamentando a participação de um acompanhante na rede do Sistema Único de Saúde (SUS), escolhido pela parturiente, esse direito não aconteceu para os pais adolescentes deste estudo.

Ao falar da participação do pai no parto, destaco o estudo de Motta e Crepaldi (2005, p. 118) baseado na perspectiva da parturiente, salientando que “a participação do homem no nascimento do seu filho é um direito, um direito de cidadão, que ele exerce se assim o desejar”.

O macrossistema, no estudo, se refere aos valores, normas e cultura de nossa sociedade que influenciaram na (re)construção da paternidade como os valores propagados aos adolescentes e entre eles mesmos (seus iguais), sobre a liberdade sexual e sua atividade, os quais (os valores) tornam-se uma norma e conseguem influenciar a cultura da sociedade.

O contexto, de acordo com Copetti e Krebs (2004, p. 85), pode ser compreendido como “um sistema que atua positiva ou negativamente sobre os atributos pessoais da pessoa”. Os autores ainda enfatizam que, como a vida de cada pessoa não se restringe apenas à família ou a um único contexto de desenvolvimento, mas amplia-se aos mais diversos sistemas nos quais esteja inserido direta ou indiretamente (exo e macrossistema), “nem sempre as forças instigativas desses ambientes agem em um mesmo sentido podendo interferir significativamente sobre os atributos pessoais”. Destacam também que um ambiente tanto pode interagir positivamente, fortalecendo os atributos pessoais, como pode , contrariamente, conduzir ao seu enfraquecimento.

É necessário que se entenda a análise do processo de desenvolvimento além do ambiente imediato da pessoa para o mais remoto, considerando tanto os atributos pessoais dela quanto os parâmetros dos contextos significativos a ela (COPETTI; KREBS, 2004, p. 86).

Dessa forma, ao finalizar essa comparação e com o objetivo de proporcionar uma esquematização dos contextos de Bronfenbrenner e da construção da paternidade acima expostos, apresento a seguir a Figura 7, que representa as trajetórias coletivas das famílias dos pais adolescentes.

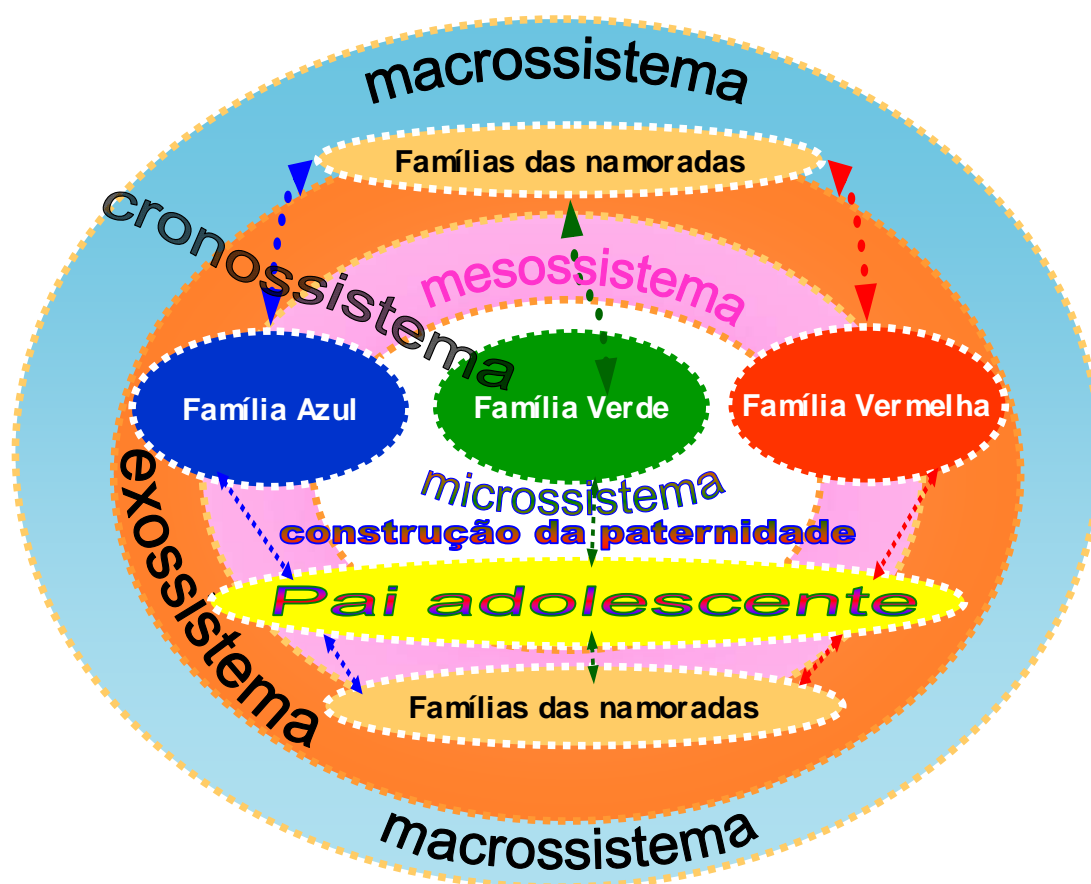


Figura 7: Trajetórias coletivas da construção da paternidade nas famílias dos pais adolescentes

Ancorada na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Bronfenbrenner, e nas narrativas dos informantes de história deste estudo, desenvolvi a figura, onde represento que, nos três microsistemas familiares deste estudo, emergiram atividades, papéis, e interações os quais foram evidenciados como (co)construtores da paternidade. Dentre eles, destaco alguns: o trabalho do pai e da mãe; a prestação do serviço militar; o exemplo do pai e da mãe; papéis de filho(a), pai, mãe, irmão(ã), avó, avô, sogro, sogra, genro, nora, entre outros; o orgulho do filho no desempenho do papel de pai adolescente, a responsabilidade, o respeito, a valorização da formação educacional, o apoio, a união, a raiva, a indignação, a surpresa, o compartilhar, a valorização da interação com a família da namorada do filho, além da ausência do progenitor do pai adolescente na interação

direta. Ênfatizo também que os atributos pessoais de cada um dos pais adolescentes foram fatores relevantes nessa co-construção.

Já, no mesossistema, dentre aqueles microssistemas em que os pais participaram ativamente e tornaram-se um elo, destaco as famílias das namoradas que proporcionaram que eles construíssem e exercitassem a concretude da paternidade. Dessa maneira, foi co-construída e propagada a paternidade nas famílias deste estudo.

As três famílias desta pesquisa, interpreto-as como exossistemas em cujos contextos não havia participação de um integrante diretamente, mas que, a partir da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, elas acabaram recebendo influência e influenciando umas às outras.

Desse modo, como integrantes de uma sociedade com uma cultura, valores e normas, acabam as famílias sendo influenciadas e influenciando o macrossistema. Assim se co-constrói e reconstrói a paternidade/maternidade no contexto, através do tempo (cronossistema).

5.4.2 Comparando as histórias: uma relação com os ecomapas

O ecomapa, segundo Rocha, Nascimento e Lima (2002, p 713), “é um diagrama das relações entre a família e a comunidade e ajuda a avaliar os apoios e suportes disponíveis e sua utilização pela família”. Ao apresentar o ecomapa, faço-o iniciando pela Família Azul, seguida da Família Verde e, finalmente, a Família Vermelha.

Ao apresentar a comparação dos casos, começo apresentando os dados do microssistema da **Família Azul** o qual é constituído por pai, mãe, irmãos e irmãs, um exemplo de família nuclear. Um ponto muito forte que vislumbrei nessa família foi a união existente entre os pais, Aurélia e Álvaro. Apesar das adversidades enfrentadas com o filho Anderson, que era dependente químico, eles não esmoreceram e não deixaram que esse fato influenciasse negativamente na relação. Assim como o choque com a paternidade na adolescência de Aurélio.

A interação existente nessa família é um aspecto muito importante e merece destaque, uma vez que se encontrava fortemente ancorada na religião, no respeito e na confiança, bem como no apoio mútuo entre seus membros.

Ao refletir sobre a maneira como Aurélio colocou-se frente ao fenômeno da paternidade, é salutar enfatizar a importância da socialização que vivenciou durante

o seu desenvolvimento, bem como a interação vivida no seu ambiente familiar, na família da namorada, na escola, na igreja, com os amigos, além de outros ambientes que favoreceram tal atitude.

Ao falar desses diferentes meios de socialização e interações realizados pela pessoa durante o desenvolvimento, salienta Corrêa (2005, p. 37) que eles favorecem a chegada dela “à adolescência com uma história pessoal que determina sua maneira particular de vivenciar a sexualidade e de colocar-se frente ao fenômeno da paternidade”.

O modo como Aurélio assimilou a paternidade, provavelmente, adveio também da busca da participação ativa desde o início do processo gestacional de Luana, estendendo-se até os cuidados com Guilherme, bem como ao acompanhamento do desenvolvimento do mesmo.

O exercício da paternidade, para Aurélio, era algo intenso, uma vez que demonstrava em suas atitudes a forte preocupação com o bem-estar do filho, assim como nas interações mantidas com Guilherme. Fez destaque à importância que elas tinham para ele e afirmou que pretendia sempre estar presente para acompanhar o desenvolvimento do filho.

O entendimento das relações e os recursos que a Família Azul utilizava para o desenvolvimento de seus integrantes podem ser melhor visualizados no diagrama do ecomapa, na Figura 8.

desenvolvidos na Família Azul mostram que proporcionaram apoio para que Aurélio enfrentasse e vivenciasse o processo de paternidade/maternidade com competência.

Entre os relacionamentos estressores na Família Azul, destaco o vivido com Anderson, sendo mais relevantes a díade Amanda e Anderson, e a tríade Álvaro, Aurélia e Anderson. No entanto, todos os demais integrantes da família possuíam dificuldades de relacionamento com o mesmo.

Entre os sistemas que os integrantes da família utilizavam, aponto: Aurélio possuía uma relação importante com o time de basquete da escola e com a escola a marcenaria dos cunhados, através da qual obtinha mais recursos financeiros além da mesada bem como o apoio dos pais da namorada para sustentar Guilherme. Álvaro possuía uma forte relação com o seu trabalho, desenvolvendo afinidades significativas com o sindicato de professores do Estado, bem como uma forte inclusão na igreja, na qual desenvolvia as atividades de ministro. Aurélia, como estava aposentada, envolvia-se mais com as atividades domésticas. E Amanda possuía significativa interação com a igreja e com a escola.

Aurélio, no microsistema da família da namorada, tinha um bom vínculo com os pais da mesma, os quais lhe proporcionaram desenvolver interações.

Álvaro e Aurélia possuíam um vínculo com a família extensa dele e nenhum comentário foi efetivado a respeito de relações com a família extensa de Aurélia, razão pela qual ela não está vinculada no ecomapa.

Como fica evidente nos dados do ecomapa da Família Azul, na figura 8, esta detinha intensos vínculos, mas também afluía um forte conflito entre seus membros.

Segundo Bronfenbrenner (1996, p. 164)

os efeitos desenvolvimentais positivos da participação em múltiplos ambientes são aumentados quando os ambientes ocorrem em contextos culturais ou subculturais que são diferentes entre si, em termos de etnicidade, classe social, religião, faixa etária ou outros fatores de background.

Já a **Família Verde**, até os dez anos de Juliano, era uma clássica família nuclear, constituída por pai, mãe, irmão e irmã. Nesse microsistema, a união principalmente para o lazer era um ponto relevante, conforme Júlia e o pai

adolescente destacaram. Todos saíam juntos, não era admitido o casal sair só, sem os filhos, o lazer era sempre em família. Convívio este de que Juliano enfatizou sentir muita falta, tendo em vista que, após a separação, a distância influenciava na interação, bem como a nova união de Júlio.

Júlia, apesar de demonstrar ser uma mulher de caráter austero, desenvolveu uma significativa interação com todos os filhos, em sua rede social. Um aspecto relevante que emergiu, nessa família, foi a união entre a mãe e os filhos, bem como o respeito e o apoio mútuos entre seus membros.

Existia uma cultura nesse microssistema de realizarem reuniões de família na casa progenitora, quando havia necessidade de tomada de decisão conjunta. Outro aspecto a ser ressaltado é a união e o vínculo afetivo entre Janice e Juliano.

Ao retratar a maneira como Juliano colocou-se frente ao fenômeno da paternidade, é importante destacar sua competência, uma vez que, mesmo enfrentando a atitude de incompreensão da mãe, ele não esmoreceu. Os meios de socialização que vivenciou durante o seu desenvolvimento, bem como a interação vivida no seu ambiente familiar, na família da namorada, na escola, no Exército, com os amigos, além de outros ambientes, favoreceram essa atitude.

A maneira como Juliano assimilou a paternidade provavelmente adveio também da busca da participação ativa, desde o início do processo gestacional de Paula. Esse fato pode ser observado no acompanhamento e na presença dele no grupo de gestantes da instituição onde a namorada estava fazendo o pré-natal, e estendendo-se até os cuidados com Augusto, além da atenção ao seu desenvolvimento.

Juliano procurava exercitar a paternidade da forma mais presente possível, de acordo com a sua disponibilidade de horário, uma vez que estava prestando o serviço militar e, na instituição, desempenhava atividades que exigiam dedicação e tempo. Mas isto não era impedimento, pois, nos horários de folga, ele procurava sempre estar presente na casa da namorada, para acompanhar o filho e exercitar a paternagem.

O entendimento das relações e recursos que a Família Verde utilizava para o desenvolvimento de seus integrantes pode ser melhor visualizado no diagrama do ecomapa, na Figura 9.

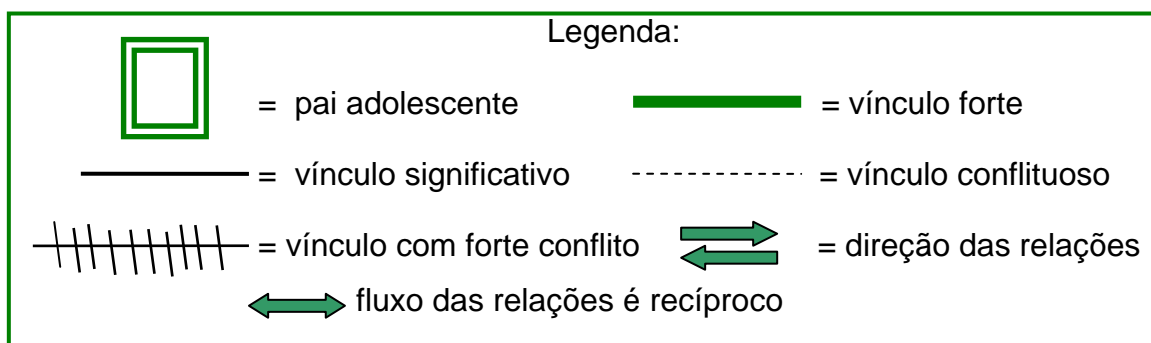
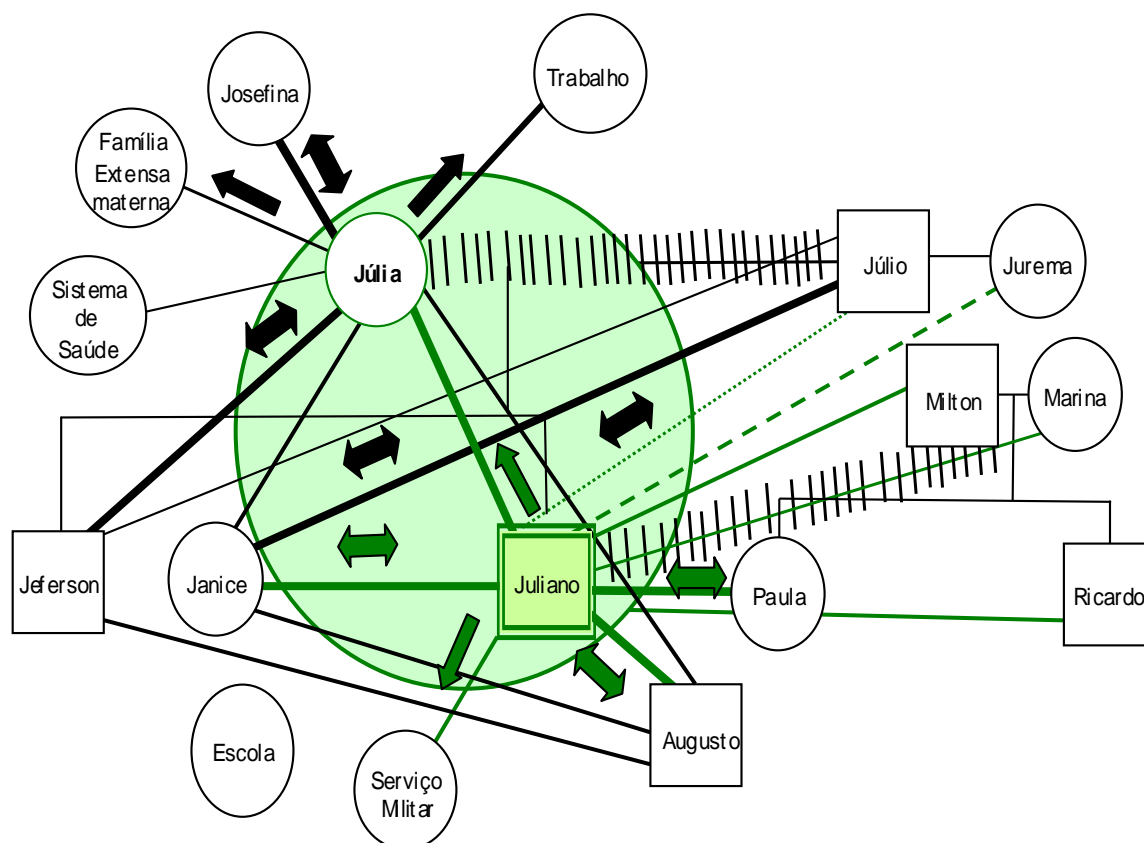


Figura 9: Ecomapa da Família Verde

A nova família que Júlio constituiu com Jurema não era bem vista por Juliano, o qual não conseguia manter interação com a mesma, uma vez que considerava complicada a relação com a madrasta.

No microsistema familiar da namorada, Juliano mantinha um bom relacionamento com seu pai e irmão, no entanto, com a sua mãe já havia conflito, em virtude das atitudes e interações exercidas durante o namoro, bem como no parto de Paula. A reação à gravidez de Paula e paternidade de Juliano foram fatores

estressores na família da mãe adolescente, tendo em vista as interações e os valores existentes, conforme as narrativas.

Entre os sistemas que os integrantes da família utilizavam, destaque: o serviço de saúde de que Júlia se servia, em outro bairro, para realizar suas consultas médicas, em virtude de não estar satisfeita com o atendimento ofertado na comunidade onde morava; o serviço militar que Juliano desenvolvia no Exército; a atividade sem vínculo empregatício que Júlia desenvolvia com compromisso, mesmo sendo baixa a sua remuneração.

Júlia possuía um vínculo forte afetivo com a família extensa materna, bem como com a mãe. Já a escola, para Juliano, era um recurso que pretendia reaver, uma vez que tinha intenção de qualificar-se com um ensino técnico profissionalizante. Por essa razão, ele não está vinculado à escola, no ecomapa.

Os dados do ecomapa da Família Verde, na Figura 9, evidenciam fortes vínculos, mas também indicam que afloram conflitos entre seus membros, principalmente entre os pais, a madrasta e a sogra do pai adolescente.

Ao reportar-se ao potencial desenvolvimental dos ambientes num mesossistema, Bronfenbrenner (1996, p. 165) destaca que ele é

umentado, se os papéis e as atividades em que a pessoa de ligação se envolve nos dois ambientes encorajarem o desenvolvimento da confiança mútua, de uma orientação positiva, de um consenso de objetivos entre os ambientes, tendo um equilíbrio evolutivo de poder responsivo à ação em favor da pessoa em desenvolvimento. Um vínculo que satisfaz estas condições é conhecido como **vínculo apoiador** (grifo do autor).

Dessa maneira, percebe-se que Janice e Júnior eram vínculos apoiadores, nesse microssistema.

Ao comparar **os casos** e apresentar o ecomapa da **Família Vermelha**, é também notório o atrito existente entre os pais de Renato. Essa situação ocorreu após a separação, quando Renato iria completar 5 anos, tendo como principal ponto de atrito a questão financeira. A questão foi tão intensa que, conforme Renata, Roberto passou um ano sem manter qualquer tipo de vínculo com o filho, o qual sofreu as conseqüências.

A relação/interação da díade Renata/Renato era pautada no respeito e na

confiança. Renato era o único filho de Renata e a única figura masculina como neto, na família Vermelha, sendo significativos a atenção/interação e carinho que recebia por parte dos avós. A relação com a prima Reniana é outro aspecto a ser destacado. O vínculo estabelecido entre eles era forte, razão pela qual ela foi convidada a estar presente, quando ele foi dar a notícia do processo de paternidade/maternidade a Renata.

Os meios de socialização que vivenciou durante o seu desenvolvimento, bem como a interação vivida no seu ambiente familiar, na família da namorada, na família do seu pai, na escola, na academia, com os amigos, além dos ambientes onde interagiu, proporcionaram o desenvolvimento do exercício da paternidade. Ao abordar a maneira como Renato colocou-se frente ao fenômeno da paternidade, é importante destacar a sua dificuldade, uma vez que enfrentava obstáculos para exercitá-la, apesar de desenvolver atividades de paternagem.

Renato exercitava a paternidade de forma “presente”, uma vez que estava desempregado e estudava à noite. Desse modo, todas as tardes, ele ia para a casa da namorada e a ajudava nos cuidados com Raika, desenvolvendo atividades de paternagem tais como trocas de fraldas e banhos. No entanto, apresentava dificuldade de identificar-se como pai para a filha.

O entendimento das relações e recursos que a Família Vermelha utilizava para o desenvolvimento de seus integrantes pode ser melhor visualizado no diagrama do ecomapa, na Figura 10.

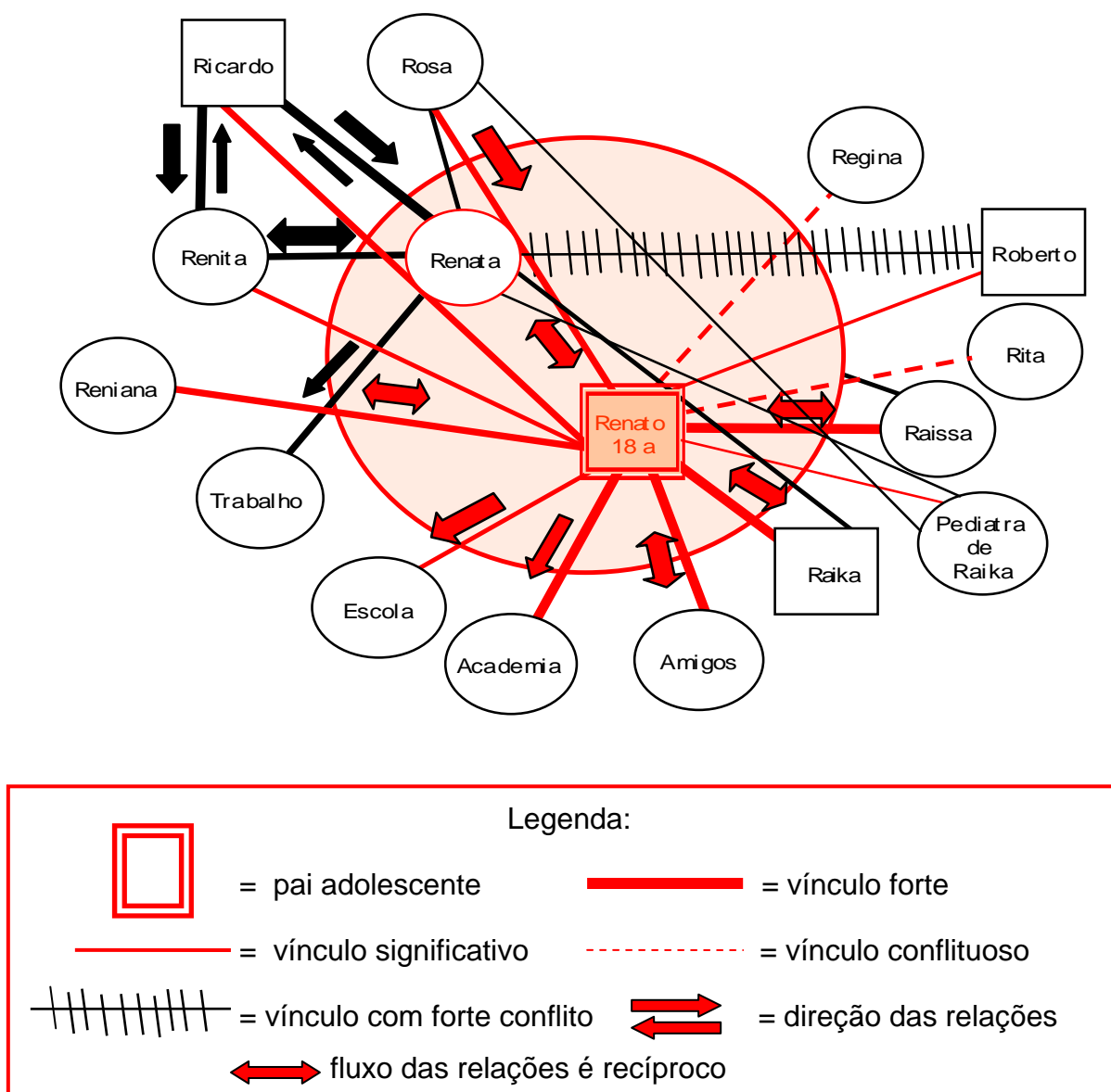


Figura 10: Ecomapa da Família Vermelha

A relação entre Renato e Regina, bem como com Rita eram conflituosas. Renata destacou que essa situação advinha da atitude do pai, o qual não havia preparado o filho para a união com Rita, e nem para a gravidez da esposa, bem como para a chegada de uma irmã. Esse fato gerou revolta em Renato, tendo sido evidenciado por Ricardo e Renata nas atitudes que o pai adolescente apresentou na escola, naquela época, chegando ao extremo de ter sido suspenso por indisciplina.

Ao considerar a interação de Renato e Roberto, fica clara uma relação conflituosa, principalmente por parte de Roberto, que referiu não confiar nas atitudes

do filho, por pensar que o mesmo não falava a verdade nas interações, além de não aproveitar adequadamente o dinheiro que recebia de pensão.

A pensão era um forte fator de atrito/*stress* na família. Uma vez que Renato tinha 18 anos, perante o código civil brasileiro²³ era uma pessoa capaz e responsável por seus atos. Renata acreditava que o filho teria assinado um documento abrindo mão da pensão, em prol de benefícios que o pai daria, tais como: uma motocicleta e a carteira nacional de habilitação (CNH).

No entanto, durante as entrevistas e convivência no contexto familiar da Família Vermelha, aflorou que Ricardo havia contribuído com parte da CNH, em virtude de Renata não poder arcar com essa despesa e tendo em vista que Roberto alegava não ter condições.

Ao olhar as relações de Renato, fica explícito que ele desenvolvia ligações fortes com: Raissa, Raika, Renata, Ricardo e Rosa, Reniana e alguns amigos. O ecomapa da Família Vermelha demonstra o fluxo de recursos que eram utilizados. Dentre eles, destaque: o serviço de saúde no qual Renata trabalhava; a academia onde Renato desenvolvia forte interação com os esportes, através do *jiu-jitsu*. Ao apontar os recursos utilizados pela Família Vermelha, saliento o trabalho e o apoio familiar. Como o pai adolescente estava desempregado, seus recursos financeiros advinham da família, na figura de sua mãe, avós e do pai, os quais considero vínculos apoiadores.

Ao refletir sobre as trajetórias individuais das famílias na construção da paternidade, e comparando-as, emergiram as trajetórias coletivas. Assim sendo, apresento a Figura 11, representando uma esquematização dessa etapa.

²³ Art. 5º A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil (BRASIL, 2002).

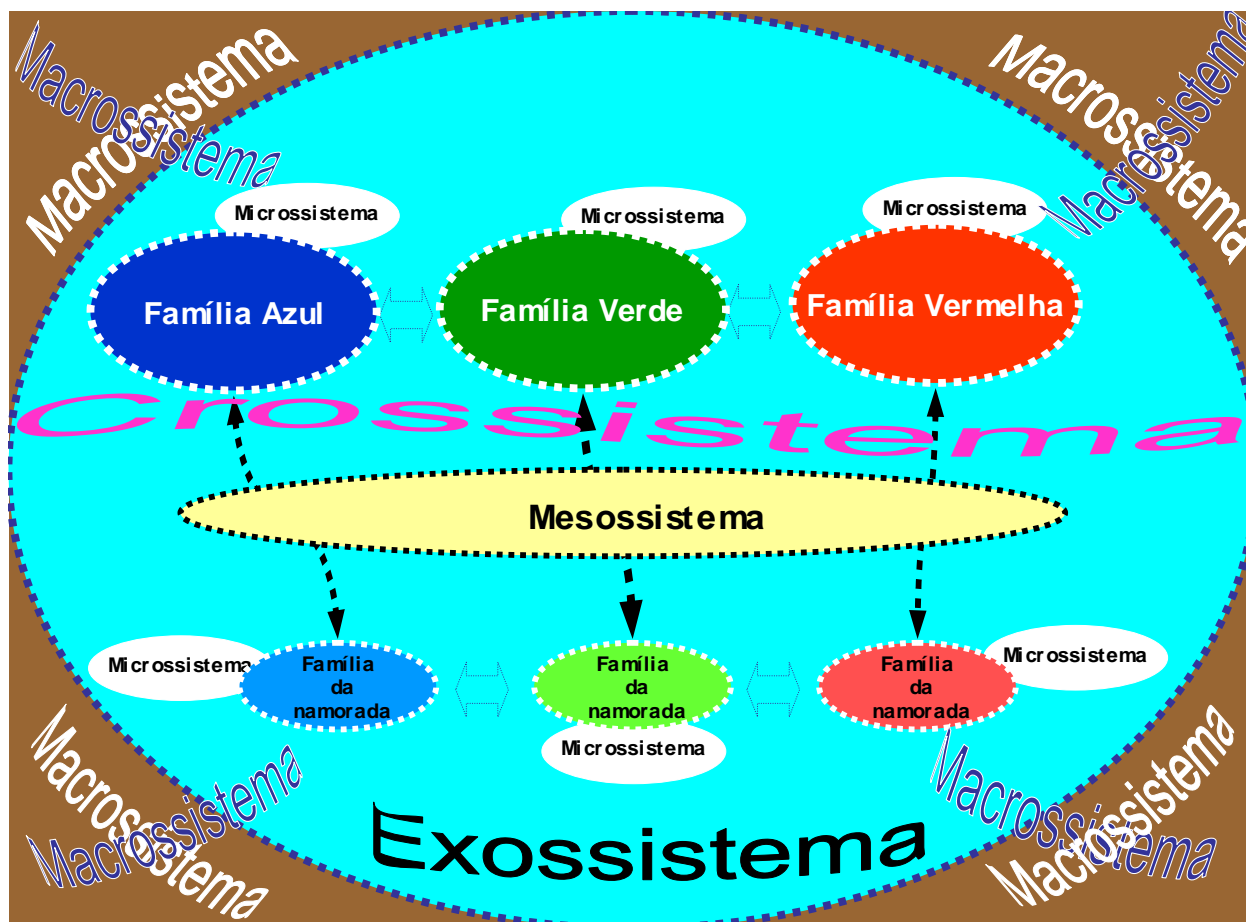


Figura 11: Trajetórias coletivas das famílias, baseadas na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner

A Figura 11 está baseada na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de Bronfenbrenner, e nas narrativas dos informantes de história deste estudo. O desenvolvimento humano ocorre nos seguintes níveis: microsistema, mesossistema, exossistema e no macrossistema, sendo este a interconexão entre o micro, meso e exossistema de uma cultura, no qual se forma uma rede de crenças, de conhecimento, de estilos de vida, de costumes, de recursos materiais.

Desse modo, a construção, a concretude e o exercício da paternidade na adolescência, baseado em Bronfenbrenner (1996, p.5), podem ser entendidos como uma interação entre a pessoa em desenvolvimento, as relações e os eventos familiares. “As interconexões entre o indivíduo e os ambientes podem ser tão decisivas para o desenvolvimento quanto os eventos que ocorrem num determinado ambiente onde a família se encontra”.

Ao reportarem-se ao processo de paternidade/maternidade, Trindade e Menandro (2002, p. 17) destacam que a sua compreensão “passa pela admissão de

sua complexidade, sendo múltiplas as possibilidades de determinação”. Continuam os autores que, para a gravidez na adolescência:

confluem diversos fatores culturais, sociais, afetivos e cognitivos, ou seja, tanto os fatores micro-sociais, referentes às condições objetivas e subjetivas da vida do sujeito em questão, quanto aos fatores macro-sociais, como a classe social da qual é proveniente, fazem parte desse processo.

Por conseguinte, as trajetórias individuais das famílias podem ser comparadas pelas semelhanças, mas entendendo que cada família é um sistema complexo e multifacetado. Dessa maneira, evidencio como semelhança que emergiu das diferentes trajetórias de desenvolvimento humano o fato de que todas foram pautadas na interação e responsabilidade, durante os processos proximais.

6 FINALIZANDO A HISTÓRIA E APONTANDO POSSIBILIDADES PARA O CUIDADO

Oferecer cuidados inclui ouvir, observar, perceber, refletir e agir de uma maneira que inclua o indivíduo, programando em conjunto seus cuidados, respeitando seu querer, seus valores, seus hábitos.
Carraro

Caminhar nas veredas do estado da arte sobre a paternidade e paternidade na adolescência me oportunizou o aprofundamento da temática e fez perceber que existem vários trajetos que podem ser utilizados. Sendo assim, elegi um caminho que me levava às famílias com pais adolescentes. Dessa maneira, pude encontrar três trajetos completamente diferentes, mas que, no entanto, tinham um ponto em comum – a paternidade na adolescência responsável. E compreendê-los foi um modo de contribuir para o cuidado de Enfermagem.

A oportunidade de conhecer essa realidade, a partir dos informantes das histórias, mostrou que em seus microssistemas havia um compromisso familiar muito intenso, o qual estava ancorado na responsabilidade. Essa responsabilidade vinha sendo sustentada através das gerações, as quais propagaram e co-construíram seu sistema de valores e sentimentos, através dos tempos.

As famílias dos pais adolescentes, bem como as das suas namoradas foram o porto seguro para que a âncora da paternidade na adolescência fosse arremessada ao mar, e fixada a fim de não deixar o navio à deriva. Dessa maneira, é notório o vínculo que havia sido criado e sustentado através das gerações, sendo esta uma conexão entre seus membros.

Neste estudo, cada adolescente assumiu o papel de pai conforme suas características e singularidades, sendo apoiado por suas famílias e pelas famílias das suas namoradas. Os pais adolescentes que participaram desta pesquisa, geralmente, mostraram-se cuidadores de seus(suas) filhos(as) e suas namoradas/companheiras, fato que abre espaço para que a Enfermagem atue

orientando e colaborando, enfim, cuidando desses personagens, durante a efetivação do cuidar.

Destaco que desenvolver esta pesquisa foi muito gratificante, uma vez que me fez refletir sobre o meu modo de fazer Enfermagem. Dessa maneira, pude analisar e reforçar o conhecimento do quão importante é cuidar da família e do pai adolescente. Sendo significantes nesse processo de paternidade/maternidade o permitir, o convidar, o estimular, o proporcionar, o compartilhar, ou melhor, cuidar também do homem-pai grávido, a fim de oportunizá-lo a ser um co-participante desse processo familiar.

Ser partícipe dessa seqüência de fatos envolve também compartilhar do cuidado no pré-natal, pré-parto e parto, ou seja, no ciclo gravídico-puerperal que estão vivenciando. Esse fazer parte pode ser desenvolvido de diversas maneiras, seja através da presença na consulta de pré-natal da namorada/companheira, do acompanhamento das atividades educativas de grupo, até a participação direta e ativa no seguimento da parturição com a mãe de seu filho(a), durante o processo de nascimento.

Essa presença lhe é assegurada e garantida legalmente. No entanto, a participantes deste estudo, esse direito foi-lhes tirado, ora por familiar, ora por profissionais/instituições. Portanto, é necessário proporcionar meios para conscientizar/sensibilizar o homem grávido sobre seu direito como cidadão e partícipe desse processo, a fim de que o assegure e reivindique. Por conseguinte, utilizar meios de sensibilização da família e, se necessário, meios legais junto às instituições e profissionais, para que os mesmos cumpram o estabelecido por lei – o direito do homem-pai participar do nascimento de seu(sua) filho(a). Nesse contexto, o(a) enfermeiro(a) torna-se elemento-chave para fortalecer a participação ativa do pai adolescente, fato que se configura em cuidado.

Essa participação do homem grávido em todos os momentos do processo de paternidade/maternidade proporciona/fortalece interações durante os processos proximais para a construção da paternidade, mesmo sendo esta uma contínua (re)construção no microssistema e nos diversos contextos em que participa ativamente, para atingir sua concretude.

Os achados deste estudo reforçam a valorização da figura do homem grávido, em especial do homem-adolescente e do homem que é pai, estimulando à inclusão do mesmo como participante em todas as fases do ciclo gravídico-puerperal.

Pesquisar/investigar a família significa também cuidar da mesma, nas suas “fases” de “gravidez”, “parto”, “puerpério”, ou seja, desde o início do processo de paternidade/maternidade.

Cuidar do pai adolescente na família enseja inseri-lo no desenvolvimento dos cuidados prestados ao(à) filho(a) e à namorada/mãe de seu(sua) filho(a), tendo sido o embasamento proposto pela Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano comprovado, nesta tese, como uma possibilidade viável e que oferece a sustentação necessária para que isso seja efetivado.

O presente estudo apresenta subsídios para os profissionais da área da saúde e os que se interessam pelo tema, para aprofundarem os conhecimentos e refletirem sobre a temática. Almejo, assim, contribuir com o cuidado a essa parcela da população, bem como com os programas de políticas públicas de atenção ao adolescente, mais especificamente aos pais/mães adolescentes. É salutar que os profissionais percebam a paternidade/maternidade na adolescência como um fenômeno sistêmico e que desconstruam os modelos de cuidados embasados nos moldes negativos de masculinidade. Como também é saudável que vislumbrem e co-construam o cuidado a partir dos aspectos positivos desse fenômeno, bem como estimulem-nos.

O entendimento da paternidade e da maternidade na adolescência como processo imbricado, demonstrado neste estudo, encontra sustentação na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

No entanto, faz-se necessário prosseguir a caminhada no trabalho investigativo acerca da paternidade e paternidade na adolescência, uma vez que o estado da arte é escasso, nessa vertente. A construção do conhecimento sobre a temática aqui abordada cada vez mais contribuirá para a sustentação do cuidado a esses seres humanos que vivenciam a paternidade na adolescência, bem como a suas companheiras e famílias.

Assim, é premente instigar profissionais e acadêmicos a aprofundarem a temática, tendo em vista desenvolver diferentes modos de cuidar de seres humanos que vivenciam a paternidade/maternidade na adolescência. Lembrando que, nesse cuidado, deve estar inclusa a preocupação, não apenas com a paternagem/maternagem na adolescência, mas também com a prevenção das DST/AIDS e, do mesmo modo, com a evitabilidade das mortes maternas.

Estudar a paternidade e paternidade na adolescência, tendo como pano de

fundo a família, desencadeou a reflexão sobre o cuidado ou des(cuidado) para com o pai adolescente, desde o pré-natal até o puerpério. Desse modo, se o(a) filho(a) sente a presença do pai ou o pai está presente durante todo o ciclo grávido-puerperal, esse fato influenciará seu desenvolvimento, bem como o vínculo entre a tríade pai/mãe/filho.

Os resultados desta pesquisa são relevantes, ao desvendar alternativas de como esse processo acontece, a partir do saber empírico das famílias que o vivenciam através das gerações. Além disso, o estudo ajuda a preencher a lacuna teórica sobre o tema, o que contribui para romper posturas constrangedoras e de "paralisia" por parte dos profissionais da saúde, que, muitas vezes, não conseguem abordar, de forma integral e cidadã, o usuário e a família que estão envolvidos na experiência da paternidade/maternidade na adolescência.

Esta tese traz uma contribuição no que tange à compreensão da paternidade nas famílias de pais adolescentes, uma vez que foi confirmado o seu pressuposto de que *a família é uma propagadora de valores e sentimentos que influenciam na construção da paternidade*. Contribuição esta que se estende a instigar/propor uma reflexão para a Enfermagem e outros profissionais sobre o cuidado prestado ao pai adolescente, sua namorada/companheira e sua família.

Ao examinar com atenção e minúcia os resultados aqui apresentados, a respeito das histórias narradas pelos pais adolescentes e suas famílias, considero que o objetivo desta tese, qual seja: *Compreender a construção da paternidade nas famílias de pais adolescentes*, foi atingido. Dessa forma, a partir deste momento, seus resultados são colocados à disposição do mundo acadêmico em geral, e da Enfermagem especificamente, a fim de que sejam divulgados, compartilhados e utilizados na prática diária do cuidado.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 92p.

ABREU, Aldira Samantha Garrido T.; SOUZA, Ivis de Oliveira. **O pai a espera do parto**: uma visão compreensiva do fenômeno. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1999.

ALVES, Paola Biasoli. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 10, n. 2, p. 369-73, 1997.

_____. O estudo sobre crianças em situação de rua na perspectiva da teoria dos sistemas ecológicos: contribuições teóricas e metodológicas. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004. p. 121-142.

ALVES, Paola Biasoli et al. A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 4, n. 2, p. 289-310 jul./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n2/a06v4n2.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2005.

ALVIM, Raquel. Maternagem - Paternagem: uma trajetória cultural. 2005. **Catharsis**. Matérias online - Abordagens. Disponível em: <<http://www.revistapsicologia.com.br/index2.htm>>. Acesso em: 08 Ago. 2005.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida et al. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Psicol. Estud.**, v. 8, n. spe, p. 11-20, 2003.

ARIÈS, Philippe. **Historia social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. 279p.

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem**: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989. 618p.

AZEVEDO, Maria Amélia. Contribuições brasileiras à prevenção da violência doméstica contra crianças e adolescentes. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE VIOLÊNCIA E CRIANÇA. São Paulo, 06 a 08 nov. 2000. **Anais...** São Paulo: s.ed., 2000.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BHERING, Eliana; DE NEZ, Tatiane Bombardelli. Envolvimento de pais em creche:

possibilidades e dificuldades de parceria. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 18, n.1, p. 63-73, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a08v18n1.pdf>>. Acesso em: 04 de julho de 2005.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Aproximações teóricas e conceituais de família e violência no final do século XXI. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 65-75, maio/ago. 1999.

_____. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 16, n. 3, p. 233-239. set./dez. 2000.

BÍBLIA. Português, **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIELEMANN, Valquíria de Lourdes Machado. A família cuidando do ser humano com câncer e sentindo a experiência. **Rev. Bras. Enfermagem**, v. 56, n. 2, p. 133-7, mar.-abr. 2003.

BRANDÃO, Elaine Reis; HEILBORN, Maria Liza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, Jul. 2006, p. 1421-30.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.108**. Acompanhamento durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato. Brasília. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccIVIL_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm>. Acesso em: 12 maio 2007.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Saúde Brasil 2004** - uma análise da situação de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 364 p.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **D.O.U.** de 11 de janeiro de 2002, p. 1. Brasília (DF). 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Assistência Humanizada ao Parto, Aborto e Puerpério**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001a.

_____. **Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher**. Brasília (DF); 2001b.

_____. Secretaria de Assistência à Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Brasília - DF: Ministério da Saúde. 2001c. 60p. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios, n. 20)

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº. 196/96**. Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília. 1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/Reso196.doc>>. Acesso em: 04 julho 2005.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.069**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília. 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 04 julho 2005.

BRONFENBRENNER, Urie. **The ecology of human development**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

_____. Six Theories of Child Development. In: VASTA, R. Ecological Systems Theory. London: Jessica Knigsley, p. 187-249. 1992.

_____. Ecological Models of human development. In: HUSEN, T.; POSTLETHWAITE, T. N. (Eds.) **Internacional Encyclopedia of Education**. 2. ed. v. 3, Oxford, England: Pergamon Press; Elsevier Sciences, p. 1643-1647. 1994.

_____. **A ecologia do desenvolvimento**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. The bioecological theory of human development. In: _____. **Making human beings human**. London: Sage, 2004. p. 3-21.

_____. CECI, Stephen J. Nature-nurture Reconceptualized in Desenvolvimental Perspective: a bioecological model. **Psychol. Rev.**, v. 101, n. 4, p. 568-86, Oct. 1994.

_____. EVANS, Gary W. Developmental science in the 21st Century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development.**, v. 9, n. 1, p. 115-25, 2000.

_____. MORRIS, Pamela A. The ecology of desenvolmental process. In: DAMON, W.; SIGEL, I. E.; RENNINGER, K. A. (eds). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons, v. 1, p. 993-1027, 1998.

BROW, Fredda Herz. A família pós-divórcio. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK. Mônica (eds.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar (Trad. Maria Adriana Verísssimo Veronese). 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. p. 321-343.

BRÜGGEMANN, Odaléa Maria; OSIS, Maria José Duarte; PARPINELLI, Mary Ângela. Apoio no nascimento: percepções de profissionais e acompanhantes escolhidos pela mulher. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v. 41, n. 1, fev. 2007, p. 44-52.

CABRAL, Cristiane S. Gravidez na adolescência e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. **Rev. Bras. Estud. Popul.**, v. 19, n. 2, p. 179-196. jun./jul. 2002.

_____. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, v.19, suppl. 2, p. S283-S292, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19s2/a10v19s2.pdf>>. Acesso em: 04 abril 2005.

CAMPOS, Dinah M. de S. **Psicologia da adolescência**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARPES, Nívea Silveira. “ **Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida**”: um estudo sobre representações e práticas de jovens a respeito de transição de fase de vida a partir da maternidade e paternidade. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003.

CARRARO, Telma Elisa. **Desafio secular**: mortes maternas por infecções puerperais. Pelotas: Ed. UFPel, 1999.

_____. **Enfermagem e Assistência**: resgatando Florence Nightingale. 2. ed. Goiânia: AB Editora, 2001. v. 1. 118 p.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica (eds.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar (Trad. Maria Adriana Verísssimo Veronese). 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 2003, p. 389-398

CASTELAIN-MEUNIER, Christine. **Fiquem ligados, papais**: o homem diante da mulher e filhos. São Paulo: Summus, 1993.

CHAGAS, Arnaldo. Adolescência: um fenômeno contraditório. **Catharsis**. Matérias online, Estado de Alerta. n. 44, Julho/agosto. 2002. Disponível em: <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/hoje/adolescencia.htm>. Acesso em 22 março 2006.

CHODOROW, Nancy. A estrutura familiar e personalidade feminina. In: ROSALDO, Michele Z.; LAMPHERE, Louise. (org) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979. p. 65-94.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN Nº. 311/2007**. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 2007. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e dá outras providências. Disponível em: <http://www.portalcofen.com.br/2007/materias.asp?ArticleID=7263§ionID=34>

Acesso em: 08 de maio de 2007

CIPD – CONFERENCIA INTERNACIONAL DE POPULACAO E DESENVOLVIMENTO, Cairo, 1994. Relatório da... Brasília: CNPD; FUNUAP, 1997, 85p.

CONTANDRIOPOULOS, Andre Pierre et al. **Saber preparar uma pesquisa**. São

Paulo: Hucitec, 1999. 215p.

COPPETI, Fernando; KREBS, Ruy Jornada. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma ecológico. In: KOLLER, Sílvia Helena (Org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004. p. 67-89.

CORNEAU, Guy. **Pai ausente filho carente: o que aconteceu com os homens**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CORRÊA, Áurea Christina de Paula. **Paternidade na adolescência: vivências e significados no olhar dos homens que a experimentaram**. 2005. 140 f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2005.

COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna: trajetória sociodemográfica e atitudes com a gestação e a criança. **Ciênc. Saúde Coletiva.**, v. 10, n. 3, 2005, p .719-727.

D'ALESSANDRO, José Manoel. Feminino, poder e transcendência. **Catharsis**. Matérias online, Estado de Alerta. Disponível em: <http://www.revistapsicologia.com.br/materias/estadoAlerta/m_estado_de_alerta_masculino.htm>. Acesso em: 25 agosto 2005.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S (Ed.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 16, n. 3, p. 221-31, Set-Dez. 2000.

DIAS, Acácia Batista, AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006.

DIETRICH, Josenice Regina Blumenthal. **Temas (re) velados, segredos e não-ditos: trazendo à luz o que está na sombra**. Monografia (Especialização em Terapia Familiar e de Casal) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SC, 2006.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai uma história da paternidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

DURHAM, Eunice R. Família e reprodução humana. In: _____. **Perspectivas antropológicas da mulher 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 15-43.

ERIKSON, Erik. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987. 322p.

FEIN, R. Research on fatherin: social policy and emergent perspective. **J. Soc.**

Issues, v. 34, n. 1, 1978. p. 122-135.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394. 1998.

FERREIA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2002.

FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra da. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. 1997. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

_____. Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP. Caxambu/MG, **Anais...** 2000. v. 1.

_____. et al. PAPAÍ: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão. **Cadernos da Extensão, PROEXT/UFPE**, v. 1, n.1, p. 57-66, dez. 1998.

FRANCO, Anamélia Lins e Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Um olhar sobre o Programa de Saúde da Família: a perspectiva ecológica na psicologia do desenvolvimento segundo Bronfenbrenner e o modelo da vigilância da saúde. **Psicol. Estud.** v. 7, n. 2, p. 65-72. jan.jul./dez. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 04 abril 2005.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-45, jan. 2007.

GALERA, Sueli Aparecida Frari; LUIS, Margarita Antonia Villar. Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. **Rev. Esc. Enfermagem USP**. v. 36, n. 2, p.141-7, 2002.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GAUDERER, Christian. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

GILLIGAN, Carol. O lugar da mulher na vida do homem. In: GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982, p. 15-33.

GOLDBERG, Luciane Germano, YUNES, Maria Angela Mattar, FREITAS, José Vicente de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005

GOMES, Aguinaldo José da Silva ; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicol. Teor. Pesqui.** v. 20, n. 2, p. 119-125, mai-ago 2004.

GOMES, Romeu. As questões de gênero e o exercício da paternidade. In: SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 175-182.

GOUVEIA, Valdiney V. A natureza motivacional dos valores humanos: evidências acerca de uma nova tipologia. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 8, n. 3, p. 431-43, Dez 2003.

_____. et al. A dimensão pessoal da responsabilidade social. **Psicol. Estud.**, v. 8, p. 3-9. jul./dez. 2003.

GROSSMAN, Eloisa. A adolescência através dos tempos. **Adolesc. Latinoam.** Porto Alegre. v. 1, n. 2, p. 68-74, jul./set. 1998.

GRÜDTNER, Dalva Irary. **Violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente reflexões sobre o cuidado de enfermeiras**. 2005. 208 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

GÜNTHER, Isolda de Araújo. Adolescência e Projeto de Vida. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF: MS, agosto, 1999. 303p. Disponível em: <<http://www.bireme.br/bvs/adolesc/P/cadernos/capitulo/cap09/cap09.htm>>. Acesso em: 04 agosto 2005.

HEILBORN, Maria Luiza et al. Aproximações sócioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horiz. Antropol.** Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002.

HENNIGEN, Inês; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicol. Soc.**, v. 14, n. 1, p. 44-68, 2002.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto e imagem: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KLEIN, Daniel M.; WHITE, James M. **Family Theories: an introduction understanding families**. New York: Sage Publications, 1996.

KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004.

LANDIM, Fátima Luna Pinheiro et al. Comunidade mutirante: características familiares e suas redes de suporte social. **RBPS**, v. 17, n. 4, p. 177-186, 2004.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. **Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê**. 2001. 189 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2001.

_____. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 6, n. 2, p. 195-209, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7273.pdf>>. Acesso em: 04 junho 2004.

_____; PICCININI, Cesar Augusto. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 15, n. 2, p. 413-24. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14364.pdf>>. Acesso em: 16 agosto 2005.

_____. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.** São Paulo, v. 14, n. 1, p. 51-97, jan/maio 2004.

_____. Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 22, n. 1, p.17-27, Jan./Abr. 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: SHAPIRO, Harry, L (org.). **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 1966. p. 308-33.

LEWIN, K. **A dynamic theory of personality**. New York: McGraw-Hill, 1935.

LISBOA, Carolina; KOLLER, Sílvia H. O microsistema escolar e os processos proximais: exemplos de investigações científicas e intervenções práticas. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004, p. 337-54.

LOBIONDO-WOOD, Geri; HABER, Judith. **Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LORDELO, Eulina da Rocha. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. In: LORDELO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria Almeida; KOLLER, Sílvia Helena (orgs). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo(SP); Salvador(BA): Casa do Psicólogo; Ed. da UFBA, 2004, p. 9-18.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. In: RAMOS, Flávia Regina Souza (Org.). **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 61-76.

MARCON, Sonia Silva. **Criar filhos: experiências de famílias de três gerações**. 1998. 283 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem,

Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1998.

MATHIESEN, María Elena, HERRERA, María Olivia, HERRERA, Isidora Recart. **Estudios Pedagógicos**. n. 30, p. 93-109, 2004.

McGOLDRICK. Monica; GERSON, Randy. **Genogramas em la evaluación familiar**. Barcelona: Gedisa, 1993.

_____. Genetograma e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK. Mônica (eds.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar (Trad. Maria Adriana Verísssimo Veronese). 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. p. 144-164.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999. p. 230-48.

MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **O cuidado na família da adolescente grávida solteira**: uma abordagem cultural. 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Centro das Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MENDRAS, Henri. **Princípios da sociologia**: uma iniciação à análise sociológica. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1983.

MILFONT, Taciano Lemos, GOUVEIA, Valdiney V.; COSTA, Joselí Bastos da. Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 25-33, 2006.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. p. 52-69.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres**. (Trad. Magda França Lopes). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Família e saúde mental: contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Katálysis**. Florianópolis: Editora da UFSC, n. 2, p. 20-6, 1998.

MOLINARI, Juliana S de O ; SILVA, Maria de Fátima M C ; CREPALDI, M. A. Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as ações na atenção básica. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 23, n. 43, p. 17-26, 2005.

MONTGOMERY, Malcon. Breves comentários. In: SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.113-118.

MORAIS, Normanda Araújo de; KOLLER, Sílvia H. Abordagem BioEcológica do

Desenvolvimento Humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004. p. 91-108

MOTTA, Cibele Cunha Lima da ; CREPALDI, M. A. O pai no parto e apoio emocional - a perspectiva da parturiente. **Paidéia**, v. 15, p. 105-118, 2005.

MUNHOZ, FlorenceJussar Scremin. Vivências e expectativas de paternidade, pelo pai adolescente, sob a ótica da Enfermagem. 2006. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

MUZA, Gilson Maestrini. Da proteção generosa à vítima do vazio. In: SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 143-150.

MUZIO, Patrícia Ares. Paternidade (Ser Pai) ... Para que serve? In: SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p.165-174.

NARVAZ, Marta Giudice; KOLLER, Sílvia H. O modelo biológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, Sílvia Helena (Org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004. p. 51-66.

NEIVA-SILVA, Lucas; BIASOLI, Alves Paola; KOLLER, Silva H. A análise da dimensão ecológica “tempo” no desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de rua. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004, p .143-166.

NITSCHKE, R. G. **Mundo imaginal de ser família saudável: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 1999.

OLIVEIRA, Dora Lúcia de. O fenômeno da sexualidade adolescente: conceito, contextualização e análise. **Rev. Gaúch. Enferm.** Porto Alegre, v. 16, n. 1/2, p.94-97, jan./dez. 1995.

OLIVEIRA, Maria Amélia de C; EGRY, Emiko Y. A adolescência como um constructo social. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, v. 7, n. 2, p. 12-21, jul.-dez. 1997.

ORLANDI, Renata; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, v. 11, n. 18, p. 257-267, 2005.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

PAPP, Peggy. **O processo de mudança: uma abordagem prática à terapia sistêmica de família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 21-29.

PARSEVAL, G. D. **A parte do pai**. Porto Alegre: L & PM , 1986.

PEARSON, Landon. **Criatividade e iniquidade**: análise ambiental das atuais tendências nas Américas que afetam os direitos e o desenvolvimento das crianças. In: SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLÉIA GERAL DA ONU SOBRE CRIANÇAS. Canadá, 2001. Disponível em: <http://www.sen.parl.gc.ca/lpearson/htmfiles/hill/17_htm_files>. Acesso em: 21 maio 2005.

PECK, Judith Stern; MANOCHERIAN, Jennifer. O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In: McGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty. (tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 291-315.

PERSONA, Lia; SHIMO, Antonieta Keiko Kakuda; TARALLO, Maria Celina. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 12, n. 5, p. 745-50. set.-out. 2004.

PICCININI, Cesar Augusto, GOMES, Aline Grill, MOREIRA, Lisandra Espíndula *et al.* Expectativas e Sentimentos da Gestante em Relação ao seu Bebê. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 20, n. 3, p. 223-32, Sept./Dec. 2004.

PINTO, Regina P.; AZEVEDO, Cecília M. de. A gravidez na adolescência na perspectiva dos profissionais de saúde. In: BARROSO, Carmem *et al.* **Gravidez na adolescência**. Brasília: IPLAN / IPEA – UNICEF; Fundação Carlos Chagas, 1986. p. 55-82.

PRADO, Luiz Carlos. O pai ausente. In: **I ENCONTRO DE ESTUDOS PSICO-SOCIAIS - APEGO E DESENVOLVIMENTO**. Porto Alegre, 1989.

PRETO, Nydia Garcia. Transformação do sistema familiar na adolescência In: In: McGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty. (Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001. p. 223-45.

RADTKE, Franciane Meire. **Adolescência, paternidade e cuidados os sentidos que adolescentes pais atribuem à sua participação nos cuidados dos filhos**. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade**. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Ventos, 1997.

RAMOS, Cláudia Rehina Souza. Bases para resignificação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: RAMOS, Flávia Regina Souza (Org.). **Adolescer**: compreender, atuar, acolher. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 11-18.

REIS, Alberto Olavo Advícula. Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução adolescente. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.** v. 7, n. 2, p. 69-76, jul/dez. 1997.

REIS, Alberto Olavo Advincula; ZIONI, Fabiola. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. **Rev. Saúde Pública**, v. 27, n. 2. p. 472-7, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso: 12 agosto 2005.

RIBEIRO, Ivete Maria. Violência na família. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sonia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença. 2. ed. Maringá: Uduem, 2004. p. 327-39.

ROCHA, C. R. M; TASSITANO, C. M. L. M.; SANTANA, J. S. S. Acompanhamento d@ adolescente na família. In: RAMOS, Flávia Regina Souza (Org.). **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2001. p. 38-44.

ROCHA, Semiramis Melani Melo; NASCIMENTO, Lucila Castanheir; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Enfermagem pediátrica e abordagem da família: subsídios para o ensino de graduação. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 10, n. 5, p. 709-14, set./out. 2002.

ROMANELLI, Geraldo. Paternidade em famílias de camadas médias. **Interações Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro: UERJ, v. 3, n. 2. p. 79-95. 2003.

SALES, Léa Maria Martins; BARROS, Carolina Valério; SAMBES, Volanda Gemma Moraes; COSTA, Auzy Cleyce Martins da; MOURA, Marilena Barroso Sousa de; PEREIRA, Ana Carla Silva; BONNA, Márcia Amaral. **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP- Psicanálise, infância e educação**. 2006.

SANTANA, Juliana Prates; KOLLER, Sílvia Helena. Introdução à abordagem do desenvolvimento humano nos estudos com crianças e adolescentes em situação de rua. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004. p. 109-20.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **Onde está o papai?** A construção da paternidade nas pedagogias culturais. Rio de Janeiro/RJ, 23 de agosto de 2005 (Originalmente publicado em 26 jan. 2004). Aleitamento.com – Clínica Interdisciplinar de Apoio à Amamentação. Disponível em <<http://www.aleitamento.com>>. Acesso em 12 de outubro de 2005.

SCHENEIDER, Jacó Fernando et al. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. **Rev. Gaúch. Enferm.** Porto Alegre, v. 18, n. 2, p.113-122, jul. 1997.

SCHÜTZE, Fritz. **Die Technik des narrativen Interviews in Interaktionsfeldstudien**: dargestellt an einem Projekt zur Erforschung von kommunalen Machtstrukturen. Universität Bielefeld, Fakultät für Sociologie, 1977. [Manuskript]

_____. Narrative Repraesentattion kollektiver schicksalsbetroffenheit. In: E LAEMMERT (ed.) **Erzaehlforschung**. Stuttgart: J.B. METZLER, 1983. p. 568-90.

SCHWARTZ, Eda. **O viver, o adoecer e o cuidar das famílias de uma comunidade rural do extremo sul do Brasil: uma perspectiva ecológica**. 2002. 202 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SILVA, Denise Guerreiro Vieira; TRENTINI Mercedes. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 10, n. 3, p. 423-32. maio-jun. 2002.

SILVA, Denise Guerreiro Vieira, TRENTINI Mercedes. **Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem**. Florianópolis, 2005. [Mimeografado].

SILVA, Jeane Barros de Souza. **Encontros e desencontros na trajetória percorrida pelos adolescentes a partir da gravidez**. 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Saúde Pública, Centro das Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SILVA, Lúcia; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.14, n. 2, 2006.

SILVA, Lurdes Chiossi da. **Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma prática educativa com profissionais da educação**. 2006. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, **Rio Grande**, RS, 2006.

SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. O exercício da paternidade. In: _____. (org). **Exercício da paternidade** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 27-39.

SOANE, Ana Maria Nassar Cintra. **O vivido pelo adolescente frente à paternidade**. 2002. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de (org.) **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Edu /Ed. Cortez, 2006.

THIS, B. **O pai: Ato de nascimento**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987.

TIBA, Içami. **Sexo e adolescência**. 10. ed. São Paulo: Atica, 2004.

_____. **Adolescentes: quem ama, educa!** 28. ed. São Paulo: Integrare, 2005.

_____. **Seja Feliz, Meu Filho!** São Paulo: Integrare, 2006.

TRINDADE, Elly. **“Eu, pai ?!”: a paternidade na adolescência e seu significado**. 1997. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 1997.

TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Pai adolescente: quem é ele? **Rev. Bras. Sex. Hum.** São Paulo-SP, v. 9 n. 1 p. 23-28, 1998.

TRINDADE, Zeidi Araújo; MENANDRO, Maria Cristina Smith. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 7, n. 1, p. 15-23, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10950.pdf>>. Acesso em: 23 junho 2005.

ULLRICH, Manuela; KREPPNER, Kurt. The relationship and its impact on the management of family transitions during adolescence. Poster presented at xvth Biennial ISSBD – Meeting, Berne, Switzerland, July 1998.

VASCONCELOS, Maria José Esteves de. **Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência.** São Paulo: Papyrus, 2002.

VASCONCELOS, Vera. M. R. Desenvolvimento humano, psicologia e cultura. In: SILVEIRA, Paulo (org). **Exercício da paternidade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 41-45.

VENTURA, Miriam; CORRÊA, Sonia. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1505-9, jul. 2006.

VISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos.** São Paulo: Summus, 1982.

VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de Carvalho (org). **A família contemporânea em debate.** 7. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006. p. 89-96

WAGNER, Adriana; FALCKE, Denise; MEZA, Eliane Böttcher Duarte. Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 10, n. 1, 1997.

WAGNER, Adriana et al. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, 1999.

WENDT, Naiane Carvalho. Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

WHO. World Healthy Organization. **Definitions.** 2004. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductive-health>>. Acesso em: 23 junho 2005.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WRIGTH, Lorraine M.; LEAHEY, Maureen. **Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família.** [Tradução de Silvia M. Spada] 3. ed. São Paulo: Roca. 2002.

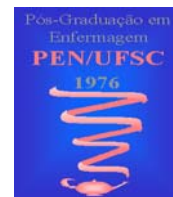
ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. **O ser adolescente gestante em transição existindo**: um enfoque de cuidar-pesquisar sob a ótica da Enfermagem. 1998. 247f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



Orientadora: Dra. Telma Elisa Carraro
Orientanda: Sonia Maria Könzgen Meincke

Prezado Adolescente

Venho, respeitosamente, através do presente, solicitar a sua colaboração no sentido de participar da pesquisa que será por mim desenvolvida para a construção de minha tese, requisito para a obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

O objetivo do estudo é compreender a construção da paternidade nas famílias de pais adolescentes...

Asseguro-lhe manter todos os preceitos ético-legais do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e da Resolução do Ministério da Saúde envolvendo seres humanos, principalmente sigilo, individualidade e privacidade dos participantes.

Desde já agradeço sua disponibilidade.

Doutoranda Sonia Maria Könzgen Meincke
Responsável pelo trabalho
Fone para contato (53) 32712740

APÊNDICE 2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, portadora do registro de Identidade (ou outro documento), concordo em participar do estudo intitulado: A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM, a ser desenvolvido pela Doutoranda Sonia Maria Könzgen Meincke, sob orientação da Prof^a Dra. Telma Elisa Carraro.

O presente estudo objetiva compreender a construção da paternidade nas famílias de pais adolescentes.

Estou ciente de que:

- 1) Terei a garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida acerca dos procedimentos, riscos e benefícios ou outras questões relacionadas ao trabalho;
- 2) A pesquisadora proporcionará liberdade para retirar meu consentimento a qualquer momento, e para deixar de participar do estudo, se eu assim o desejar, sem que isso me traga prejuízo algum;
- 3) Terei a segurança de que não serei identificado(a) e de que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;
- 4) Fica assegurado o compromisso de acesso às informações, em todas as etapas do trabalho, se eu assim o desejar;
- 5) Os resultados serão transcritos e analisados com responsabilidade e honestidade;
- 6) Obterei uma cópia do presente instrumento;
- 7) A minha assinatura a seguir representa o meu aceite em participar do estudo, que está em consonância com os preceitos éticos e legais, prescritos pela Resolução 196/96, que regulamenta a realização de pesquisas com seres humanos.

Local e data: _____

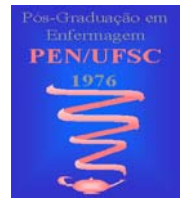
Sonia Maria Könzgen Meincke
Contato : (53) 32712740

Assinatura do participante

APÊNDICE 3



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



ORIENTADORA: Dra. TELMA ELISA CARRARO
ORIENTANDA: SONIA MARIA KÖNZGEN MEINCKE

Prezado(a) Senhor(a)

Venho, respeitosamente, através do presente, solicitar a sua colaboração no sentido de participar da pesquisa que será por mim desenvolvida para a construção de minha tese, requisito para a obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

O objetivo do estudo é compreender a construção da paternidade nas famílias de pais adolescentes.

Asseguro-lhe manter todos os preceitos ético-legais do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e da Resolução do Ministério da Saúde envolvendo seres humanos, principalmente sigilo, individualidade e privacidade dos participantes.

Desde já agradeço sua disponibilidade.

Doutoranda Sonia Maria Könzgen Meincke
Responsável pelo trabalho
Fone para contato (53) 32712740

APÊNDICE 4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



Orientadora: Professora Dra. Telma Elisa Carraro
Orientanda: Sonia Maria Könzgen Meincke

AUTORIZAÇÃO

Eu,,
CI nº, de acordo com a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro
de 2002 do Código Civil Brasileiro, autorizo meu filho,
....., de anos, a participar do estudo que
possui como objetivo **Compreender a construção da paternidade nas famílias
dos pais adolescentes**. O estudo subsidiará a construção da tese da Doutoranda
Sonia Maria Könzgen Meincke para a obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Pelotas,dede 2006

Doutoranda Sonia Maria Könzgen Meincke
Responsável pelo trabalho
Fone para contato (53) 32712740

APÊNDICE 5



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



ORIENTADORA: Dra. TELMA ELISA CARRARO
ORIENTANDA: SONIA MARIA KÖNZGEN MEINCKE

A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Instrumento de pesquisa para os adolescentes pais:

Data: ____/____/____

Código da família:

Nome fictício do familiar:

Idade:

Número de filhos:

Condições da moradia: (alvenaria, madeira, nº de peças, água encanada, esgoto, saneamento, nº de pessoas vivendo na casa, entre outros)

Escolaridade:

Estado civil:

Religião:

Questões norteadoras

- 1) *Conte-me sua história sobre a descoberta/processo de ser pai na adolescência.*
- 2) *Conte-me sua história sobre tornar-se pai.*

APÊNDICE 6



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA, SAÚDE E SOCIEDADE



ORIENTADORA: Dra. TELMA ELISA CARRARO
ORIENTANDA: SONIA MARIA KÖNZGEN MEINCKE

A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÃO PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Instrumento de pesquisa para familiares:

Data: ____/____/____

Código da família:

Nome fictício do familiar:

Idade:

Número de filhos:

Condições da moradia: (alvenaria, madeira, nº de peças, água encanada, esgoto, saneamento, nº de pessoas vivendo na casa, entre outros)

Escolaridade:

Estado civil:

Religião:

Questões norteadoras

- 1) *Conte-me sua história sobre o processo de paternidade na adolescência de seu filho ou neto.*
- 2) *No seu entendimento, o que influenciou a reação que ele teve ao ser pai? Conte-me essa história.*

ANEXOS

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
PARECER CONSUBSTANCIADO - PROJETO Nº 340/05**

I – Identificação:

- - Título do Projeto: **A PATERNIDADE NAS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES PAIS**
- -
- Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Telma Elisa Carraro
- Pesquisador Principal: Profa. Dra. Sonia Maria Könzgen Meincke

- Data Coleta dados: Início: janeiro/2006 Término previsto: julho/2006

- Local onde a pesquisa será conduzida: Hospital, Comunidade Escolar/Famílias e Outras.

II - Objetivos:

Objetivo Geral:

- Compreender a propagação da paternidade nas famílias de adolescentes pais, a partir de uma perspectiva intergeracional.

Objetivos Específicos:

- Descobrir os valores e as crenças utilizadas pelas famílias na propagação da paternidade do adolescente pai;
- Explorar as práticas das famílias na propagação da paternidade na adolescência;
 - a) a) - Identificar as relações de gênero que fazem parte do significado de referência dessas famílias.

III - Sumário do Projeto

A) A) INFORMAÇÃO GERAL

- 1) 1) TÍTULO DO PROJETO: **A PATERNIDADE NAS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES PAIS**
- 2) 2) PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR): Profa DrA. Telma Elisa Carraro
- 3) 3) PESQUISADOR PRINCIPAL: Carla Moreira Pitoni
- 4) 4) Data proposta para início da coleta de dados: janeiro/2006 Término previsto: julho/2006.

- 5) 5) Indique onde a pesquisa será conduzida: Hospital, Comunidade Escolar/Famílias e Outras
 - a. a. Este projeto não foi apreciado anteriormente pelo Comitê de Ética.

IV – Comentário.

Trata-se de projeto documentado. Os princípios bioéticos estão sendo atendidos. O debate contemporâneo, no Brasil, sobre adolescência, insere-se na emergência de problemas sociais. Ao contrário da maternidade, a paternidade, principalmente na adolescência, não é um assunto muito estudado, o que pode ser observado pela literatura acessada. O princípio da autonomia está atendido, porquanto habita o projeto um TCLE bem formulado. Os pais dos adolescentes que possuírem idade inferior a 18 anos darão uma autorização formal para que possam participar do estudo. Não há riscos para os participantes do estudo. Segundo o pesquisador, espera-se que os resultados possam servir de subsídios para os profissionais da área da saúde e os que se interessam pelo tema aprofundarem os conhecimentos e refletirem sobre a temática, assim como contribuir com os programas de políticas públicas de atenção ao adolescente.

V – Parecer: Aprovado ad-referendum.

Data da Reunião: 31 de outubro de 2005.



Vera Lucia Bosco
Coordenadora do CEP

Fonte: CONEP/ANVS - Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.